

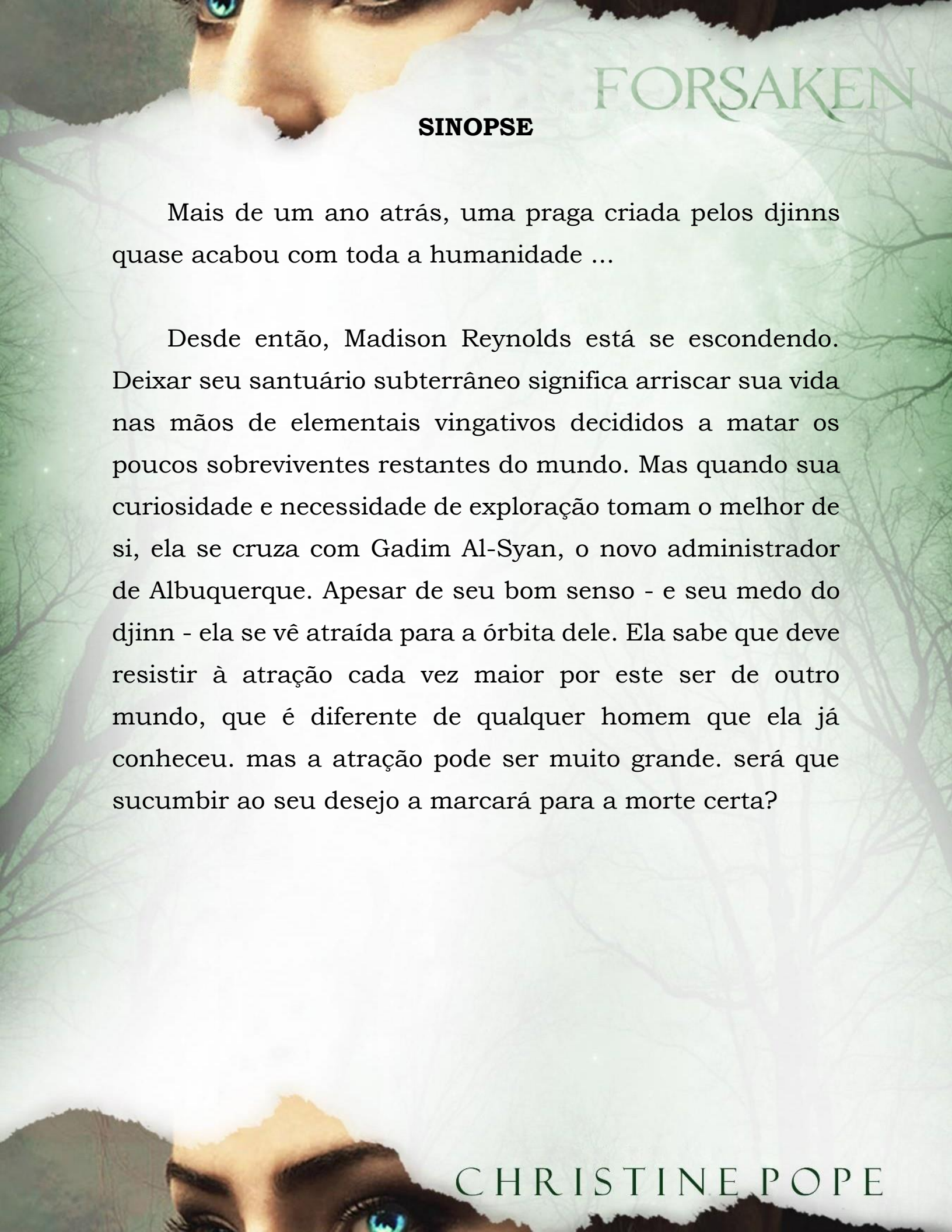
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CHRISTINE POPE



FORSAKEN

A DJINN WARS NOVEL



The background of the book cover features a close-up of a woman's face, with her eyes and nose visible at the top and bottom edges. The rest of the cover is a light green color with faint, dark green silhouettes of trees and branches.

FORSAKEN

SINOPSE

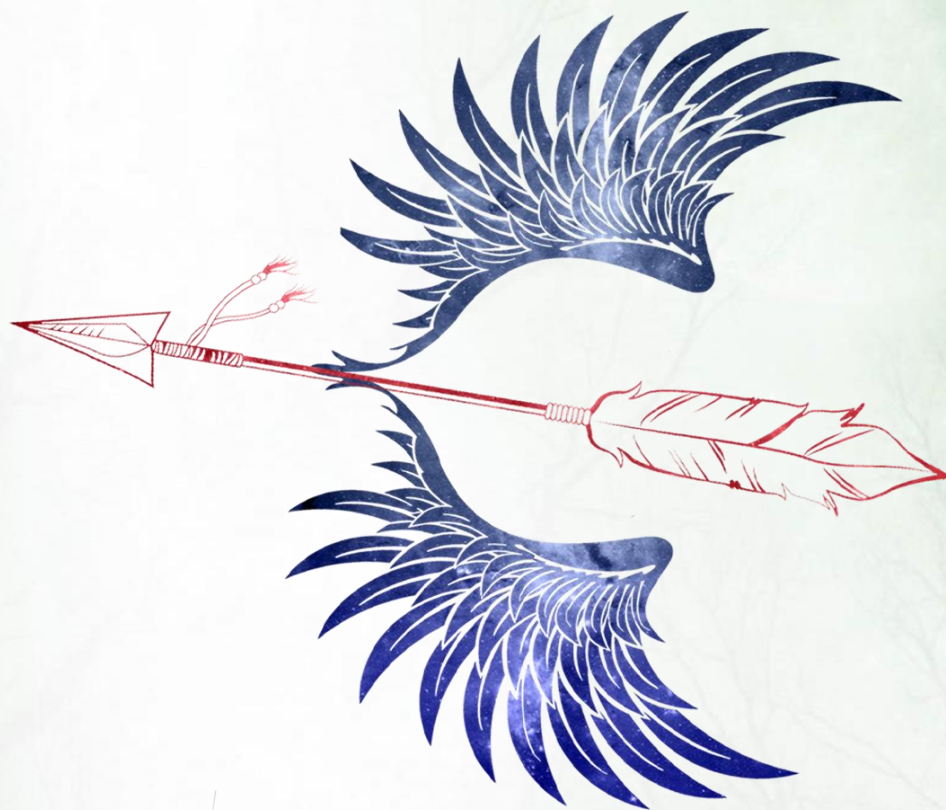
Mais de um ano atrás, uma praga criada pelos djinns quase acabou com toda a humanidade ...

Desde então, Madison Reynolds está se escondendo. Deixar seu santuário subterrâneo significa arriscar sua vida nas mãos de elementais vingativos decididos a matar os poucos sobreviventes restantes do mundo. Mas quando sua curiosidade e necessidade de exploração tomam o melhor de si, ela se cruza com Gadim Al-Syan, o novo administrador de Albuquerque. Apesar de seu bom senso - e seu medo do djinn - ela se vê atraída para a órbita dele. Ela sabe que deve resistir à atração cada vez maior por este ser de outro mundo, que é diferente de qualquer homem que ela já conheceu. mas a atração pode ser muito grande. será que sucumbir ao seu desejo a marcará para a morte certa?

CHRISTINE POPE

*Parceria Huntress Universe
e Darkness Angel*

FORSAKEN



Tradução: Astrid Wilkins

Revisão: Nix Angels

Leitura Final: Violet Huntress

Formatação: Astrid Wilkins

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO UM

O chão retumbou sob seus pés. Por instinto, Madison Reynolds abraçou a lateral do prédio que já abrigara um local de pagamento de cheques, seus olhos examinando a área em busca de quaisquer sinais de atividade de djinn. Tanto quanto ela podia dizer, ela estava sozinha, os quarteirões da cidade se esticando vazios ao seu redor em todas as direções. Ela não via outra alma humana há mais de um ano. Os djinn eram uma história diferente, mas ela aprendera a julgá-los, a procurar as ondas reveladoras de fumaça no céu ou o farfalhar de ventos estranhos ou um tremor inesperado no chão.

Mas isso – isso não parecia um daqueles tremores, embora o movimento do pavimento rachado sob seus pés tenha enviado adrenalina por todo o corpo, dizendo-lhe para se esconder imediatamente. Depois que ela percebeu que não tinha visto nenhum djinn nas proximidades, seu batimento cardíaco diminuiu um pouco, e ela tentou se fazer analisar o que acabara de experimentar.

A área de Albuquerque não era tão sismicamente ativa; eles tiveram um pequeno terremoto aqui e ali no passado, mas nada como o tremor que ela acabara de experimentar. Foi o tipo de choque que poderia ter derrubado prédios não

reforçados e parecia que tinha vindo de mais a oeste, passando pela estação de trem.

Madison hesitou. Sua curiosidade a instigava a ir em direção à fonte do tremor, apenas para ver o que diabos estava acontecendo, mas ela sabia que quanto mais longe estivesse da base, mais perigosa seria sua viagem de volta. Então ela queria rir de si mesma. Ela foi muito mais longe do que isso no passado, destino tentador enquanto percorria os espaços vazios da maior cidade do Novo México, usando a bicicleta elétrica quase silenciosa que fazia parte do estoque de sobrevivência de seu abrigo de equipamentos.

Nos primeiros meses depois que o mundo mudou para sempre, ela continuou esperando que talvez encontrasse alguém. Será que a combinação do Heat e a chegada dos djinn que seguiram essa terrível doença realmente mataram todos os homens, mulheres e crianças da região metropolitana de Albuquerque?

Até agora, a resposta para essa pergunta parecia ser sim.

Mas havia um grupo que ela havia visto menos de um minuto depois que o Heat havia atingido. Madison havia se aventurado em seu refúgio, pensando que, se estava imune, a lógica sugeria que deveria haver outros como ela. Naquele momento, os djinn ainda eram apenas uma lenda de contos

de fadas e histórias para ela, não uma ameaça real e formidável demais, e por isso ela não pensou que estava se arriscando saindo à cidade para procurar outras sobreviventes. Ela se armara, no entanto; ela sabia que qualquer sobrevivente lá fora poderia muito bem estar desesperado, sem saber o que realmente havia acontecido, procurando nos espaços vazios da cidade qualquer alimento que pudesse ter sobrevivido ao colapso da rede elétrica.

E ela viu o grupo de pessoas, uma mistura de homens e mulheres, enquanto se aconchegava no abrigo de um beco. Todos pareciam cansados e assustados.

Bem, todos, exceto um deles. O homem à frente parecia ter quase quarenta e poucos anos, com cabelos escuros curtos e olhos frios e escuros. Ele usava uniforme do Exército, embora Madison não estivesse perto o suficiente para distinguir qualquer insígnia. Algo sobre a expressão dele a gelou, e embora ela pensasse que ficaria feliz em ver outra pessoa – desde que essa pessoa parecesse mais ou menos amigável –, aquele homem a assustou. Em vez de sair para cumprimentar o pequeno grupo de sobreviventes, ela permaneceu nas sombras do beco, observando enquanto eles passavam. Uma das mulheres era surpreendentemente bonita, com longos cabelos loiros e quentes, e por um segundo, seu olhar tremeluziu para o beco onde Madison se

escondia. Mas então ela deu de ombros e seguiu em frente com o resto do seu grupo.

Desde aquela época, há mais de um ano, Madison não conseguia deixar de se perguntar o que havia acontecido com eles. Ela supôs que era possível que eles tivessem encontrado um refúgio em algum lugar, mas ela de alguma forma duvidava. O djinn tinha sido impiedoso em caçar os restos lamentáveis da população de Albuquerque que sobreviveram ao calor.

Agora ela parou, olhando para o céu, depois de volta para as ruas vazias ao seu redor. Nada se moveu, exceto um jornal branqueado pelo sol batendo contra o meio-fio, soprado ali por um dos ventos incessantes do Novo México.

Então veio de novo – um choque tão forte que, novamente, ela teve que se firmar contra a parede do caixa de cheques. Do outro lado da rua, um pedaço de tijolo caiu da fachada do edifício e se espatifou na calçada.

Ela fez uma careta. Esse tremor não pareceu tanto um terremoto, como um tipo de equipamento pesado de demolição em ação. Mas não havia mais ninguém que pudesse estar usando esse tipo de equipamento. Na maioria dos dias, Madison tinha certeza de que tinha que ser o único ser humano deixado vivo no Novo México, se não no mundo inteiro.

Sua curiosidade não deixaria isso em paz. Soltando a pistola no coldre – não que uma arma fosse provavelmente muito útil contra um djinn – ela escapou de todos os olhos onde estava e seguiu para o oeste, em direção à fonte do distúrbio.

Qadim al-Syan não estava feliz. É verdade que ele não havia sido punido pelos anciões djinn por suas ações em Santa Fé, onde fora cúmplice no sequestro de Zahrias al-Harith, o chefe do contingente de djinn daquela cidade e seus Escolhidos. O envolvimento de Qadim foi devido quase inteiramente às maquinações de sua irmã Lyanna e sua ridícula obsessão por Zahrias, e apesar de Qadim ter mudado de ideia no final e até ter ajudado o djinn de Santa Fé na recuperação de seu líder sequestrado, aparentemente isso não tinha sido suficiente para se redimir. Ele logo percebeu que o Conselho teria sua própria vingança sutil.

Os djinn haviam tomado este mundo dos humanos quando ficou claro que eles não podiam mais confiar nos seus mordomos. Embora Qadim não tivesse sido um dos que inventaram a doença que os humanos chamavam de Calor, ele também não fez nada para impedir que ela fosse produzida ou liberada para uma população inocente. Como a maioria de seu povo, ele se cansara do outro mundo, onde todos haviam sido banidos por incontáveis milênios, e estava

satisfeito o suficiente com a perspectiva de conseguir seu próprio pedaço de terra aqui na Terra, depois que os humanos se foram.

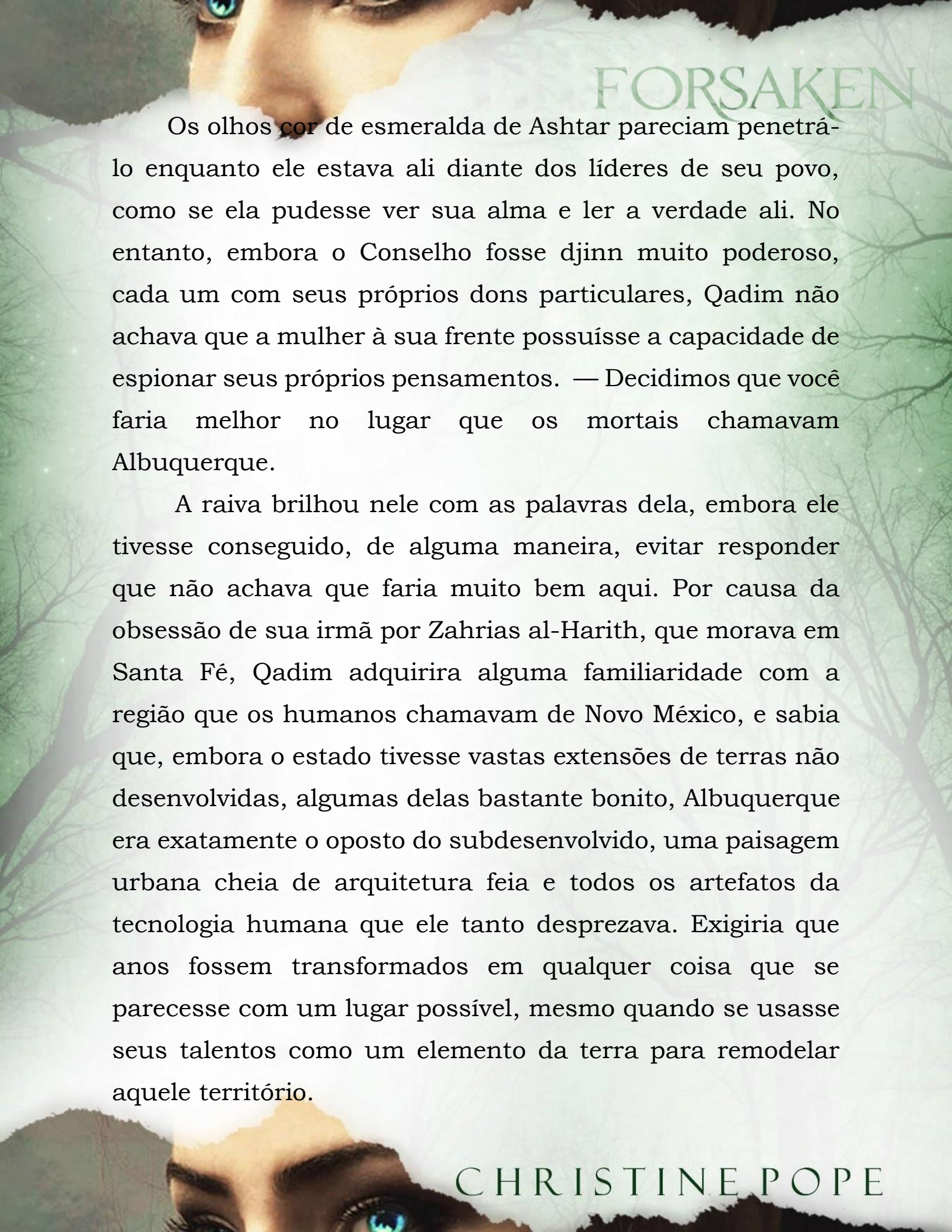
Aquela terra não havia sido negada a ele ..., mas o Conselho teve sua pequena piada.

— Decidimos sua concessão, — dissera Ashtar, olhos verdes brilhando com uma diversão que ela não se incomodou em esconder.

— Sim? — Qadim havia chegado ao palácio deles no outro mundo, nos arredores do Conselho, na esperança de que, se apresentasse um aspecto manso o suficiente, eles acreditassem que ele não estivesse nem um pouco orgulhoso do que havia feito para ajudar sua irmã Lyanna em sua tola busca de recuperar. O amor de Zahrias al-Harith e que ele lamentava qualquer dor que causara.

Nada disso era precisamente falso. Qadim se arrependeu de suas ações em breve, temendo que elas o impedissem de receber a terra que ele achava que devia. E lamentou que a mulher de al-Harith, Julia Innes, estivesse tão apaixonada por Zahrias que ela não se permitisse explorar como seria estar com ele.

Mas, tanto quanto lamentar o sequestro, em primeiro lugar ... essa foi uma história muito diferente.

The background of the page features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes which have a striking blue-green color. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner.

FORSAKEN

Os olhos cor de esmeralda de Ashtar pareciam penetrá-lo enquanto ele estava ali diante dos líderes de seu povo, como se ela pudesse ver sua alma e ler a verdade ali. No entanto, embora o Conselho fosse djinn muito poderoso, cada um com seus próprios dons particulares, Qadim não achava que a mulher à sua frente possuísse a capacidade de espionar seus próprios pensamentos. — Decidimos que você faria melhor no lugar que os mortais chamavam Albuquerque.

A raiva brilhou nele com as palavras dela, embora ele tivesse conseguido, de alguma maneira, evitar responder que não achava que faria muito bem aqui. Por causa da obsessão de sua irmã por Zahrias al-Harith, que morava em Santa Fé, Qadim adquirira alguma familiaridade com a região que os humanos chamavam de Novo México, e sabia que, embora o estado tivesse vastas extensões de terras não desenvolvidas, algumas delas bastante bonito, Albuquerque era exatamente o oposto do subdesenvolvido, uma paisagem urbana cheia de arquitetura feia e todos os artefatos da tecnologia humana que ele tanto desprezava. Exigiria que anos fossem transformados em qualquer coisa que se parecesse com um lugar possível, mesmo quando se usasse seus talentos como um elemento da terra para remodelar aquele território.

A close-up of a woman's face, focusing on her eyes which have a striking blue-green color. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background.

CHRISTINE POPE

Mas ele também sabia que não podia argumentar, que tinha que abaixar a cabeça e fingir estar satisfeito com a magnanimidade do Conselho. De qualquer forma, ele tinha o destino da irmã para julgá-lo de que isso poderia ter sido muito pior. Por causa de sua conspiração e por ter ameaçado a Escolhida de al-Harith, Lyanna seria exilada para sempre no outro mundo, com sua paisagem árida e rochosa, céus agitados e ar ácido. Ela viveria no intrincado palácio que construía, é verdade, mas não lhe seria permitido respirar o ar doce deste mundo, se deleitar com o céu azul e as colinas verdes.

Sim, havia coisas muito piores do que ficar preso a Albuquerque.

Ele se curvou e liderou, e escapou o mais rápido que pôde. E então ele desceu à Terra, à que antes fora a cidade mais populosa do Novo México, para ver o que poderia ser feito.

A tarefa parecia monumental. Quase até onde os olhos viam, havia prédios de todas as formas e tamanhos, a faixa preta contorcida de uma via expressa na estrada, o extenso aeroporto com seus aviões abandonados enferrujando na pista. Sim, o contorno das montanhas a leste era agradável e, ao pôr do sol, elas se transformaram em uma gloriosa

sombra avermelhada, mas tudo o que havia entre ali e aqui teria que desaparecer.

Seu poder era da terra e, portanto, pelo menos Qadim poderia usar a própria terra contra as estruturas monstruosas de aço e vidro. Ele decidiu que seria melhor começar no coração da cidade e trabalhar a partir daí.

O primeiro prédio que ele inspecionou, no entanto, o surpreendeu. Do lado de fora, era indescritível o suficiente, uma torre de vários andares de concreto cor de areia, mas no interior havia móveis tão intrincados quanto os que se pode encontrar em um palácio djinn, com grutas de vários desenhos, telas esculpidas e telhas pintadas à mão. Seu nome estava estampado em um dos menus abandonados no restaurante vazio.

Hotel Andaluz.

Qadim pensou que ele deveria fazer disso sua base de operações, sua casa temporária, por assim dizer, até que pudesse construir um palácio próprio. Ele trouxe para o hotel os itens que julgava necessários para o seu conforto e passou a residir na suíte no último andar. Depois disso, porém, era hora de começar a trabalhar.

Ao lado do hotel havia uma estrutura de estacionamento. Por alguma boa sorte, estava quase vazio. Talvez as pessoas que normalmente estacionassem ali

tivessem ficado em casa por causa do calor, rezando para que a doença passasse por elas. Mas havia poupado muito pouco, e aqueles que haviam sobrevivido haviam sido caçados em breve.

Qadim não participara daquelas caçadas, apesar de o convite ter sido estendido a ele em mais de uma ocasião. Enquanto ele concordara que a humanidade era – na maior parte – um órgão apodrecido que precisava ser lancetado, ele sabia que não teria prazer em rastrear os poucos sobreviventes restantes, criaturas lamentáveis que eles eram. Ele não viu honra em caçar aqueles que não tinham habilidades especiais que pudessem salvá-los. Por isso, ele sempre se atrevia, apesar de sua recusa em participar dessas caçadas ter levantado algumas sobrancelhas aqui e ali.

— O que?, — Hasan al-Abyad havia dito uma vez, — está repensando sua decisão de não escolher um escolhido? Pois não vejo outra razão, além de acreditar que uma mulher humana é uma companheira digna, por que você não gostaria de se juntar a nós para exterminar esses mortais. É um ótimo esporte.

— Ah, não, — respondeu Qadim com uma risada, embora mais uma vez ele não visse o esporte ao assassinar humanos indefesos. — Não vejo sentido em me amarrar a

uma mulher solteira por toda a eternidade, especialmente a mortal.

— Mas ela não seria mais mortal, depois que você a escolhesse.

— Verdade, mas você me conhece, Hasan. Quando eu já passei mais de algumas décadas com alguma mulher? Se eu não suportava passar mais tempo do que isso com um djinn, por que desejaria fazê-lo com um humano?.

Hasan riu dessa observação e concordou que não fazia muito sentido, e isso parecia ser o fim do assunto. Na verdade, Qadim não tinha entendido por que um djinn iria querer um humano, quando suas próprias mulheres prometeram tantas delícias.

Isto é, até ele conhecer Julia Innes. Sua beleza era tal que teria se destacado em qualquer companhia, mortal ou djinn. E ela era tão forte e apaixonada quanto linda. Zahrias al-Harith não a merecia, pois Qadim sabia que logo ficaria entediada com ele. Ele era rígido demais, preocupado demais com honra. Ela teria achado a eternidade muito mais divertida ao lado de Qadim.

Mas ela havia feito sua escolha, e não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso, a não ser refletir sobre sua loucura de vez em quando e pensar que ela havia feito uma escolha tola. Quanto a si próprio, bem, ele nunca desejara

ter companheiras, embora agora se preocupasse que uma mulher de sua espécie não se impressionasse muito com suas novas propriedades, preferiria estar com alguém que recebera quilômetros de praia em Califórnia, ou uma montanha Eyrie em algum lugar nos Alpes suíços.

Enquanto isso, ele supôs que deveria fazer o que precisava.

A garagem do estacionamento caiu em uma nuvem de poeira e concreto pulverizado. Havia muito pouco nele que ele achava que valeria a pena recuperar, exceto, talvez, parte da infraestrutura metálica que lhe dera força. Qadim usou seu poder como elemento elementar da terra para extrair esse metal, retirá-lo do concreto e transformá-lo em barras limpas, que alinharam ao longo da calçada ao lado do hotel. Ele também se certificou de que as fundações dos edifícios fossem alisadas e cobertas pelo solo, já que ele precisaria de tudo isso para o que havia planejado.

A retirada da garagem ajudou um pouco, mas seu colapso revelou apenas mais prédios do outro lado. Franzindo a testa, ele se perguntou se deveria continuar a demolição nessa direção ou se deveria destruir o prédio alto diretamente do outro lado da rua do hotel.

Ele saiu e ficou no meio da Avenida Copper, examinando o ambiente. Parecia haver uma área aberta

junto ao prédio em questão, então ele se aproximou e deu uma olhada ao redor. Sim, havia plantas em vasos grandes. Alguns deles até pareciam ter sobrevivido ao ano de negligência, e ele observou que deveria fazer o possível para revivê-los, uma vez que sua conexão com a Terra também lhe dava alguns pequenos presentes no incentivo ao crescimento da vida vegetal.

Além daquela pequena galeria, havia um pequeno parque com pedras e grama vermelhas, que definitivamente deveria ser preservado. Mas o próprio edifício não serviu para nenhum propósito útil.

Mais uma vez a terra estremeceu e o prédio desabou da mesma maneira que a estrutura de estacionamento. Qadim fez questão de que todos os detritos caíssem longe dele e do parque onde ele estava. Quando tudo acabou, o espaço parecia muito mais aberto, o sol brilhando e tornando as pedras vermelhas e a grama ao seu redor mais vibrantes.

Sim, isso foi muito melhor.

Madison parou no lado esquerdo de um prédio que já abrigara Albuquerque Health Partners e o encarou, sem saber se podia acreditar no que estava vendo. A esquina da vaquinha do outro lado da rua era o Centro de Convenções... ou pelo menos o que restava dele.

A poeira calcária ainda enchia o ar, mas ela podia ver com clareza suficiente. O enorme edifício que uma vez esteve lá basicamente se foi. Por alguma razão, a área do jardim do lado de fora ainda estava intacta, intacta, exceto pelo fino pó branco que pairava sobre ela.

O coração dela parecia pular no peito, porque estar no meio da grama no jardim era um homem.

Não, não um homem, sua mente rapidamente a corrigiu. Um djinn.

Ele estava de costas para ela, para que ela não pudesse ver o rosto dele. Mas ele usava longas túnicas esvoaçantes em tons de cinza e preto. Ela viu outros djinn vestindo mais ou menos o mesmo tipo de coisa, embora em cores mais brilhantes. Seus cabelos eram longos e quase tão escuros quanto suas vestes, ondulando na brisa. Mesmo a essa distância, ela poderia dizer que ele era extremamente alto, pode ter seis pés e meio ou mais.

Ele não a sentiu. Talvez ele estivesse tão focado na destruição do prédio que não estava prestando atenção ao ambiente. Madison nunca tinha certeza de quão perto um djinn precisava estar antes que ele pudesse dizer que um humano estava nas proximidades. Na maioria das vezes, porém, eles não haviam percebido a presença dela até estarem a menos de dez metros. O que significava que eles

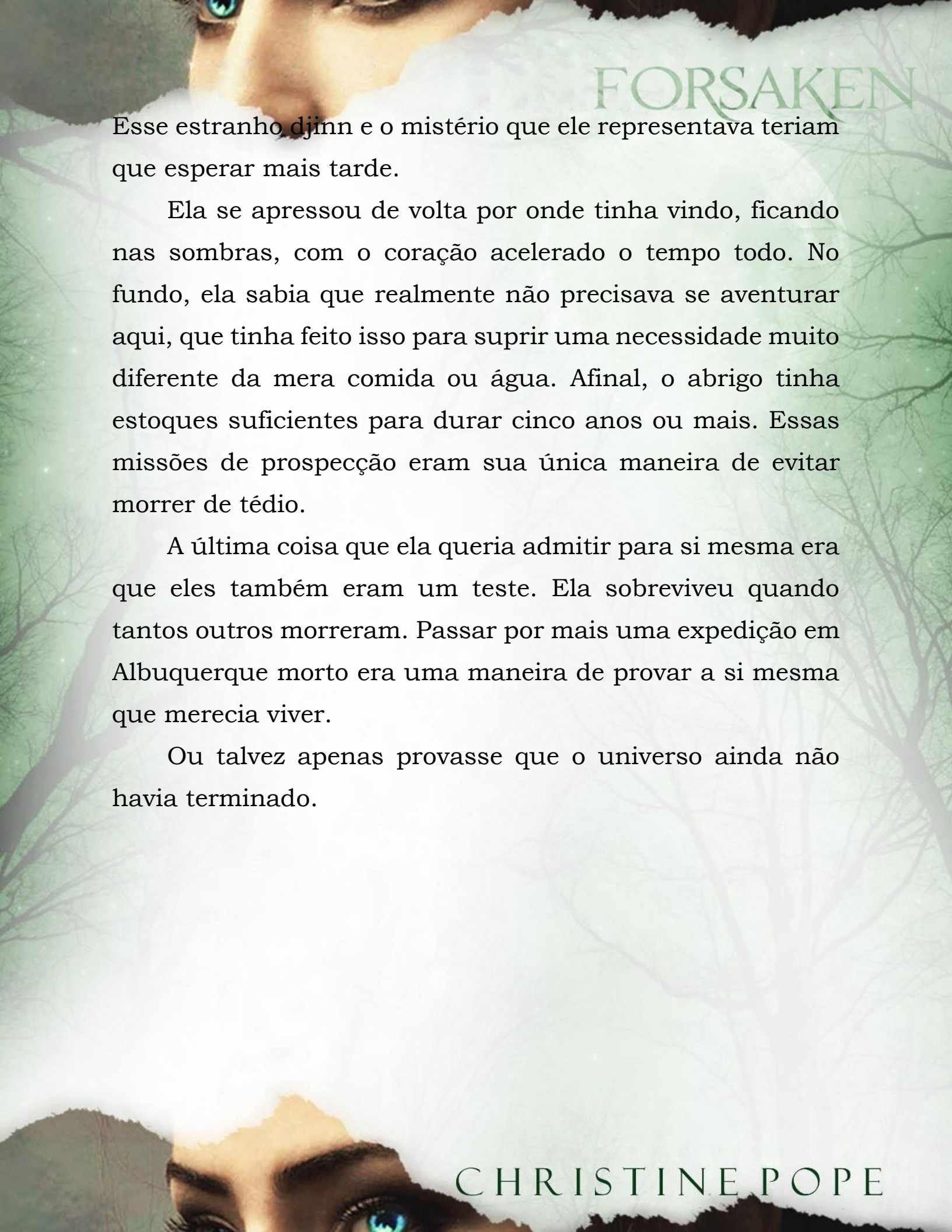
não eram onipotentes. Se ela mantivesse distância, estava segura. Bem, a menos que eles realmente a vissem, e ela sempre teve o cuidado de impedir que isso acontecesse.

O que esse djinn estava fazendo aqui em Albuquerque, explodindo prédios, ela não tinha ideia. Os elementais que ela havia escapado durante o ano passado estavam claramente caçando, perseguindo os poucos sobreviventes da cidade, mas esse não parecia ser o objetivo desse djinn. Ao dar uma rápida olhada na avenida Copper, percebeu que a garagem ao lado do Hotel Andaluz também se fora. Esse deve ter sido o primeiro — terremoto — que ela sentiu.

Então ele pretendia derrubar todos os edifícios da vizinhança? Isso levaria um tempo.

Ele se virou e ela conseguiu vislumbrar um perfil forte com um nariz comprido, o queixo e as bochechas parcialmente obscurecidos por uma barba bem aparada. Ao mesmo tempo, ela encolheu as costas contra a parede, rezando para que ele não tivesse notado ela se escondendo ali e olhando para ele.

Aparentemente não. Ele atravessou a rua e desapareceu dentro do Hotel Andaluz, e ela soltou um suspiro. Ela sabia que era hora de partir. Sua sorte tinha se mantido até agora, mas empurrá-la só a colocaria em um mundo de problemas.



FORSAKEN

Esse estranho djinn e o mistério que ele representava teriam que esperar mais tarde.

Ela se apressou de volta por onde tinha vindo, ficando nas sombras, com o coração acelerado o tempo todo. No fundo, ela sabia que realmente não precisava se aventurar aqui, que tinha feito isso para suprir uma necessidade muito diferente da mera comida ou água. Afinal, o abrigo tinha estoques suficientes para durar cinco anos ou mais. Essas missões de prospecção eram sua única maneira de evitar morrer de tédio.

A última coisa que ela queria admitir para si mesma era que eles também eram um teste. Ela sobreviveu quando tantos outros morreram. Passar por mais uma expedição em Albuquerque morto era uma maneira de provar a si mesma que merecia viver.

Ou talvez apenas provasse que o universo ainda não havia terminado.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO DOIS

O abrigo antiaéreo estava localizado sob a propriedade que pertenceu ao Dr. Clay Michaels, chefe de seu pai nos Laboratórios Nacionais Sandia. O pai de Madison nunca falou muito sobre seu trabalho. Tinha algo a ver com a segurança de armas nucleares, mas isso era tudo que ela sabia. Ele não podia discutir seu trabalho porque era classificado, e Madison nunca perguntou. Ela sabia melhor.

Apesar do sigilo em torno de seu trabalho em Sandia, o Dr. Michaels sempre se sentiu como outro tio dela, com quem ela realmente passava um tempo, pois seus pais haviam chegado a Albuquerque de outros lugares, sua mãe de Sacramento, no norte da Califórnia, o pai dela de Chicago. Madison teve poucas oportunidades de ver seus parentes, exceto nas raras ocasiões em que seus pais fizeram um esforço para viajar para fora do estado.

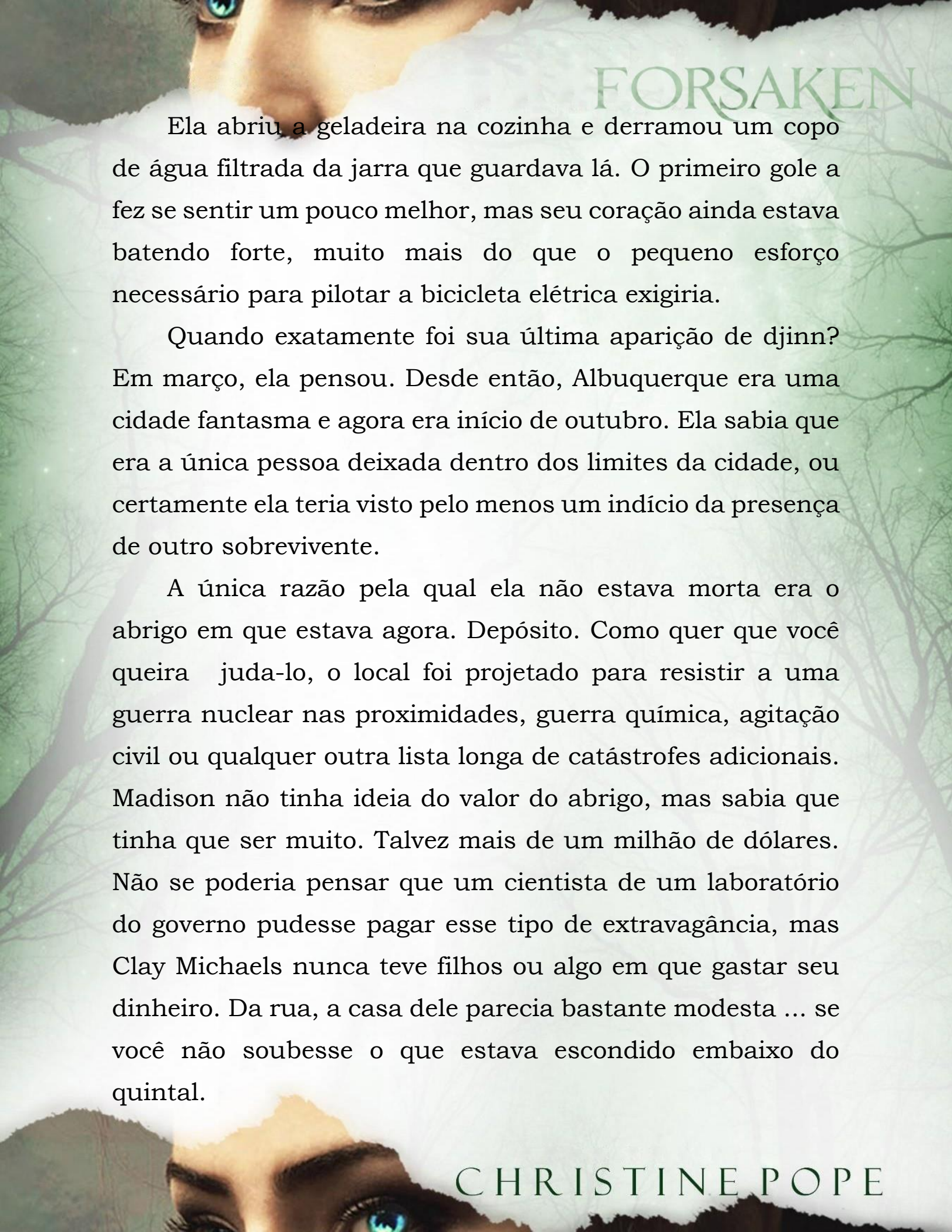
Mas Clay tratou Tom e Sarah Reynolds, os pais de Madison, como o irmão e a irmã que ele nunca teve, e Tom e Sarah ficaram muito felizes em retribuir. Pelo menos, até que Sarah ficou doente e não estava disposta a se divertir, nem muito mais.

Madison fechou a escotilha do abrigo atrás dela, certificando-se de que estivesse trancada com segurança. O

abrigo tinha todo o tipo de sistemas de segurança para proteger contra radiação, armas químicas e contaminantes biológicas, mas nada disso era realmente necessário agora. Não houve um ataque nuclear; ninguém choveu gás ou antraz armado. Que o Heat tinha sido algum tipo de arma biológica, ela tinha certeza, mas obviamente estava imune, ou teria morrido mais de um ano atrás, junto com todos os outros que conhecera ou amara.

Ainda assim, ela seguiu todos os procedimentos, trancando a escotilha externa, verificando novamente os filtros de descontaminação antes de entrar no próprio abrigo. A bicicleta elétrica tinha uma estação de carregamento logo após a porta final, e ela a conectou antes de ir para a cozinha. Sua boca estava seca, talvez por inalar muito pó.

O que diabos aquele djinn estava fazendo? O único comportamento destrutivo que ela já vira djinn antes havia sido dirigido exclusivamente a humanos. Mesmo agora, muitos meses depois de ter visto o homem que aparentemente era o único outro sobrevivente de Albuquerque encontrar um fim violento nas mãos daqueles inimigos do outro mundo, seu sono ainda tocava com os gritos daqueles que haviam sido brutalmente assassinados.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. Her hair is dark and curly. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner. The author's name 'CHRISTINE POPE' is written in a smaller, green, serif font in the lower right corner.

FORSAKEN

Ela abriu a geladeira na cozinha e derramou um copo de água filtrada da jarra que guardava lá. O primeiro gole a fez se sentir um pouco melhor, mas seu coração ainda estava batendo forte, muito mais do que o pequeno esforço necessário para pilotar a bicicleta elétrica exigiria.

Quando exatamente foi sua última aparição de djinn? Em março, ela pensou. Desde então, Albuquerque era uma cidade fantasma e agora era início de outubro. Ela sabia que era a única pessoa deixada dentro dos limites da cidade, ou certamente ela teria visto pelo menos um indício da presença de outro sobrevivente.

A única razão pela qual ela não estava morta era o abrigo em que estava agora. Depósito. Como quer que você queira julgá-lo, o local foi projetado para resistir a uma guerra nuclear nas proximidades, guerra química, agitação civil ou qualquer outra lista longa de catástrofes adicionais. Madison não tinha ideia do valor do abrigo, mas sabia que tinha que ser muito. Talvez mais de um milhão de dólares. Não se poderia pensar que um cientista de um laboratório do governo pudesse pagar esse tipo de extravagância, mas Clay Michaels nunca teve filhos ou algo em que gastar seu dinheiro. Da rua, a casa dele parecia bastante modesta ... se você não soubesse o que estava escondido embaixo do quintal.

CHRISTINE POPE

Madison saiu da cozinha e foi em direção à sala de mídia. Os serviços de TV a cabo e streaming eram coisas do passado, desapareceram junto com o mundo que os havia criado, mas Clay garantiu que os servidores de mídia do abrigo fossem abastecidos com todos os tipos de clássicos do cinema e da televisão, além de uma variedade eclética de música. Além disso, ele fez um trabalho credível de fazer backup de várias revistas científicas e textos de referência, junto com o que parecia ser um despejo de dados da Wikipedia, como existia logo antes do Heat acabar com a Internet, além de bancos de dados de várias universidades notáveis.

Foi a partir do estudo desses recursos que Madison finalmente percebeu que criaturas inimigas, mas de aparência humana, perseguiram as ruas como se um esquadrão de anjos da morte fosse djinn.

No começo, ela não tinha ideia do que era um djinn. Os gênios eram algo de *Aladdin*, não homens de intensa beleza com desgraça nos olhos. Mas, depois de inserir palavras-chave em uma variedade de combinações no banco de dados do sheller, ela chegou à conclusão de que essas entidades tinham que ser djinn. Eles tinham controle sobre o ar, a terra ou o fogo. Provavelmente água também, mas os corpos de água permaneciam escassos em Albuquerque. Os seres

estranhos poderiam surgir do nada antes de chover a morte sobre qualquer humano infeliz que pudessem encontrar.

Sua pesquisa também explicou por que os djinn queriam todos os humanos mortos. Eles desejavam este mundo, acreditando que lhes havia sido negado a favor de dar à raça humana.

Vamos, era deles agora.

Ela se sentou no sofá e colocou o copo de água na mesa de café à sua frente. Se alguém tivesse mostrado um instantâneo desta sala e não tivesse sido informado de onde estava, provavelmente teria dito que era uma imagem de uma casa de luxo ou um hotel muito caro. O sofá era de couro, a mesa de café polida de zimbro cuidadosamente esculpida para preservar a forma retorcida da madeira original. Arandelas de alabastro mantidas no lugar por velhos acessórios de bronze pendurados na parede, entre parênteses aos óleos originais de artistas locais.

Na verdade, várias das pinturas no abrigo eram dela. E não os que ela criou depois de se esconder aqui, mas peças de *ar puro* que Clay Michaels havia comprado para decorar o espaço. Ela sempre se perguntou se ele tinha feito isso porque ele realmente apreciava sua arte ou se a instalação das pinturas aqui era mais ou menos o equivalente a um pai

colando os desenhos de bonecos de seu filho na porta da geladeira.

Enquanto ela olhava sem realmente ver um óleo do desfiladeiro do Rio Grande perto de Taos, todo roxo, cinza e preto, ela não conseguia entender a imagem do djinn que acabara de ver. Se ela estivesse pensando, ela teria tirado a câmera esbelta que carregava com ela em todos os lugares do bolso dele e tirado algumas fotos rápidas, apenas para se assegurar de que ele realmente era real e que não era algo que uma mente fervilhava demais. A solidão poderia ter evocado.

Bem, ela teria que se contentar com a próxima melhor coisa.

Ela tinha cadernos de desenho, lápis e carvão escondidos na maioria dos quartos do abrigo, embora um dos quartos secundários fosse o único lugar onde ela tinha um cavalete montado para poder trabalhar com seus amados óleos. Agora, porém, um bloco de desenho seria suficiente. Madison pegou a que havia deixado em uma mesa lateral e depois selecionou um lápis de carvão na taça de grés que ela usava para guardar seus materiais de desenho. Sua aparência clamava por carvão, com seu nariz comprido, cabelos escuros pesados e vestes cor de noite arrebatadoras.

O perfil primeiro, com suas linhas severas, mas elegantes, da testa, nariz e queixo. Ela teve que obscurecer o queixo com a sombra da barba, mas não conseguia esconder o formato da mandíbula. Se ela estava se lembrando desses detalhes corretamente, ela não sabia ao certo. Ela ficou tão assustada por ele estar lá, que tudo o que ela teve foi a súbita e chocada impressão de sua aparência no olho de sua mente, e foi isso que ela consultou agora, esboçando rapidamente, o rosto e a figura do djinn tomando forma. No papel embaixo do lápis de carvão.

Quando terminou, ela parou por um momento para poder encarar sua obra. Ele era realmente tão bonito? Madison supôs que ele devia estar, ou perto disso, de qualquer maneira; não havia muito sentido em romantizar um membro de uma raça tão assassina.

Mas, embora tivesse enviado a aparência dele para o papel, ainda não estava mais perto de descobrir o que no mundo ele estava fazendo aqui.

Ela olhou para o desenho por um longo momento, depois murmurou: — Quem é você?.

Ela não disse as próximas palavras em voz alta, mas elas ecoaram em sua mente da mesma forma.

E o que você quer?

Qadim cruzou os braços e examinou sua obra. Os prédios em um raio de 400 metros haviam sido nivelados, incluindo um cinema e uma estação de trem. Agora o Hotel Andaluz estava orgulhosamente sozinho, uma bandeira americana desbotada ainda tremulando acima da entrada. Isso foi melhor e trabalho suficiente por um dia. Se ele fosse diligente, talvez em um ano ele tivesse liberado o suficiente para fazer todos os seus esforços valerem a pena.

Lutando contra uma carranca, ele tirou o pó da roupa e entrou no hotel. Embora a energia estivesse em Albuquerque por mais de um ano, um djinn não precisava de algo tão limitador quanto a eletricidade. Todos os djinn tinham a capacidade de influenciar a matéria e a energia, embora seu alinhamento com um dos quatro elementos lhes desse talentos adicionais quando se tratava de interagir com a terra ou o ar, a água ou o fogo. De qualquer forma, seus poderes inatos eram suficientes para acender as arandelas na parede, para deixar a água fluir mais uma vez pela cachoeira em uma das grutas que circundavam a área do saguão.

Houve alguns saques na cidade antes que o último dos sobreviventes fosse morto, mas nenhum deles aparentemente pensara vir aqui. A comida nas unidades de refrigeração havia muito que estragara, e Qadim a descartou

com um movimento do dedo, mas a adega sobreviveu completamente ilesa. Ele se serviu de um copo de juda e voltou para o saguão para poder sentar na gruta com a cachoeira e se felicitar por um bom dia de trabalho.

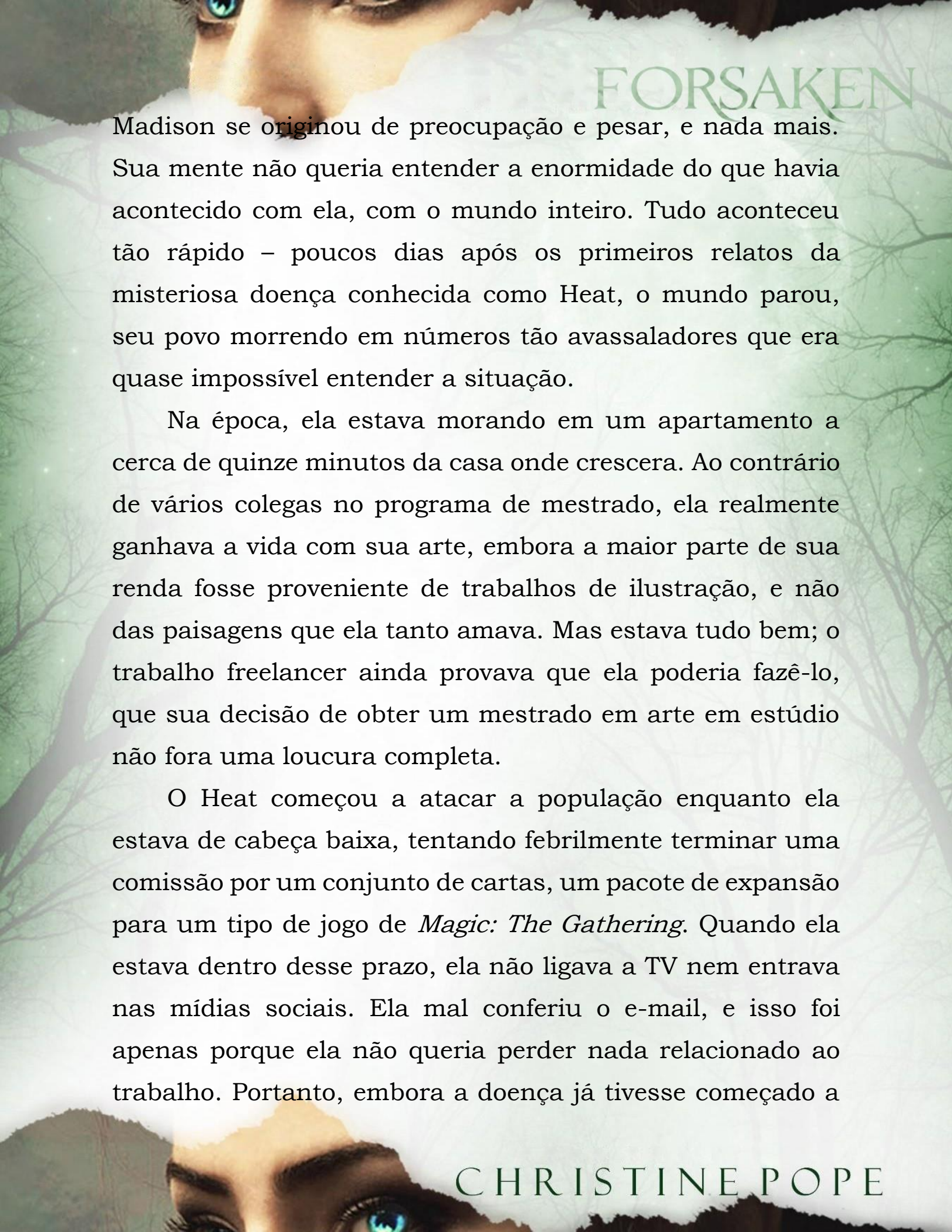
O Conselho, com toda a certeza, desejava puni-lo, tornando a cidade sua nova casa, mas ele duvidava que eles soubessem da existência desse hotel. Caso contrário, eles poderiam ter feito uma escolha diferente.

O som suave da água fluindo encheu o silêncio, e ele fechou os olhos no meio do caminho enquanto experimentava o vinho, o fruto escuro dos vinhos, o tempero da uva mais antiga do mundo. Ele vinha bebendo vinhos feitos com essa uva há milênios, embora tivesse sido chamado de algo bem diferente naquela época.

Talvez isso não fosse tão ruim, afinal. Com o tempo, depois de transformar essa paisagem urbana em um jardim, ele deveria encontrar alguém para compartilhar com ele. Djinn tinha longas lembranças, mas, mesmo assim, ele pensou que eventualmente sua desgraça seria esquecida.

Enquanto isso, porém, ele pensou que poderia se divertir o suficiente e aprender a abraçar sua solidão.

Dormir fora uma das partes mais difíceis de sua existência solitária no abrigo. A princípio, a insônia de

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green color with faint, dark green silhouettes of trees and foliage. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is written in a similar green, serif font at the bottom right.

FORSAKEN

Madison se originou de preocupação e pesar, e nada mais. Sua mente não queria entender a enormidade do que havia acontecido com ela, com o mundo inteiro. Tudo aconteceu tão rápido – poucos dias após os primeiros relatos da misteriosa doença conhecida como Heat, o mundo parou, seu povo morrendo em números tão avassaladores que era quase impossível entender a situação.

Na época, ela estava morando em um apartamento a cerca de quinze minutos da casa onde crescera. Ao contrário de vários colegas no programa de mestrado, ela realmente ganhava a vida com sua arte, embora a maior parte de sua renda fosse proveniente de trabalhos de ilustração, e não das paisagens que ela tanto amava. Mas estava tudo bem; o trabalho freelancer ainda provava que ela poderia fazê-lo, que sua decisão de obter um mestrado em arte em estúdio não fora uma loucura completa.

O Heat começou a atacar a população enquanto ela estava de cabeça baixa, tentando febrilmente terminar uma comissão por um conjunto de cartas, um pacote de expansão para um tipo de jogo de *Magic: The Gathering*. Quando ela estava dentro desse prazo, ela não ligava a TV nem entrava nas mídias sociais. Ela mal conferiu o e-mail, e isso foi apenas porque ela não queria perder nada relacionado ao trabalho. Portanto, embora a doença já tivesse começado a

CHRISTINE POPE

cobrar seu preço, apenas dois dias depois de ser detectada, foi só depois que ela recebeu um telefonema do pai no final do segundo dia que ela percebeu que havia algo errado.

Sua voz estava rouca e fraca. Ela não o ouvira soar assim desde o funeral de sua mãe. Tudo o que ele disse foi: — Eu preciso de você, — antes que o telefone silenciasse novamente.

Ela largou o pincel e correu para a porta, sem se dar ao trabalho de vestir uma jaqueta. O tráfego era estranhamente leve, mas ela realmente não pensava no número de veículos na rua, só pretendia chegar à casa do pai o mais rápido possível.

Ele estava deitado no sofá da sala, com o celular caído no chão ao lado dele. Madison pegou e colocou na mesa de café, depois se ajoelhou ao lado dele. Seu pai era um homem alto, e ele não se encaixava no sofá, seus pés escorregando para tocar o tapete. Seu rosto estava corado e coberto de suor, sua respiração era superficial.

Ela já viu alguém tão doente? Talvez sua mãe quando ela estava nos últimos estágios de sua batalha contra o câncer, mas esse era um tipo de doença totalmente diferente. Mesmo a um pé de distância, Madison sentiu as ondas de febre saindo do corpo de seu pai.

É claro que ela pegou o telefone para ligar para o 9-1-1, mas tudo o que conseguiu foi um sinal de ocupado rápido, indicando que os circuitos estavam sobrecarregados. Seu corpo inteiro ficou tenso com o som, mesmo quando sua mente se esquivou de reconhecer o que aquele sinal de ocupado provavelmente significava.

E então ele sussurrou o nome dela.

— Madison.

Ela se inclinou para ele, enquanto ao mesmo tempo se preocupava com o que faria, e se ele era contagioso – mesmo quando ela se repreendeu por abrigar um pensamento tão egoísta – e para quem ela deveria chamar agora de emergência. Os serviços não pareciam estar respondendo.

— Papai?.

Ele apontou para o celular que ela segurava e balançou a cabeça. — Não adianta , — ele sussurrou. Os olhos dele estavam arregalados, tão arregalados que ela podia ver os brancos por toda a íris, mesmo que esses brancos não fossem realmente brancos, mas se sufocavam com veias vermelhas de aparência raivosa. — Tudo se foi.

— Como assim, ‘tudo se foi’? — ela perguntou, um terror que ela mal podia compreender começando a brotar nela.

— Tudo, — ele disse simplesmente, a palavra mal mais do que uma respiração. — Madison...

— O que, pai? — Sua própria voz estava quase tão silenciosa, mas isso era mais por causa das lágrimas que ela podia sentir subindo, sufocando suas cordas vocais.

— Vá... abrigo.

Claro que ela sabia sobre o abrigo. Clay Michaels tratou a família dela como se fosse dele, e então ele lhes contou sobre o bunker secreto a seis metros abaixo da superfície de seu quintal, a entrada inteligentemente escondida no fundo de um mirante cercado por rosas. Quando soube do abrigo pela primeira vez, aos dezesseis anos, pensou que Clay estava sendo um pouco paranoico – afinal, a Guerra Fria havia terminado há muito tempo – embora tivesse mantido sua opinião para si mesma.

— Eu preciso lud-lo a um hospital, — ela disse ao pai em resposta. Como ela conseguiria fazer isso, ela não tinha ideia. Sim, ela herdou a altura do pai e se manteve em forma caminhando ou exercitando-se no elíptico de seu apartamento quando não tinha tempo de sair, mas isso não significava que ela seria capaz levantar um homem de um metro e oitenta e um e pesando cerca de duzentas libras.

— Não há hospitais, — ele respondeu fracamente. — Vai. Nada... vá para o abrigo.

— Papai.

Seus olhos se fecharam então, e um ruído estranho saiu de sua garganta. Ao ouvi-lo, seu sangue ficou frio, mas ela se forçou a estender a mão e agarrar o pulso dele, tão estranhamente, assustadoramente quente, que a pele escorregadia de suor.

Ela não conseguia sentir um pulso. Forçando uma respiração, ela moveu os dedos para a garganta dele, rezando para que ela pudesse sentir a batida mais forte do coração dele lá, mas não havia nada para sentir.

Nada. Assim como ele disse.

Ajoelhou-se por um longo momento, com os olhos ardendo, secos. De alguma forma, ela sabia que se começasse a chorar, nunca seria capaz de parar.

A noite estava tão quieta. De longe, ela pensou que podia ouvir o lamento de uma sirene, mas por outro lado, a única coisa que ecoava em seus ouvidos era o baque de seu próprio coração.

— Sinto muito, pai, — disse ela finalmente. Pensando que seu fracasso em chegar ao 9-1-1 antes tinha sido por acaso, ela tocou a tela do telefone novamente. Desta vez, ela nem recebeu aquele sinal de ocupado rápido e irritado. Não havia nada. Ar morto.

Ela queria jogar o telefone na parede em negação, mas não o fez. Em vez disso, ela anotou e se forçou a enfrentar o que deveria fazer a seguir.

Ninguém viria para levar o corpo de seu pai. Ela subiu as escadas para o segundo andar, pensando que poderia pegar um lençol e embrulhá-lo nele, depois jogá-lo embora daqui, para a trama no cemitério onde ele sempre planejava descansar ao lado. Para a mãe dela. Como no mundo ela conseguiria enterrá-lo, ela não sabia, mas parecia horrivelmente errado jogá-lo aqui, mesmo que ele tivesse dito a ela que queria que ela fosse para o abrigo.

Seus últimos desejos guerrearam com sua tristeza, com sua necessidade de fazer o certo por ele, e ela não sabia o que diabos ela deveria fazer.

Quando ela desceu as escadas para a sala, não conseguiu ver o corpo do pai em lugar nenhum. Alívio veio a ela do nada. Talvez ela tivesse achado que não conseguia encontrar um pulso. Talvez ele tivesse saído daquela febre estranha e tudo ficaria bem.

Ao se aproximar do sofá, no entanto, ela podia ver pela luz da lâmpada ao lado que as almofadas estavam todas cobertas de poeira cinza fina. O que –

Uma suspeita horrível tomou conta dela, uma que ela não queria reconhecer. Mas ela também sabia no fundo de

seu coração que seu pai estava morto, que seu coração havia parado de bater alguns minutos antes. Ele não se levantou e foi embora. E ele estava queimando com uma febre tão terrível....

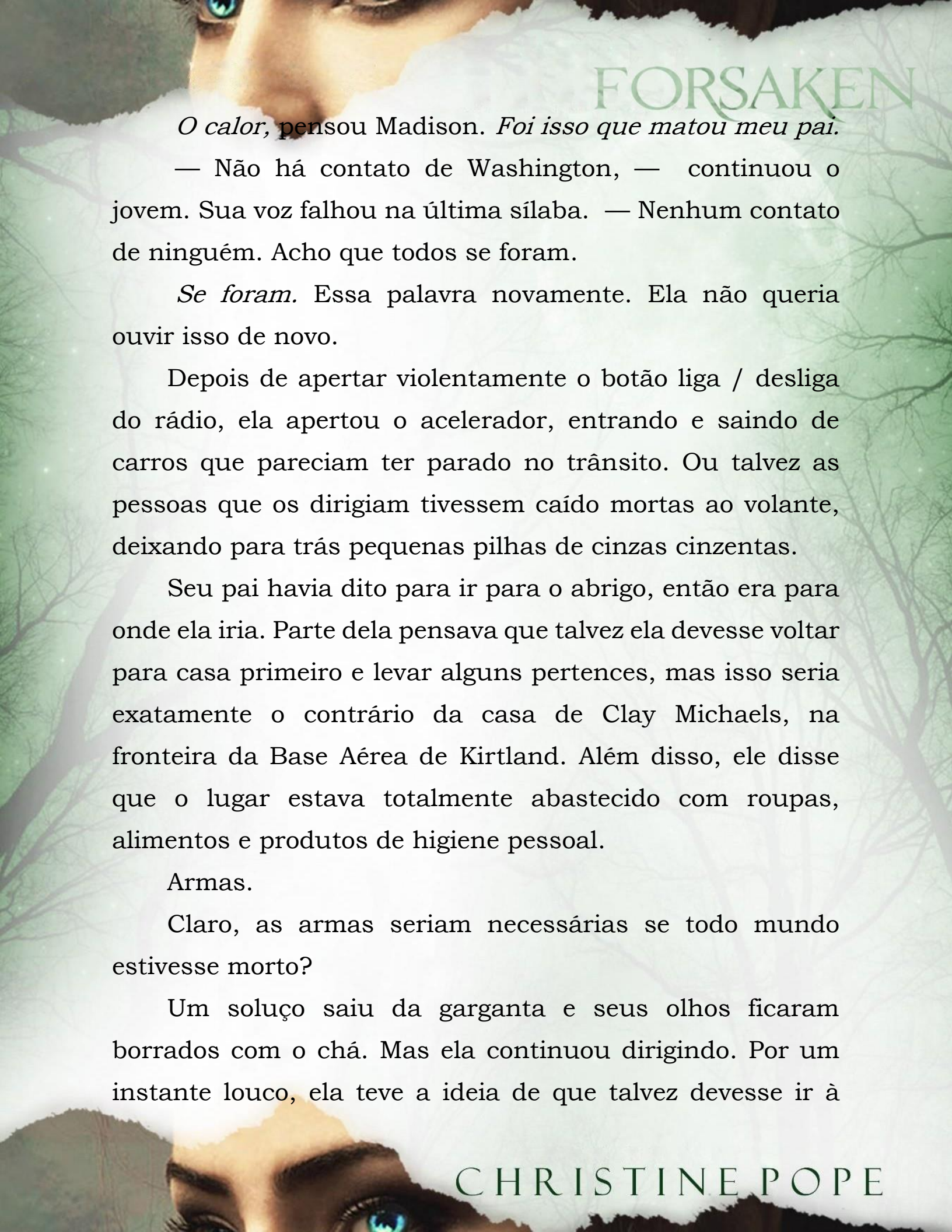
Sua mão livre, a que não segurava o lençol que acabara de pegar do armário de roupas de cama, foi para a boca. Um som estrangulado saiu de sua garganta, como um gemido acelerado antes que tivesse a chance de realmente começar. E então ela estava virando e correndo pela porta, correndo para o carro para poder ligar o rádio. Não a música de satélite que ela costumava ouvir, mas uma estação de notícias local.

Que diabos estava acontecendo?

Ela sempre receava que ninguém estivesse transmitindo, mas a voz de um homem vinha dos alto-falantes. Ele parecia jovem e assustado, e Madison tinha a sensação de que não era repórter, mas talvez alguém que trabalhasse na estação.

Talvez ele estivesse no ar porque todo mundo já estava morto.

— O serviço de emergência não está mais respondendo, — disse ele. — Eles nos disseram para ficar em casa e longe de outras pessoas, mas isso não parece fazer nenhuma diferença. Se o Heat te pegar, acabou.



FORSAKEN

O calor, pensou Madison. Foi isso que matou meu pai.

— Não há contato de Washington, — continuou o jovem. Sua voz falhou na última sílaba. — Nenhum contato de ninguém. Acho que todos se foram.

Se foram. Essa palavra novamente. Ela não queria ouvir isso de novo.

Depois de apertar violentamente o botão liga / desliga do rádio, ela apertou o acelerador, entrando e saindo de carros que pareciam ter parado no trânsito. Ou talvez as pessoas que os dirigiam tivessem caído mortas ao volante, deixando para trás pequenas pilhas de cinzas cinzentas.

Seu pai havia dito para ir para o abrigo, então era para onde ela iria. Parte dela pensava que talvez ela devesse voltar para casa primeiro e levar alguns pertences, mas isso seria exatamente o contrário da casa de Clay Michaels, na fronteira da Base Aérea de Kirtland. Além disso, ele disse que o lugar estava totalmente abastecido com roupas, alimentos e produtos de higiene pessoal.

Armas.

Claro, as armas seriam necessárias se todo mundo estivesse morto?

Um soluço saiu da garganta e seus olhos ficaram borrados com o chá. Mas ela continuou dirigindo. Por um instante louco, ela teve a ideia de que talvez devesse ir à

CHRISTINE POPE

estação de rádio, encontrar a pessoa que estava transmitindo por lá. Não, isso foi estúpido. Ela estava indo muito longe do seu caminho, e pelo que ele estava dizendo, ele poderia muito bem estar morto quando ela chegasse lá.

Dedos brancos ao redor do volante, ela se obrigou a dirigir.

Algem instinto a fez estacionar o carro na esquina da casa de Clay. A última coisa que ela queria era atrair qualquer atenção. Sua rua estava escura, no entanto. Duas casas mostravam algum tipo de iluminação fraca por dentro, mas esse era o único sinal de vida.

Madison pegou sua bolsa e a lanterna Mag-Lite que ela sempre mantinha escondida sob o banco do passageiro do Nissan Rogue, depois correu pela calçada para a casa de Clay. Também estava escuro. Ela não sabia o que pensar disso. Talvez ele já estivesse escondido no abrigo, esperando contra a esperança que Madison e seu pai chegassem lá.

Ou talvez ele sucumbisse ao Heat, o mesmo que todo mundo.

Era inteiramente possível que essa fosse uma tarefa tola, que a qualquer momento ela suasse, seu corpo corando com uma febre tão quente que queimava suas vítimas em pó.

Mas ela continuou andando de qualquer maneira, a lanterna na mão. Ela não tinha ligado, no entanto, estava carregando mais como uma arma útil do que qualquer outra coisa. Usar a lanterna para seu verdadeiro objetivo apenas atrairia a atenção de alguém no quarteirão que ainda não sucumbira à horrível doença.

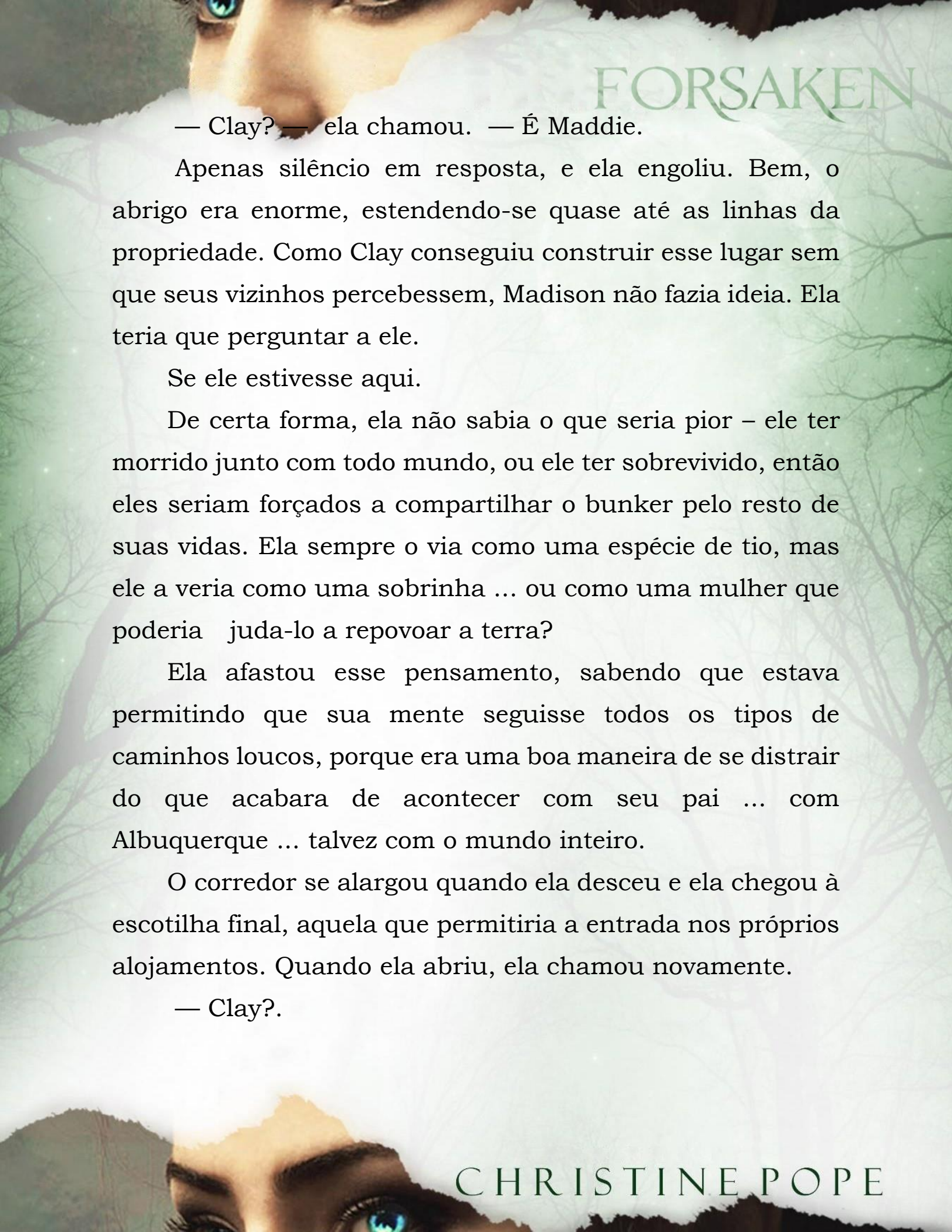
Ela entrou pelo pátio lateral, sem se dar ao trabalho de entrar na casa. Não deveria haver nada dentro de que ela precisasse. Seu verdadeiro destino era no quintal.

O mirante brilhava levemente branco dentro de um jardim de roseiras cuidadosamente aparadas. Madison deu a volta pelas costas e se agachou ao lado do que parecia ser um sistema de controle para os aspersores. Ele tinha um teclado e ela digitou o código que seu pai o havia ensinado.

Botão de rosa.

Uma piada e talvez uma referência à natureza do — esconder à vista — do próprio ajudante. No momento seguinte, um pedaço da treliça na base do mirante deslizou para o lado, e ela permaneceu agachada para poder deslizar sob o chão da estrutura e entrar na escotilha que se revelava ali. Três voltas, e foi aberto também.

Dentro havia um corredor que descia suavemente para baixo. Lâmpadas de LED queimavam no alto, iluminando o caminho.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner.

FORSAKEN

— Clay? — ela chamou. — É Maddie.

Apenas silêncio em resposta, e ela engoliu. Bem, o abrigo era enorme, estendendo-se quase até as linhas da propriedade. Como Clay conseguiu construir esse lugar sem que seus vizinhos percebessem, Madison não fazia ideia. Ela teria que perguntar a ele.

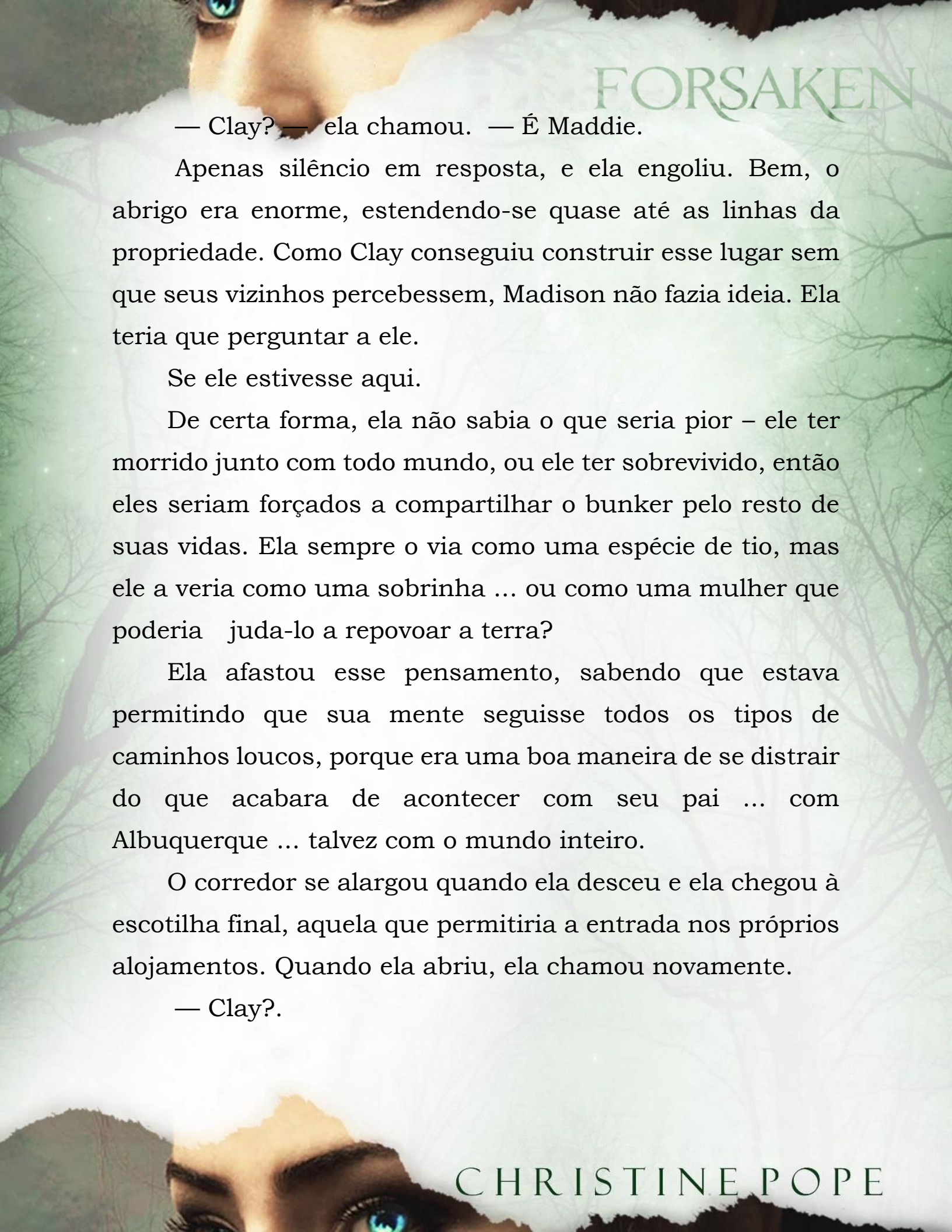
Se ele estivesse aqui.

De certa forma, ela não sabia o que seria pior – ele ter morrido junto com todo mundo, ou ele ter sobrevivido, então eles seriam forçados a compartilhar o bunker pelo resto de suas vidas. Ela sempre o via como uma espécie de tio, mas ele a veria como uma sobrinha ... ou como uma mulher que poderia juda-lo a repovoar a terra?

Ela afastou esse pensamento, sabendo que estava permitindo que sua mente seguisse todos os tipos de caminhos loucos, porque era uma boa maneira de se distrair do que acabara de acontecer com seu pai ... com Albuquerque ... talvez com o mundo inteiro.

O corredor se alargou quando ela desceu e ela chegou à escotilha final, aquela que permitiria a entrada nos próprios alojamentos. Quando ela abriu, ela chamou novamente.

— Clay?.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner.

CHRISTINE POPE

Nada. Ela entrou e metodicamente caminhou de sala em sala, chamando seu nome periodicamente. Mas ele nunca respondeu. O abrigo estava claramente vazio.

Ela não sabia o que estava esperando. Às vezes, Clay Michaels parecia quase invencível, mas aparentemente nem ele conseguia suportar o vírus estranho que varria a população da cidade.

Lutando contra o pânico, ela foi para o quarto que sabia ter sido designado como dela. Havia uma cama queen-size, uma cômoda e uma pequena mesa e cadeira em um canto. Uma porta oposta à que ela acabara de entrar levava a um banheiro de Jack e Jill.

Ela olhou na cômoda e encontrou pilhas de jeans e camisetas, além de uma gaveta cheia de roupas íntimas ainda em sua embalagem e vários sutiãs com as etiquetas ainda presas. Arrepiante. Ou foi? Ela deixou algumas coisas para trás quando saiu da casa de seu pai. Pelo que ela sabia, ele usara os tamanhos desses itens para garantir que os itens adequados esperassem por ela aqui, caso o pior acontecesse.

A mesma coisa no banheiro – sabonetes, produtos de limpeza e hidratantes em todas as marcas de que ela gostava, um barbeador elétrico ainda em sua caixa. O mesmo vale para uma escova de dentes elétrica e um

secador de cabelo com um difusor que não faria seus cabelos longos e encaracolados frisarem.

Todos os confortos de casa, ela pensou, e uma risadinha estranha subiu aos lábios. Ela empurrou-o para trás, porque, caso contrário, estava preocupada com a possibilidade de começar a rir histérica.

Como ela não sabia mais o que fazer, foi à sala de mídia e ligou a televisão. Embora esse bunker tivesse sido preparado no caso de o apocalipse ocorrer, ele ainda tinha cabos. Metade dos canais estava em branco, no entanto, ou mostrando reprises de seriados com os quais ninguém se importava. A MSNBC tinha uma câmera fixada em uma mesa vazia, como se alguém estivesse sentado lá, mas agora se foi. Pelo que Madison sabia, o cinegrafista havia caído onde estava, mas a alimentação continuava rolando e provavelmente continuaria assim até que a energia falhasse.

Não foi até aquele momento que ela percebeu que isso era real. O Heat não atingira apenas Albuquerque, nem mesmo o Novo México. Ninguém estava seguro em lugar algum.

Ela ficou lá a noite toda, vendo os canais saírem um por um. De vez em quando cochilava, depois acordava, rezando para abrir os olhos e ver Clay parado ali, exalando sua habitual confiança silenciosa. Pela manhã, ela pensou que

teria ficado feliz em ser a Eva dele para seu Adão, se isso significasse que ela não estaria sozinha.

Mas ele nunca veio. E na noite seguinte ela dormiu no quarto que deveria ser dela. E a noite depois disso. Todas as estações de cabo estavam em branco. Mover o rádio pelas faixas FM e AM produzia apenas estática. O medo enrolou em sua barriga, mas ela não podia ceder a isso. Não enquanto acorda, pelo menos. Adormecia e depois acordava gritando de pesadelos, onde estava cercada por uma horda sem rosto, apenas para fazê-los tremer em pó e explodir enquanto observava. Ou aqueles em que o pai a pegaria pela mão, e um calor não natural subiria pelo braço dela, e ela mesma começaria a desmoronar no nada.

Ela gritou rouca, mas não havia ninguém para ouvi-la. Quando o quarto ou quinto dia chegou, ela percebeu que, por alguma estranha razão, estava imune à doença que matara todo mundo. Caso contrário, ela teria morrido sua primeira noite aqui.

O pensamento não trouxe nenhum alívio real.

Mesmo agora, depois de tantos meses no abrigo, dormir era algo em que ela se entregava porque sabia que precisava, não porque se sentia tão revigorada quando acordava todas as manhãs. Enquanto entendia intelectualmente que o ar que respirava era filtrado, lavado e limpo, do que qualquer

coisa que ela estivesse respirando em seu apartamento, às vezes sentia como se engasgasse se não pudesse respirar ar fresco.

Aqueles eram os momentos em que ela se aventurava no mundo superior. A primeira havia sido cerca de uma semana depois que ela foi ao abrigo. Ela assistiu a filmes e programas de TV, jogou jogos no computador, leu – qualquer coisa para preencher as horas vazias. O que ela realmente queria, porém, era pintar. Ela desenhou um pouco com as canetas esferográficas e o papel de computador que encontrou no escritório que ela pretendia ser o escritório de Clay, mas não era o mesmo que o processo reconfortante de misturar seus próprios óleos, planejar a composição, passar horas apenas uma seção até que estava certo. Se ela tivesse que passar a eternidade nesse lugar, precisava de algo mais significativo que as reprises da *The Big Bang Theory* para mantê-la ocupada.

Além disso, se todo mundo estivesse morto, que diferença faria se ela saísse e invadisse algumas lojas de material de arte?

No começo, ela pensou em pegar seu carro, apenas porque teria sido mais fácil trazer de volta todos os suprimentos que ela precisava. Por alguma razão, porém, isso não parecia certo. Um SUV compacto vermelho

brilhante manobrando pelas ruas desertas de Albuquerque seria muito visível.

Então ela pegou a bicicleta elétrica, que era rápida e silenciosa, e cuidadosamente a puxou para fora do mirante, depois foi para a cidade. Havia uma loja chamada Artisan em Monte Vista que não ficava muito longe da casa de Clay, então ela decidiu que seria sua primeira parada. Foi durante aquela expedição que ela viu o bando de sobreviventes passar, e não fez nada. Mesmo agora, ela se perguntava o que teria acontecido se tivesse ido com eles, onde quer que estivessem indo.

Mas ela não tinha, ao invés disso, tinha se escondido até que eles se foram, então entrou em Artisan. As portas da frente estavam destrancadas e ela temia que a loja tivesse sido saqueada. Além da caixa registradora aberta, porém, ela não encontrou nenhum sinal de que alguém havia entrado e se serviu das mercadorias da loja. Ela supôs que os suprimentos de arte estivessem bem distantes na cadeia quando se tratava das necessidades para sobreviver ao apocalipse.

Carregar lona pré-esticada em uma bicicleta elétrica era complicado e, portanto, ela só pegou algumas pequenas, não maiores que dezesseis por vinte polegadas, junto com uma sacola de tintas e pincéis e alguns lápis e carvão, apenas

para quando ela não queria trabalhar com óleos. A viagem de volta foi mais difícil do que ela pensara, e teve que parar várias vezes para ajustar tudo o que estava carregando.

Uma dessas paradas provavelmente salvou sua vida, porque foi então que ela viu seu primeiro djinn. Ela fez uma pausa em um beco entre uma loja de bebidas e uma loja de penhores para poder redistribuir seu saque e depois ouviu um som estranho e rasante vindo de algum lugar acima, quase como se o céu tivesse sido rasgado. Ao mesmo tempo, a rua ecoava com o som de pés correndo.

Ela tinha que olhar, porque esse som significava que alguém tinha que estar vivo. Alguém que pudesse apagar a dolorosa solidão em que estivera morando há uma semana.

Batendo no centro da rua Washington havia um homem hispânico provavelmente alguns anos mais velho que ela, talvez perto dos trinta. O suor encharcou a camiseta que ele usava, mesmo que o dia estivesse bastante ameno, e ele continuou lançando olhares aterrorizados para cima.

Intrigada, Madison olhou também, imaginando o que no mundo poderia tê-lo tão assustado. E então ela viu – bem, a princípio, sua mente não queria entender aquela visão impensável, não conseguia compreender o que estava vendo.

Pairando aproximadamente seis metros acima do solo, havia dois homens. Ou seja, eles pareciam homens e, ao

mesmo tempo, não poderiam ter sido, não da maneira como pairavam no ar sem meios visíveis de apoio. Eles tinham cabelos pretos que chicoteavam em torno de seus rostos em um vento invisível, assim como as roupas esvoaçantes que usavam – algum tipo de roupão aberto sobre calças desbotadas. Seus corpos eram magníficos, seus rostos algo que ela gostaria de pintar ... exceto pelas expressões de deleite maníaco que eles usavam.

Eles jogaram as cabeças para trás e riram e depois mergulharam.

Madison mal abaixou a cabeça a tempo. Mesmo assim, o sangue espirrou em seu rosto em uma névoa quente. Um gemido aterrorizado escapou de sua garganta antes de cortá-la, sabendo de alguma maneira que ela compartilharia o mesmo destino que o de um estranho na rua, se esses dois homens não naturais a ouvissem.

Ela usou seus gritos de agonia para esconder sua fuga, decolando pelo beco e depois empurrando a bicicleta elétrica até seus limites, para que ela pudesse fugir o mais rápido possível. Mesmo quando alcançou o abrigo, a boas duas milhas de distância, ela continuou olhando para cima, certa de que eles deviam tê-la seguido até lá.

Mas o céu permaneceu vazio. Ela não deixou cair nenhum de seus suprimentos, provavelmente porque tinha

ficado aterrorizada com o fato de aquelas duas criaturas impossíveis que pareciam homens ouvirem o barulho que as telas faziam quando batiam na calçada.

E ela ficou no chuveiro depois de quase uma hora, desejando que a água quente lavasse todos os vestígios de respingos de sangue. No entanto, não conseguia lavar esses gritos. Eles continuaram zumbindo nos ouvidos dela.

Um mês se passou antes que ela reunisse coragem para se aventurar novamente. A essa altura, os incêndios que ela vira enfureceram no campus da UNM já haviam se esgotado, e o céu estava limpo, o azul ultraduro e brilhante de um outono do Novo México. O ar começou a pegar uma pequena mordida, e Madison tremeu em sua camiseta. O abrigo era sempre mantido a setenta e dois graus perfeitamente controlados, e ela nem sequer parou para pensar sobre qual seria a temperatura externa.

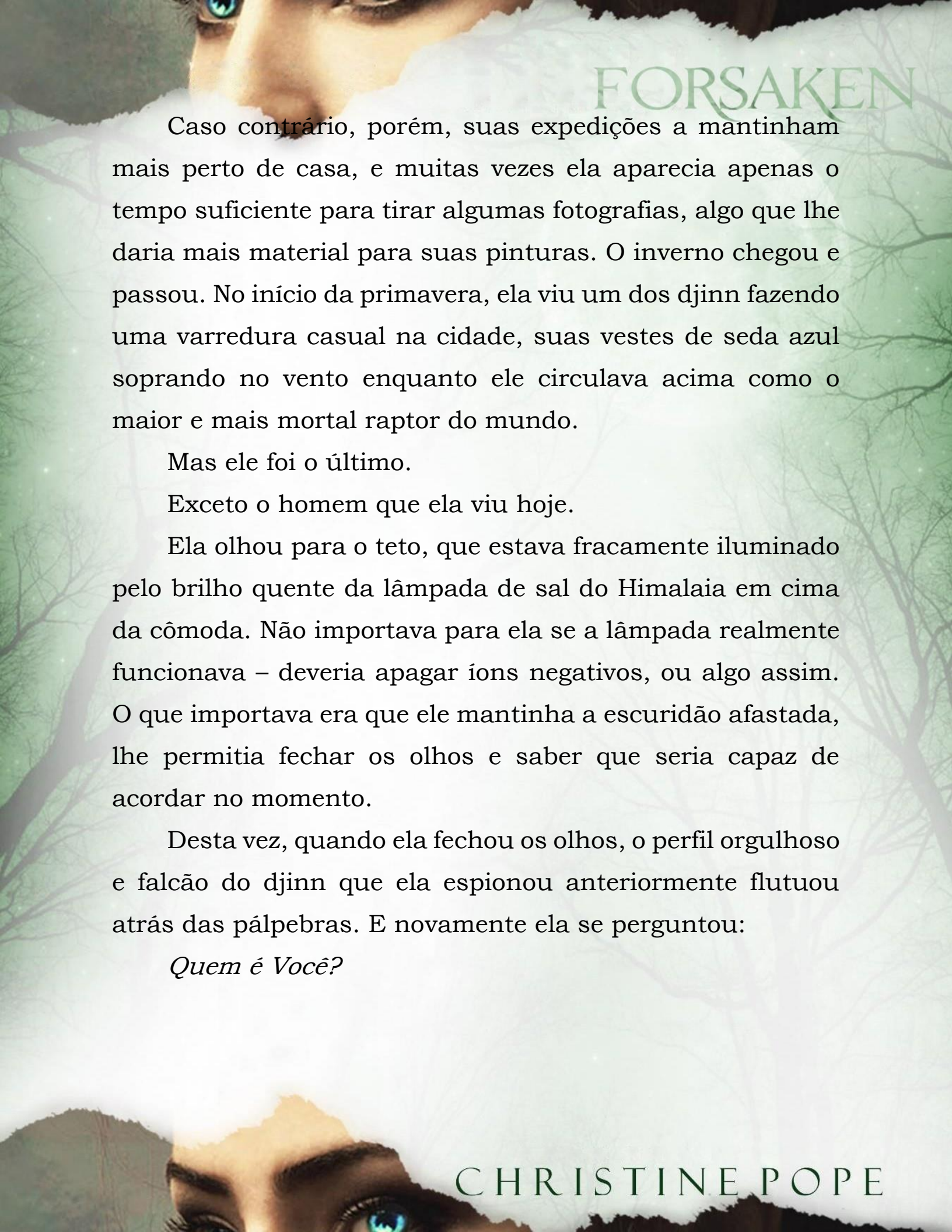
Exatamente o que a levou adiante novamente, ela não podia dizer com certeza, exceto que tinha que saber. Os horríveis eventos do dia em que ela foi buscar seus materiais de arte assumiram a qualidade de um pesadelo, e ela começou a se perguntar se tinha imaginado a coisa toda.

Mas ela os viu novamente – ou melhor, dois outros seres que se pareciam superficialmente com os dois primeiros, mas que ela pensava serem pessoas diferentes. Dessa vez,

eles estavam em Menaul. Os gritos que ouviu naquele tempo eram mais ou menos os mesmos, embora parecesse que mais de uma pessoa era o alvo deles. Ela fugiu de volta para o abrigo, tremendo, imaginando como diabos o mundo poderia ter ficado mais louco do que já estava. Depois que ela se recuperou um pouco, ela entrou no computador e começou a procurar no banco de dados, tentando colocar um nome nas criaturas que tinha visto.

E foi quando ela leu pela primeira vez sobre o djinn. Sua mente não queria acreditar que isso pudesse ser possível, mas ela tinha visto por si mesma. A presença deles era mais louca do que uma doença que poderia matar quase toda a população do planeta e deixar para trás apenas poeira?

Desde que ela conseguiu escapar do aviso dos djinns, tornou-se um pouco mais ousada depois disso. Certa vez, ela fez a caminhada até seu antigo apartamento para reivindicar alguns itens que estavam faltando – algumas peças de roupa favoritas, um medalhão contendo uma fotografia de seus pais no dia do casamento, ambos ensolarados, felizes e completamente inconscientes, do que lhes esperava pela frente. Uma cruz de coral e turquesa que pertencera à mãe dela. Madison não era religiosa, mas lembrou-se de sua mãe usando aquele pingente, e queria isso com ela agora, depois que o mundo terminara.



FORSAKEN

Caso contrário, porém, suas expedições a mantinham mais perto de casa, e muitas vezes ela aparecia apenas o tempo suficiente para tirar algumas fotografias, algo que lhe daria mais material para suas pinturas. O inverno chegou e passou. No início da primavera, ela viu um dos djinn fazendo uma varredura casual na cidade, suas vestes de seda azul soprando no vento enquanto ele circulava acima como o maior e mais mortal raptor do mundo.

Mas ele foi o último.

Exceto o homem que ela viu hoje.

Ela olhou para o teto, que estava fracamente iluminado pelo brilho quente da lâmpada de sal do Himalaia em cima da cômoda. Não importava para ela se a lâmpada realmente funcionava – deveria apagar íons negativos, ou algo assim. O que importava era que ele mantinha a escuridão afastada, lhe permitia fechar os olhos e saber que seria capaz de acordar no momento.

Desta vez, quando ela fechou os olhos, o perfil orgulhoso e falcão do djinn que ela espionou anteriormente flutuou atrás das pálpebras. E novamente ela se perguntou:

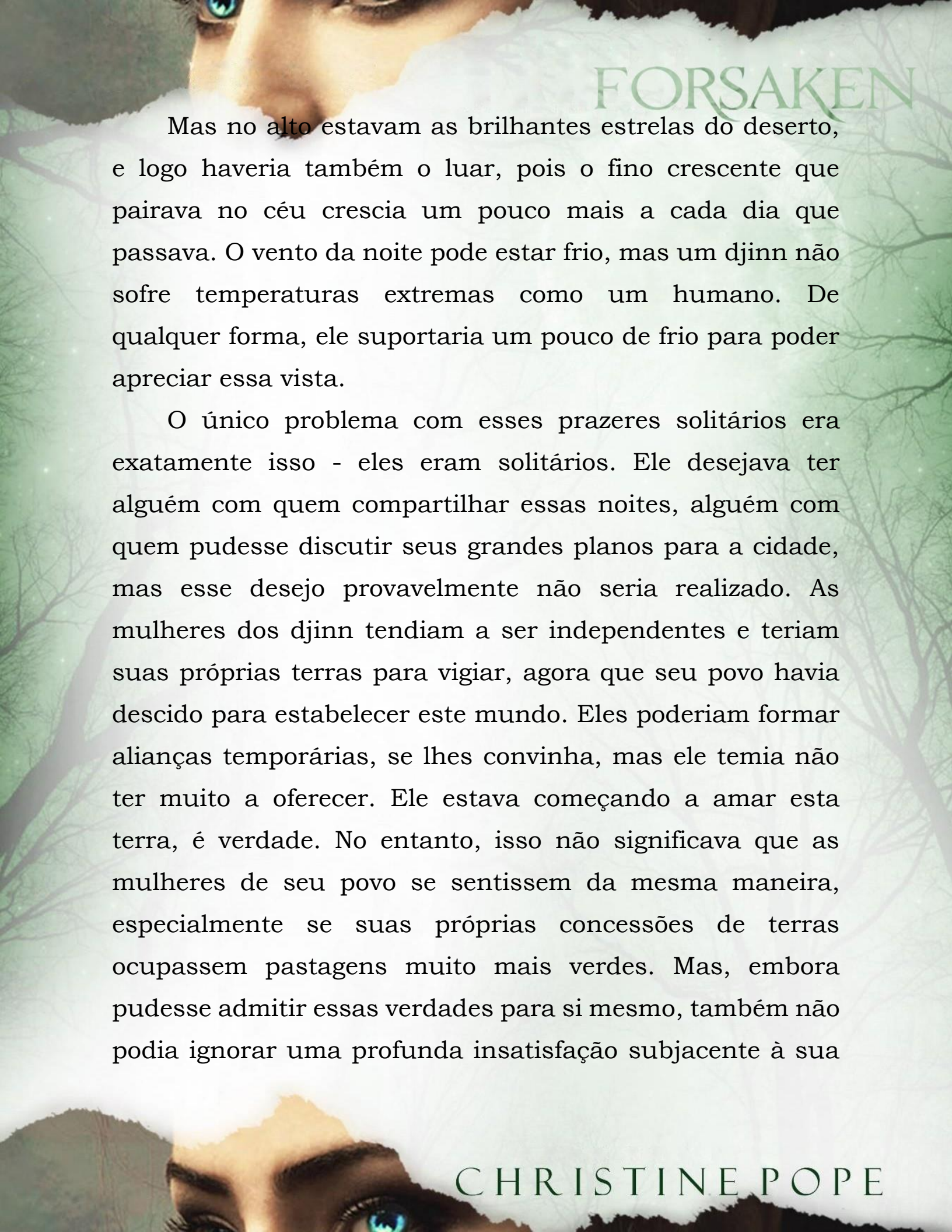
Quem é Você?

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO TRÊS

Na tarde do seu terceiro dia em Albuquerque, Qadim havia liberado quase um raio de 800 metros ao redor do hotel que ele designara como sua nova casa. Ele podia ver melhor os contornos da terra agora, onde ela rolava e onde era plana. Entretanto, o solo estava terrivelmente exaurido por causa das interferências humanas, então ele trouxe um novo solo superficial e o plantou com gramíneas, plantas e árvores nativas, enviando-lhes os nutrientes de que precisavam para crescer. Ele teria preferido uma paisagem de grama verde e rica, tão diferente dos arredores que deixara para trás no outro mundo, mas sabia que nunca sobreviveria aqui neste ambiente de alto deserto, e não faria o que os humanos tinham. sempre esteve ansioso demais para fazer - plantar de acordo com sua própria estética, e não com base no que a terra poderia suportar.

À noite, ele saía no bar da cobertura com uma garrafa de vinho e observava a escuridão ao redor. Nem uma luz na cidade, nem um sinal de vida. Claro, ele não esperava mais nada. Hasan al-Abyad e os outros de sua classe haviam se assegurado de que nenhum mortal sobrevivesse a suas varreduras.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green with faint, dark silhouettes of trees or branches. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

FORSAKEN

Mas no alto estavam as brilhantes estrelas do deserto, e logo haveria também o luar, pois o fino crescente que pairava no céu crescia um pouco mais a cada dia que passava. O vento da noite pode estar frio, mas um djinn não sofre temperaturas extremas como um humano. De qualquer forma, ele suportaria um pouco de frio para poder apreciar essa vista.

O único problema com esses prazeres solitários era exatamente isso - eles eram solitários. Ele desejava ter alguém com quem compartilhar essas noites, alguém com quem pudesse discutir seus grandes planos para a cidade, mas esse desejo provavelmente não seria realizado. As mulheres dos djinn tendiam a ser independentes e teriam suas próprias terras para vigiar, agora que seu povo havia descido para estabelecer este mundo. Eles poderiam formar alianças temporárias, se lhes convinha, mas ele temia não ter muito a oferecer. Ele estava começando a amar esta terra, é verdade. No entanto, isso não significava que as mulheres de seu povo se sentissem da mesma maneira, especialmente se suas próprias concessões de terras ocupassem pastagens muito mais verdes. Mas, embora pudesse admitir essas verdades para si mesmo, também não podia ignorar uma profunda insatisfação subjacente à sua

CHRISTINE POPE

situação atual. Ele desejou poder ter alguém para compartilhar este mundo com ele.

Quando se levantou da cama na manhã do quarto dia e atravessou a entrada lateral do hotel, ficou surpreso e não muito satisfeito ao ver Hasan al-Abyad parado ali na pequena calçada que Qadim ainda não havia demolido. Ele decidiu deixá-lo intacto por enquanto, uma vez que fornecia uma espécie de estrutura para o edifício, uma linha de demarcação entre as paredes de concreto do hotel e a área aberta que agora crescia com gramíneas onduladas e juníperes baixos, manzanita e mesquite, junto com a mandioca espetada e o estranho cacto em forma de cruz que os humanos chamavam de — cholla.

O outro djinn estava com os braços cruzados no peito e parecia examinar os trabalhos manuais de Qadim. Então ele se virou e examinou seu companheiro, as sobrancelhas se unindo enquanto ele vestia o traje de seu companheiro djinn. Depois de apenas um dia de demolições, Qadim decidiu que suas vestes esvoaçantes e os pés descalços não eram tão práticos e saqueara algumas lojas locais para conseguir os itens de que precisava.

Aparentemente, Hasan não ficou impressionado com a calça jeans, as botas de trabalho ou a camiseta escura. Com um sorriso irônico puxando sua boca cheia, ele disse: —

Parece que você trocou um deserto por outro, Qadim al-Syan.

— Talvez, — respondeu Qadim, irritado, embora fizesse o possível para não demonstrar. — Estou apenas devolvendo esta terra a si mesma.

— Quão nobre.

Como parecia que Hasan não tinha pressa em explicar sua presença, Qadim acrescentou: — A que devo a honra de sua visita? Eu tinha vários assuntos que gostaria de atender hoje.

— Plantando mais cactos? — Havia a menor sugestão de escárnio na voz de Hasan, e novamente Qadim começou a se arrepiar. Mas então o outro djinn disse: — Eu queria perguntar se você notou alguma coisa... incomum... enquanto você estava fora e viajando pela cidade.

— Incomum? — Qadim perguntou, e levantou uma sobrancelha. — O que você quer dizer?.

Qualquer atividade humana. Percebo de vez em quando, mas nunca dura muito, e quando vou investigar não encontro nada.

Mais de uma vez Qadim se perguntou precocemente o que era sobre os humanos que haviam transformado Hasan em um fanático tão vingativo, o fizeram concentrar todas as suas energias em garantir que nenhum deles sobrevivesse.

Eles eram maus administradores desta terra, é verdade, mas agora se foram, exceto aqueles poucos que tiveram a sorte de serem escolhidos.

Ou os mortais que habitavam a colônia em Los Alamos, uma cidade protegida de djinn devastadores como Hasan al-Abyad pelos dispositivos do cientista louco Miles Odekirk. Talvez a mera noção de sua sobrevivência continuada tenha sido suficiente para inflamar Hasan, para mantê-lo movendo-se sobre o território que havia sido limpo há muito tempo, quando ele deveria estar vigiando as terras que o Conselho lhe dera.

— Você não encontra nada porque não há nada, — disse Qadim calmamente. — Andei pelas ruas da cidade e elas estão vazias. Eu estou no telhado deste edifício — - ele levantou um queixo para indicar o hotel atrás deles - — e vejo quilômetros e quilômetros de escuridão. Sem luz, sem movimento, as únicas coisas vivas, os pássaros e os insetos, e a estranha cobra ou duas. Certamente não humanos.

— Mas eu senti.

— Perdoe-me, Hasan, — interrompeu Qadim, — mas acredito que seu zelo a levou a acreditar naquilo que não existe mais. Você não deveria cuidar de suas próprias terras? Onde você se estabeleceu?.

— Em um lugar que eles chamam de Chama, ao norte daqui. Mas não há muito o que fazer lá, exceto assistir as árvores crescerem.

Pelo menos Hasan tinha uma floresta, em vez deste grande vale plano cercado por montanhas e colinas. Talvez os anciãos o tivessem recompensado com mais riqueza por causa de seu serviço em caçar os últimos humanos do Novo México. Era difícil dizer com certeza, porque eles sempre pareciam indiferentes ao destino dos mortais restantes - exceto quando se tratava dos Escolhidos. Aqueles humanos em particular, consortes dos djinn que os haviam selecionado dentre os poucos imunes da humanidade, eram sacrossantos. Todos os outros, no entanto, foram considerados um jogo justo.

— Tenho certeza que você encontrará uma maneira de se ocupar, — disse Qadim. — Talvez seja a hora de encontrar uma mulher que também goste de ver as árvores crescerem.

O outro djinn fez uma careta. — E arruinar toda a paz e sossego? Meu último contato foi um problema para mim e, portanto, não tenho grande desejo de encontrar seu substituto. Mas obrigado pelo conselho.

Qadim não conseguia entender bem esse sentimento. As mulheres sempre valeram a pena, na opinião dele. Mas

ele não disse nada, apenas inclinou a cabeça e esperava que eles estivessem chegando ao fim da conversa. Ele tinha trabalho a fazer.

Hasan pareceu detectar sua inquietação, pois disse: — Não vou mais incomodá-lo no assunto. Se você ouvir ou ver alguma coisa, no entanto.

— Você será o primeiro a saber. — Se essa promessa era inteiramente verdade, Qadim não sabia ao certo. Depois de lidar com Julia Innes, ele teve uma visão bastante diferente da raça humana do que ele havia encontrado anteriormente. No improvável caso de algum sobrevivente ainda estar escondido em algum lugar aqui em Albuquerque, ele estaria inclinado a deixá-lo ir - e pedir que se apressassem para Los Alamos, onde estariam a salvo. De fato, ele pensou que provavelmente ajudaria a levá-los até lá; este mundo já tinha visto morte suficiente. Além disso, algo sobre o brilho fanático nos olhos de Hasan incomodava Qadim mais do que ele queria admitir. Eles se conheciam há incontáveis séculos, mas seu velho amigo parecia estar ultimamente rodeando as fronteiras da loucura.

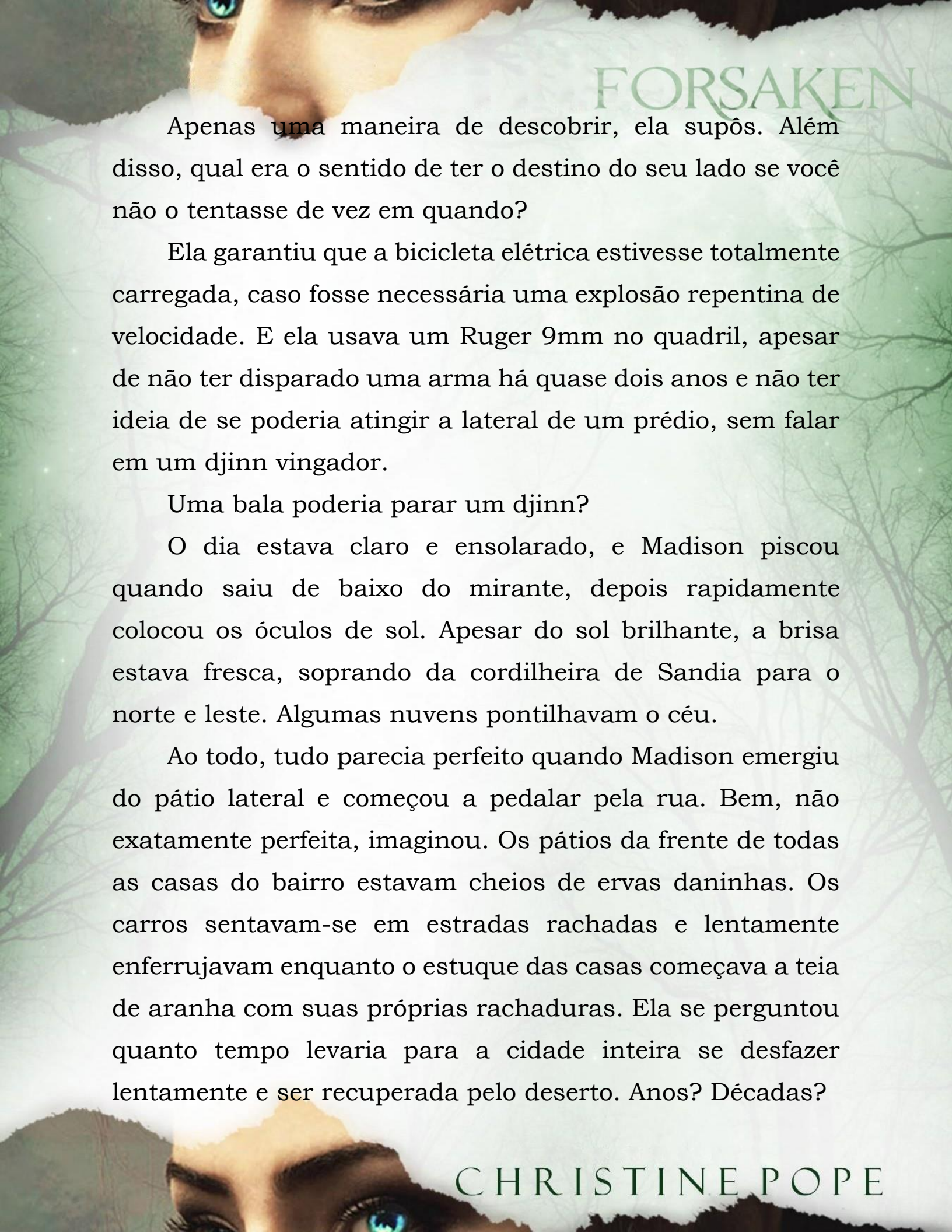
Mas é claro que ele não diria nada disso a Hasan. Melhor evitar conflitos, e deixá-lo a caminho deste lugar de Chama, onde quer que seja.

O djinn assentiu, depois se levantou da calçada antes de deixar de existir - no caminho de volta para casa, presumivelmente. Todos os djinn viajaram dessa maneira, as milhas envolvidas importavam muito pouco. Não havia necessidade real de Hasan flutuar do chão antes de desaparecer, mas isso afetava alguns elementais do ar. Com alguma sorte, ele não veria motivo para voltar tão cedo.

Por enquanto, porém, Qadim sabia que precisava trabalhar ... e também estava feliz por não haver humanos em Albuquerque para se tornarem vítimas de Hasan.

Ela resistiu ao impulso por tanto tempo quanto pôde. No fundo, Madison sabia que era uma loucura voltar ao Hotel Andaluz para que ela pudesse ver o que aquele solitário djinn estava fazendo. Ele nem sabia que ela existia. A coisa inteligente a fazer era ficar aqui no abrigo e esperar que o que quer que ele estivesse fazendo, não demoraria muito. Então talvez a cidade fosse dela novamente. Afinal, havia apenas alguns dias desde que ela o espionou.

Mas a presença dele a incomodava. Ela ainda não conseguia descobrir por que ele se incomodara em derrubar aqueles prédios, a menos que esse fosse o seu caminho de voltar à humanidade agora que todas as pessoas de verdade se foram.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. Her skin is fair, and her hair is dark. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner. The author's name 'CHRISTINE POPE' is written in a smaller, green, serif font in the lower right corner.

FORSAKEN

Apenas uma maneira de descobrir, ela supôs. Além disso, qual era o sentido de ter o destino do seu lado se você não o tentasse de vez em quando?

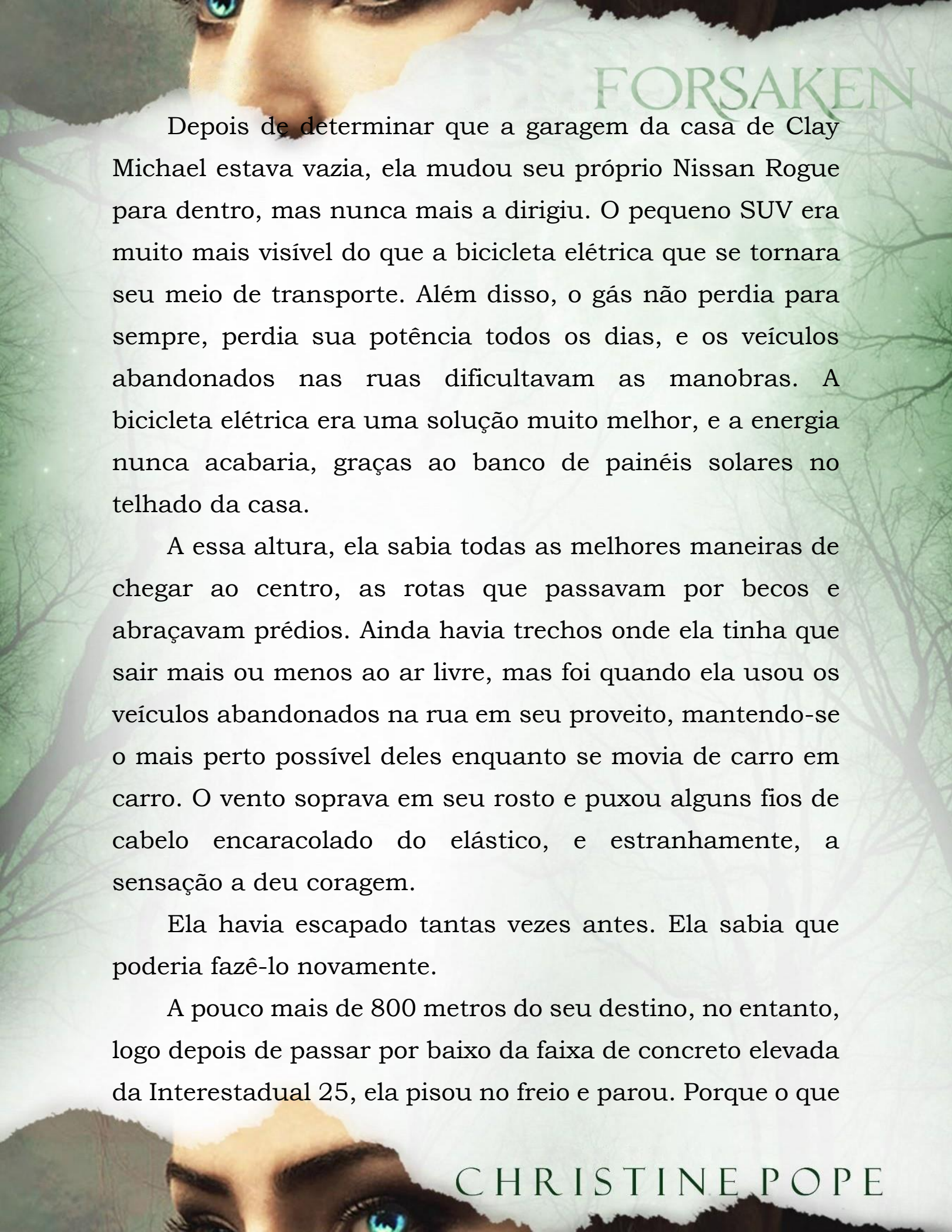
Ela garantiu que a bicicleta elétrica estivesse totalmente carregada, caso fosse necessária uma explosão repentina de velocidade. E ela usava um Ruger 9mm no quadril, apesar de não ter disparado uma arma há quase dois anos e não ter ideia de se poderia atingir a lateral de um prédio, sem falar em um djinn vingador.

Uma bala poderia parar um djinn?

O dia estava claro e ensolarado, e Madison piscou quando saiu de baixo do mirante, depois rapidamente colocou os óculos de sol. Apesar do sol brilhante, a brisa estava fresca, soprando da cordilheira de Sandia para o norte e leste. Algumas nuvens pontilhavam o céu.

Ao todo, tudo parecia perfeito quando Madison emergiu do pátio lateral e começou a pedalar pela rua. Bem, não exatamente perfeita, imaginou. Os pátios da frente de todas as casas do bairro estavam cheios de ervas daninhas. Os carros sentavam-se em estradas rachadas e lentamente enferrujavam enquanto o estuque das casas começava a teia de aranha com suas próprias rachaduras. Ela se perguntou quanto tempo levaria para a cidade inteira se desfazer lentamente e ser recuperada pelo deserto. Anos? Décadas?

CHRISTINE POPE

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, with a soft, ethereal glow. The image is overlaid with a pattern of green, leafy branches, creating a natural, forest-like atmosphere. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

FORSAKEN

Depois de determinar que a garagem da casa de Clay Michael estava vazia, ela mudou seu próprio Nissan Rogue para dentro, mas nunca mais a dirigiu. O pequeno SUV era muito mais visível do que a bicicleta elétrica que se tornara seu meio de transporte. Além disso, o gás não perdia para sempre, perdia sua potência todos os dias, e os veículos abandonados nas ruas dificultavam as manobras. A bicicleta elétrica era uma solução muito melhor, e a energia nunca acabaria, graças ao banco de painéis solares no telhado da casa.

A essa altura, ela sabia todas as melhores maneiras de chegar ao centro, as rotas que passavam por becos e abraçavam prédios. Ainda havia trechos onde ela tinha que sair mais ou menos ao ar livre, mas foi quando ela usou os veículos abandonados na rua em seu proveito, mantendo-se o mais perto possível deles enquanto se movia de carro em carro. O vento soprava em seu rosto e puxou alguns fios de cabelo encaracolado do elástico, e estranhamente, a sensação a deu coragem.

Ela havia escapado tantas vezes antes. Ela sabia que poderia fazê-lo novamente.

A pouco mais de 800 metros do seu destino, no entanto, logo depois de passar por baixo da faixa de concreto elevada da Interestadual 25, ela pisou no freio e parou. Porque o que

A close-up of a woman's face, focusing on her eyes which are glowing with a bright blue light. The image is partially obscured by dark, shadowy shapes at the bottom, creating a mysterious and intense look.

CHRISTINE POPE

costumava ser o começo da expansão do centro da cidade ... não era.

Em seu lugar, havia um vasto campo aberto coberto de grama soprada, algumas delas até a cintura. Pontilhando esse campo improvável havia zimbros baixos e as estranhas formas cruzadas do cacto de cholla, junto com grupos artísticos de árvores do deserto e rochas vermelhas, semelhantes às plantações que costumavam prosperar no meio da Interestadual 40 quando você se aproximava de Albuquerque a oeste. E bem no centro do campo, que não existia há alguns dias atrás, havia o contorno em blocos do Hotel Andaluz, a estrutura de dez andares saindo da planície como o proverbial polegar dolorido.

Madison resistiu ao desejo de esfregar os olhos. De alguma forma, ela sabia que isso não mudaria o que ela estava olhando. O centro da cidade tinha sumido. À distância, ela podia ver os contornos de alguns edifícios, mas o coração do centro da cidade de Albuquerque aparentemente havia sido apagado da face da terra. Tanto quanto ela podia dizer, a área aberta ocupava cerca de meia milha, com o hotel como epicentro.

A destruição a atingiu. Na verdade, ela poderia chamar isso de destruição quando algo vivo e crescente tivesse sido colocado em seu lugar? O que ela viu diante dela não deveria

ter sido possível, porque as plantas que agora povoavam a pastagem normalmente levavam meses ou até anos para crescer.

Algo muito estranho estava acontecendo aqui.

Seus instintos lhe disseram que ela tinha que sair. Ela não viu nenhum sinal do djinn cujo trabalho era tudo, mas isso não significava muito. Esse prado aberto e de grandes dimensões não oferecia nenhum abrigo, exceto algumas árvores de zimbro que poderiam ter sido altas o suficiente para esconder ela e a bicicleta. Em um lugar como este, ela podia ser vista a uma milha de distância.

Então ela viu algo se movendo para a esquerda, algo alto, seus longos cabelos escuros soprando na brisa.

Ah Merda.

Imediatamente ela virou a bicicleta e começou a pedalar como um maníaco, dando um impulso extra ao motor elétrico. Sua velocidade máxima era limitada a trinta quilômetros por hora, embora ela soubesse que ela havia conseguido mais do que isso, descendo depois de desligar o motor, a única maneira de fazer a maldita moto se mover mais rápido do que seus projetistas pretendiam.

Foi o suficiente para superar um djinn? Mas o ser humano mais rápido do mundo tinha medido cerca de quarenta e oito quilômetros por hora ...

Ele não a viu, ela disse a si mesma. É verdade que ela apenas o vislumbrara, mas parecia que ele estava olhando na outra direção, para longe dela. Se isso fosse verdade, ela tinha uma chance de lutar. E em um minuto ou dois ela estaria em segurança de volta às ruas e edifícios que ainda existiam, e ela poderia dar a ele o deslize então ... se ela precisasse.

O som de passos batendo atrás dela enviou seu coração à garganta. Olhar para trás poderia desacelerá-la, mas ela tinha que saber.

Ele estava lá, atravessando uma área de grama alta antes de emergir na calçada da Avenida Central. Incongruentemente, ela notou que ele parecia ter trocado suas vestes esvoaçantes por um par de jeans e uma camiseta verde escura. Mas ela não podia arriscar mais do que isso, tinha que continuar, não importa o quê.

— Espere!

Sua voz era profunda e ressonante, mesmo quando a chamava. Por alguma razão, ela ficou surpresa que ele falasse inglês. Desta vez, ela não olhou para trás. Ela já havia se abrandado roubando o primeiro vislumbre. Um sorriso sombrio apareceu em seus lábios, no entanto, mesmo quando o terror emprestou força às pernas que se afundavam nos pedais da bicicleta.

Ele realmente achou que ela pararia só porque ele pediu? Ela viu o que aconteceu com os humanos quando djinn os alcançou.

A calçada familiar estava mais uma vez sob os pneus de sua bicicleta. Madison não conseguia suspirar de alívio, porque toda a respiração estava sendo usada para forçar a bicicleta a velocidades para as quais nunca havia sido projetada.

Ele ainda estava atrás dela, apesar de tudo - ela podia ouvir os pés de suas botas batendo na superfície da rua. Por um segundo, ela se perguntou por que ele não tinha ido ao ar para persegui-la, mas então ela lembrou como ele levantou as mãos e a terra tremeu. Ele era um elemento da terra, não um ser do ar. Possivelmente ele não podia voar.

Por favor, Deus, ela pensou. Se isso fosse uma corrida de pés, ela poderia ter uma chance real de se afastar dele.

Ela brincou na rua Walter, na esperança de que o movimento repentino o jogasse fora. Mas ainda não havia passos implacáveis atrás dela. Pelo menos eles *estavam* atrás dela, no entanto. Ele era rápido, mas não era velocista olímpico.

A Avenida Cesar Chávez estava chegando rapidamente. Deveria ir até lá e esperar perdê-lo no complexo esportivo com seus estádios? Não, muitos estacionamentos abertos.

Provavelmente era melhor interromper Gibson, mesmo que isso significasse exagerar um pouco e ter que chegar à base de uma maneira — suave no ventre. — Pelo menos assim, ela podia ziguezaguear pelas ruas residenciais estreitas. Ela conhecia a área, e ele não.

Ela esperava que isso fosse suficiente.

Esquivando-se de carros abandonados, ela virou à esquerda em Gibson e continuou. O problema era que o djinn também. Um homem comum provavelmente já teria começado a ficar sem fôlego agora, mas o som de seus passos nunca diminuiu. Ela fez outra daquelas curvas abruptas da esquerda para a Indiana Street, os pneus guinchando. Na verdade, ela podia sentir a bicicleta derrapando embaixo dela antes que ela pegasse novamente e continuasse.

Seu coração ainda parecia estar grudado na garganta, então realmente não tinha outro lugar para ir depois dessa quase falha. E logo ela teria que tomar uma decisão, porque a essa altura ela estava a apenas um quarto de milha da antiga casa de Clay Michaels e de seu abrigo antiaéreo no quintal. Arriscando uma olhada rápida nos medidores, ela viu que empurrar a bicicleta até o limite havia esgotado a bateria muito mais rapidamente do que o habitual. Deveria usar toda a carga deixada na bicicleta para uma última

explosão de velocidade, na esperança de chegar lá o suficiente antes do djinn para poder trancar o abrigo e mantê-lo fora? Talvez ela devesse fazer outro desvio e rezar para que o perdesse longe o suficiente da casa para que ele nunca pudesse encontrá-la.

Nenhuma das opções parecia particularmente atraente. E uma segunda olhada confirmou que não havia bateria suficiente para ela liderar o djinn em uma perseguição selvagem por Albuquerque.

Merda. Merda.

Ela quase parou nos pedais, pulando para longe, emprestando sua própria energia para aumentar os recursos de sinalização da bicicleta. Desta vez, ela arriscou olhar para trás, só porque precisava saber quanto de liderança ela tinha sobre ele. Já eram uns cem metros, e agora a brecha parecia aumentar um pouco. Bom, mas não bom o suficiente.

Vamos, vamos, ela pediu a bicicleta, mesmo que a essa altura fosse tanto sua própria energia quanto a bateria da bicicleta que a empurrava para frente.

Quando ela puxou o guidão para descer em Sandia Court, a bicicleta deslizou de verdade debaixo dela. Madison podia sentir, sabia que não havia como impedir que caísse. O melhor que ela podia fazer era ficar mole e rezar para que

ela pudesse rolar com ela e se levantar antes que o djinn a alcançasse.

Atrás dela, ela ouviu um som de consternação ao bater na calçada. A dor queimava em seu ombro, e ela não parecia puxar ar para os pulmões. Mas ela quebrou um osso em uma queda de skate quando tinha doze anos, então sabia como era. Ela não achou que tinha quebrado nada dessa vez, mesmo que seu ombro doesse como uma cadela.

O que significava que ela precisava continuar. A casa estava tão perto....

Estremecendo, ela se levantou e cambaleou para frente, ignorando a sensação latejante em seu ombro. Ela poderia lidar com isso mais tarde. Muitos analgésicos no gabinete de primeiros socorros do abrigo.

Mas quando ela chegou ao meio-fio, tropeçou no asfalto irregular, que fora forçado por uma raiz de árvore, e caiu na calçada. Desta vez, a agonia foi tão intensa que ela não conseguiu impedir de gritar, mesmo enquanto tentava se erguer com uma mão e voltar a se levantar.

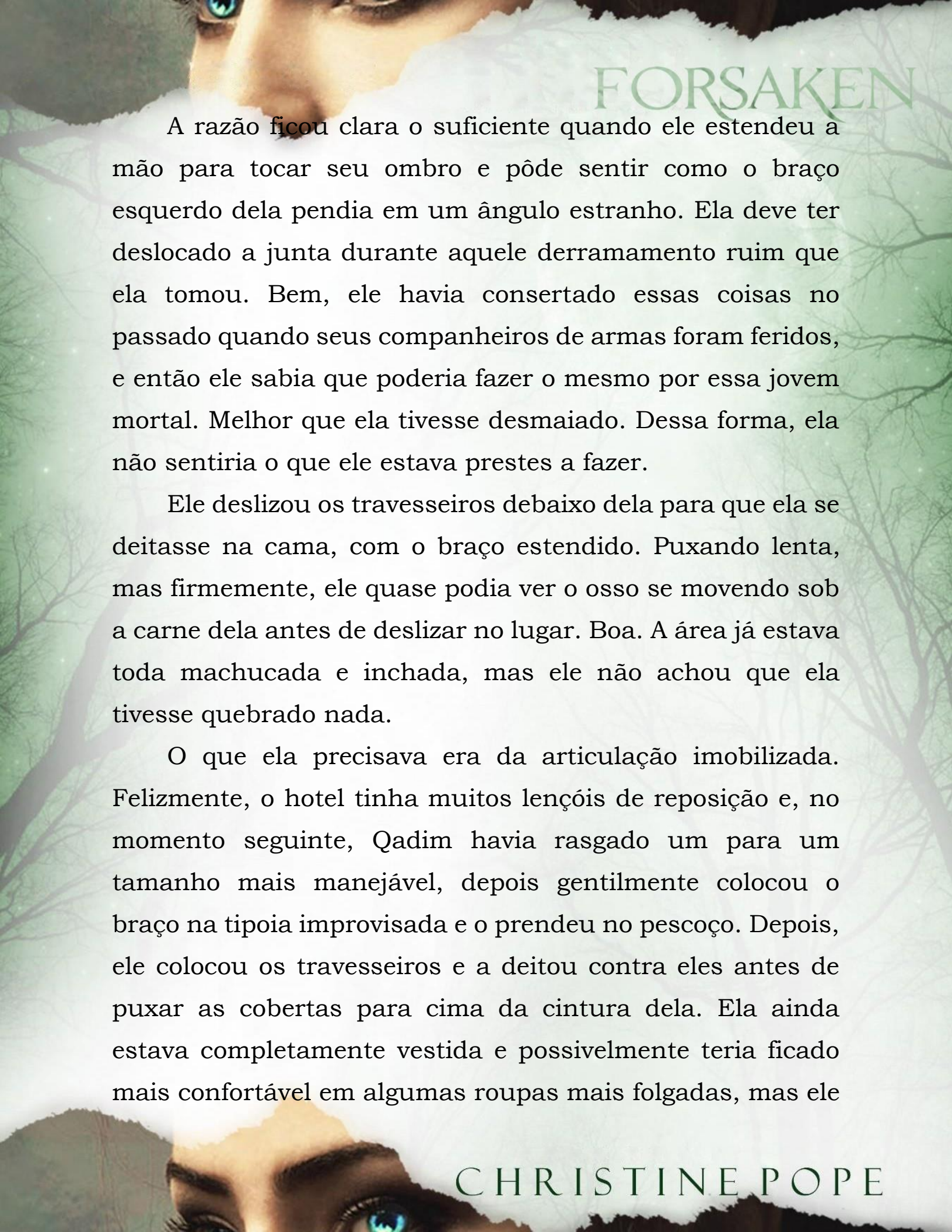
Muito tarde. Braços fortes a envolveram e a levantaram da calçada. Ela tinha uma impressão de profundos olhos escuros olhando para ela e um perfume limpo e quente, como grama seca ao sol, antes de sua cabeça cair contra o redemoinho do bíceps dele e o mundo girar na escuridão.

CAPÍTULO QUATRO

Seu primeiro instinto foi levá-la para sua própria suíte no Hotel Andaluz. Mas então Qadim pensou em qual seria a reação dela quando ela acordou na cama dele e decidiu que provavelmente seria melhor colocá-la em outro lugar. Ele estava hospedado em um hotel, afinal. A única coisa que certamente não faltava eram as camas vazias.

Então ele levou a jovem para o quarto imediatamente abaixo da outra suíte, se não tão luxuosa. Um estalar de dedos convocou roupas limpas das despensas do hotel para colocar na cama, já que as antigas haviam sido polvilhadas com a cinza pálida que indicava que algum homem infeliz havia encontrado sua morte ali. Então ele deitou a garota, mas não antes de tirar as botas baixas resistentes que ela usava, não muito diferentes dos sapatos de caminhada que ele se apropriara.

Durante tudo isso, ela não se mexeu, e Qadim franziu a testa, preocupado que ela tivesse se machucado pior do que ele pensava. Ele não tinha visto a cabeça dela bater no pavimento e, portanto, não achou que ela tivesse uma concussão. Mas ela estava claramente inconsciente, profundamente.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green with faint, dark silhouettes of trees or branches. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

FORSAKEN

A razão ficou clara o suficiente quando ele estendeu a mão para tocar seu ombro e pôde sentir como o braço esquerdo dela pendia em um ângulo estranho. Ela deve ter deslocado a junta durante aquele derramamento ruim que ela tomou. Bem, ele havia consertado essas coisas no passado quando seus companheiros de armas foram feridos, e então ele sabia que poderia fazer o mesmo por essa jovem mortal. Melhor que ela tivesse desmaiado. Dessa forma, ela não sentiria o que ele estava prestes a fazer.

Ele deslizou os travesseiros debaixo dela para que ela se deitasse na cama, com o braço estendido. Puxando lenta, mas firmemente, ele quase podia ver o osso se movendo sob a carne dela antes de deslizar no lugar. Boa. A área já estava toda machucada e inchada, mas ele não achou que ela tivesse quebrado nada.

O que ela precisava era da articulação imobilizada. Felizmente, o hotel tinha muitos lençóis de reposição e, no momento seguinte, Qadim havia rasgado um para um tamanho mais manejável, depois gentilmente colocou o braço na tipoia improvisada e o prendeu no pescoço. Depois, ele colocou os travesseiros e a deitou contra eles antes de puxar as cobertas para cima da cintura dela. Ela ainda estava completamente vestida e possivelmente teria ficado mais confortável em algumas roupas mais folgadas, mas ele

The bottom part of the woman's face is visible at the bottom of the page, showing her eyes and nose, mirroring the top part of the cover.

CHRISTINE POPE

imaginou que ela não teria prazer em acordar e descobrir que ele havia mexido em suas roupas.

Então ele pegou uma das cadeiras da área de estar do outro lado da sala e a colocou ao lado da cama dela. Talvez ela não gostasse de ele sentado ali e a observando, mas ele não achou uma boa ideia deixá-la sem vigilância enquanto ela ainda estava inconsciente. Provavelmente foi a dor que a causou desmaio, é verdade, e ainda assim ele não se perdoaria se as condições dela piorassem enquanto ele estivesse em outro lugar.

Ou talvez apenas ele quisesse ficar onde pudesse olhá-la.

Aparentemente, Hasan estava certo, e essa jovem era a presença humana que o elementar do ar havia sentido. Teria sido menos implacável se soubesse que sua presa era tão bonita?

Pois ela era muito justa de se olhar, com uma juba gloriosa de cabelos ruivos pálidos e pele clara de marfim. Os olhos dela estavam fechados agora, mas ele se lembrou de como eles o encaravam, arregalados de medo, antes que ela se apavorasse. Aqueles olhos eram de um verde profundo e quente, como o melhor jade, cercado por cílios vários tons mais escuros que o cabelo dela. Maças do rosto altas, nariz pequeno e reto e a boca -

Qadim teve que se forçar a parar por aí, pois seus lábios carnudos o fizeram pensar em prazeres que ele imaginou que ela não estivesse disposta a compartilhar. Ainda assim, ele teve que se perguntar quem ela era, e onde ela estava escondida o tempo todo. Ele achava que ela devia ser uma jovem muito engenhosa, pois não ouvira falar de outros mortais que haviam conseguido sobreviver tanto tempo depois dos moribundos, exceto os escolhidos, é claro, e o grupo de pessoas em Los Alamos.

Talvez ela contasse a ele assim que acordasse.

Deus, seu ombro doía. Essa foi a primeira coisa a entrar em sua consciência - uma dor surda e latejante na articulação do ombro esquerdo. Seus olhos se abriram e ela olhou para baixo, para ver que seu braço estava preso em uma tipoia improvisada. A segunda coisa que ela percebeu foi que estava deitada em uma cama grande e luxuosa, seu corpo apoiado em travesseiros.

E a terceira coisa foi que o djinn estava sentado em uma cadeira ao lado da cama, seus olhos escuros a observando com preocupação e um súbito lampejo de alívio.

— Então você está de volta conosco, — disse ele, sua voz ainda mais profunda e ressonante, agora que ele falou baixinho, em vez de gritar para ela parar.

— Acho que sim — - respondeu Madison, sem saber o que mais ela deveria dizer. Na verdade, ela ficou surpresa ao ver que ainda estava viva. Mas o djinn não a matou, na verdade colocou seu ombro no lugar e o colocou na tipoia. Pelo menos, ela supôs que ele devia ter lhe dado sua versão dos primeiros socorros no campo de batalha. Ora, ela não podia começar a adivinhar. Ela olhou para a tipoia, claramente um lençol de hotel que já vira dias melhores. — Seu trabalho?.

Ele assentiu. — Você precisará tomar cuidado para não o mover até que termine a cura.

Nesse momento, ficar parado não parecia ser um grande problema. Mesmo mudando de peso, provocou uma pulsação baixa e pesada no ombro, e ela mordeu o lábio.

— Eu trouxe alguns analgésicos, — disse o djinn, seu olhar piscando em direção à mesa de cabeceira. Sentados, havia vários pacotes de aspirina, ibuprofeno e Tylenol. Ele deve ter comprado na loja de presentes do hotel. — Eu não tinha certeza de qual você preferiria.

Como um djinn sabia sobre analgésicos vendidos sem receita? De acordo com tudo o que lera, a raça sobrenatural era imortal, ou a próxima, e definitivamente não sujeita a dores e dores mortais. Madison decidiu que deixaria suas

perguntas de lado para mais tarde, no entanto, e disse: — O ibuprofeno. Receio que você precise abri-lo.

— Isso não é um problema. — Ele pegou o pacote de ibuprofeno e o abriu. Suas mãos estavam fortes e profundamente bronzeadas, ou talvez esse fosse seu tom de pele habitual. Depois que ele acenou com a cabeça em direção ao braço não ferido, Madison levantou a mão e a segurou com a palma da mão. Ele colocou os comprimidos na mão dela e depois pegou uma garrafa de água que também estava na mesinha de cabeceira.

Como ela não podia tirar a água dele até colocar os comprimidos na boca, ela os colocou na língua e acenou para ele dar-lhe a garrafa. Ele o entregou, e ela conseguiu tomar os dois comprimidos simultaneamente, embora sempre tivesse sido um pouco inepta em tomar remédios. Talvez desta vez ela estivesse ansiosa para que o ibuprofeno circulasse em seu sistema o mais rápido possível.

O djinn assistiu a todo esse procedimento, depois deu um pequeno aceno depois que engoliu mais água e se recostou nos travesseiros. — Você está machucada em outro lugar?.

Ela estava? A dor em seu ombro tinha superado todas as outras dores menores, mas agora que Madison fez uma pausa para fazer um balanço, ela percebeu que

praticamente doía por todo o corpo. Seu joelho provavelmente era o pior, depois do ombro, mas ela tinha quase certeza de que só o machucara muito. Nada parecia quebrado, embora ela soubesse que estaria coberta por um conjunto espetacular de contusões antes de tudo isso acabar. Poderia ter sido muito, muito pior, no entanto. Ela teve sorte.

— Estou ferida, mas vou viver, — respondeu ela. Toda essa situação parecia completamente surreal. Não só ela estava realmente conversando com um dos djinn temíveis, como também não estava tão assustada quanto imaginara. Talvez fosse a maneira calma como ele olhava para ela, ou apenas a percepção de que alguém decidido a matá-la provavelmente não se incomodaria em dar os primeiros socorros. Ela hesitou, imaginando se ousava fazer a pergunta que a incomodava desde que acordara. Ah bem. Nada se aventurou. — Mas por que?.

Ele não fingiu entendê-la mal. Olhos escuros fixos em seu rosto, ele disse: — Nem toda a minha espécie é tão sedenta de sangue quanto você pode acreditar.

— O djinn, você quer dizer.

— Então você sabe o que somos. — O nível, as sobrancelhas escuras franziram em uma careta enquanto

ele continuava a observá-la. — Você já negociou conosco antes?.

— Não diretamente. — Ela ainda segurava a garrafa de água e a tomou e tomou um gole longo antes de continuar: — Eu... vi o que você pode fazer.

Uma sombra passou por suas feições. De perto, havia algo quase de tirar o fôlego nele, sobre os ossos fortes de seu rosto e os cílios grossos que sombreavam seus olhos e os pesados cabelos escuros que corriam parcialmente pelas costas. Não, ele não era um garoto bonito, mas Madison nunca teve muita utilidade para garotos bonitos. Ela gostava de rostos com caráter e distinção.

Você não deveria estar pensando na aparência dele, pensou ela, embora algo em sua voz interior não tivesse convicção. Talvez tenha sido tão bom estar conversando com alguém. Qualquer um. Mesmo um desses elementais assustadores. Até aquele momento, ela nem tinha percebido o quão sozinha estava, como desolada. Ela havia trabalhado por conta própria para tentar ignorar como o universo parecia tê-la abandonado. A mesma voz interior assumindo uma nota feroz, ela disse a si mesma: *Ele é um djinn. Seu povo destruiu o mundo.*

Bem, para ser justo, eles destruíram a humanidade. O próprio mundo parecia estar indo bem.

— Isso é lamentável, — disse ele. Seus lábios se apertaram por um segundo e depois acrescentou: — Não somos todos assim.

Você poderia ter me enganado, pensou Madison, mas ela não respondeu imediatamente. Por qualquer motivo, ele a ajudou, e apontar as qualidades assassinas de seus companheiros djinn não parecia a melhor maneira de ficar do seu lado bom. — Acho que não, — disse ela após uma pausa que ele deve ter notado.

Ele não comentou, no entanto, mas apenas deu uma pequena elevação de seus ombros. Então ele disse, mudando claramente de assunto: — Qual é o seu nome?.

— Madison. Madison Reynolds.

Uma expressão de confusão passou por seu rosto. — Madison? Este é o nome de uma mulher? Eu nunca ouvi isso antes.

Ela deu uma risada sombria. — Bem, não costumava ser o nome de uma garota. Era para ser uma piada em um filme de comédia romântica dos anos 80, mas muita gente não entendeu a piada que se tornou um nome real.

Agora ele parecia ainda mais intrigado, as sobrancelhas estremecendo enquanto tentava entender o que ela acabara de dizer.

Cessando, ela disse: — Tudo bem. Não se preocupe com isso. Qual o seu nome?.

— Eu sou Qadim al-Syan.

O som obviamente do Oriente Médio do nome a surpreendeu um pouco, mas ela supôs que fazia algum sentido. O djinn apareceu pela primeira vez naquela parte do mundo, ou pelo menos foi na Arábia antiga e seus arredores que essas lendas surgiram originalmente. — Posso chamá-lo de Qadim, ou você prefere a coisa toda?.

Uma luz repentina entrou em seus olhos, e ele quase sorriu. — Qadim está bem. E também é bom se eu te chamar de Madison?.

— Certo.

Ele parou então, observando-a tão de perto que ela podia sentir um rubor subir por suas bochechas. Não foi que ela detectou algo malicioso ou inapropriado em seu olhar, apenas que ela não estava acostumada a ser submetida a esse tipo de escrutínio. Sua próxima pergunta foi bastante inócua, no entanto. — Está com fome? Devo trazer algo para você comer?.

Talvez fosse uma boa ideia comer algo para amortecer o ibuprofeno, mas Madison sabia que seu apetite havia fugido por um momento. Ela percebeu então como estava cansada, o quanto doía por toda parte. Por mais louco que

possa parecer, o que ela realmente queria era dormir. Normalmente, seus instintos de sobrevivência gritavam para ela não a baixar, nem por um segundo, mas parecia que ela havia feito o possível para convencer-se de que Qadim não lhe causava nenhum dano. Caso contrário, por que ele teria se dado ao trabalho de lhe dar um tratamento e garantir que ela estivesse acomodada em uma cama confortável?

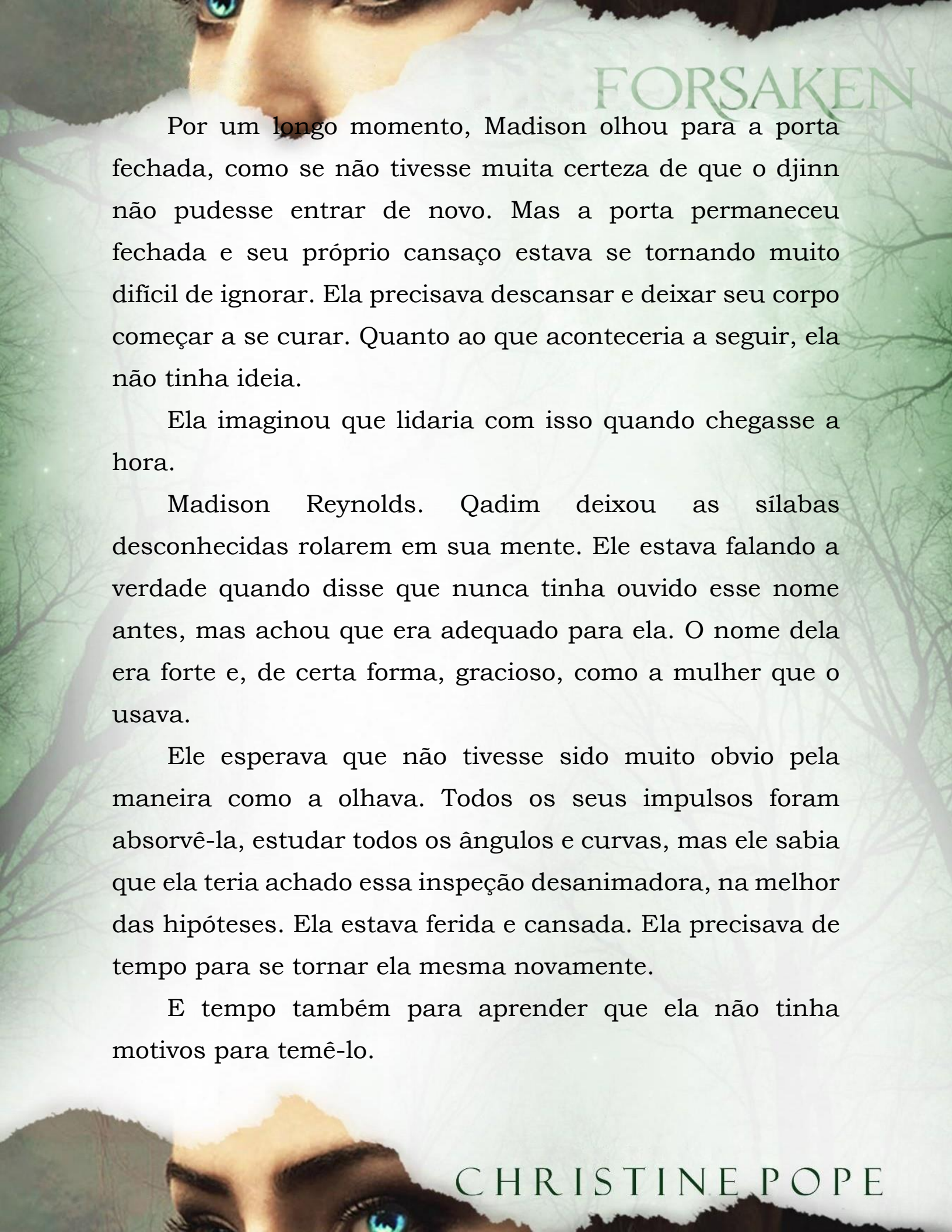
De qualquer forma, dar-se um tempo para descansar era apenas bom senso. Ela não seria capaz de realizar muito de nada - incluindo se afastar daqui se tivesse a oportunidade - com a maneira como se sentia agora.

— Eu realmente não estou com tanta fome, — respondeu ela, e tentou ignorar o lampejo de decepção em seus olhos. — Tudo bem se eu descansar um pouco?

— Claro. Seria bom para você dormir, eu acho. Vou verificar você em algumas horas, quando seria a hora da refeição da noite. Você pode me dizer se está pronto para comer alguma coisa.

— Obrigado, — disse ela.

Ele assentiu e se levantou da cadeira. A mais breve das hesitações, como se ele pretendesse dizer outra coisa. Mas parecia que ele pensou melhor, porque ele apenas lhe ofereceu um aceno de cabeça antes de ir para a porta da suíte e sair.



FORSAKEN

Por um longo momento, Madison olhou para a porta fechada, como se não tivesse muita certeza de que o djinn não pudesse entrar de novo. Mas a porta permaneceu fechada e seu próprio cansaço estava se tornando muito difícil de ignorar. Ela precisava descansar e deixar seu corpo começar a se curar. Quanto ao que aconteceria a seguir, ela não tinha ideia.

Ela imaginou que lidaria com isso quando chegasse a hora.

Madison Reynolds. Qadim deixou as sílabas desconhecidas rolares em sua mente. Ele estava falando a verdade quando disse que nunca tinha ouvido esse nome antes, mas achou que era adequado para ela. O nome dela era forte e, de certa forma, gracioso, como a mulher que o usava.

Ele esperava que não tivesse sido muito obvio pela maneira como a olhava. Todos os seus impulsos foram absorvê-la, estudar todos os ângulos e curvas, mas ele sabia que ela teria achado essa inspeção desanimadora, na melhor das hipóteses. Ela estava ferida e cansada. Ela precisava de tempo para se tornar ela mesma novamente.

E tempo também para aprender que ela não tinha motivos para temê-lo.

CHRISTINE POPE

Maldito Hasan al-Abyad e todos os seus irmãos assassinos. Qadim tinha visto a escuridão nos olhos claros de Madison, só podia adivinhar os horrores que ela deve ter testemunhado. Durante seus esforços de demolição, ele se deparou com ruas onde manchas de sangue haviam sido cozidas diretamente na estranha substância negra que os humanos costumavam pavimentar suas estradas. Ele não queria adivinhar o tipo de violência que criara um marcador tão permanente de suas consequências ... e, no entanto, Madison tinha visto essas coisas por si mesma. Ele supôs que deveria estar feliz por ela não ter tentado fugir dele, mesmo com todos os ferimentos.

Certamente isso deve ser um bom sinal.

Ela disse que não estava com fome, mas ele sabia que seu corpo exigiria nutrição para ajudá-lo no processo de cura. Enquanto ela dormia, ele faria algo delicioso para ela comer. Ele teria que esperar que ela não se importasse se ele comesse sua refeição da noite no mesmo horário em que ela a dela. Isso não deve ser pedir demais.

Os djinn sempre conseguiram convocar os componentes para as refeições de onde quer que quisessem, e, portanto, Qadim não precisava se preocupar com toda a comida que estragara os congeladores e armários do hotel meses antes. Ele limpou tudo isso assim que determinou que o Hotel

Andaluz seria sua nova casa, depois se certificou de que tudo estava completamente limpo. Muitos de seu povo não se importavam em cozinhar e conjuravam as refeições já preparadas, mas Qadim sempre gostara do processo. Havia algo singularmente sensual em combinar os ingredientes da melhor forma possível, experimentar e provar e criar infinitas variações do mesmo tema.

E, para ser justo, ele também gostava de servir um pouco de vinho para ajudar as coisas a progredirem.

Como Madison foi ferida há pouco tempo, ele queria fazer algo que fosse fácil para ela comer e não exigiria nenhum corte. E também não muito pesado, pois ele queria que ela dormisse facilmente, sem uma refeição exagerada pesando no estômago. Uma variação de um índio indiano que ele admirava há muito tempo faria bem, com arroz e legumes, e usando frango em vez de cordeiro.

Os ingredientes que ele precisava esperavam por ele, deitados no balcão ou na geladeira. Embora ele preferisse o brilho mais suave e quente da luz de velas, ele achava que a eletricidade tinha seus usos, especialmente quando se tratava de preservar alimentos.

Enquanto se ocupava em preparar a refeição, Qadim não pôde impedir que seus pensamentos vagassem para o nono andar do hotel onde Madison Reynol dormia em sua

cama emprestada. Apenas a mera imagem de seu cabelo glorioso espalhado no travesseiro foi suficiente para enviar um arrepio de excitação por ele, mas ele o afastou. Ele não negaria a si mesmo que a queria, mas ela estava ferida e com medo. Ele deve ser gentil e gentil, e esperar que ela se aqueça com ele com o passar do tempo.

Gentil e gentil, ele pensou com um toque irônico na boca. *Duvido que muitos usariam essas palavras para me descrever.*

Certamente não Julia Innes, a quem ele sequestrara para ajudar ainda mais os fins retorcidos de sua irmã. É verdade que Qadim acabou ajudando Julia e suas amigas, mas na época suas motivações eram qualquer coisa, menos puras. Ele só queria escapar da ira do Conselho. Mas, sendo o Conselho, eles tinham visto através dele com facilidade. E agora ele estava aqui em Albuquerque.

Que tinha seus próprios tesouros escondidos. Ele olhou para cima, embora nem mesmo o olhar de um djinn pudesse penetrar em tantas camadas de concreto e aço para encontrar a mulher que dormia nove andares acima. Talvez um dia ela confiasse nele e lhe dissesse como conseguiu sobreviver mais de um ano sozinha, mas ele resolveu não a provocar. Se ela quisesse contar a ele, diria.

Enquanto isso, ele esperava que ela apreciasse o jantar de frango que ele preparara para ela.

Um cheiro delicioso entrou na sala, e os olhos de Madison se abriram. Por apenas um segundo, ela teve um momento de pânico, pois sabia que essas eram as últimas pôr do sol que espreitavam em torno das persianas e, é claro, o bunker onde ela morava no ano passado não tinha janelas. Mas então a memória voltou, e ela lembrou que estava no Hotel Andaluz, trazida aqui pelo djinn chamado Qadim.

E lá estava ele, parado junto à porta, com o companheiro incongruente de um carrinho de serviço de quarto ao lado dele. — Você dormiu bem?.

— Eu dormi, — respondeu Madison, percebendo com alguma surpresa que ela tinha. Apenas por algumas horas, mas isso foi tempo suficiente para o ibuprofeno reagir e reduzir a dor em seu ombro a uma pulsação monótona.

— E você está com fome agora?.

— Como eu não poderia estar, quando você trouxe algo que cheira tão bem?.

Suas feições bastante duras relaxaram em um sorriso. — Fico satisfeito por ouvir isso. Isso é frango korma. Você gosta de comida indiana?.

— Adoro, — disse ela, que era apenas a verdade. Ela e Jacob costumavam sair para comer comida indiana várias

vezes por mês. Com uma leve pontada de surpresa, ela percebeu que era a primeira vez que pensava em seu ex em meses. Passara a maior parte do tempo resolutamente sem pensar em ninguém no passado, para evitar pensar no fato sombrio de que todos que ela conhecia e amava estavam mortos. De qualquer forma, lembrar de Jacob só trouxe uma nova rodada de autorrecreminações. Ela não iria com ele para Washington, e ele não queria ficar em Albuquerque. Ele morreu sozinho? No tempo em que eles se separaram, antes que o Heat chegasse, ela não tinha ouvido através da videira do Facebook que ele estava namorando alguém ...

Qadim não pareceu notar sua distração e, em vez disso, levou o carrinho de serviço de quarto para o quarto, para que ele pudesse colocá-lo ao lado de sua cama. Forçando-se a voltar ao presente, Madison sentou-se um pouco mais ereta e empurrou-se contra os travesseiros. Seu ombro torceu, mas não tanto quanto quando tentara uma manobra semelhante apenas algumas horas atrás. Isso não poderia ser o ibuprofeno. Era como se o djinn tivesse feito um bom trabalho ao redefinir seu ombro.

Para sua surpresa, ela viu que ele havia trazido uma garrafa de chardonnay para acompanhar a refeição. — Você tem certeza de que é uma boa ideia? — ela perguntou, então

preocupada que ele pensasse que ela estava perguntando sobre algo além de interações medicamentosas básicas.

Mas ele apenas disse: — Você só tomou um analgésico de baixo nível, — quando ele levantou a tampa de metal de uma das placas. — Um pouco de vinho não deve fazer diferença. De fato, provavelmente ajudará.

— Relaxante muscular, — ela comentou, e ele assentiu.

— Precisamente.

Ela ficou em silêncio, observando enquanto ele terminava de preparar a refeição. Aparentemente, ele já havia retirado a rolha do vinho antes de aparecer, porque a derramou imediatamente. Não é demais, apenas uma polegada e meia em seu copo.

— Você pode começar com isso e ver como se sente, — disse ele.

Bem, isso parecia bastante prudente. Ele colocou o carrinho no lado direito dela, então não era muito estranho estender a mão e levantar o copo de vinho para que ela pudesse beber. O vinho estava fresco e limpo em sua língua, e ela pôde sentir o álcool no segundo em que atingiu seu estômago. Nenhuma grande surpresa, ela supôs, já que ela não tinha nada mais forte para beber do que o chá desde que se refugiou no abrigo. Clay sabiamente evitou abastecer

o local com qualquer coisa alcoólica, e embora Madison supusesse que ela poderia ter comprado uma variedade de vinhos raros e caros e outros licores enquanto estava procurando, ela evitou a tentação. Seria muito fácil se beber até a morte naquele bunker.

Então ela percebeu que talvez tivesse sido rude, que ela provavelmente deveria ter esperado Qadim tomar um gole de vinho também. — Sinto muito, — disse ela. — Isso foi meio que meu problema. É só... já faz um tempo.

— Não há necessidade de desculpas, — respondeu ele. O olhar dele se moveu do copo que ela segurava e para o rosto. Apenas por um segundo, porém, antes de beber um pouco de seu vinho. — É muito bom.

— Sim, — ela concordou.

— Você não tinha vinho onde estava hospedada?.

Parecia uma pergunta bastante inócua, mas Madison não pôde deixar de olhar rapidamente para ele para ver se havia algum subtexto que ela poderia estar faltando. Afinal, ela achou bastante provável que ele quisesse descobrir onde ela estava morando no ano passado, apenas para satisfazer sua curiosidade.

Isso não iria acontecer. Certo, ele provavelmente já imaginou que o esconderijo dela deveria estar em algum lugar do bairro onde ela caíra da bicicleta elétrica, mas havia

pelo menos trinta casas naquela rua. Estreitar isso levaria algum tempo, principalmente porque a entrada do abrigo antiaéreo estava tão bem escondida.

— Não, — ela respondeu. — O vinho não é necessário para a sobrevivência.

— Eu posso ter que discordar de você sobre isso.

Havia um brilho tão perverso em seus olhos naquele momento que Madison podia sentir sua boca se curvando em um sorriso apesar de si mesma. — Tudo bem - não é necessário para subsistência.

— Suponho que isso seja verdade. — Ele largou o copo e empurrou o prato do lado dela do carrinho de servir o mais perto possível da borda. — Você pode alcançar isso?.

Seria um pouco exagerado, mas ela pensou que poderia conseguir. Ela se perguntou se deveria tentar sentar-se mais ereta, mas os travesseiros estavam apoiando seu ombro muito bem, e ela não queria perturbar o acordo atual. Então ela pegou o garfo e espetou um dos pedaços de frango nele. — Pedaco de bolo.

Qadim parecia um pouco intrigado. — Frango, — ele a corrigiu.

Mais uma vez ela teve que lutar contra o desejo de sorrir. O inglês dele era muito bom, mas parecia que as

expressões não estavam em seu vocabulário. — Eu só quis dizer que era simples o suficiente.

— Ah bom. — Ele pegou seu próprio garfo, pegou um pouco de frango e arroz e depois engoliu.

Madison ainda tinha que dar uma mordida. A comida parecia boa e cheirava ainda melhor, mas e se ele tivesse feito alguma coisa, medicado de alguma forma?

Para quê? sua mente zombou dela. *Você está deitado aqui com um braço inutilizável. Se ele quisesse tentar algo, já o teria feito.*

Supondo que os djinn estavam interessados em seres humanos. Bem, além de matar, isso era.

Então ela colocou o pedaço de frango na boca. Especiarias sutis rolaram sobre sua língua, trazendo consigo outra onda de memória, de sentar naquele lugar indiano louco em Menaul e alimentar Jacob com pedaços de naan entre mordidas de korma. A comida do anel de Sha tinha deixado os dois tão excitados que voltaram para o apartamento de Jake e fizeram sexo ali mesmo no tapete da sala, porque nenhum deles queria perder o tempo necessário para chegar ao quarto.

O calor inundou suas bochechas, e ela pousou o garfo e pegou seu copo de chardonnay para poder engolir em seco.

— Algo está errado? — Qadim perguntou, dando-lhe um olhar curioso. — Você não gostou da comida?.

— Hum, não, está tudo bem. Mais do que bem, na verdade. É melhor do que qualquer coisa que eu provado em um restaurante. — Ela não se deu ao trabalho de acrescentar que os dias de restaurantes indianos - ou qualquer tipo de restaurante - se foram há muito tempo.

E ela com certeza não mencionaria como aquela lembrança espontânea dela e de Jake se enroscando como um casal de coelhos enlouquecidos no chão enviou uma descarga indesejada de calor por toda ela. A solidão geral já era ruim o suficiente, mas a falta de qualquer tipo de intimidade física era ainda pior. Se ela soubesse, antes do Heat varrer o mundo, que ela nunca mais iria transar, ela teria saído e escolhido o primeiro estranho promissor em uma boate, em vez de ser a boa garota que ela tinha sido criada para ficar e esperando até o próximo relacionamento aparecer. Às vezes, a virtude definitivamente não era sua própria recompensa.

— Estou satisfeito em ouvir isso, — disse Qadim formalmente, embora um certo ponto em sua inflexão parecesse indicar que ele poderia dizer que ela estava escondendo algo.

Ela teria que assistir isso. Ele poderia ser um djinn, mas ele parecia e agia como humano o suficiente, e ele parecia ser melhor na leitura de seres humanos do que uma criatura de outro mundo tinha o direito.

Talvez tivesse sido melhor se ele tivesse ficado com as roupas das Noites Árabes que ela o viu pela primeira vez. Porque agora, naquela camiseta escura e calças desbotadas Levi's e botas de trabalho, ele parecia muito humano.

Empurrar um pouco mais de korma em sua boca parecia a melhor maneira de encobrir a pausa embaraçosa que se seguiu à sua última declaração. Ela mastigou, forçando-se a se concentrar no sabor. Realmente foi muito bom; o elogio anterior não tinha sido vazio.

— Você realmente fez tudo isso? — ela perguntou, quando terminou de mastigar.

— Sim. Eu gosto de cozinhar.

Se ele dissesse que gostava de vestir um tutu e uma silhueta em silhueta no Bolshoi, ela não poderia ter ficado mais assustada. — Seriamente?

Uma sobrancelha se levantou. — Você parece surpresa.

Madison começou a encolher os ombros, depois se deteve abruptamente quando uma pontada desagradável atravessou seu ombro esquerdo danificado. - Suponho que

não tinha pensado que um djinn precisaria cozinhar. Você pode simplesmente estalar os dedos ou torcer o nariz ou o que quer que faça a comida aparecer.

— Isso é o que alguns do meu tipo fazem, — disse ele.
— Talvez não seja o nariz enrugado, no entanto.

— Parece que seria muito mais fácil simplesmente mostrar o seu jantar em vez de fazer uma grande bagunça na cozinha e levar horas.

— Você não gosta de cozinhar?

— Eu odeio, — disse ela sem rodeios, depois pegou seu vinho e bebeu mais um pouco.

Ao longo de sua vida de namoro, ela conheceu vários homens que foram imediatamente adiados por admitir que não suportava cozinhar. Qadim, por outro lado, parecia mais curioso do que qualquer outra coisa. — Por quê?

A pergunta inevitável. Ela estava começando a desejar não ter dito nada, mas algo sobre estar perto de outra pessoa - mesmo que essa outra pessoa fosse djinn - parecia ter retirado o muro que ela costumava colocar ao seu redor.

Mas ele estava sentado ali, observando-a e claramente esperando que ela respondesse. Talvez ela devesse dar-lhe uma resposta simplista no sentido de que seria suficiente para impedi-lo de fazer mais perguntas.

Ela pensou que ele merecia mais do que isso, no entanto. Alguém poderia argumentar que ela nunca teria se machucado em primeiro lugar se ele não a tivesse perseguido, mas ele não lhe desejou nenhum dano. Ele não queria saber quem ela era.

E ele a havia remendado. Ela sempre lhe devia isso.

Outro gole de chardonnay, e Madison disse: — Quando eu tinha dez anos, minha mãe ficou doente. Câncer nos ossos. Muito rápido, muito agressivo. — Ela fez uma pausa e olhou para o djinn, que absorveu essa informação com um aceno baixo, mas não disse nada. — Você sabe o que é câncer, certo?

— Sim, — ele respondeu. — Ou seja, na medida em que afeta os seres humanos. Djinn pode se machucar, mas não podemos ficar doentes. Portanto, não sofremos com esse tipo de doença.

Deve ser legal, ela pensou. Ela arquivou as informações de que djinn poderia ser ferido para possível uso em uma data posterior. Não que ela necessariamente quisesse machucar Qadim, mas ... apenas por precaução.

— Ela estava dentro e fora do hospital para tratamentos. Eles a deixaram tão doente quanto o câncer. Meu pai estava apenas tentando manter as coisas unidas - ele tinha um emprego poderoso e precisava manter o foco -

então eu fiz o que pude para ajudar. Isso incluía tentar alimentar a todos.

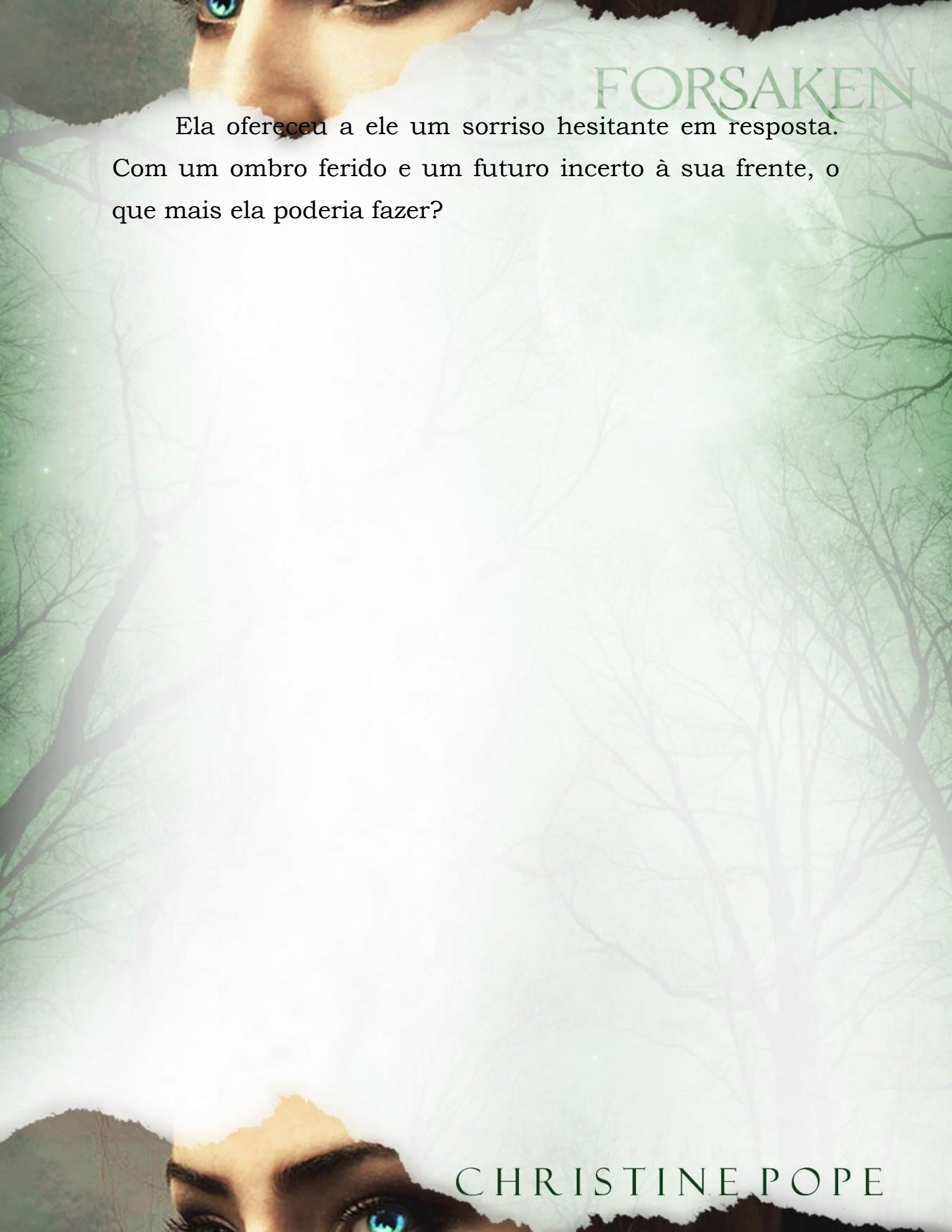
— Mesmo que você fosse apenas uma criança?.

— As crianças mais jovens do que eu fizeram muito piores. — Pobreza e fome, abuso e negligência. Pelo menos Madison nunca tinha ido para a cama com fome, tinha pais que a amavam. As palavras finais de sua mãe foram um sussurro. *Sinto muito*, como se fosse culpa dele que o câncer tivesse surgido do nada e a consumido. Alguns dedos queimados e ensopados fracassados não podiam competir com isso.

E havia Qadim olhando-a com compaixão nos olhos. Como se um djinn pudesse entender o que ela havia passado. Ela não queria que ele tivesse pena dela.

— Isso foi há quase dezessete anos atrás, — disse ela, sabendo que ele provavelmente podia ver através da fragilidade de seu tom. — Eu superei.

Seu silêncio foi eloquente, parecendo indicar que ele não acreditava nela..., mas que ele também não a contradizia. Por fim, ele disse, levantando a boca levemente em um canto: — Bem, você pode ter certeza de que não espero que você cozinhe.



FORSAKEN

Ela ofereceu a ele um sorriso hesitante em resposta.
Com um ombro ferido e um futuro incerto à sua frente, o
que mais ela poderia fazer?

CHRISTINE POPE

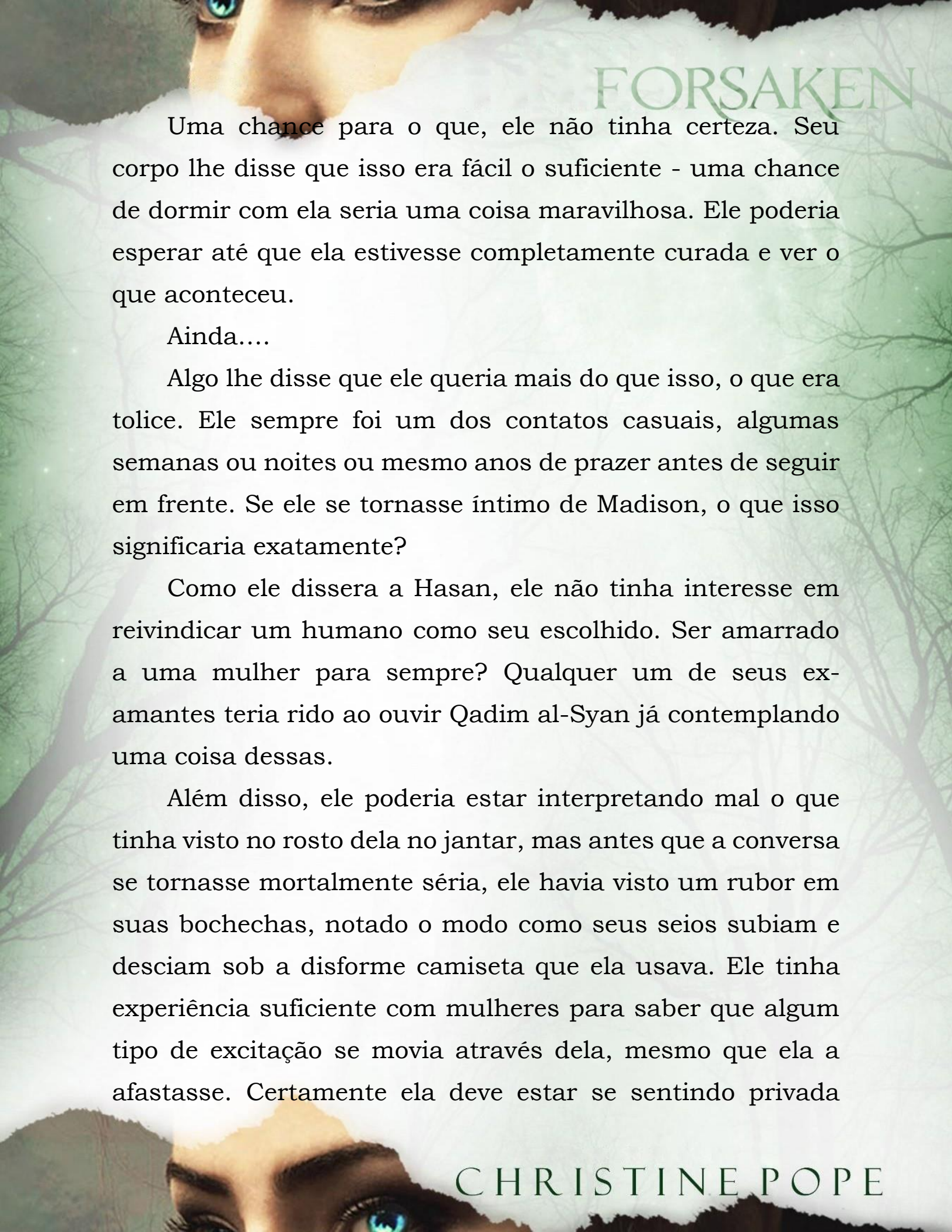
CAPÍTULO CINCO

Muita dor. Parecia que Madison Reynolds havia sofrido bastante em sua curta vida, mesmo antes do Heat chegar e varrer tudo.

Mas Qadim percebeu que não queria discutir mais o assunto, parecia lamentável que tivesse surgido. Ele deixou tudo em paz, e depois que eles terminaram de comer, ele silenciosamente disse a ela que ela encontraria todos os artigos de higiene necessários no banheiro, depois a deixou se retirar para a noite. Ela já estava muito cansada até então, seus lindos olhos verdes manchados de sombra. O dia já tinha sido bastante difícil para ela sem que ele trouxesse lembranças indesejadas.

Ela falou com ele, no entanto. Isso foi alguma coisa. Ela poderia ter comido em silêncio pedregoso, recusando-se a reconhecer a conversa dele. Talvez fosse apenas pelo fato de ela estar sozinha por tanto tempo que qualquer tipo de interação fosse seu para próprio bem, mesmo que essa interação envolvesse falar com alguém da raça responsável pela destruição de seu mundo.

Ainda assim, sua abertura era esperançosa. Isso significava que ele poderia ter uma chance.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green with faint, dark outlines of trees or foliage. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

FORSAKEN

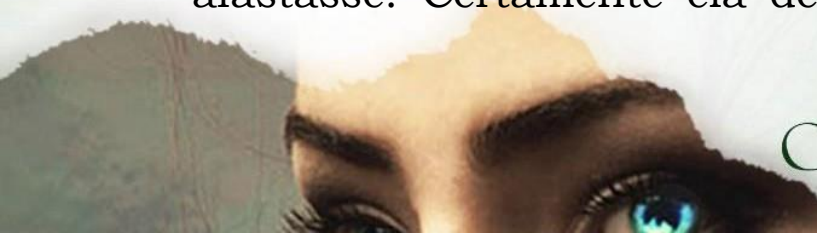
Uma chance para o que, ele não tinha certeza. Seu corpo lhe disse que isso era fácil o suficiente - uma chance de dormir com ela seria uma coisa maravilhosa. Ele poderia esperar até que ela estivesse completamente curada e ver o que aconteceu.

Ainda....

Algo lhe disse que ele queria mais do que isso, o que era tolice. Ele sempre foi um dos contatos casuais, algumas semanas ou noites ou mesmo anos de prazer antes de seguir em frente. Se ele se tornasse íntimo de Madison, o que isso significaria exatamente?

Como ele dissera a Hasan, ele não tinha interesse em reivindicar um humano como seu escolhido. Ser amarrado a uma mulher para sempre? Qualquer um de seus ex-amantes teria rido ao ouvir Qadim al-Syan já contemplando uma coisa dessas.

Além disso, ele poderia estar interpretando mal o que tinha visto no rosto dela no jantar, mas antes que a conversa se tornasse mortalmente séria, ele havia visto um rubor em suas bochechas, notado o modo como seus seios subiam e desciam sob a disforme camiseta que ela usava. Ele tinha experiência suficiente com mulheres para saber que algum tipo de excitação se movia através dela, mesmo que ela a afastasse. Certamente ela deve estar se sentindo privada

The bottom part of the book cover shows the lower half of the woman's face, including her mouth and chin, also with a torn paper effect.

CHRISTINE POPE

depois de viver sozinha por tanto tempo. O que havia de errado em compartilhar algum prazer, mesmo que esse prazer acabe chegando ao fim?

Nada mesmo. E uma vez que ela estivesse completamente curada e capaz de tais coisas, ele veria como ela era receptiva à sugestão.

Na manhã seguinte, Madison julgou o ombro em boa forma para achar que deveria poder tomar um banho. Lavar o cabelo de uma só vez seria um pouco complicado, mas ela imaginou que conseguiria. De qualquer forma, ela queria se limpar, e uma rápida inspeção do banheiro mostrou que ele realmente estava, como Qadim alegou, bem abastecido com produtos de higiene pessoal - xampu, sabonete e pasta de dente e qualquer outra coisa que ela pudesse precisar. Havia até peças de reposição na cômoda, roupas íntimas, jeans e várias camisetas.

Nada extravagante, porém, nada com babados. Aparentemente, o djinn não faria a manobra padrão de vilão de fazer seu vestido em cativeiro com algo provocador para que ele pudesse examiná-la completamente antes de começar a trabalhar.

Mas Qadim não era um vilão. Pelo menos, Madison achou que não. A menos que ele fosse o tipo de vilão que gostava de jogar o jogo longo.

Se ele estivesse, ela não achava que havia muito que pudesse fazer sobre isso.

Mesmo assim, ela garantiu que a porta da suíte e a porta do banheiro estivessem trancadas com segurança. Se isso era suficiente para manter um djinn, ela não tinha ideia. Provavelmente não, mas, novamente, ela era apenas uma fêmea humana com um ombro deslocado; suas opções eram bastante limitadas no momento.

Escorregar para fora da tipoia e depois para fora de sua camiseta foi um processo demorado, que a fez cerrar os dentes com dor e desejando que tivesse ingerido mais ibuprofeno antes de iniciar o procedimento. Uma vez que ela estava no chuveiro, porém, a água quente ajudou a aliviar parte do desconforto. Ela não perguntou como havia água quente corrente quando a infraestrutura do planeta inteiro estava completamente destruída. Mais magia djinn, ela supôs, do mesmo tipo que conjurou todos os ingredientes corretos para o korma de frango, legumes e arroz. Ela havia escovado os dentes na noite anterior, mas ainda podia provar a refeição, a primeira coisa que teve em um ano que não foi feita a partir de ingredientes enlatados, congelados ou liofilizados. Foi sublime.

Qadim não mencionara nada sobre o café da manhã, mas ainda era cedo, o sol mal ultrapassava o horizonte.

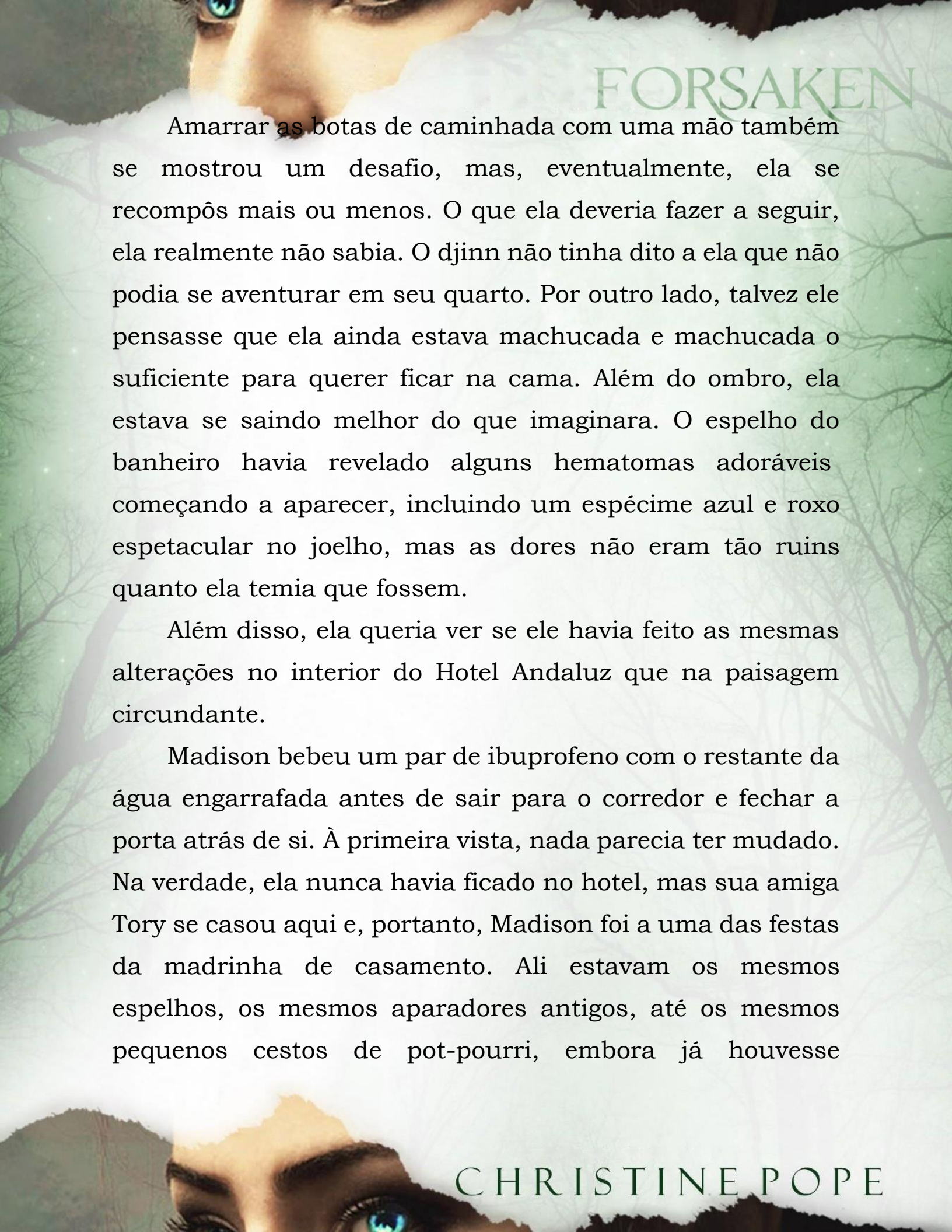
Normalmente, ela não acordava tão cedo, mas tinha dormido quase na noite anterior. E, apesar de ainda doer, ela poderia dizer que seu ombro havia melhorado muito mais enquanto descansava. Mais alguns dias, e ela provavelmente seria tão boa quanto nova.

E então? ela pensou enquanto desajeitadamente secava os cabelos com uma mão e depois esfregava um pouco de gel nele. *Qadim só vai deixar você ir embora?*

Talvez. Esperançosamente. E caminhar era tudo o que ela poderia fazer, pois tinha certeza de que sua bicicleta estava fora de serviço.

Ela ainda não tinha entendido o que Qadim queria dela. Ele não se comportou como um homem sexualmente atraído por uma mulher. Mas então, como ela começaria a adivinhar a maneira como um djinn poderia agir nessa situação?

Franzindo a testa, ela terminou de se vestir antes de deslizar o braço machucado de volta em sua tipoia. Os produtos de higiene pessoal fornecidos não incluíam maquiagem, exceto um protetor labial colorido, então Madison espalhou um pouco disso nos lábios. Seu reflexo ainda parecia cansado, mas não havia muito que ela pudesse fazer sobre isso. Não era como se ela estivesse tentando impressionar Qadim.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, with a soft, ethereal glow. The background is a mix of light green and white, with faint, dark green silhouettes of trees or foliage. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

FORSAKEN

Amarrar as botas de caminhada com uma mão também se mostrou um desafio, mas, eventualmente, ela se recompôs mais ou menos. O que ela deveria fazer a seguir, ela realmente não sabia. O djinn não tinha dito a ela que não podia se aventurar em seu quarto. Por outro lado, talvez ele pensasse que ela ainda estava machucada e machucada o suficiente para querer ficar na cama. Além do ombro, ela estava se saindo melhor do que imaginara. O espelho do banheiro havia revelado alguns hematomas adoráveis começando a aparecer, incluindo um espécime azul e roxo espetacular no joelho, mas as dores não eram tão ruins quanto ela temia que fossem.

Além disso, ela queria ver se ele havia feito as mesmas alterações no interior do Hotel Andaluz que na paisagem circundante.

Madison bebeu um par de ibuprofeno com o restante da água engarrafada antes de sair para o corredor e fechar a porta atrás de si. À primeira vista, nada parecia ter mudado. Na verdade, ela nunca havia ficado no hotel, mas sua amiga Tory se casou aqui e, portanto, Madison foi a uma das festas da madrinha de casamento. Ali estavam os mesmos espelhos, os mesmos aparadores antigos, até os mesmos pequenos cestos de pot-pourri, embora já houvesse

CHRISTINE POPE

desaparecido completamente e já não emitisse nem mesmo um fantasma de perfume.

As arandelas nas paredes eram escuras, no entanto. Em vez disso, velas acenderam nas mesas laterais, dando iluminação suficiente para Madison atravessar o corredor. Quando ela alcançou os elevadores, ela fez uma pausa. Havia luz elétrica em seu quarto; as velas pareciam mais uma afetação do que qualquer outra coisa. Mesmo assim, ela não achou uma boa ideia arriscar usar o elevador.

A escada estava bem iluminada, porém, e era fácil o suficiente para ela descer os oito lances de escada até o nível do saguão. Quando ela abriu a porta e colocou a cabeça para fora, tudo parecia estar deserto.

O que você esperava? ela se perguntou. *Qadim ainda está em sua suíte, provavelmente, e não é como se você tivesse amigos que vão aparecer.*

E ela teve que rezar para que Qadim também não tivesse amigos, pelo menos não do tipo que aparecesse sem aviso prévio. Ele parecia aberto e amigável o suficiente, mas ela sabia que era melhor não esperar que todos os djinn fossem assim. Não, a experiência sombria a havia ensinado que eles eram exatamente o oposto de amigos.

O saguão também parecia relativamente inalterado. Havia as casbahs ao longo da parede, onde você podia sentar

com um encontro e tomar uma bebida e alguns aperitivos. A cachoeira ainda fluía em uma e o banco de votos na outra tremeluzia com uma luz inquieta. Alguma parte dela relaxou um pouco, aliviada por essa parte do velho mundo ter resistido. Ela se perguntou se Qadim a preservaria nesse estado, porque isso o lembrava do mundo de onde ele havia vindo.

Vagando pela salinha que costumava ser a área de recepção, Madison veio ao restaurante. Tudo aqui estava imaculado, cada mesa posta com uma planta suculenta pequena e de aparência saudável. Ela quase podia imaginar que o maitre estava prestes a aparecer e mostrá-la a uma mesa.

Mas havia a vista pelas janelas, uma que deveria estar cheia de prédios por todos os lados. Em vez disso, ela viu aquele cenário de deserto artisticamente organizado, todas as rochas e plantas colocadas exatamente onde deveria estar para criar uma vista sempre em mudança, mas harmoniosa. Era o tipo de trabalho que teria invejado a maioria dos paisagistas.

— Bom dia, — veio a voz de Qadim, e ela se virou para vê-lo saindo da porta da cozinha.

— Bom dia, — disse ela, esperando não parecer muito assustada. — Espero que esteja tudo bem para mim aqui em baixo.

— Claro, se você quiser.

— Eu faço. Ou seja, meu ombro está muito melhor esta manhã. Obrigado novamente por configurá-lo.

Ele lhe ofereceu um sorriso. — Estou feliz que você esteja tão melhorada. Eu estava vendo o café da manhã. Você gostaria de entrar na cozinha?.

Na maioria das vezes, ela fazia o que podia para evitar cozinhas, mas desde que era ele quem fazia o trabalho... — Claro, — ela respondeu. — A sua magia djinn inclui café?.

— Sim. Já deve estar pronto.

Ela o seguiu até a cozinha, que era menor do que ela esperava, mas estava impecavelmente limpa, com brilhantes balcões e eletrodomésticos de aço inoxidável. O ar estava cheio do aroma rico de café e ela cheirou apreciativa mente.

— Se eu não tivesse acordado cedo, você teria enviado o cheiro do café através do sistema de ventilação para me acordar?.

Um brilho entrou em seus olhos escuros. — Agora, essa é uma ideia em que eu não tinha pensado. Mas como você parece acordar cedo, talvez esse tipo de medida extrema não seja necessária.

Madison quase protestou por não estar sempre acordada tão cedo, depois decidiu não dizer nada. Realmente não importava se eles se acostumaram aos ritmos um do outro ou não; em alguns dias ela estaria curada o suficiente para voltar ao abrigo, e isso seria o fim.

Por alguma razão, essa ideia não parecia tão atraente quanto ela pensara.

Qadim levantou a panela do fogão - aparentemente nenhuma cafeteira automática para ele - e derramou uma boa medida do rico líquido marrom em um par de canecas de grés brancas pesadas que estavam no balcão. Ele entregou uma a ela antes de dizer: — Posso pegar creme ou açúcar, se você precisar.

— Não, o preto está bem. — Ela soprou o café, que ainda estava quente demais para beber. Um pouco de creme teria esfriado, mas ela aprendeu a beber café preto há muito tempo, e café com creme e açúcar tinha um gosto estranho agora.

O djinn não se incomodou em esperar para tomar seu café, mas o levou aos lábios e tomou um gole imediatamente. Maior tolerância ao calor ou dor? Isso fazia mais sentido. Ela não sabia se seria rude perguntar, no entanto, e deixou a questão de lado por um momento.

— O que você gostaria de comer? — ele disse em seguida. — Admito que não estou completamente familiarizado com todos os alimentos do café da manhã, mas os ovos são simples o suficiente. Ou talvez eu pudesse fazer uma coisa chamada waffle belga.

Algo na maneira como ele fez a sugestão a fez querer rir. Ele parecia completamente sério, no entanto, e ela disse, sua expressão igualmente séria: — Ovos estão bem. E torrada, se você tiver?.

— Eu posso ter o que você quiser.

De outra pessoa, esse tipo de comentário pode parecer muito sugestivo. Mas ela não achava que ele estava jogando esse tipo de jogo e estava apenas sendo sincero.

— Torradas de fermento, então, — disse ela. — E algumas frutas. Morangos?.

Os morangos estavam completamente fora de época. Mas esse tipo de coisa não deveria importar para um djinn.

Aparentemente, não, porque ele apenas assentiu e respondeu — Simples o suficiente. Você pode sentar naquele banquinho enquanto eu preparo a comida.

Onde ela estaria em segurança fora do caminho. Ela não se importava, no entanto. Ficar sentado de um lado era infinitamente preferível a ser pressionado para o serviço.

Ela se sentou no banquinho. Por alguma razão, ela esperava que ele estalasse os dedos e fizesse com que todos os componentes da refeição apareçam magicamente nas bancadas, mas, em vez disso, foi até a geladeira e pegou uma tigela de ovos, um pedaço de manteiga e outra tigela de morangos. Então, talvez ele os tivesse conjurado, mas os fez aparecer dentro da geladeira, onde poderiam descansar confortavelmente até que ele precisasse deles.

Ele foi trabalhar, quebrando um número alarmante de ovos em outra tigela de aço inoxidável, mexendo-os, adicionando uma quantidade exata de leite. Depois de colocar a mistura no fogão, ele foi a uma das grandes despensas do outro lado da sala e produziu um grande pedaço de pão, que ele colocou no balcão para poder cortar algumas fatias.

Realmente, ele era tão doméstico de uma maneira completamente comum que Madison mais uma vez teve dificuldade em se convencer de que ele realmente era um djinn e não apenas mais um sobrevivente regular como ela. Suas vestes ainda eram MIA; hoje ele usava um jeans idêntico aos que ela o vira usar pela primeira vez e outra camiseta, essa em um verde cáqui escuro. As mangas da camiseta pareciam estar em risco a cada movimento, devido à maneira como seus músculos se contraíam no tecido, e

Madison teve que se forçar a procurar outro lugar na cozinha para que ele não a visse olhando. Jacob tinha estado em forma e atlético o suficiente - ele andava de bicicleta e corria, e os dois passavam os fins de semana caminhando nas montanhas da cidade - mas certamente nunca tinha músculos como os de Qadim.

— Então — - Madison se aventurou, pensando que seria melhor fazer algo para preencher o silêncio -, — por que o xeriscape chique?.

— 'Xeriscape'? — Qadim ecoou. Ele franziu o cenho levemente enquanto observava a palavra desconhecida.

— Significa apenas paisagismo para climas secos. Como o que você fez lá fora. — Ela fez um gesto vago com uma mão enquanto apontava para o que pensava ser a frente do prédio.

Ah. Depois de deixar cair o pão que ele cortou na torradeira, ele se inclinou contra o balcão e cruzou os braços enquanto parecia considerar a pergunta dela. — Esta terra não suportará uma verdadeira vegetação, e por isso escolhi espécimes que pensei que sobreviveriam aqui e ainda criariam uma paisagem agradável.

— É lindo, — disse ela, provocando um sorriso nele. — Então esse é seu plano para Albuquerque? Para se livrar dos prédios e ter plantas por toda parte?.

— Eventualmente, sim.

Isso poderia causar problemas para ela. A casa de Clay e o abrigo antiaéreo que escondia ficavam a mais de um quilômetro do centro da cidade, e assim Qadim provavelmente levaria algum tempo para chegar até lá. Ainda assim, o que diabos ela faria quando ele destruísse todo aquele bairro e o plantasse com grama selvagem e cacto? Seus esforços de demolição podem não fazer muito para o próprio abrigo - a porta que protegia o bunker foi supostamente classificada para sobreviver a uma explosão de cinco megatons a apenas um quilômetro de distância - mas, uma vez que o mirante se foi, a porta de metal do abrigo antiaéreo como um polegar dolorido.

Ela decidiu deixar esse problema de lado para se preocupar mais tarde. Qualquer coisa que ela dissesse para dissuadi-lo de expandir seus esforços de plantio certamente levaria a indagações sobre por que ela deveria se importar de uma maneira ou de outra.

— Como você faz as plantas crescerem tão rápido? — ela perguntou em seguida, uma vez que essa pergunta estava incomodando seu pecado, ela primeiro pôs os olhos em sua obra.

— Um pouco de incentivo aos djinn, — ele respondeu, o brilho retornando aos seus olhos escuros. Ele se levantou

do balcão e foi cuidar dos ovos. — É um dos presentes que os elementais da Terra compartilham.

— Entendo. — Madison soprou seu café uma última vez e depois tomou um gole. A essa altura, já havia esfriado o suficiente para que ela conseguisse engolir um grande gole. O que ela fez, saboreando a tão necessária quantidade de cafeína nas terminações nervosas. — Então, o que os outros djinn podem fazer?.

Qadim fez um show de empurrar os ovos na frigideira, e Madison se perguntou se ele iria responder. Então ele disse: — Todos nós temos várias habilidades em comum, mas os elementais da água também podem fazer com que uma nascente flua para fora do chão onde não há nenhum, ou fazer um rio mudar de rumo, enquanto os elementais do ar podem fazer a diferença nas nuvens, o vento e o clima cumprem suas ordens.

— E elementais de fogo?.

Seu rosto estava de perfil para ela, mas Madison podia ver como ele franziu a testa. — Você já sabe muito sobre nós.

— Não muito, — disse ela rapidamente. — Tentei procurar algumas coisas depois, bem, depois que ficou bem claro que os seres que estavam caçando nas ruas de Albuquerque não poderiam ser humanos.

Algo em sua boca se apertou, mas ele apenas assentiu.

— Sim, suponho que isso se tornaria óbvio em breve. Os elementais do fogo podem gerar fogo do ar e acender uma forja, mas também podem reter o fogo antes que ele consuma uma floresta.

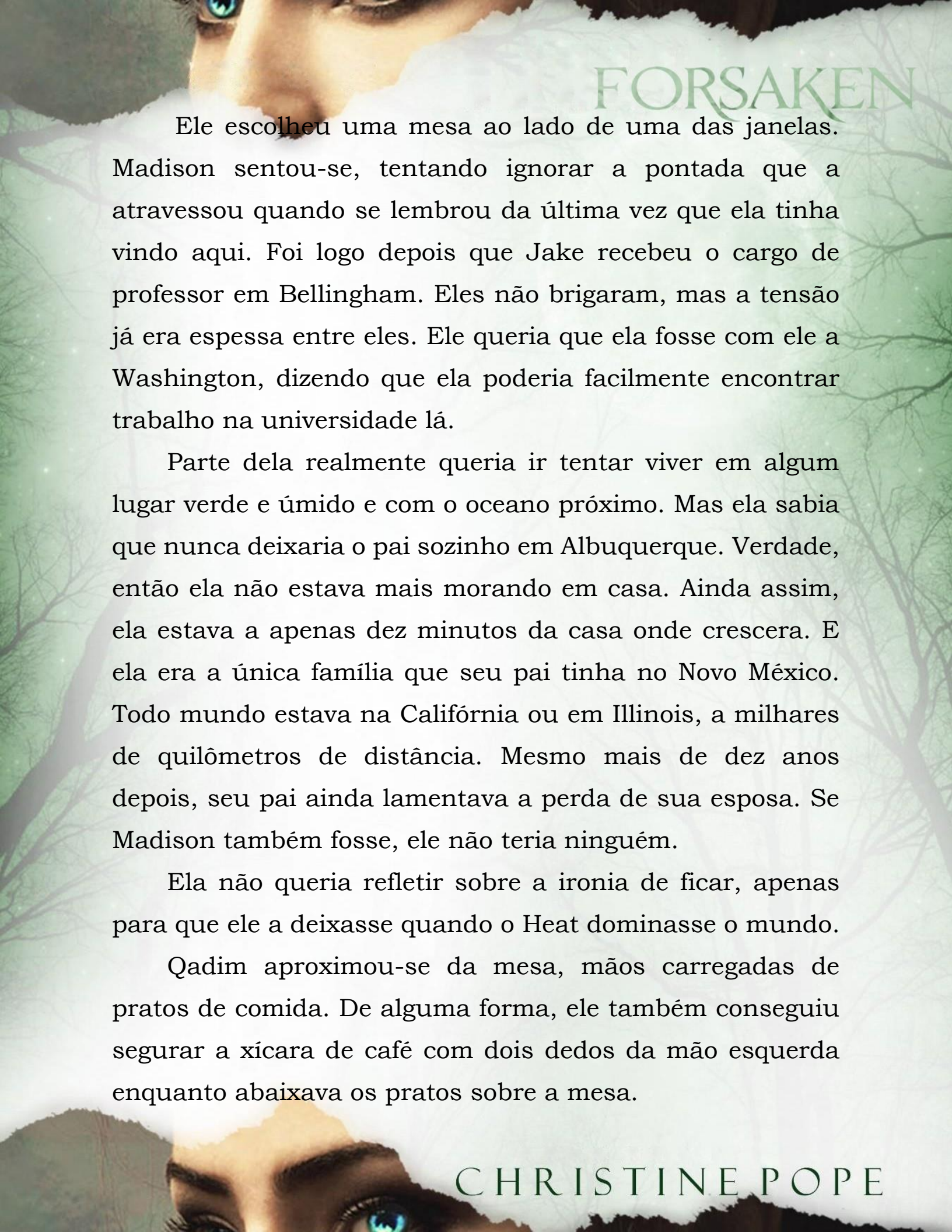
Claro e escuro, yin e yang. Poderes que poderiam ser usados para curar... ou destruir. Parecia que o djinn poderia ser mais complexo do que ela pensara, embora Madison também tivesse a impressão de que havia muito mais acontecendo aqui do que Qadim lhe dissera. Agora que começara a superar seu medo inicial dele, queria fazer mais perguntas. Por que seu povo destruiu a humanidade? Quais eram seus planos para o planeta agora vazio?

E talvez o mais premente, e também o mais assustador para ela.

Por que ainda estou vivo quando todo mundo está morto?

— Está pronto, — disse Qadim, entrando em seus pensamentos. — Eu já coloquei uma mesa na sala de jantar. Vá e sente-se, e eu trarei nossos cafés da manhã.

Ela quase protestou e se ofereceu para ajudar, depois percebeu que não lhe seria muito útil com o braço na tipoia. Então ela deslizou do banquinho e tomou o café com a mão, dizendo: — Tudo bem.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

FORSAKEN

Ele escolheu uma mesa ao lado de uma das janelas. Madison sentou-se, tentando ignorar a pontada que a atravessou quando se lembrou da última vez que ela tinha vindo aqui. Foi logo depois que Jake recebeu o cargo de professor em Bellingham. Eles não brigaram, mas a tensão já era espessa entre eles. Ele queria que ela fosse com ele a Washington, dizendo que ela poderia facilmente encontrar trabalho na universidade lá.

Parte dela realmente queria ir tentar viver em algum lugar verde e úmido e com o oceano próximo. Mas ela sabia que nunca deixaria o pai sozinho em Albuquerque. Verdade, então ela não estava mais morando em casa. Ainda assim, ela estava a apenas dez minutos da casa onde crescera. E ela era a única família que seu pai tinha no Novo México. Todo mundo estava na Califórnia ou em Illinois, a milhares de quilômetros de distância. Mesmo mais de dez anos depois, seu pai ainda lamentava a perda de sua esposa. Se Madison também fosse, ele não teria ninguém.

Ela não queria refletir sobre a ironia de ficar, apenas para que ele a deixasse quando o Heat dominasse o mundo.

Qadim aproximou-se da mesa, mãos carregadas de pratos de comida. De alguma forma, ele também conseguiu segurar a xícara de café com dois dedos da mão esquerda enquanto abaixava os pratos sobre a mesa.

The bottom part of the book cover shows the lower half of the woman's face, including her mouth and chin. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The author's name 'CHRISTINE POPE' is written in a large, green, serif font at the bottom right.

CHRISTINE POPE

— Desculpe, eu não pude ajudar mais, — Madison disse a ele quando ele se sentou sobre a mesa dela.

— Está bem. O importante é que você tome cuidado com seu braço. Não faz sentido você machucá-lo novamente, apenas para me ajudar a fazer algo que consigo administrar muito bem sozinho.

Qualquer outro pedido de desculpas teria sido o ponto principal, então ela apenas assentiu e pegou o garfo. Um pouco e foi o suficiente para dizer a ela que esses provavelmente eram os melhores ovos que ela já tivera - leves e macios, e com exatamente a quantidade certa de sal. A julgar pelo jantar que tinha comido ontem à noite e a comida colocada diante dela agora, ela seria extremamente bem alimentada durante o tempo em que esteve aqui. Ainda bem que ela havia caído cerca de quinze quilos no último ano, entre passar muito tempo na academia em casa que Clay montou no abrigo, e não estar tão interessada na comida nutritiva, mas sem graça, com a qual o abrigo havia sido usado. abastecido.

Ela se serviu de mais alguns ovos, depois pousou o garfo. Do outro lado da mesa, Qadim estava igualmente ocupado em comer a parte principal da refeição antes que esfriasse. Ele parecia sentir que ela queria dizer alguma

coisa, porque ele também largou o garfo e a olhou com expectativa.

— Por quê? — Madison parecia não conseguir falar mais do que essa palavra.

O djinn não pediu para ela se explicar, no entanto. Ele pegou sua caneca, mas depois fez uma pausa, como se soubesse que ele só queria tomar o café como uma maneira de atrasar sua resposta. — Esse é... um tópico bastante difícil para a discussão sobre o café da manhã, você não acha?.

— Eu não sei, — disse ela. — É ?

Mais uma vez ele hesitou. Quero que saiba que não participei do que aconteceu, exceto talvez por inação. Suponho que há quem diga que fui cúmplice porque não fiz nada, mas ainda assim argumentaria que não é o mesmo que procurar ativamente a destruição de sua espécie.

Seu estômago revirou, mas ela o ignorou e, em vez disso, reagiu à sua torrada, pensando que poderia ajudar a acalmar as coisas. Ela perguntou, afinal. Então ela ouvia o que ele tinha a dizer, não importa o quanto isso doesse.

Qadim parecia estar esperando por algum tipo de resposta, então ela disse baixinho: - Apenas me diga o que aconteceu. *Por* que aconteceu.

Pelo menos ele não piscou, a observou com um olhar firme, olhos escuros tristes. Tão perto, ela podia ver a espessura dos cílios dele, a maneira como a sombra deles fazia seus olhos parecerem quase pretos, como se não houvesse diferença real entre íris e pupila.

— Esse é um conto que começou desde a criação do seu povo. Os djinn foram a primeira raça criada por Deus, mas ele os abandonou quando criou o Homem e entregou este mundo à sua raça como deles. Os djinn foram banidos em outro lugar, para um lugar que consideramos o outro mundo, quando nos recusamos a reconhecer a superioridade da nova criação de Deus.

Ele estava realmente falando sobre Deus como se Ele realmente existisse e tivesse feito todas essas coisas? Madison não conseguiu detectar nenhum indício de ironia no tom de Qadim, então aparentemente ele quis que ela acreditasse no que estava dizendo.

Como ela não confiava em si mesma para falar, ela apenas assentiu.

— Nos ressentimos com a humanidade, mas não pudemos fazer nada para mudar nossa situação. Com o passar dos milênios, ficamos mais insatisfeitos com nossa sorte. O outro mundo não é como este mundo, nós djinn podemos sobreviver lá, mas é um lugar difícil. Uma facção

começou a crescer entre os djinn, uma que pedia a destruição da humanidade para que pudéssemos retomar o mundo que já foi nosso.

Alguns goles de café ajudaram a estabilizar Madison um pouco. Dedos enrolados na caneca que ela segurava, ela disse: — Então... de alguma maneira você cozinhou a doença que matou todo mundo?

— Alguns dos djinn sim. E então eles soltaram o mundo.

— E nenhum de vocês fez nada para impedir isso.

Uma expressão curiosa passou rapidamente pelos traços de Qadim e depois se foi. Madison não podia dizer exatamente o que era, no entanto. Arrependimento? Aborrecimento? Raiva?

Talvez um pouco dos três.

— Houve quem discordasse da decisão. E então outra decisão foi tomada, para que os manifestantes pudessem salvar cada um dos Imunes, e....

— Espere, — ela interrompeu, o coração começando a bater um pouco mais rápido com uma esperança terrível, — você quer dizer que há mais pessoas como eu lá fora? Pessoas que sobreviveram ao calor?.

— Havia, — ele permitiu, depois parou.

— O que você quer dizer com'havia'?.

— Eles foram caçados, assim como você viu pessoas caçadas e mortas aqui em Albuquerque.

Mesmo o calor da caneca de café que ela segurava não conseguia dissipar o frio nos dedos. — Então eu sou a única que resta?.

— Não exatamente. — Dessa vez, ele tomou um pouco de café e pousou a caneca de volta. — Como eu estava tentando lhe dizer, aqueles entre os djinn que protestaram contra a destruição da humanidade foram autorizados a salvar uma pessoa dentre os imunes. Esses humanos são chamados escolhidos. Agora eles moram com seus djinn.

Qadim não disse nada além disso, mas Madison teve a sensação de que o relacionamento entre os djinn dissidentes e seus Escolhidos deve estar mais próximo do que apenas protetor e protegido. Ela desejava poder pedir mais detalhes, mas temia que Qadim pensasse que estava perguntando sobre relações humanas e djinn por causa de um interesse pessoal particular nele, e essa foi a última impressão que ela queria dar.

— Então, como se é escolhido?.

Desta vez, seu olhar demorou um pouco demais no rosto dela. Ele pareceu perceber que estava olhando e voltou sua atenção para o prato diante dele. — Como eu disse, você deve ser imune. Todos os Escolhidos tinham vinte e cinco

anos ou menos, principalmente entre vinte e dois e vinte e cinco, eu acho.

Bem, isso explica, pensou Madison, sem saber se deveria ficar irritada ou aliviada. Um bonito djinn não veio velejar sozinho em meu socorro porque eu era muito velha.

— Por que tão jovem?.

— Djinn são quase imortais. Nossa aparência não reflete nossa verdadeira idade. Um humano que é escolhido também fica sem idade. Portanto, faz sentido que os djinns desejem que seus Escolhidos estejam no auge de sua aparência.

— Porque nós humanos realmente começamos a descer ladeira abaixo aos vinte e seis.

Ele olhou para cima, franzindo a testa. — Você está ofendida.

Bem, sim, ela esestavamas como Qadim claramente não foi quem determinou quem era o bom material — Escolhido — e quem não era, Madison não achou que havia muito sentido em ficar com raiva dele. — Mas você não queria 'escolher' alguém?.

— Na época, eu não achava que era o caminho correto a seguir.

Uma boa não resposta, se ela já ouviu uma. Mas ela também percebeu que não era o seu lugar perguntar a ele

esse tipo de pergunta. Ela mal o conhecia. Ele a salvou, mas ela ainda não sabia o porquê. Talvez ele estivesse entediado com o plantio de cactos e manzanita e pensasse que um projeto humano poderia ser uma mudança interessante no desempenho.

Decidindo que era melhor passar para algo um pouco menos pessoal, ela disse: — Então os únicos humanos sobreviventes são Escolhidos? — *Exceto eu, isso é...*

— Há uma pequena comunidade em Los Alamos de sobreviventes que não são escolhidos, — respondeu ele.

— Realmente? Por que eles não foram caçados?.

— Um dos cientistas criou um dispositivo que repele djinn e rouba seus poderes. É isso que protege os imunes que vivem lá.

Qadim entregou essa notícia surpreendente como se não tivesse importância real, mas novamente Madison experimentou o forte choque da esperança inesperada. Uma comunidade de pessoas reais, não djinn. É verdade que Los Alamos ficava a quase cem milhas de Albuquerque, e ela não tinha absolutamente nenhuma ideia de como chegaria lá se ainda houvesse djinn perambulando pelo mundo, procurando os últimos sobreviventes. Mas estar perto de pessoas novamente....

Ela percebeu que Qadim a estava observando de perto. Para encobrir sua distração e parecer que Los Alamos não era grande coisa, ela pegou um morango e mordeu o final. A fruta era doce e exuberante, e ela se perguntou em que lugar do mundo os djinn a haviam encontrado. — Como isso funciona?.

— Eu não faço ideia. Só sofri os efeitos do dispositivo uma vez, e isso foi o suficiente para mim. — De boca sombria, ele pegou o garfo e apunhalou um pedaço de ovo.

Então Qadim esteve em Los Alamos, ou pelo menos perto o suficiente para sentir os efeitos de uma coisa dessas? A julgar por sua expressão atual, ele não parecia ter gostado muito da experiência. Os efeitos do dispositivo foram fisicamente dolorosos?

Mais uma vez, Madison achou melhor não perguntar. — Mas é tudo djinn em qualquer outro lugar, exceto Los Alamos?.

— Até onde eu sei, sim. Os Escolhidos vivem com seus djinn nas comunidades que foram designadas para eles. Há uma em Santa Fe.

Bem, isso parecia apropriado. O djinn perfeito e seus parceiros presumivelmente perfeitos devem morar na cidade mais bonita do Novo México. Ela se perguntou se o djinn do

sul da Califórnia e seus parceiros estavam escondidos em Beverly Hills. Ou talvez Malibu fosse mais a velocidade deles.

— E você está em Albuquerque porquê...

— Foi concedido a mim. Toda a cidade, até aquele lugar que você chamou Bernalillo, e depois a Leste até a passagem da montanha, e a oeste até as colinas de lá.

Concedido por quem, Madison não sabia, mas ela imaginou que devia haver algum tipo de governo djinn ou algo nesse sentido. Alguém com autoridade que tomou a decisão. Mas por que Albuquerque? Realmente não era uma joia, não quando você considerava que o mundo inteiro estava em disputa. Talvez as pessoas em poder não gostassem muito de Qadim, por qualquer motivo.

— Bem, eu acho que você melhorou bastante, — comentou ela, e algo sobre o conjunto apertado de sua mandíbula pareceu relaxar um pouco.

— Estou satisfeito que você pense assim, — disse ele.

E de repente ela se perguntou se havia cometido um erro em elogiá-lo. Mas ela não podia retornar as palavras agora. Ela lhe ofereceu um pequeno sorriso, depois voltou aos restos de sua refeição. O tempo todo, porém, seus pensamentos estavam agitados.

Los Alamos. Uma comunidade de pessoas como ela.

De alguma forma, ela teria que encontrar uma maneira de chegar lá.

CAPÍTULO SEIS

Algo a provocou. Qadim percebeu que Madison estava preocupada e, depois que terminaram de tomar o café da manhã, ela disse que seu braço começara a doer novamente e que achava melhor se deitar por um tempo. Ele não protestou, simplesmente porque a desculpa dela era plausível o suficiente.

Então ele apenas disse que a veria até o quarto dela, então pegou a mão dela sem ferimentos para que ele pudesse transportá-la até o nono andar, onde estava localizada sua casa. Não seria bom fazê-la subir todas aquelas escadas; o movimento empurraria demais o ombro danificado dela.

Madison olhou para ele com espanto quando eles reapareceram em frente à porta do quarto dela. — Quão...?

— É assim que viajamos, — disse ele. — Eu teria te trazido para o café da mesma maneira, mas você já havia saído do seu quarto. Eu pensei que isso seria mais fácil para você. Subir todos esses degraus poderia ter estremecido seu ombro.

— Suponho que você tenha razão. — Ela parou e olhou ao redor deles, como se ainda não tivesse muita certeza de seu ambiente. — Obrigado pelo café da manhã, Qadim.

— Você é muito bem-vinda. O que você gostaria para a sua refeição do meio-dia?.

— Oh, eu... — Parecendo um pouco perturbada, ela balançou a cabeça. Ele tentou não encarar a maneira como aqueles cachos de ouro rosa saltaram contra seus ombros e depois caíram por suas costas. — O café da manhã era tão grande que não tenho certeza se gostaria de almoçar, principalmente porque posso acabar dormindo nele. Podemos simplesmente pular para jantar?.

— Claro.

Ela ofereceu um sorriso rápido e entrou, depois fechou a porta atrás dela com um suave *clique* da fechadura. Por um momento, ele permaneceu do lado de fora, mas sabia que não poderia ficar ali para sempre. Ela emergiria quando estivesse pronta. E, como ela havia dito, ela precisava descansar.

Então ele desceu as escadas e limpou a louça do café da manhã. Não usando seus poderes djinn, mas carregando os pratos e canecas para a cozinha para que ele pudesse colocá-los na pia. Eventualmente, ele estalava os dedos e os

enviava, brilhando, para os respectivos armários. Por enquanto, porém, ele deixou todos para trás, para que pudesse ficar na entrada da frente do hotel e contemplar sua obra.

Era um bom dia, com o sol brilhando, uma brisa fresca soprando através das ervas e árvores que ele havia plantado, a luz brilhando quando as folhas brilhavam ao vento. Qadim respirou fundo, esperando que o ar fresco pudesse ajudar a clarear seus pensamentos, mas não importava o que ele fizesse, ele só conseguia pensar em Madison deitada no andar de cima na cama. Ela já estaria dormindo, embalada pelo sono pela refeição que havia comido e pela própria necessidade de descanso de seu corpo? Ou ela estaria acordada, pensando em tudo o que ele lhe dissera?

Talvez tivesse sido um erro mencionar Los Alamos. Ele viu o jeito que ela ficou quieta e pensativa depois, apesar de ter feito o possível para esconder sua reação. Era natural que ela desejasse estar com outras pessoas de sua própria espécie. Afinal, ela havia passado mais de um ano sozinha.

Mas ela não estava sozinha agora. Ela tinha companhia. A companhia dele. Isso não deveria ser suficiente?

Então ele quis balançar a cabeça para si mesmo. Ao longo dos milênios, muitos djinn femininos ficaram contentes o suficiente para passar um tempo com ele, mas

o prazer deles em sua companhia não deveria ter lhe dado uma sensação tão inflada de suas próprias atrações que ele acreditava que eles poderiam superar a atração de uma chance de estar entre o próprio povo.

Talvez ele possa mudar isso. Talvez ele pudesse mostrar a ela que ela faria muito bem em estar com ele. E então, quando se cansasse dela, poderia levá-la a Los Alamos - ou pelo menos o mais perto possível sem ser afetado por um dos dispositivos infernais de Miles Odekirk. Madison deve ser capaz de atravessar a última meia milha sem muita dificuldade.

Ele não viu razão para não se cansar dela em algum momento, já que esse tinha sido o resultado final em todos os contatos anteriores. De qualquer forma, era melhor que eles se divertissem um pouco e depois se separassem antes que as coisas ficassem azedas ou ele entediasse.

É claro que esse cenário em particular se baseava na crença de que ela acabaria sucumbindo a ele, e ela certamente ainda não havia mostrado sinais de fazê-lo. Mas ela não foi curada e sofreu um choque após o outro. Tempo era a única coisa que djinn tinha em abundância, e então Qadim estava preparado para lhe dar o que ela exigisse.

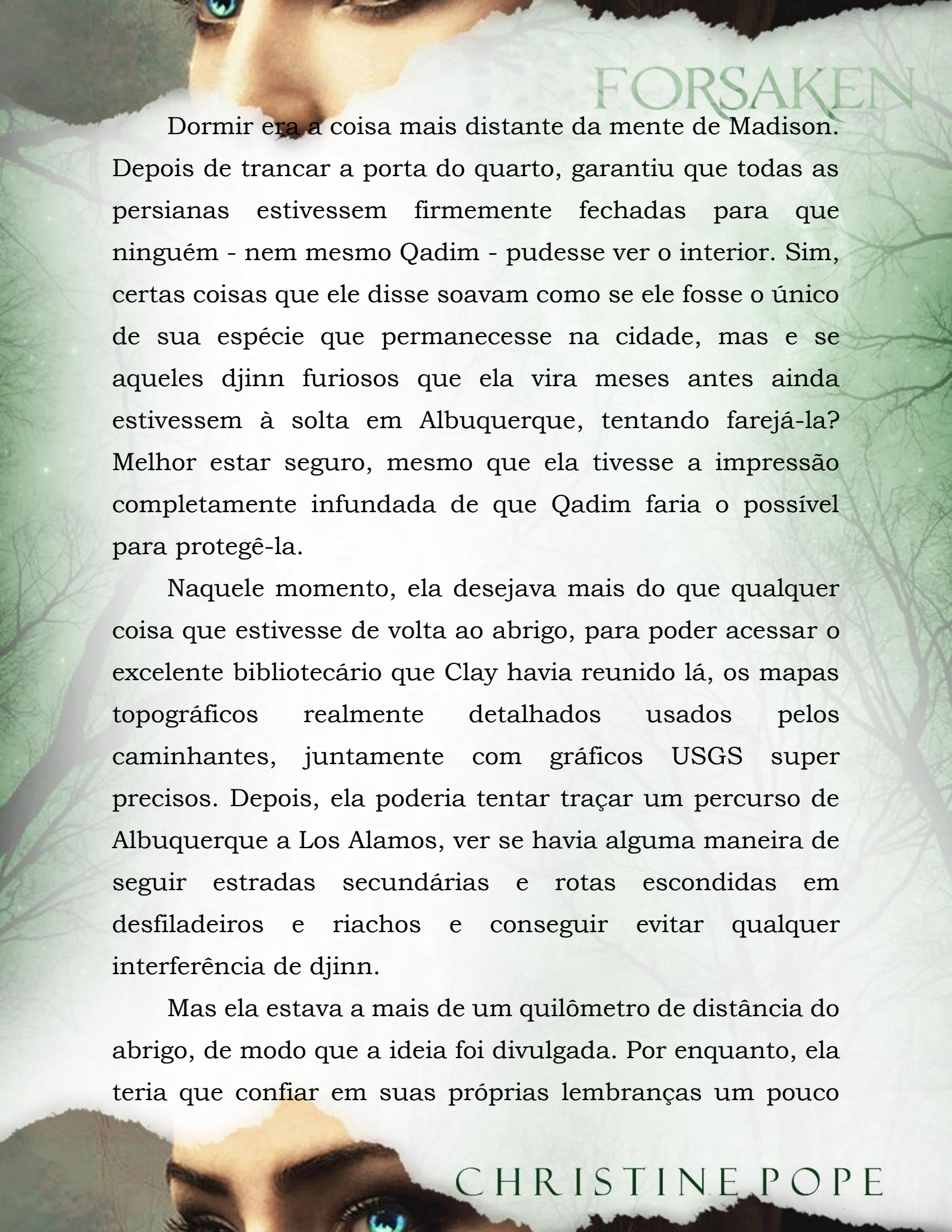
Supondo que Hasan al-Abyad não fizesse outra visita sem aviso prévio. Ele certamente detectaria a presença de

Madison, e as coisas poderiam ficar desagradáveis. Ou talvez não. Qadim pensou que poderia convencer o outro djinn a deixá-la em paz enquanto ela estivesse sob o controle de Qadim. Algumas dicas de que Hasan poderia fazer o que quisesse com ela assim que Qadim terminasse devem ser suficientes para que o ar elementar se retire por um momento. Hasan não precisava saber que Qadim planejava visitar Madison com segurança em Los Alamos assim que o relacionamento terminasse.

Sim, isso soou como um bom plano. Enquanto ela estava aqui, Qadim sabia que não poderia continuar e continuar com a demolição das feições artificiais de Albuquerque. O paisagismo teria que esperar, porque ele não achava que ela estaria segura aqui se ele a deixasse sozinha.

Não que isso importasse tanto. Ele mergulhou em sua transformação da cidade porque não tinha mais nada para ocupar seu tempo. Agora, porém, ele tinha algo muito mais perturbador para preencher seus dias.

Ele foi para a calçada que permaneceu e olhou para cima, em direção ao chão onde ela agora dormia. Logo ela acordaria e ele começaria a persegui-la a sério.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green with faint, dark green silhouettes of trees or foliage. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

FORSAKEN

Dormir era a coisa mais distante da mente de Madison. Depois de trancar a porta do quarto, garantiu que todas as persianas estivessem firmemente fechadas para que ninguém - nem mesmo Qadim - pudesse ver o interior. Sim, certas coisas que ele disse soavam como se ele fosse o único de sua espécie que permanecesse na cidade, mas e se aqueles djinn furiosos que ela vira meses antes ainda estivessem à solta em Albuquerque, tentando farejá-la? Melhor estar seguro, mesmo que ela tivesse a impressão completamente infundada de que Qadim faria o possível para protegê-la.

Naquele momento, ela desejava mais do que qualquer coisa que estivesse de volta ao abrigo, para poder acessar o excelente bibliotecário que Clay havia reunido lá, os mapas topográficos realmente detalhados usados pelos caminhantes, juntamente com gráficos USGS super precisos. Depois, ela poderia tentar traçar um percurso de Albuquerque a Los Alamos, ver se havia alguma maneira de seguir estradas secundárias e rotas escondidas em desfiladeiros e riachos e conseguir evitar qualquer interferência de djinn.

Mas ela estava a mais de um quilômetro de distância do abrigo, de modo que a ideia foi divulgada. Por enquanto, ela teria que confiar em suas próprias lembranças um pouco

CHRISTINE POPE

nebulosas de Los Alamos quando ela começou a formular um plano. Em alguns dias, Qadim a deixaria ir, e então -

O que faz você pensar que ele vai deixar você ir?

O pensamento surgiu em sua mente tão vívido e claro que ela sabia que não podia ignorá-lo. Ela desejava poder, mas nunca fora de evitar atos desagradáveis, e não estava prestes a começar a fazê-lo agora.

Sim, Qadim tinha sido amigável. Talvez muito amigável. Não, ele não parecia interessado o suficiente em humanos para salvá-lo, fazendo-a sua Escolhida, mas agora que ele tinha uma fêmea humana basicamente caída em seu colo, era perfeitamente possível que ele tivesse decidido que poderia ser uma boa ideia de se divertir com ela por um tempo. Ele provavelmente estava esperando o braço dela se curar. Um amante de uma mão pode ser um pouco limitador.

Oh, vamos lá, ela pensou então, você realmente acha que é irresistível? Por que você quando ele poderia estar com uma mulher djinn? Ela nunca tinha visto uma mulher djinn, mas se eles eram parecidos com seus homens, então provavelmente todos eram extremamente atraentes.

Tudo isso parecia muito sensato. Até

Chegar a um acordo com a própria beleza sempre foi problemático. Madison nunca prestara muita atenção à sua

aparência, exceto por desejar em várias ocasiões herdar o belo cabelo liso do pai em vez dessa massa encaracolada que só fazia o que queria e parecia rir de qualquer tentativa real no estilo. No entanto, quando estranhos - homens e mulheres - começaram a se aproximar dela quando ela estava no shopping, entregando seus cartões de visita que anunciavam várias agências de modelos, ela começou a perceber que devia haver algo atraente ou pelo menos interessante em sua aparência. Ela nunca ligou para nenhum desses números de telefone, em parte porque não estava tão interessada e em parte porque sabia que seu pai não aprovaria. Ainda assim, ela sempre carregava na parte de trás da cabeça a estranha noção de que alguém, em algum lugar, a achava atraente o suficiente para ser modelo.

E então houve aquele AT assustador durante o segundo ano da faculdade, aquele que lhe disse que parecia algo parecido com uma pintura de Botticelli e que continuava querendo esboçá-la. Ela disse não repetidamente, mas ele não a deixou em paz, e eventualmente ela foi ao chefe do departamento e fez uma reclamação. O AT foi retirado de sua classe logo depois e ela se sentiu culpada pela situação ..., mas não muito culpada. Afinal, ela lhe dera muitas chances de diminuir o ritmo, e ele não.

Mas mesmo com tudo isso, ela ainda não viu nada de fascinante o suficiente para fazê-la pensar que Qadim era algo como aquele AT de muito tempo atrás - bem, nada, exceto o jeito que ela o pegou olhando para ela em várias ocasiões. Ela não era uma imbecil completa; ela sabia o que aquela centelha de interesse nos olhos dos homens geralmente significava.

Mesmo que o homem em questão fosse um djinn.

Tudo bem, então talvez Qadim estivesse pensando em adquirir um pouco de saque humano. Talvez a melhor coisa a fazer seria agir como se seu braço ainda estivesse doendo mesmo depois de ter sido curado. Então tudo o que ela precisava fazer era esperar até que ele não estivesse prestando atenção - talvez enquanto ele estivesse no meio do jantar - e então ela pudesse dar um tempo.

Emoldurado dessa maneira, seu plano parecia um pouco cruel. Ele não fez nada com ela. Ele nem tinha dito nada sugestivo. Ele só olhou para ela algumas vezes de uma maneira que a deixou desconfortável. Ela poderia estar interpretando mal tudo, inclusive a gentileza muito óbvia dele.

Droga.

Ela se sentou à mesa perto da janela e usou a mão boa para separar as persianas um pouco, para poder espiar do

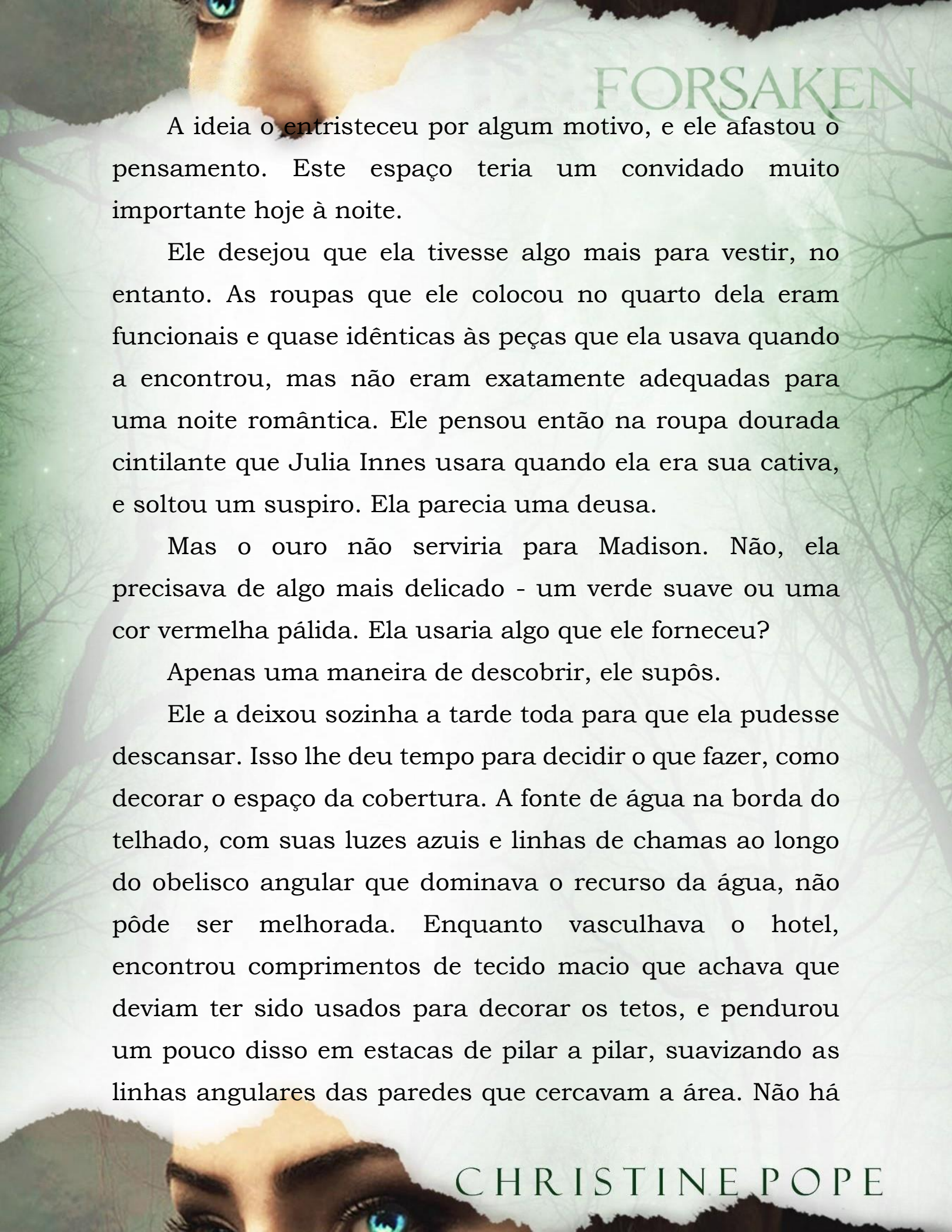
lado de fora. O seu quarto ficava para o norte e oeste, para que ela pudesse fingir que ela foi capaz de ver todo o caminho até Los Alamos, mesmo sabendo que na realidade era muito longe para ela vislumbrar qualquer coisa dessa cidade montanhosa. Desse ângulo, ela não conseguia nem ver todo o caminho até o limite da — concessão — de Qadim.

O que ela podia ver era a evidência de seu trabalho por toda parte - o horizonte estranhamente alterado, a pastagem aberta com seus cuidadosos agrupamentos de árvores, arbustos e rochas em intervalos regulares. Tudo parecia quieto, no entanto; que se não aparecer como se ele estivesse trabalhando em seu projeto hoje.

Ele está por perto, porque não quer deixá-lo sozinho aqui, ela pensou.

Infelizmente, essa ideia parecia plausível demais para ela se dar ao trabalho de negar.

Jantar no bar da cobertura, ele briga. Talvez estivesse um pouco frio para Madison, mas o espaço havia sido equipado com grandes aquecedores portáteis. Qadim não teve nenhum problema em começar, pois eles ainda estavam cheios de propano, esperando por convidados que nunca viriam.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green with faint, dark outlines of trees or foliage. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

FORSAKEN

A ideia o entristeceu por algum motivo, e ele afastou o pensamento. Este espaço teria um convidado muito importante hoje à noite.

Ele desejou que ela tivesse algo mais para vestir, no entanto. As roupas que ele colocou no quarto dela eram funcionais e quase idênticas às peças que ela usava quando a encontrou, mas não eram exatamente adequadas para uma noite romântica. Ele pensou então na roupa dourada cintilante que Julia Innes usara quando ela era sua cativa, e soltou um suspiro. Ela parecia uma deusa.

Mas o ouro não serviria para Madison. Não, ela precisava de algo mais delicado - um verde suave ou uma cor vermelha pálida. Ela usaria algo que ele forneceu?

Apenas uma maneira de descobrir, ele supôs.

Ele a deixou sozinha a tarde toda para que ela pudesse descansar. Isso lhe deu tempo para decidir o que fazer, como decorar o espaço da cobertura. A fonte de água na borda do telhado, com suas luzes azuis e linhas de chamas ao longo do obelisco angular que dominava o recurso da água, não pôde ser melhorada. Enquanto vasculhava o hotel, encontrou comprimentos de tecido macio que achava que deviam ter sido usados para decorar os tetos, e pendurou um pouco disso em estacas de pilar a pilar, suavizando as linhas angulares das paredes que cercavam a área. Não há

CHRISTINE POPE

necessidade de uma multidão de mesas quando seriam apenas os dois; ele colocou uma mesa redonda e duas cadeiras em um canto íntimo, depois cobriu a mesa com um pano vermelho escuro.

Verdadeiramente, para um artefato feito por mãos humanas e não djinn, o lugar era muito agradável. Ainda seria mais bonito com Madison sentada lá.

Ele conjurou um conjunto idêntico ao que uma mulher de seu povo usaria - uma túnica comprida com decote decotado, calças suaves e folgadas, sandálias de joias. No final, ele optou por uma cor rosa suave, rei fino que se daria muito bem na luz quente lançada pelas chamas que cobriam a superfície da água. Agora tudo o que ele precisava fazer era ver se ela usaria a roupa.

E o que ele faria se ela se recusasse.

Depois de um tempo, Madison havia se deitado e cochilado por algumas horas. Não havia muito mais o que fazer, e mesmo sendo normalmente do tipo ativo, a energia que seu ombro curativo exigia parecia cansá-la mais rapidamente do que estava acostumada.

Uma batida suave na porta a acordou, e ela se sentou na cama, com o coração batendo forte, até perceber que tinha que ser Qadim. Mesmo que o pior tivesse acontecido e um de seus irmãos mais sedentos de sangue tivesse

aparecido no Hotel Andaluz, ela duvidava que esse tipo de djinn batesse educadamente e esperasse que ela respondesse.

Ela balançou as pernas para o lado da cama e se levantou. Ao se mover, ela percebeu que a dor de baixo grau em seu ombro estava quase desaparecendo. Então, talvez todos os cochilos realmente estivessem ajudando.

Quando ela abriu a porta, viu Qadim esperando do lado de fora, algo em uma cor vermelha suave pendurada no braço esquerdo. — Eu acordei você?

— Não, — ela disse. — Ou seja, eu estava apenas cochilando. — O olhar dela foi para o pacote de tecido que ele segurava, depois voltou para o rosto.

Ele parecia impassível o suficiente, então não havia muito para ela ver lá. — Está uma boa noite, então achei que poderíamos jantar no bar da cobertura. Eu trouxe isso para você. — Ele estendeu o braço e, portanto, Madison não teve muita escolha a não ser pegar o pacote de tecido de seda que ele lhe ofereceu.

Enquanto ela desajeitadamente a colocava sobre o próprio braço, ela percebeu que era algum tipo de roupa, embora no momento ela não pudesse dizer muito sobre sua forma. Mesmo assim, ela teve que lutar para não sorrir ironicamente. Sim, ele esperou um dia inteiro, mas agora

aqui estava ele, pedindo a ela - mais ou menos - que usasse algo que ele a trouxera.

— Então este é um jantar formal?.

Os ombros dele se levantaram um pouco. — Digamos que é um local encantador, que merece algo mais do que uma camiseta e jeans.

Madison não pôde deixar de lhe dar uma sobrancelha levantada, sincero, e ele estava usando basicamente a mesma coisa, embora no momento ela estivesse sem os sapatos, enquanto ele usava um par de botas de motocicleta marcadas.

— Eu vou mudar também, — disse ele, aparentemente sem vergonha com a pergunta não dita.

— Tudo bem, — ela disse. Se ele fosse brincar junto, então pareceria rude da parte dela recusar usar a roupa que ele trouxera. Embora ela não pudesse ver nenhum detalhe, parecia haver tecido suficiente para que ela não tivesse que se preocupar em se espremer em um micro mini ou algo assim. — Que horas?.

— Sete horas. No telhado, acrescentou, como se pensasse que ela tinha esquecido.

Na verdade, sua suíte tinha um rádio relógio funcionando e combinava com a hora no relógio que ela sempre usava agora. Antes do colapso do mundo, ela

contava com o telefone para lhe dizer a hora, mas as redes de celulares agora eram coisa do passado. O abrigo tinha sido equipado com um relógio atômico, e então ela ajustou o relógio. De qualquer forma, Qadim havia lhe dado cerca de uma hora para se arrumar, o que parecia demais, mas ela concordaria.

— Vejo você então, — disse ela, e ele sorriu.

— Obrigado, Madison.

Ele se virou e saiu andando pelo corredor, e ela fechou a porta, sentindo-se um pouco confusa. Havia algo quase indiferente em seus modos, como se ele não tivesse certeza de que ela concordaria em ir jantar. Mas que escolha real ela tinha? Ela não tinha motivos para recusar, exceto um monte de dúvidas vagas que não somavam muita coisa.

Empurrando um suspiro, ela foi até a cama amarrotada e usou seu braço bom para estender as roupas que Qadim havia trazido para ela. Eles pareciam ter aparência semelhante a um estilo de roupa que ela viu mulheres da Índia usarem, com a túnica longa e justa e as calças cortadas. O tecido era um tecido leve, o corpo da túnica forrado, embora as mangas e as calças fossem semitransparentes. Em volta do decote havia delicados bordados em tons de rosa e lilás empoeirado, acentuados

com fios metálicos de cobre e pedras de corte opaco. Quartzo rosa, talvez.

O conjunto foi realmente impressionante, assim como as sandálias de joias pequenas que haviam sido enroladas dentro do pacote. Embora ela particularmente não quisesse impressionar Qadim, Madison desejou ter um pouco mais de maquiagem para brincar do que o protetor labial colorido que foi incluído com o resto de seus produtos de higiene pessoal. A roupa que estava diante dela parecia merecer mais do que algo tão mínimo.

Como ela realmente não podia fazer nada sobre a falta de cosméticos, pensou que era melhor se vestir e ver o que podia gerenciar com seus recursos limitados. Escorregar para fora da tipóia não doeu tanto quanto antes, um sinal muito bom. Se ela continuasse consertando isso rapidamente, provavelmente seria capaz de voltar para casa no dia seguinte.

Se Qadim permitiu ... um grande se.

Madison deixou esse pensamento de lado por um momento. Se ela jogasse suas cartas esta noite, talvez ele estivesse se sentindo bem o suficiente para concordar em deixá-la ir. Ou não. Tanta coisa dependia de suas expectativas, e ela ainda não sabia ao certo o que poderia ser.

Doeu um pouco tirar a camiseta e substituí-la pela túnica justa, mas não tanto que ela fez qualquer coisa além de estremecer um pouco enquanto usava dois puxões com uma mão para fazer com que a túnica ficasse onde deveria. E... caramba.

O ajuste foi perfeito. Ela não tinha ideia de como Qadim havia conseguido isso, mas ela supunha que djinn tinha todos os tipos de poderes esotéricos, incluindo - aparentemente - a capacidade de apenas olhar para uma pessoa e saber qual o tamanho que ela deveria usar. Bem, arranhe isso - o ajuste foi quase perfeito. Se ela estivesse experimentando a túnica em uma loja, ela a teria tirado e pendurado novamente, porque nunca tinha sido do tipo que usava algo tão decotado. Não que ela corresse o risco de derramar algo, mas o decote decotado mostrava muito mais a curva de seus seios do que ela estava confortável.

Ela meio que duvidava que tivesse sido um acidente.

Com um suspiro, ela tirou o jeans e vestiu as calças que combinavam com a túnica. Pelo menos eles eram folgados, mas ela tinha a sensação de que Qadim não estava olhando para as pernas.

Não havia muito que ela pudesse fazer com o cabelo, exceto penteá-lo com os dedos e depois espirrar um pouco de água na mão e usá-lo para esmagar seus cachos rebeldes

em algo um pouco menos crespo. Pelo menos o protetor labial acrescentou um pouco de cor à boca, e ela usou um truque que uma amiga da faculdade havia lhe ensinado pegando um pouco do mesmo protetor labial e esfregando-o na ponta dos dedos, depois usando-o para borrar um pouco de cor nas maçãs do rosto.

A combinação dessas técnicas improvisadas funcionou melhor do que ela esperava, e uma versão muito mais polida de si mesma do que ela esperava a encarando pelo espelho. Seus brincos simples de argola realmente não combinavam com a roupa, mas Qadim não havia fornecido nenhuma joia, então eles teriam que fazer.

Parecia uma pena ter que colocar a tipoia de volta sobre todo esse esplendor. No entanto, o braço de Madison estava começando a doer novamente, e ela não queria inclinar a mão e deixar o djinn saber que ela estava se recuperando muito mais rapidamente do que o esperado. Então ela deslizou a tipoia sobre a cabeça e enfiou o braço de volta nela, depois pisou nas sandálias de joias pequenas que ele havia fornecido.

A visão dos dedos dos pés nus a fez querer suspirar novamente. Ela havia conseguido a primeira pedicure da temporada, pouco antes de o Heat atingir Albuquerque, e desde então mantinha as unhas dos pés curtas, mas não se

incomodara com o contrário. Qual era a utilidade de pintar os dedos dos pés quando andava de botas o tempo todo?

Não se preocupe com isso, ela disse a si mesma. Com este decote, duvido que Qadim também esteja olhando para seus pés.

Esse pensamento não foi particularmente reconfortante. E se ele tentasse alguma coisa? Não havia nenhuma maneira no mundo que ela pudesse lutar contra ele. Nem mesmo quando ela usava os dois braços, e certamente não com um deles atualmente amarrado na tipoia.

Não chegaria a isso. Ele poderia estar tentando algum tipo de sedução - Madison já tinha estado no bar da cobertura do hotel antes, e ela sabia que era um ambiente muito romântico - mas ele simplesmente não parecia o tipo de forçá-la. Ele poderia ter feito isso a qualquer momento durante as últimas vinte e quatro horas.

Ela foi e pegou o relógio. Cinco para as sete. Perto o suficiente. Então, depois de verificar sua aparência pela última vez no espelho do banheiro, ela foi até a porta da suíte e saiu.

Velas tremeluziam nas mesas laterais do corredor, mas elas estavam lá no dia anterior. Não era como se Qadim tivesse deixado um rastro de pétalas de rosa no corredor ou

algo assim. Mais uma vez ela foi até a escada e desceu as escadas, só que desta vez saiu para o mezanino e seguiu as placas que a guiavam até o bar da cobertura. Ela passou por uma sala que já havia sido usada como área de recepção e depois chegou a uma porta.

Madison abriu a porta e saiu para o país das fadas.

Tudo bem, talvez mais como um reino encantado. Chamas dançavam ao longo da parte superior da fonte, no lado mais distante do telhado, e tecidos pálidos haviam sido levados de pilar a pilar para dar a sensação de um dossel acima da cabeça, mesmo que o teto com persianas estivesse aberto para o céu. Vários aquecedores altos de propano brilhavam vermelho-cereja, e votivas em recipientes de vidro cintilavam em todas as superfícies.

O movimento nas sombras do lado oposto do bar da cobertura chamou sua atenção e ela teve que segurar um suspiro quando Qadim avançou. Ele voltou ao seu traje djinn, só que desta vez o roupão escuro que ele vestia brilhava com bordados em ouro e prata. Essa túnica aberta não fez muito para esconder os músculos pesados do peito ou os contornos esculpidos do estômago.

Bem, *droga*.

Isso pode ser mais difícil do que ela pensara. E então ela percebeu que ele estava segurando dois copos de vinho, um dos quais ele estendeu para ela.

— Madison, — disse ele. — Você está muito bonita.

Ele também estava, mas de jeito nenhum ela teve coragem de retribuir o elogio. — Obrigada, — ela conseguiu dizer enquanto agradecidamente pegava o copo de vinho dele com a mão. — Isso tudo é incrível.

— Você gosta disso?

— É lindo. — Pelo menos isso não era nada mais que a verdade. Ela tomou um gole do vinho - um shiraz, ela pensou - e acrescentou: — Estive neste bar algumas vezes, mas certamente nunca foi assim.

— Eu adicionei alguns toques. — Com a mão livre, ele apontou para uma mesa dobrada em um canto. Estava mais escuro lá atrás, mas mais votivas brilhavam da mesa e de algum lugar - possivelmente a loja de suprimentos para casamentos do hotel - ele encontrou um conjunto de grandes suportes de vela de ferro forjado e colocou uma vela grossa em cada uma. Todos ajudaram a lançar sua própria luz quente, mesmo que tremulassem um pouco na brisa da noite que soprava sobre o telhado.

Madison foi onde ele indicou e começou a se sentar, apenas para que Qadim se apressasse para que ele pudesse

puxar uma cadeira para ela. Ela se assustou, mas depois se deixou afundar no assento, se perguntando se isso também era algo padrão na sociedade djinn, ou se ele de alguma forma havia aprendido esse pequeno ato de cortesia dos humanos.

Ele deu a volta para o outro lado da mesa e sentou-se. À luz incerta do crepúsculo, com as velas tremulando ao seu redor, suas feições pareciam ainda mais saturninas, seus olhos postos profundamente nas sombras.

Não tendo certeza do que deveria fazer, Madison pegou sua taça de vinho e tomou outro gole. Lá. Isso ajudou um pouco. Não muito, porém, ou ela não seria capaz de reagir rapidamente se as coisas fossem para o sul.

— Você não está com muito frio?. — Qadim perguntou.

— Não, — ela disse. Isso já era verdade. As roupas que ele lhe dera certamente não eram resistentes ou particularmente quentes, mas estavam abrigadas aqui neste canto, e os aquecedores elevaram a temperatura a um nível mais do que confortável. — Eu gosto disso melhor do que estar dentro. As estrelas estão apenas começando a aparecer.

Ele inclinou a cabeça para cima para poder estudar o céu. — Então eles são. Um cenário perfeito.

Para quê? Madison pensou desconfortável, mas ela tentou um sorriso para que ele não achasse que ela estava desconfortável na presença dele. Ela bebeu um pouco de vinho, depois se aventurou: — Eu não ouvi você trabalhando hoje.

— Não. — Seus dedos estavam ao redor da haste do copo de vinho, mas ele não o levantou para tomar uma bebida. — Eu achei melhor ficar aqui hoje.

— Por causa dos outros djinn?

Os olhos escuros enviaram-lhe um olhar pesquisador. Então ele assentiu. — Sim. Não desejo assustá-lo, porque realmente acredito que, mesmo que soubessem que você estava aqui, entenderiam que você está sob minha proteção e a deixariam em paz. Mas como você ainda está se recuperando, decidi que o trabalho poderia ser adiado por mais um dia.

Essas palavras deveriam tê-la aliviado, mas, em vez disso, um pequeno arrepio percorreu sua espinha. Qadim havia dito que acreditava que a deixariam em paz, mas não sabia ao certo. Não querendo revelar suas dúvidas, ela disse: — Bem, é bom saber. Não tenho certeza do que faria se algum dos djinn que eu tinha visto antes decidisse aparecer aqui.

— Eles não têm motivos para isso, — disse Qadim.

Sua voz era calma e rica, e Madison tinha a sensação de que ela poderia facilmente cair sob seu feitiço se não se observasse. — Este não é o território deles. O mais zeloso em 'limpar' esta cidade - suas palavras, não as minhas - recebeu terras ao norte daqui, em um lugar chamado Chama.

Essa notícia foi um pouco animadora, principalmente porque Chama estava a quase duzentos quilômetros de Albuquerque, perto da fronteira do Colorado. — Oh, esse é um lugar bonito. Você acha que ele gostaria de ficar lá em cima, então.

— Você já esteve neste lugar Chama?.

— Algumas vezes. Há um trem - ou seja, costumava haver um trem que você podia pegar nas montanhas e atravessar o Colorado. Muitas florestas de pinheiros, um rio. É lindo. — Teria sido um lugar melhor para Qadim, que claramente amava a terra e que provavelmente teria sido um bom administrador dessas florestas e prados das montanhas. Mas então, se ele tivesse recebido terras naquela parte do Novo México, ela nunca o teria conhecido.

Ela não sabia por que esse pensamento deveria fazê-la se sentir um pouco triste.

— Hasan mencionou um bom número de árvores.

Outro arrepio tomou conta dela, e Madison começou a se perguntar se ela fora prematura ao dizer a Qadim que ela estava confortável aqui no ar da noite. Hasan? Então ele foi um dos djinn que eu vi?

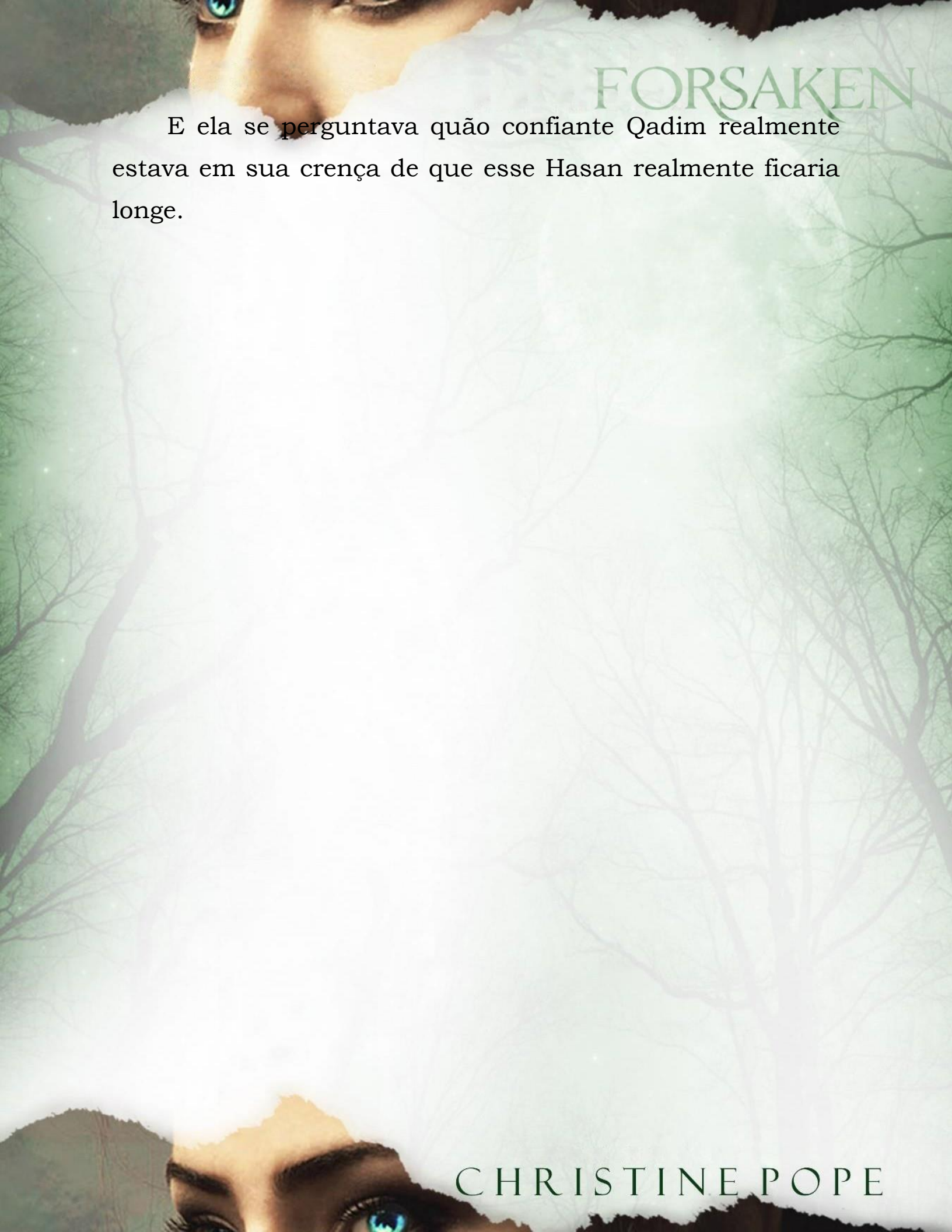
— Temo que sim. — Qadim estalou os dedos e, no instante seguinte, um carrinho de servir carregado com todos os tipos de pratos com cheiro delicioso, apareceu ao lado deles.

Ela o viu usar seus poderes de maneiras pequenas e sutis antes disso, mas era tudo o que ela podia fazer para não pular de seu assento naquela aparição. Conveniente, ela supunha, porque dessa maneira Qadim não precisaria deixá-la para ir buscar a comida, mas ainda assim....

— Não vamos falar de Hasan, — continuou ele. — Porque eu queria que este fosse um bom jantar para você, e não gostaria de estragar seu apetite.

— Você está certo, — disse Madison. — Como você disse, ele não vai nos incomodar.

Um aceno de cabeça, mas ela percebeu a inquietação em sua expressão antes que ele se virasse para poder começar a servir a comida deles. Ela mal conteve um calafrio ao se lembrar do deleite maníaco nos olhos do outro djinn enquanto ele massacrava alegremente os poucos sobreviventes restantes de Albuquerque.



FORSAKEN

E ela se perguntava quão confiante Qadim realmente estava em sua crença de que esse Hasan realmente ficaria longe.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO SETE

Qadim desejou que eles tivessem evitado o assunto de Hasan. Madison pareceu aceitar sua explicação de que o outro djinn ficaria longe deles, mas ... ficaria?

Não pense nisso, Qadim se repreendeu. Pense na mulher diante de você.

Na verdade, ela era uma visão surpreendente. Mesmo nas roupas estranhamente sem sexo que ela parecia preferir, ele tinha visto que ela era linda, mas agora, vestida com algo que melhorava sua forma em vez de escondê-la, ele podia ver o quão adorável ela realmente era. Muito esbelto, sim, quase ao ponto de magreza, mas seus seios ainda eram arredondados o suficiente para tudo isso, e sua cintura afunilava de uma maneira que o fazia doer por deslizar os braços em volta dela. A suave tonalidade rosada do conjunto de seda que ele havia proporcionado lhe dava alguma cor à palidez clara de sua pele fina, e mais uma vez ele teve que resistir à vontade de estender a mão e tocar em seus cabelos, sentir a suave suavidade da pele. Contra seus dedos.

E ele pode estar se lisonjeando, mas notou a expressão de admiração chocada nos olhos dela quando ela o viu no vestuário de seu povo, em vez das roupas humanas que ele adotou recentemente devido à sua natureza prática. Sua

expressão mudou rapidamente para uma agradável neutralidade, mas ele não podia esquecer o que tinha visto. Talvez ela não fosse tão indiferente quanto queria que ele pensasse.

O que, obviamente, o agradou muito. Ele sabia que a qualquer momento ele poderia lançar o glamour dos djinn nela para fazê-la pensar que ela o desejava, mas ele não queria fazê-lo. Esse subterfúgio em particular não funcionou muito bem em Julia Innes, é verdade. Mesmo assim, ele não tinha motivos para pensar que o glamour não seria eficaz em Madison Reynolds, embora ela certamente parecesse ser tão decidida quanto Julia, talvez mais ainda. Ele não tinha um quadro de referência verdadeiro, pois todos os seus ex-parceiros tinham sido djinn e mais que dispostos. Algo o impediu de tentar o experimento, no entanto. Ela deveria o querer porque ela realmente o queria, e não porque ele tinha usado seus poderes de djinn para convencê-la do contrário.

Agora ela estava sentada quieta, comendo o farrapo de carne de veado que ele havia preparado – outro prato onde tudo já havia sido cortado em pedaços pequenos, e assim ela não precisaria usar o braço machucado. Uma ou duas vezes ele a viu mexer sem estremecer, o que parecia indicar que ela estava se recuperando rapidamente, mas ele ainda

achava que ela precisaria de mais alguns dias para recuperar toda a sua amplitude de movimento.

— Você gostaria de mais um pouco de arroz? — ele perguntou educadamente.

— Sim por favor. — Ele serviu para ela, e ela ofereceu um sorriso. Parecia um pouco mais relaxado do que o que ela lhe dera antes, mas talvez fosse apenas por causa do vinho e da comida. Então ela disse: — Isso é incrível. Onde você consegue todos os ingredientes?.

— Eu os colho para mim quando preciso deles, — respondeu ele. Essa parecia ser a maneira mais simples de explicar como ele conseguiu desenhar itens de todo o mundo para criar suas refeições. Mais cedo ou mais tarde, esses estoques começariam a esgotar-se, ele supunha, e os djinn teriam que emprestar seus talentos à agricultura e à criação de animais, mas, por enquanto, havia abundância suficiente para que ele pudesse lhe chamar as coisas de que precisava.

Seus olhos estavam cheios de perguntas, mas ela parecia entender que ele não queria entrar em mais detalhes do que o que ele já havia fornecido. — Você trabalha com receitas ou apenas inventa as coisas?

— Depende. Eu já tive esse ragout muitas vezes antes e, portanto, pude recriá-lo de memória. Mas se você

quisesse que eu preparasse um dos seus pratos do Novo México....

— Enciladas de frango com milho azul com chile de Natal, — ela interrompeu, com uma luz travessa nos olhos. Ou talvez isso fosse apenas um reflexo da luz das velas.

Ela pode estar falando um idioma diferente. — Precisamente. Eu não tenho ideia do que é isso. Algo que você faz nas suas férias?.

Essa pergunta a fez realmente rir. — Não exatamente. ‘Natal’ significa apenas que você está pedindo chile verde e vermelho em cima de sua comida. Isso é tudo.

— O que é o chile, precisamente?.

Madison lançou lhe um olhar de horror falso. — Você mora em Albuquerque e não sabe o que é o chile? É um molho feito de pimentão. Existem variedades vermelhas e verdes, e elas variam em nível de calor, de leve a explosões nucleares.

Nada disso estava fazendo muito sentido. Sim, seu pessoal tinha alguns pratos apimentados, mas o que Madison acabara de descrever parecia muito diferente. — E uma explosão nuclear é boa?.

— Nesse sentido, sim. Quero dizer, algumas pessoas se orgulham de quanta comida quente podem comer. Ou

seja, poderia comer — - ela alterou, a luz em seus olhos desaparecendo abruptamente.

Ele sabia que ela devia estar pensando em todas as pessoas que morreram com o calor, e desejou ter sido capaz de orientar a conversa de tal maneira que o assunto pudesse ser completamente evitado. Isso não era possível, mas ele ainda queria fazer o que pudesse para tirar sua mente do assunto. — E você gostou do chile nuclear?.

— Não, eu sempre estava em algum lugar no meio. — Ela pegou seu copo de vinho e tomou um gole maior do que ela provavelmente pretendia.

Qadim gentilmente derramou um pouco mais em seu copo. Ele não queria que ela ficasse realmente intoxicada, mas por outro lado, se ela estivesse um pouco elevada, ela poderia estar mais aberta a ... o que quer que possa vir a seguir.

— Talvez se eu tentar fazer algo com o chile, você pode me ajudar? — ele perguntou então.

— Bem, eu não sei quanta ajuda eu precisaria para começar do zero, — respondeu Madison. — Sempre compramos o nosso na loja. Mas suponho que poderia fazer alguns testes de sabor para você.

— Isso seria muito útil. — De fato, ele teve uma visão repentina dela empoleirada em um dos bancos da cozinha,

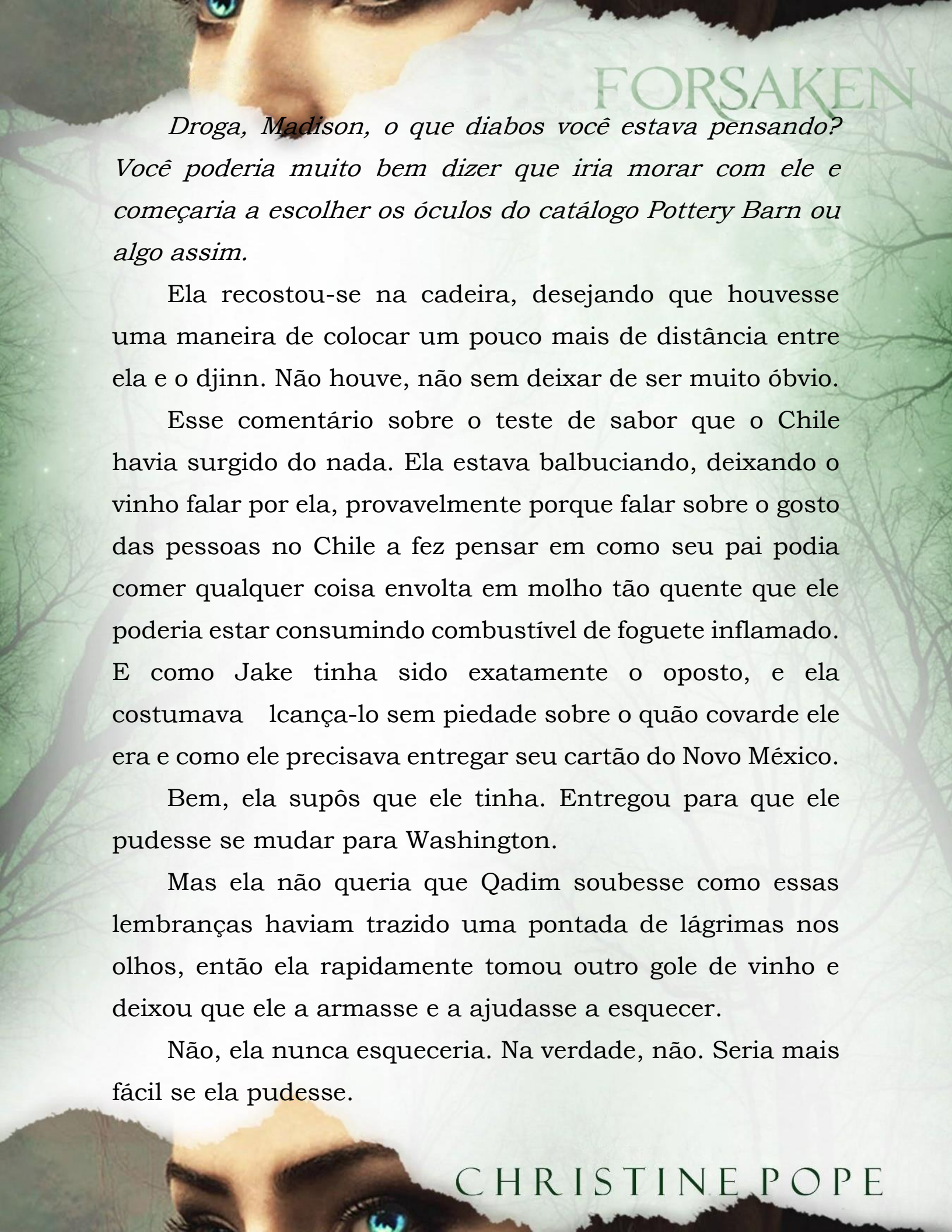
lambendo molho de pimenta – o que quer que fosse, precisamente – de uma colher de pau. A imagem apertou sua virilha, e ele pegou seu próprio vinho, satisfeito com o canto mal iluminado em que estavam e a natureza folgada de suas calças.

— É um plano, então. — Ela sorriu, aparentemente distraída do tópico das vítimas do Heat, e Qadim se viu relaxando também. Certamente ela não estaria falando em lcan-lo na cozinha se planejasse sair tão cedo.

Ele permitiria que ela partisse? Essa era uma pergunta que ele lutava consigo mesmo desde que a trouxe de volta aqui. Ele não queria fazê-la prisioneira, é claro, mas também não queria que ela fosse embora, por nenhuma outra razão, a não ser que ele pensasse que ela estaria mais segura aqui com ele.

Não, esse era um argumento ilusório, pois ela tinha sido capaz de sobreviver sem a ajuda dele por mais de um ano. Só que ele queria tanto que ela ficasse, pelo menos até um momento em que os dois decidissem que era hora de seguir em frente.

Então sim ... ele permitiria que ela partisse ... contanto que fosse adequado a seus próprios propósitos.



FORSAKEN

Droga, Madison, o que diabos você estava pensando? Você poderia muito bem dizer que iria morar com ele e começaria a escolher os óculos do catálogo Pottery Barn ou algo assim.

Ela recostou-se na cadeira, desejando que houvesse uma maneira de colocar um pouco mais de distância entre ela e o djinn. Não houve, não sem deixar de ser muito óbvio.

Esse comentário sobre o teste de sabor que o Chile havia surgido do nada. Ela estava balbuciando, deixando o vinho falar por ela, provavelmente porque falar sobre o gosto das pessoas no Chile a fez pensar em como seu pai podia comer qualquer coisa envolta em molho tão quente que ele poderia estar consumindo combustível de foguete inflamado. E como Jake tinha sido exatamente o oposto, e ela costumava lcança-lo sem piedade sobre o quão covarde ele era e como ele precisava entregar seu cartão do Novo México.

Bem, ela supôs que ele tinha. Entregou para que ele pudesse se mudar para Washington.

Mas ela não queria que Qadim soubesse como essas lembranças haviam trazido uma pontada de lágrimas nos olhos, então ela rapidamente tomou outro gole de vinho e deixou que ele a armasse e a ajudasse a esquecer.

Não, ela nunca esqueceria. Na verdade, não. Seria mais fácil se ela pudesse.

CHRISTINE POPE

Agora o djinn estava removendo os pratos e colocando pequenos ramequins cheios de uma substância escura de chocolate com cobertura de framboesas e chantilly. Ela levantou uma sobrancelha e ele disse: — Mousse de chocolate. Foi uma iguaria, não foi?.

— Você poderia dizer isso. — Nesse momento, nada que ele pudesse fazer no departamento de culinária realmente a surpreenderia. Pelo que ela sabia, ele passava a noite toda estudando livros sobre a culinária do Novo México e a surpreenderia no dia seguinte com enchiladas, sopapillas e calabacitas, seguidas de bolo doce de leite.

Enfim, mousse de chocolate parecia incrível. O abrigo tinha um estoque de chocolate em barra orgânicos e com alto teor de cacau por causa de seus benefícios à saúde, e Madison se permitira um pequeno pedaço várias vezes por semana. Mas algumas mordidas de chocolate escuro e denso não eram o mesmo que mousse de chocolate com chantilly e framboesas por cima.

Uma única mordida foi suficiente para dizer a ela que ela nunca teve algo tão bom em um restaurante. Se ao menos o ramequim não fosse tão pequeno....

Ela comia cada mordida, depois desejava estar sozinha para poder lamber a tigela. Deus sabe como Qadim teria

reagido a esse tipo de exibição, de alguma forma ele conseguiu se conter.

— Bom? — ele perguntou, assim que ela terminou e colocou a colher em cima do ramequim.

— Melhor que bom. Surpreendente.

— Era isso que eu queria ouvir.

Ambos estavam calados então, olhando um para o outro através da mesa. Madison se viu estudando suas feições, encontrando nuances como a ponte alta do nariz forte ou a fenda no queixo, escondida principalmente pela barba bem aparada que usava. Provavelmente era apenas o vinho falando, mas mais uma vez ela percebeu que estava se perguntando se seria realmente uma coisa tão ruim que as coisas mudassem de direção para o físico. E com certeza não ajudou que seu corpo estivesse dizendo não, não seria um coisa ruim. Ela tentou cuidar de si mesma o melhor que pôde, graças a alguns itens roubado de lojas de adultos na cidade, mas utilizando uma coleção de brinquedos cuidadosamente concebidos não era o mesmo que estar com um homem, sentindo suas mãos em você, sentindo-o *em* você...

Ela colocou a mão boa sobre a mesa e empurrou-se para cima. — Estou começando a me sentir um pouco cansada.

Este foi um jantar maravilhoso, Qadim, mas acho que preciso ir para a cama.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, ela quis se amaldiçoar. Por que diabos ela tinha sido estúpida o suficiente para usar a palavra — cama — ?

Porém, ele não reagiu, exceto para dizer: — Claro, Madison. Deixe-me lca-la para o seu quarto.

De alguma forma, isso soou como uma sugestão muito perigosa. — Oh, você não precisa fazer isso.

— Não seria muito legal da minha parte deixar você ir sozinha quando eu posso facilitar o processo. — Ele se levantou e se aproximou dela, depois a segurou pelo braço bom.

Ela conseguiu evitar se encolher. Não que fosse ruim ter o braço dele ao redor dos dela – na verdade, era bom, assim como era bom ter o calor do corpo dele ajudando a lcanç-la do vento noturno, quando eles deixaram seu cantinho protegido e foram em direção às escadas, mas não devia se sentir bem. Ele era um djinn, não um agente aleatório que ela conhecera aqui nas ruínas de Albuquerque. Se ele fosse humano, então talvez ...

Um daqueles piscantes chocantes, e então eles estavam do lado de fora da porta de sua suíte. Ao lado dela, Qadim parecia calmo e imperturbável. Ele certamente não parecia

afetado pela proximidade deles. Mais uma vez, ela disse a si mesma que estava vendo coisas que não estavam lá, produzindo uma tensão entre elas que realmente não existia. Tudo o que ele fez foi lca-la até a porta e agora a deixaria em sua cama solitária. Qualquer outra coisa era apenas uma fantasia louca que ela inventara em sua mente.

Não há mais necessidade de cartões-chave; a porta se abriu assim que ela apoiou os dedos na maçaneta. Ela voltou-se para Qadim para lcança -lo em pé muito mais perto do que ela esperava – tão perto, de fato, que a barra da túnica roçou nos dedos do pé direito.

Aquele sussurro de seda contra o pé nu a fez estremecer, embora estivesse muito mais quente aqui do que no telhado.

— Você teve um calafrio, — disse ele, sua voz tão frequentemente estridente.

Imediatamente ela balançou a cabeça. — Não não, é apenas...

— Apenas o quê?

Madison se forçou a olhar para ele. Aqueles olhos escuros pareciam muito próximos. E a boca dele – por que ela não havia notado a curva sensual em seu lábio inferior antes?

— Estou apenas cansada, — disse ela. Ela sabia que precisava entrar antes de fazer algo espetacularmente estúpido. Beijá-lo não resolveria nada, apenas criaria uma série de novos problemas. A emoção de necessidade que ela sentiu naquele momento, enquanto olhava para Qadim — era apenas o vinho falando. Vinho e solidão. Mas se ela conseguisse fugir daqui, correr para Los Alamos, talvez pudesse encontrar alguém tão solitário quanto ela. Um cara humano legal, não alguém que pertencia a uma raça que fizera o possível para varrer a humanidade do mapa.

— Você não está com frio? — Qadim perguntou. Algo em sua voz parecia íntimo, que ele sabia muito bem como aquecê-la.

— Não, eu estou bem. Obrigado pelo jantar. — Ela apertou a maçaneta da porta e colocou-se um pé na frente do outro. Mais um passo ou dois, e então ela estaria em segurança lá dentro e poderia fechar a porta atrás dela. Só, ela realmente estaria segura? Qadim poderia explodir a porta imediatamente, se quisesse.

Ele não fez, no entanto. Ele permaneceu onde estava, com uma tristeza entrando em seus profundos olhos escuros. — Você é muito bem-vinda. Durma bem, Madison.

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, ele se virou e estava andando pelo corredor em direção à escada

por algum motivo, mesmo que ele pudesse simplesmente ter feito outra daquelas piscadas para lca-lo ao seu próprio quarto. Um impulso louco tomou conta dela, pedindo que ele voltasse, mas ela apertou os lábios com força e fechou a porta antes que pudesse fazer algo tão estúpido. Uma vez fechada, ela apoiou a testa na superfície dura e se perguntou se realmente havia feito a escolha certa – ou se estava sendo uma tola teimosa.

Qadim foi até o bar e serviu-se de um copo de malbec de colheita tardia. Um grande.

Ele tinha tanta certeza dela. Do jeito que os lábios dela se separaram, um certo rubor nas bochechas – esses eram sinais de desejo, de necessidade. E então ela agradeceu-lhe friamente pelo jantar e fechou a porta atrás dela.

Talvez ele tivesse sido tolo ao permitir que seus escrúpulos o impedissem de usar o glamour djinn. Ele sentiu que ela exigia apenas o menor empurrão, apenas um pouquinho de persuasão, para trazê-la até ele. Mas não, ele jurou que não faria isso, que esperaria que ela estivesse pronta. Ele a queria nos seus próprios termos, e não porque a tinha forçado a ter qualquer tipo de intimidade.

Mesmo assim, seu corpo doía com a necessidade dela. Ele tinha tanta certeza de que essa noite terminaria com ela

em sua cama. Ou ele na cama dela. De qualquer maneira, teria sido ótimo.

Ele jogou de volta um grande gole de malbec, desconsiderando completamente a delicadeza da safra que estava bebendo, uma raridade que deveria ser saboreada em pequenos goles medidos. Madison já estava na cama, ou estava tão acordada quanto ele, imaginando se havia tomado a decisão certa?

— Não, você não, Madison, — ele disse em voz alta, e se serviu mais do vinho. Talvez o Conselho tenha pensado que eles o estavam punindo, dando-lhe Albuquerque como seu território, mas ele duvidava que eles considerassem isso um sofrimento se tivesse percebido a qualidade dos vinhos aqui.

Não era fácil para um djinn ficar bêbado, pois seus sistemas eram muito mais resistentes que os dos humanos, mas a coisa ainda poderia ser realizada se alguém possuísse uma vontade constante e uma grande adega.

Vários outros goles mais tarde, ele sentiu o estremecer em seus nervos começar a se acalmar um pouco. *Paciência*, ele disse a si mesmo. Afinal, ele e Madison haviam passado apenas alguns dias juntos. Ela precisava de tempo para se acostumar com a ideia de estar com ele, para entender que não havia nada terrivelmente estranho sobre os dois se

tornarem íntimos. Houve muitas ligações homem / djinn ao longo da história, algumas consensuais, outras... não. Mas ela não sabia disso. De alguma forma, ela conseguiu recuperar algumas informações sobre os djinn, mas Qadim teve a impressão de que suas fontes não haviam coberto esse terreno em particular.

Então... mais alguns dias juntos, mais algumas refeições, mais vinho compartilhado... Ele tinha quase certeza de que a situação exigiria pouco mais do que isso, e ela seria dele. Ela já estava muito perto. Tudo o que seria necessário era um pequeno empurrão.

Assim animado, ele se serviu mais do malbec. Uma coisa ele sabia com certeza sobre Madison Reynolds.

Valeria a pena esperar.

Madison olhou para os pedaços de luz do sol refletindo no teto e depois no rádio relógio. Sete e vinte e cinco.

Ela dormiu a noite inteira sem interrupção. Por que isso a surpreendeu, ela não tinha certeza. Qadim realmente não parecia do tipo que se aproveitava de uma mulher inocente.

Então era o momento da verdade.

Ela sentou-se na cama, passou a tipoia por cima da cabeça e largou-a em cima da colcha. Mandíbula apertou em antecipação à dor esperada, ela lentamente levantou o braço esquerdo e estendeu-o para ficar paralelo ao chão.

Uma ligeira pontada, mas nada que ela não pudesse suportar.

Em seguida, ela moveu o braço para frente e depois o girou para que a palma da mão ficasse no teto. Mais uma vez, ela sentiu uma pequena dor no ombro, mas não foi significativa. Ela apertou o punho várias vezes, apertando os músculos para cima e para baixo do braço. Alguma dor, apenas não o suficiente para impedi-la de fazer qualquer coisa que ela precisasse.

Tudo bem, hora do teste real.

Madison colocou as duas mãos contra a cama e empurrou contra elas, colocando todo o seu peso nelas para poder balançar as pernas ao lado da cama e se levantar. Isso doeu mais, mas ela foi capaz de fazê-lo. O braço esquerdo dela não dobrou, parecia perfeitamente capaz de apoiá-la.

Bem, isso pareceu garantir. Ela ainda pode ter alguma cura para fazer, verdade. Isso não significava que ela não era capaz de se movimentar mais ou menos normalmente. O que significava ...

Não havia necessidade de ela ficar aqui. Ela poderia voltar para o abrigo, reunir os itens necessários e atacar Los Alamos e – possivelmente – a comunidade mundial de humanos remanescente. Qadim pode estar chateada, mas depois de algum tempo, ela tinha certeza de que ele

entenderia por que ela deveria estar entre sua própria espécie. Isso o deixaria livre para se concentrar em estar com uma mulher djinn. Por que ele já não estava apegado a alguém, ela não sabia, mas era para ele resolver.

Antes de tudo, porém, ela precisava descobrir como se afastar em segurança.

Ela tomou banho e se vestiu de calça jeans e camiseta fresca e depois colocou a tipoia, mesmo que tivesse determinado que realmente não precisava. Durante todos esses preparativos, ela resolutamente ignorou a bela roupa cor de blush que Qadim havia trazido para ela. Isso era para ocasiões especiais, não importa o quanto ela se sentisse bem, e certamente não faria bem a ela por onde estava indo. Mas ela colocou o bálsamo colorido nos lábios e nas bochechas, e fez o possível para domar seus cachos selvagens em algo parecido com cachos ordenados. Ela precisava fazer o djinn pensar que estava amaciando em relação a ele, e que tudo o que precisava era de um pouco de tempo extra para aceitar a ideia de um possível relacionamento com ele.

Uma pequena pontada passou por ela com esse pensamento. Ela odiava a ideia de enganar alguém. E a triste verdade era que ela sentiu como seu corpo reagira a ele na noite anterior. Se ela não saísse daqui em breve, poderia

perder qualquer autocontrole que ainda possuía. Parte dela queria estar com ele, queria saber como seria ter a boca dele na dela, aqueles braços fortes, pesados com músculos, envolvidos em torno dela, segurando-a perto.

Mesmo agora, a imagem mental era suficiente para fazê-la corar com calor, depois tremer. Isso teria sido muito mais fácil se ele não estivesse tão quente.

Coragem, ela disse a si mesma. Tudo bem, as chances de encontrar alguém igualmente fumando gostoso em Los Alamos eram provavelmente pequenas ou inexistentes, mas ela não podia deixar que esse pequeno detalhe sacudisse sua resolução. Ele era um djinn, e ela era humana. Eles não deveriam estar juntos.

Ela respirou fundo e saiu do quarto e dirigiu-se para a escada. Agora estava chegando perto das nove e, por isso, pensou que mais uma vez desceria à cozinha na esperança de que Qadim estivesse lá, preparando o café da manhã.

Mas a cozinha estava vazia quando ela chegou lá, embora tenha encontrado evidências de seu trabalho manual na forma de uma quiche grande com algumas fatias já removidas e um prato limpo ao lado dela. Ao lado do prato, havia um pedaço de papel de carta de hotel com as palavras — sirva-se — escritas em um marcador preto grosso. A escrita estava em todas as letras, quadrada e tão pura

quanto as anotações de um arquiteto. A nota a surpreendeu, embora ela supusesse que, se Qadim pudesse falar inglês da melhor maneira possível, então não foi um grande salto ser capaz de escrever nessa língua também.

Um bule de café estava no fogão, então ela se serviu de uma caneca e voltou para a quiche e cortou uma fatia grande. Ela não perguntava em que lugar do mundo um djinn havia conseguido aprender a fazer quiche – se ele conseguia descobrir ragu de carne de veado e mousse de chocolate, então quiche provavelmente era um pedaço de bolo, por assim dizer.

Madison comeu quiche e bebeu café, e se perguntou onde Qadim havia chegado. Talvez fosse tolice ela estar sentada aqui e tomando silenciosamente o café da manhã, quando essa poderia ser sua única chance de escapar, mas algo a mantinha enraizada no lugar. O problema era que ela não sabia para onde o djinn tinha ido. A última coisa que ela queria era que ele reaparecesse repentinamente enquanto tentava fazer uma pausa. Melhor ficar parado até ele voltar e ter uma ideia melhor do que ele planejava fazer com o resto do dia.

Além disso, ficar aqui e terminar o café da manhã mostraria que ela não planejava ir a lugar algum, e isso só aumentaria sua confiança nela. Uma confiança equivocada,

é verdade, mas ela sabia que, eventualmente, ele entenderia por que ela sentiu que tinha que sair.

Ela estava apenas se servindo uma segunda xícara de café quando ele reapareceu. Desde que ele abandonou suas vestes e estava de volta na Levi's e uma camiseta verde escura – e porque essa camiseta já estava manchada de sujeira e suor – Madison imaginou que ele estava cuidando de seu — jardim.

— Bom dia, — ele a cumprimentou. Se ele estava irritado com a maneira como as coisas tinham acontecido na noite anterior, sua expressão atual não mostrava indicação disso. Ele parecia um pouco cansado, mas satisfeito o suficiente. — Vejo que você encontrou o café da manhã.

— Eu fiz, e foi maravilhoso, como sempre. — Ela levantou sua caneca em saudação. — Eu até deixei um café para você.

— Obrigado, mas eu já tive o meu. Eu vim aqui para tomar água fria.

— Parece que você esteve ocupado.

Ele esperou para responder até pegar uma água na grande geladeira industrial e derramá-la em um copo. Mais uma vez, Madison se perguntou como ele conseguia manter a energia elétrica no hotel quando o resto da cidade estava completamente morto, mas ela decidiu que esse

provavelmente não era o melhor momento para perguntar.

— Eu queria verificar como as coisas estavam indo. Acho que posso ter encontrado uma maneira de desviar mais água para esta área.

— Eu pensei que você era um elemental da terra, não um elemental da água.

— Eu sou. — Qadim inclinou a cabeça para poder drenar o conteúdo do copo de uma só vez. Essa parecia ser a sede que ele tinha trabalhado. — Mas, mesmo que eu não possa receber água por minha licitação, posso orientar o que já está lá. A infraestrutura existe para levar água a este lugar – ele só precisa de um pouco de reengenharia.

— E você pode fazer isso? — Madison perguntou, impressionada apesar de si mesma.

— Eu acredito que sim. — Ele a olhou rapidamente. — Como você está se sentindo hoje?

— Bem, — ela disse. Isso parecia seguro o suficiente. — Melhor, eu acho. O braço ainda dói, mas posso dizer que só preciso de um ou dois dias nessa tipóia.

— São boas notícias. — Ele voltou para a geladeira e serviu outro copo de água. — Você se importa se eu te deixar aqui por um tempo? O que preciso fazer é que eu vá ao rio, mas já realizei algum reconhecimento e não encontrei sinal

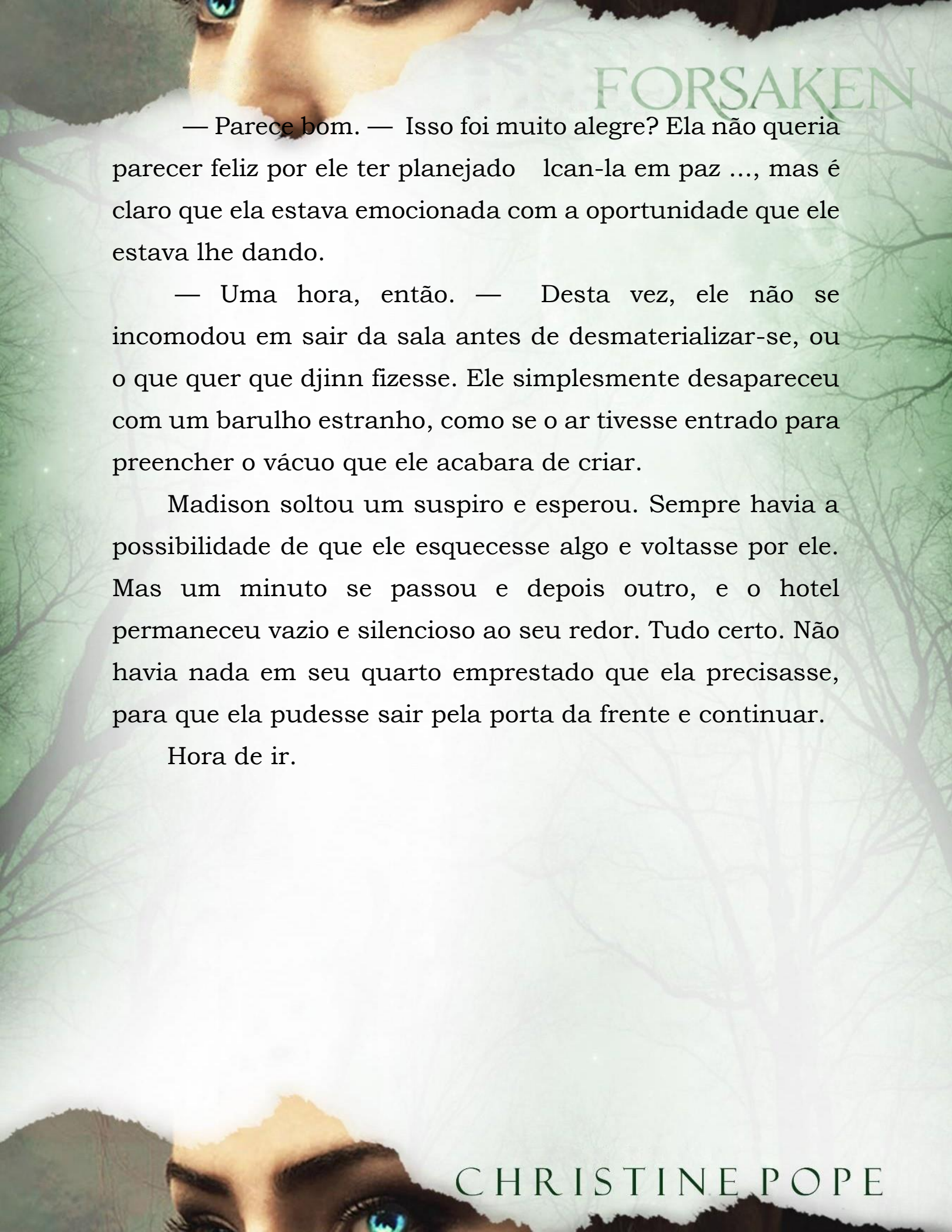
de Hasan ou qualquer outro djinn. Você deveria estar segura aqui.

— Não, não me importo — respondeu Madison, rezando para que parecesse calma e despreocupada. — Acabei de notar a sala da biblioteca do lado de fora. Eu posso entrar em uma daquelas pequenas coisas da gruta e ler e colocar os pés para cima. Eu vou ficar bem.

Qadim pareceu aliviado com a resposta dela, porque ele assentiu, um pouco da tensão saindo de seus ombros. Depois de beber um pouco mais de água, ele pousou o copo no balcão e disse: — Não vou precisar demorar muito. Possivelmente uma hora, se é que é isso.

Melhor. Em uma hora, ela poderia voltar para o abrigo, mesmo que tivesse que andar o caminho todo. — Faça o que você precisa fazer, Qadim. Eu vou descansar e ir com calma. E se esse Hasan aparecer, eu direi a ele para ir te caçar no rio.

O rosto do djinn ficou nublado. — Eu não faria isso de leve. Se ele voltar por algum motivo.... — Ele se deteve e balançou a cabeça, como se estivesse dizendo para não pedir emprestado problemas. — Mas ele não vai. Ele está longe daqui e tem terras próprias para administrar. E quando eu voltar, podemos decidir o que fazer para o jantar.



FORSAKEN

— Parece bom. — Isso foi muito alegre? Ela não queria parecer feliz por ele ter planejado alcançá-la em paz ..., mas é claro que ela estava emocionada com a oportunidade que ele estava lhe dando.

— Uma hora, então. — Desta vez, ele não se incomodou em sair da sala antes de desmaterializar-se, ou o que quer que djinn fizesse. Ele simplesmente desapareceu com um barulho estranho, como se o ar tivesse entrado para preencher o vácuo que ele acabara de criar.

Madison soltou um suspiro e esperou. Sempre havia a possibilidade de que ele esquecesse algo e voltasse por ele. Mas um minuto se passou e depois outro, e o hotel permaneceu vazio e silencioso ao seu redor. Tudo certo. Não havia nada em seu quarto emprestado que ela precisasse, para que ela pudesse sair pela porta da frente e continuar.

Hora de ir.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO OITO

O rio corria serenamente diante dele, algumas das árvores nas margens começando a mostrar tons brilhantes de amarelo e laranja. Ele estava estudando a flora desta terra e sabia os nomes de alguns deles. Árvores de algodão, sycamor, acácia e mesquita e arbustos de manzanita. Aqui em baixo, a paisagem era bastante exuberante, um contraste com o deserto que cercava a cidade por todos os lados.

Em seus esforços de plantio, ele se certificou de usar árvores e arbustos nativos, espécimes que poderiam contar com as escassas chuvas da região para permanecerem vivos. Mas ele gostou da fonte no bar da cobertura e achou que seria agradável ter um riacho serpenteando pelo hotel, talvez derramando em cascata até uma piscina abaixo. Para fazer isso, ele precisaria desviar um pouco da água do rio. Não tanto que a alteração o afetasse negativamente, mas apenas o suficiente para fornecer um pouco de umidade bem-vinda no lugar que ele decidira chamar de lar.

Um elemental da água poderia ter chamado a água ali, e teria aberto um novo caminho para seguir esse comando, mas Qadim teria que cavar aquele novo e estreito caminho. Nada que fosse terrivelmente desgastante, apesar de tê-lo

percorrendo a milha ou mais que separava o local onde ele estava agora do Hotel Andaluz provavelmente o levaria pelo menos um dia, possivelmente mais. No momento, ele estava apenas tentando determinar o melhor local para desviar a água e viajar para o leste, em vez de seguir para o sul, como fazia agora.

Enquanto subia e descia as margens, testando o solo, observando a ascensão e queda da terra, ele não conseguiu impedir que seus pensamentos retornassem a Madison. Ela parecia calma e quieta esta manhã, mas ele notou uma certa tensão sobre ela.

E por que isso te surpreende? Ele se perguntou enquanto se agachava para pegar um punhado de barro na mão. *Sem dúvida, ela estava sentada ali e se perguntando se você mencionaria o jantar ou se tentaria retomar onde deixou as coisas na noite anterior.*

Ele desejou que pudesse ser assim tão fácil. Mas se ela não caísse em seus braços quando estivesse cheia de vinho e, obviamente, pronta para alcançá-lo beijá-la, ele não achava que ela seria favorável a quaisquer avanços feitos durante a luz fria do dia.

Com um suspiro, ele se endireitou e limpou o solo das mãos. O vento aumentou e as nuvens vinham do Oeste. Ele não achou que choveria, mas o dia, que começara brilhante

e alegre, começou a ficar cada vez mais escuro, uma combinação adequada ao seu humor. Ao longo dos anos, ele havia se acostumado com a contrariedade das mulheres djinn – sua irmã fornecendo um excelente exemplo de seu comportamento voluntário -, mas por alguma razão ele não pensava que as mulheres humanas fossem iguais. Madison, no entanto, parecia determinada a fazer exatamente o oposto do que desejava. Sim, ela era agradável e boa companhia, e ainda assim não parecia ter o bom senso de saber o que era melhor para ela.

Uma nuvem passou sobre o sol. A escuridão repentina o fez pensar em Hasan, e Qadim franziu o cenho. Ele assegurou a Madison que o elementar do ar ficaria longe, mas agora Qadim não tinha tanta certeza. O simples pensamento do que poderia acontecer com ela se Hasan aparecesse de repente fez o sangue de Qadim gelar. Ele deveria ter trazido Madison com ele aqui para o rio, em vez de lançá-lo lá sozinho no hotel.

Sua concentração já estava em frangalhos, e então ele decidiu que já havia feito o suficiente por enquanto. Ele retornaria e garantiria que ela estivesse bem, e depois decidia se ele voltaria para cá com ela ou adiaria qualquer melhoria no rio até amanhã. Afinal, o Rio Grande não estava indo a lugar algum.

Com isso resolvido, ele fechou os olhos e visualizou o saguão do Hotel Andaluz, os altos tetos de caixilharia, os trilhos de ferro forjado que percorriam o perímetro do mezanino. No instante seguinte, ele ficou no centro do espaço, depois olhou para o lado, pensando que veria Madison sentada em uma das casbahs com o livro que ela mencionara.

Mas ela não estava lá, nem na alcova com sua pequena cachoeira, nem na parede de velas votivas. Ele correu para o restaurante e voltou para a cozinha, mas ela não era encontrada em nenhum desses quartos. Seu coração começou a acelerar, mas ele disse a si mesmo para permanecer calmo.

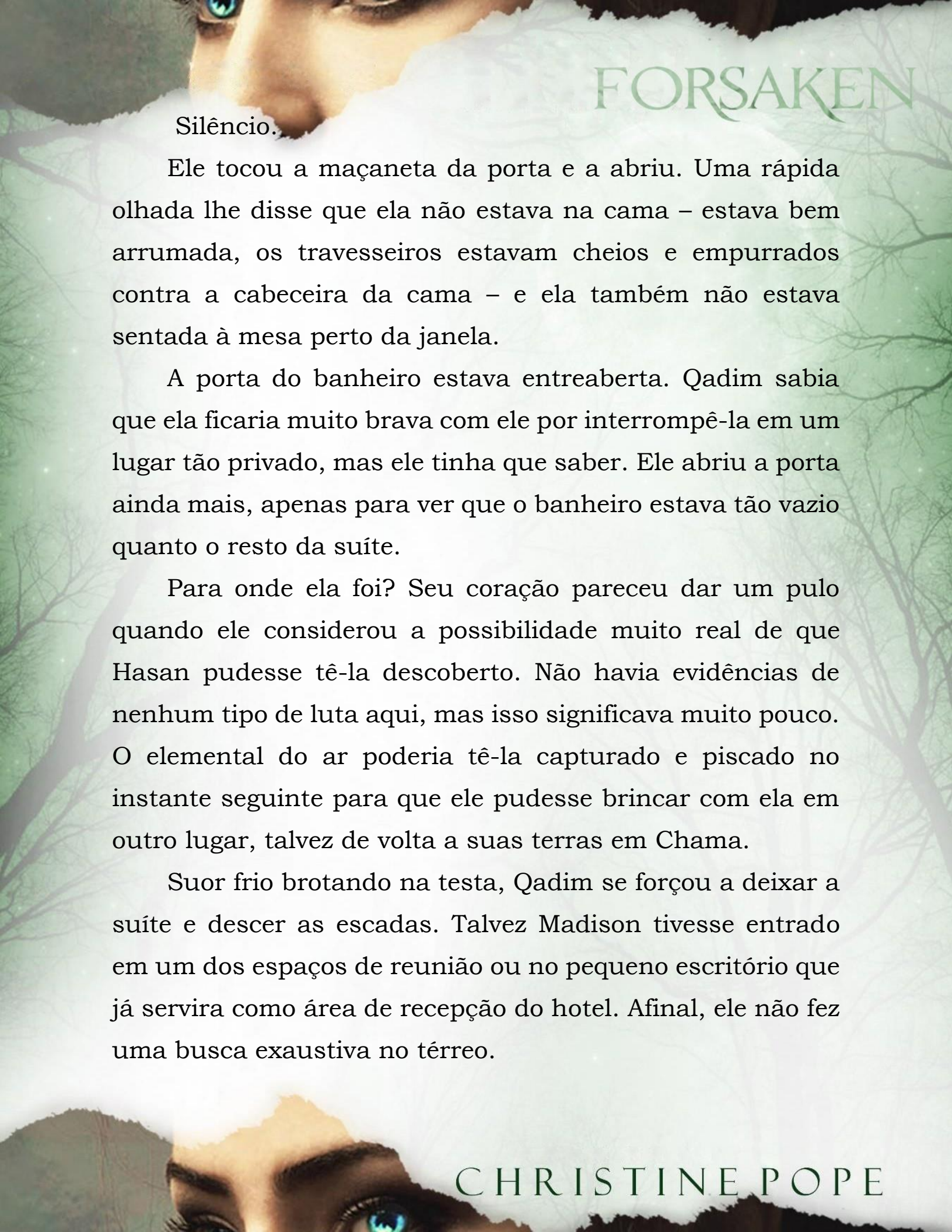
Pois é tão provável que ela tenha subido ao quarto para se deitar, ele pensou. Ela disse que estava se sentindo melhor, mas não totalmente. Talvez sentar e ler no saguão não fosse tão confortável quanto ela pensava.

Isso fazia sentido. Ele piscou para o corredor no nono andar, depois foi até a porta da suíte e bateu.

Nada.

— Madison? — ele chamou e esperou pela garantia de sua resposta.

Mas ela não respondeu. Franzindo a testa, ele bateu novamente. — Madison!

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner.

FORSAKEN

Silêncio.

Ele tocou a maçaneta da porta e a abriu. Uma rápida olhada lhe disse que ela não estava na cama – estava bem arrumada, os travesseiros estavam cheios e empurrados contra a cabeceira da cama – e ela também não estava sentada à mesa perto da janela.

A porta do banheiro estava entreaberta. Qadim sabia que ela ficaria muito brava com ele por interrompê-la em um lugar tão privado, mas ele tinha que saber. Ele abriu a porta ainda mais, apenas para ver que o banheiro estava tão vazio quanto o resto da suíte.

Para onde ela foi? Seu coração pareceu dar um pulo quando ele considerou a possibilidade muito real de que Hasan pudesse tê-la descoberto. Não havia evidências de nenhum tipo de luta aqui, mas isso significava muito pouco. O elemental do ar poderia tê-la capturado e piscado no instante seguinte para que ele pudesse brincar com ela em outro lugar, talvez de volta a suas terras em Chama.

Suor frio brotando na testa, Qadim se forçou a deixar a suíte e descer as escadas. Talvez Madison tivesse entrado em um dos espaços de reunião ou no pequeno escritório que já servira como área de recepção do hotel. Afinal, ele não fez uma busca exaustiva no térreo.

A close-up of a woman's face, focusing on her eyes which are glowing with a bright blue light. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a dark, textured background.

CHRISTINE POPE

Mas ele também não a encontrou em nenhum desses lugares. Quando ele parou do lado de fora da casa, onde ele pensava em alcançá-la lendo, no entanto, ele viu o que ele havia ignorado anteriormente – um pequeno pedaço da papelaria de cor creme do hotel. Escritas nele, havia duas palavras manuscritas graciosas que ele não reconheceu, mas que deviam ser de Madison.

Eu sinto muito.

Hasan não a levou. Ela fugiu.

A raiva ardeu por ele, e ele teve que resistir ao desejo de liberar essa raiva em uma onda de choque que ele sabia que iria danificar o hotel. Ele respirou fundo, depois outro, desejando manter a calma. Talvez, apesar de toda a sua restrição, ele ainda a tivesse intimidado, a tivesse feito pensar que ele acabaria forçando-a de alguma forma, mesmo que ele não se lembrasse de nada do que havia dito ou feito que lhe daria essa impressão. Ele teve que se lembrar de que ela estava sozinha e assustada por mais de um ano, que não tinha contato com nenhum outro ser vivo até que seus caminhos se cruzassem alguns dias atrás. Isso não desculpou a grosseria dela, mas pelo menos ele começou a entender.

Muito bem, ela se foi. Mas onde?

De volta para onde ela esteve escondida todo esse tempo antes que ele a encontrasse. Ele a alcançou antes que ela fosse ao chão da última vez, e por isso não conhecia a casa específica que era dela, mas podia se lembrar muito bem daquela rua de habitações modestas.

No instante seguinte, ele se materializou ali – e não muito cedo, pois ouviu a batida de uma porta em algum lugar à frente e à direita. Com a mandíbula apertada, ele correu nessa direção, em direção a uma casa de dois andares com uma grande árvore de mesquite crescendo no jardim da frente e não muito mais.

A porta da frente estava destrancada. Ele a abriu e caminhou de lado. — Madison!

Sem resposta. Não que ele realmente esperasse um. Ele parou no vestíbulo, observando os móveis simples e a falta de decoração, e como os poucos itens ali pareciam estar densamente cobertos de poeira. Pelo que ele viu de Madison, ela parecia ser uma pessoa arrumada e arrumada, e ele duvidava que ela tivesse se permitido viver nessas condições.

Do quintal, ele ouviu um ruído metálico. Esquecendo a desordem que acabara de ver ao seu redor, ele correu pela casa e saiu pela porta deslizante de vidro na parte de trás, quebrando seu mecanismo na pressa de ver o que havia feito aquele som oco de tinido. O quintal estava quase coberto de

roseiras, e no centro dessas roseiras havia um mirante incongruente, sua tinta branca começando a desaparecer do sol desumano do deserto.

Algum tipo de barulho estranho vinha de baixo do mirante. Enquanto olhava para ele, notou que havia uma abertura na treliça em sua base. Madison tinha ido *para lá*?

Qadim não podia ver nenhum sinal dela, e parecia que realmente era onde ela havia ido parar. Não havia como ele sofrer a indignidade de tentar dobrar seus quase dois metros de altura em um espaço tão confinado, então ele levantou a mão e enviou uma onda de choque para a frente que fazia com que a estrutura frágil se partisse em todas as direções, chovendo detritos nas rosas e jogando uma rajada de pétalas soltas no chão.

Só que... não havia Madison se escondendo embaixo do mirante. Em vez disso, Qadim viu uma porta redonda de metal colocada na própria terra.

Se era ali que ela se escondera durante todos aqueles meses, não era de admirar que Hasan ou qualquer um de seus irmãos não tivesse conseguido alcançá-la. Qadim foi até a porta e puxou a estranha maçaneta redonda, mas não se mexeu.

Ele não se incomodou em chamar o nome dela dessa vez. Ele sabia que ela não responderia, mas esperaria lá em baixo para ver se desistiria e iria embora.

Infelizmente para ela, ele não era do tipo que se rende facilmente.

A porta era de metal e o metal era da terra. O que significava que ele poderia ordenar que fizesse o que quisesse.

Mais uma vez ele colocou os dedos na maçaneta, só que desta vez enviou o comando aos seus átomos muito componentes, dizendo-lhes que eles deviam obedecer à sua vontade. E de repente a maçaneta começou a girar, e na manhã seguinte ele conseguiu levantar a porta e ver o interior.

Uma queda de cerca de um metro e meio e um piso de terra suavemente plano que se inclinava para baixo. Qadim abaixou-se na abertura, depois curvou-se para poder fechar a porta atrás de si. Ele percebeu agora que o gazebo havia sido colocado lá para fornecer camuflagem protetora. A estrutura de madeira havia sumido, mas ele não viu razão para anunciar a presença da porta que havia escondido, para o caso de qualquer olhar hostil estar olhando de cima.

Ele teve que andar três ou quatro metros antes que o chão tivesse inclinado o suficiente para poder ficar de pé. Por

todo esse estranho e pequeno corredor, havia armários de metal que ele supôs serem de algum tipo compartimentos de armazenamento. No final do corredor, havia outra porta, está aberta na própria rocha. Ele também tinha uma daquelas estranhas alças circulares, mas novamente ele foi capaz de ordenar que o metal fizesse o que ele pedia, e ele se abriu para dentro. Agora ele estava em outro corredor, embora muito mais curto. Ao fundo, ouvia um zumbido estranho, embora não soubesse dizer com precisão de onde se originou. E havia ainda outra porta, embora esta tivesse uma maçaneta de aparência normal, como se tivesse sido decidido que se uma pessoa chegasse tão longe lá dentro, ela deveria estar lá.

Até agora ele não tinha visto sinal de Madison. Ela deve ter mantido presença de espírito suficiente para trancar as portas atrás dela, na esperança de que elas fossem um impedimento suficiente para impedir que ele a perseguisse. Claramente, ela ainda não entendia muito sobre como seus poderes funcionavam.

Quando ele abriu a porta final e entrou, era como se tivesse voltado para uma suíte no Andaluz, ou pelo menos para uma casa muito bem decorada. De um lado, uma grande peça de mobília com ganchos para prender coques ou chapéus; uma jaqueta de aparência fofa pendia ali, junto

com um gorro de malha. Na outra parede, havia uma bela pintura do desfiladeiro do Rio Grande ao pôr do sol. Sim, ele supunha que, se alguém morasse no subsolo, ter várias paisagens penduradas nas paredes poderia ser uma boa maneira de fingir que eram realmente janelas, que a pessoa escondida ali não estava vivendo como uma toupeira.

A área do vestíbulo continuava em um corredor e, abrindo-se para ele, havia vários quartos, todos bem mobilados e limpos. Em um quarto, ele viu um cavalete e uma pintura pela metade das Montanhas Sandia repousando sobre ele. Então Madison era uma artista? Ela nunca mencionou isso.

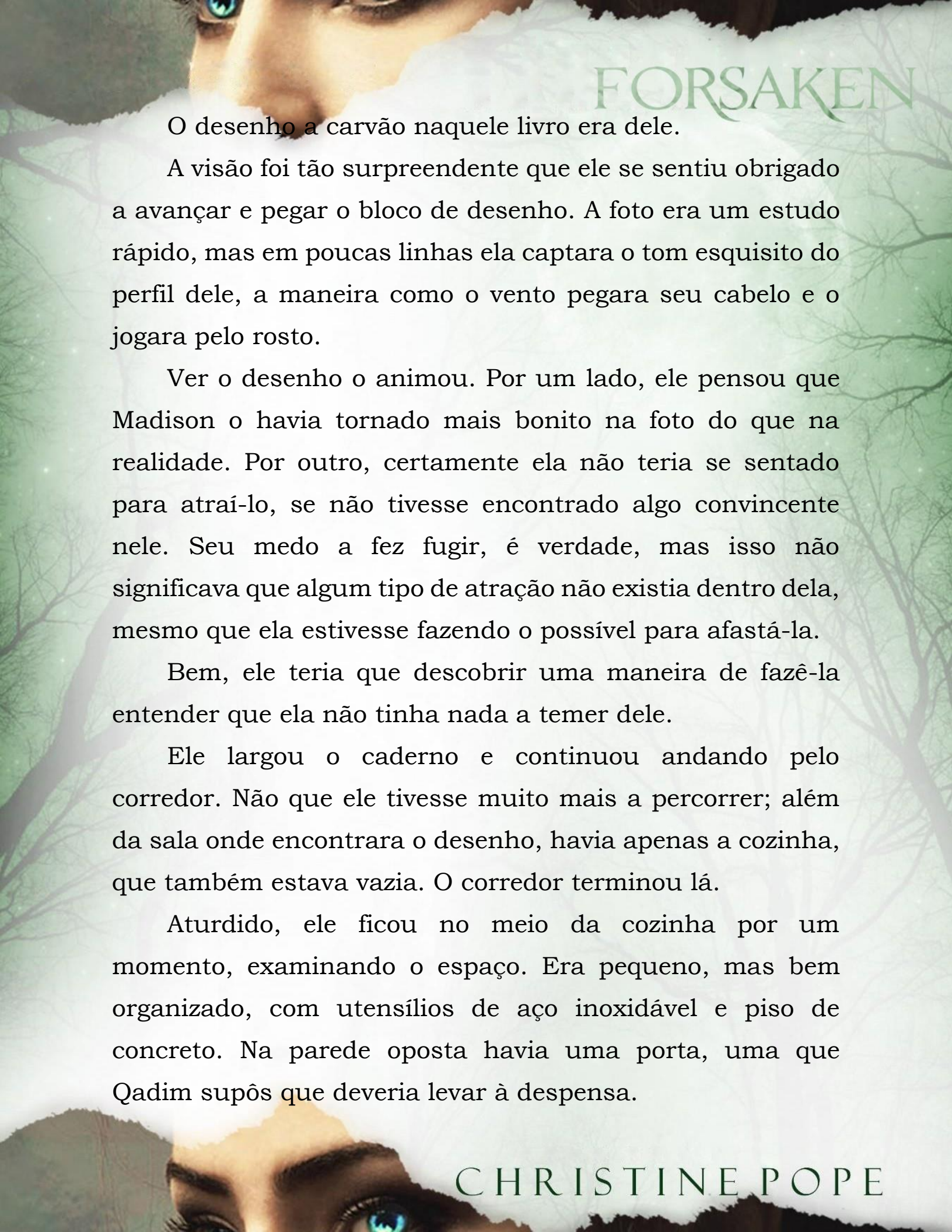
Porque você nunca perguntou a ela, ele pensou então. Você nunca perguntou nada a ela sobre sua vida antes.

Ele teria que remediar essa falta.

— Madison! — ele chamou, tomando o cuidado de manter seu tom o mais gentil possível. — Eu sei que você está aqui. Por favor, saia.

Ainda mais silêncio, mas escutando. Ela tinha que estar aqui em algum lugar.

Ele seguiu em frente, olhando para os quartos de ambos os lados enquanto caminhava. Todos eles estavam vazios. No último da esquerda, porém, ele viu algo que lhe deu uma pausa – um caderno aberto na mesa baixa em frente ao sofá.



FORSAKEN

O desenho a carvão naquele livro era dele.

A visão foi tão surpreendente que ele se sentiu obrigado a avançar e pegar o bloco de desenho. A foto era um estudo rápido, mas em poucas linhas ela captara o tom esquisito do perfil dele, a maneira como o vento pegara seu cabelo e o jogara pelo rosto.

Ver o desenho o animou. Por um lado, ele pensou que Madison o havia tornado mais bonito na foto do que na realidade. Por outro, certamente ela não teria se sentado para atraí-lo, se não tivesse encontrado algo convincente nele. Seu medo a fez fugir, é verdade, mas isso não significava que algum tipo de atração não existia dentro dela, mesmo que ela estivesse fazendo o possível para afastá-la.

Bem, ele teria que descobrir uma maneira de fazê-la entender que ela não tinha nada a temer dele.

Ele largou o caderno e continuou andando pelo corredor. Não que ele tivesse muito mais a percorrer; além da sala onde encontrara o desenho, havia apenas a cozinha, que também estava vazia. O corredor terminou lá.

Aturdido, ele ficou no meio da cozinha por um momento, examinando o espaço. Era pequeno, mas bem organizado, com utensílios de aço inoxidável e piso de concreto. Na parede oposta havia uma porta, uma que Qadim supôs que deveria levar à despensa.

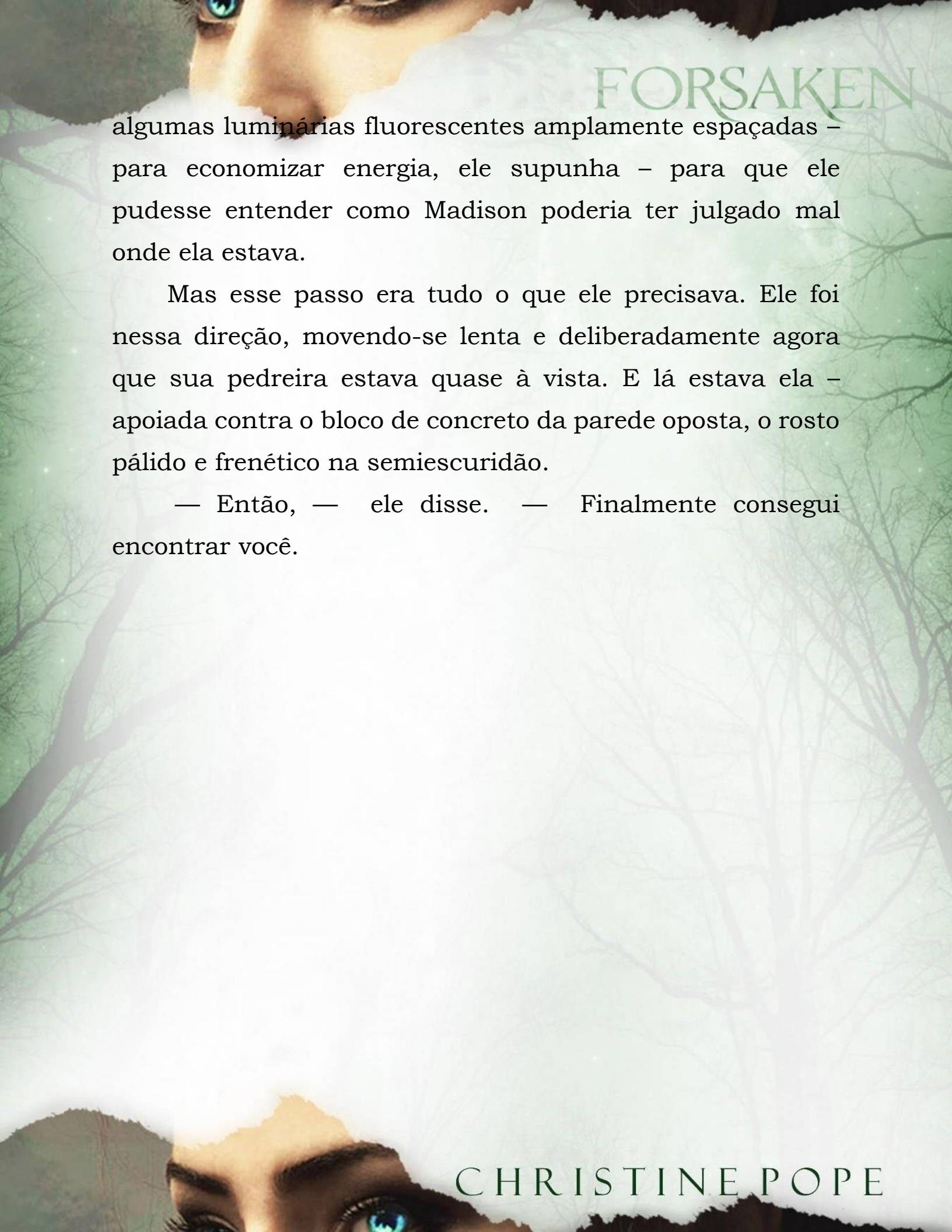
CHRISTINE POPE

Ele realmente não achava que Madison havia se espremido lá dentro com a sopa enlatada, caixas e sacos de produtos secos, mas disse a si mesmo que devia olhar, pois ela parecia ter desaparecido de outra maneira. Quando ele abriu a porta, porém, ele só podia ficar ali com a boca levemente aberta, encarando o mundo que acabara de descobrir.

Isso não era despensa. Não era nem uma despensa. Armazém, mais parecido com prateleiras de alimentos e outros suprimentos parecia esticar em todas as direções. Quanto tempo tudo isso poderia sustentar uma pessoa? Anos, parecia. Possivelmente longo. Então, com tudo isso em mãos, por que Madison já sentiu a necessidade de vir acima do solo?

Curiosidade, ou tédio, ou talvez uma mistura dos dois. Qadim não sabia quanto tempo ele poderia viver sem ver o céu ou sentir o vento em seus cabelos, mesmo que aquele céu fosse apenas o céu lívido e sempre mutável do outro mundo. Sim, este lugar poderia ter sustentado Madison por um longo tempo, mas apenas se ela conseguisse sobreviver à sensação de ser enterrada viva.

Em algum lugar à frente, ele ouviu um barulho fraco, como se algo em uma das prateleiras tivesse sido esbarrado. A iluminação aqui era fraca o suficiente, consistindo em



FORSAKEN

algumas luminárias fluorescentes amplamente espaçadas – para economizar energia, ele supunha – para que ele pudesse entender como Madison poderia ter julgado mal onde ela estava.

Mas esse passo era tudo o que ele precisava. Ele foi nessa direção, movendo-se lenta e deliberadamente agora que sua pedreira estava quase à vista. E lá estava ela – apoiada contra o bloco de concreto da parede oposta, o rosto pálido e frenético na semiescuridão.

— Então, — ele disse. — Finalmente consegui encontrar você.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO NOVE

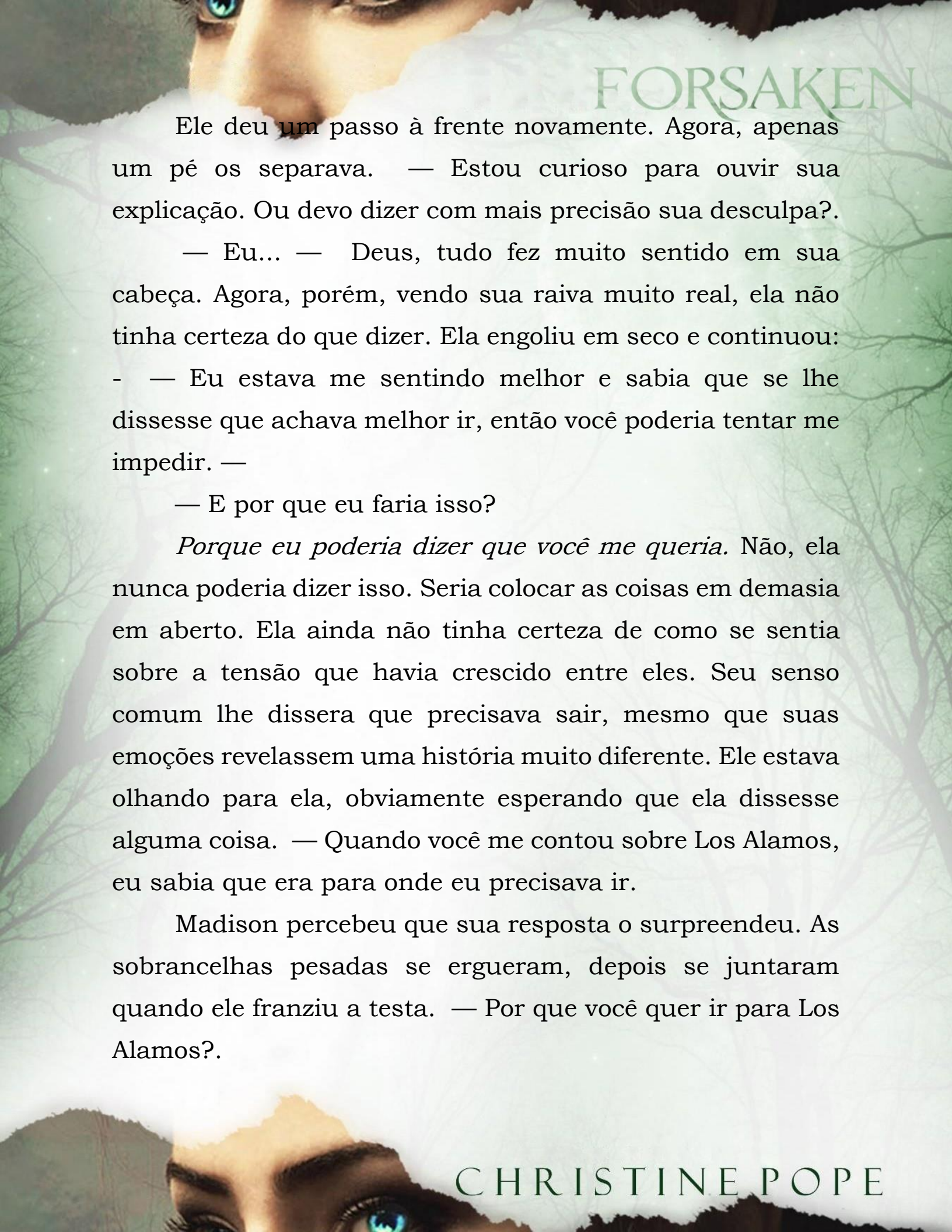
Ele não poderia estar aqui. Como ele estava aqui? Ela trancou todas as portas atrás dela, e essas portas foram classificadas para suportar armas nucleares táticas quase imperceptíveis e uma variedade de outras armas desagradáveis. Clay Michaels sempre disse que absolutamente nada podia passar por aquelas portas de abrigos de bombas.

Obviamente, Clay Michaels não tinha pensado em alcançá-los à prova de djinn.

Porque Qadim estava lá, apenas a alguns metros dela. Seus olhos escuros brilhavam perigosamente na luz incerta, e ele deu um passo à frente. Madison desejou que houvesse um lugar para onde pudesse correr, mas estava de costas contra a parede e sabia que estava presa.

— E aqui eu pensando que estava sendo um anfitrião tão bom, — continuou ele. Seu olhar mudou para o braço esquerdo, agora livre da funda, que ela descartou assim que saiu do Hotel Andaluz. — Ah, e aparentemente você está mais curada do que queria deixar transparecer. Entendo.

Sua garganta estava terrivelmente seca, mas ela conseguiu forçar o nome dele. — Qadim...



FORSAKEN

Ele deu um passo à frente novamente. Agora, apenas um pé os separava. — Estou curioso para ouvir sua explicação. Ou devo dizer com mais precisão sua desculpa?.

— Eu... — Deus, tudo fez muito sentido em sua cabeça. Agora, porém, vendo sua raiva muito real, ela não tinha certeza do que dizer. Ela engoliu em seco e continuou: — Eu estava me sentindo melhor e sabia que se lhe dissesse que achava melhor ir, então você poderia tentar me impedir. —

— E por que eu faria isso?

Porque eu poderia dizer que você me queria. Não, ela nunca poderia dizer isso. Seria colocar as coisas em demasia em aberto. Ela ainda não tinha certeza de como se sentia sobre a tensão que havia crescido entre eles. Seu senso comum lhe dissera que precisava sair, mesmo que suas emoções revelassem uma história muito diferente. Ele estava olhando para ela, obviamente esperando que ela dissesse alguma coisa. — Quando você me contou sobre Los Alamos, eu sabia que era para onde eu precisava ir.

Madison percebeu que sua resposta o surpreendeu. As sobrancelhas pesadas se ergueram, depois se juntaram quando ele franziu a testa. — Por que você quer ir para Los Alamos?.

CHRISTINE POPE

— Porque você disse que havia uma comunidade inteira de pessoas comuns como eu morando lá. Por que mais?.

Algo em sua expressão suavizou. — Minha querida, a última coisa que se pode dizer sobre você é que você é uma pessoa normal.

Um pequeno tremor passou por Madison. O uso casual do carinho a surpreendeu, porque Qadim nunca havia falado com ela dessa maneira antes. Ele tinha sido agradável, mas também educado. Foi só agora que ela começou a ter uma melhor leitura das emoções que estavam agitando sob a superfície. Claro, também não ajudou que ele estivesse tão perto. Mais uma vez, ela pensou em como ele cheirava bem, como terra quente e grama seca.

— Uma pessoa comum que não é djinn ou escolhida, — disse ela, feliz por sua voz soar muito mais firme do que se sentia. — Então, isso não significa que Los Alamos é o melhor – talvez o único – lugar para mim?.

Ele não respondeu imediatamente. Em vez disso, ele ficou lá e a observou por um momento, como se pesasse a melhor coisa para ele dizer agora. Outro passo, e então ele estava quase em cima dela. Se ele ainda estivesse usando suas vestes, eles certamente estariam roçando o jeans dela. — Eu não quero que você vá para Los Alamos.

Claro que não. E, na verdade, com ele tão perto dela, Madison podia sentir seu corpo lhe dizendo que também não queria ir para Los Alamos. Poderia ter sido o rubor de sua jornada aqui, quando ela andou o caminho todo, olhando constantemente por cima do ombro, que a deixou tão quente.

De alguma forma, ela não achou.

E parecia que Qadim também podia sentir a resposta dela, porque ele colocou uma mão na parede ao lado dela e se inclinou, tão perto que ela podia sentir o calor da respiração dele na bochecha. Todos os nervos que terminavam em seu corpo pareciam formigar.

Sua voz era baixa. — Você realmente quer ir para Los Alamos?.

Ela engoliu em seco. *Deus, diga alguma coisa*, ela ordenou a si mesma, e ainda assim as palavras não viriam. Por que ele tinha que ser tão fisicamente avassalador, tão avassalador que ela não podia responder como um ser humano racional? Ela nunca teve um homem afetando-a assim antes.

Porque ela sabia que não queria ir para Los Alamos. O plano que parecia tão claro para ela apenas algumas horas atrás agora parecia uma tarefa de tolo. Por que ela iria

querer ir a um lugar onde não conhecia ninguém quando podia ficar aqui em Albuquerque com Qadim?

A voz dele pressionou nela novamente. — Você?

Ainda assim, as palavras pareciam grudar na garganta dela. Ela não podia dizer nada, só podia olhar para ele, impotente.

No seu silêncio contínuo, um lampejo de triunfo apareceu em seus olhos escuros, e ele se inclinou ainda mais, estava tão perto que sua boca quase tocou a dela. Forçando-a a encontrar seu olhar, ele disse suavemente: — Você quer que eu pare?.

Ele ia beijá-la. Ela sabia que era o que ele havia planejado, e também sabia que não faria nada para impedi-lo de fazê-lo. Ele deve ter visto a incerteza em sua expressão, ou então não a teria desafiado a ver se ela realmente lhe pediria para parar.

Mas ela não quis. Ela não conseguiu. Talvez isso fosse loucura, mas o mundo não estava saudável há muito tempo.

Um canto de sua boca se contraiu. Isso foi o começo de um sorriso? Madison não sabia dizer, porque no instante seguinte a boca foi pressionada contra a dela, os lábios dele duros e fortes e insistentes, e ela não pôde fazer nada, exceto abrir a boca na dele, sentir a língua dele tocar a dela quando a necessidade explodiu. Através do corpo dela. Os braços

dele a envolveram – ou talvez os dela o envolveram – e no instante seguinte ela estava quase se apertando contra ele, querendo sentir cada centímetro do seu corpo duro e magnífico apertado contra o dela.

Ela estava se afogando, desaparecendo dentro dele. O mundo inteiro havia se tornado a sensação de seus braços ao redor dela, o gosto de sua boca e o aroma quente de sua pele. Mas estava tudo bem se ela caísse, porque sabia que ele a sustentaria.

Suas pernas estavam trêmulas, e vagamente ela podia dizer que seu ombro começara a latejar novamente, mas nada disso importava. Tudo o que importava era que Qadim a estava beijando, e todos os seus problemas e preocupações haviam desaparecido como se nunca tivessem estado. Como poderia estar errado quando nenhum outro beijo já se sentiu tão bem?

Por fim, ele quebrou o beijo, mas gentilmente, e ele ainda a abraçou. — Você não me disse para parar.

— Não. — Ela tentou falar, mas saiu soando instável e algo quase como um soluço, e então ela continuou rapidamente: — Decidi que não queria.

Ah. Ele tocou o ombro dela, a palma quente através do tecido fino da camiseta dela. — Eu machuquei você?.

Ela balançou a cabeça. — Está dolorido, mas está tudo bem.

Com uma gentileza que a surpreendeu, ele se inclinou e apoiou os lábios no ombro dela. — Vou tentar lembrar de ter cuidado. — Ele se endireitou e, quando encontrou o olhar dela, foi com um novo brilho nos olhos. — Embora pareça que você se curou muito mais rapidamente do que revelou.

— Eu... me desculpe por isso.

— Eu vou te perdoar desta vez. Mas não minta para mim de novo, Madison.

Sua boca estava quase sorrindo, mas o tom severo de sua voz dizia que ela o chateava. Ela foi e encostou a cabeça no ombro dele. — Eu não vou. Foi cruel da minha parte. Eu estava apenas – acho que simplesmente não sabia o que deveria fazer. Essa coisa – essa atração – me assustou. Eu tive que reconciliar o que sabia do djinn com o pouco que sabia sobre você, e acho que nada disso fazia sentido.

— Temo que não posso alcan-la por isso demais. — A mão dele se moveu sobre os cabelos dela, e algo sobre a gentileza do gesto a fez querer chorar. Talvez fosse apenas por ela ter passado tanto tempo sem o conforto do toque de outra pessoa ou o som da voz deles. — Mas agora talvez

você possa me mostrar mais desta sua casa surpreendente e como você chegou aqui.

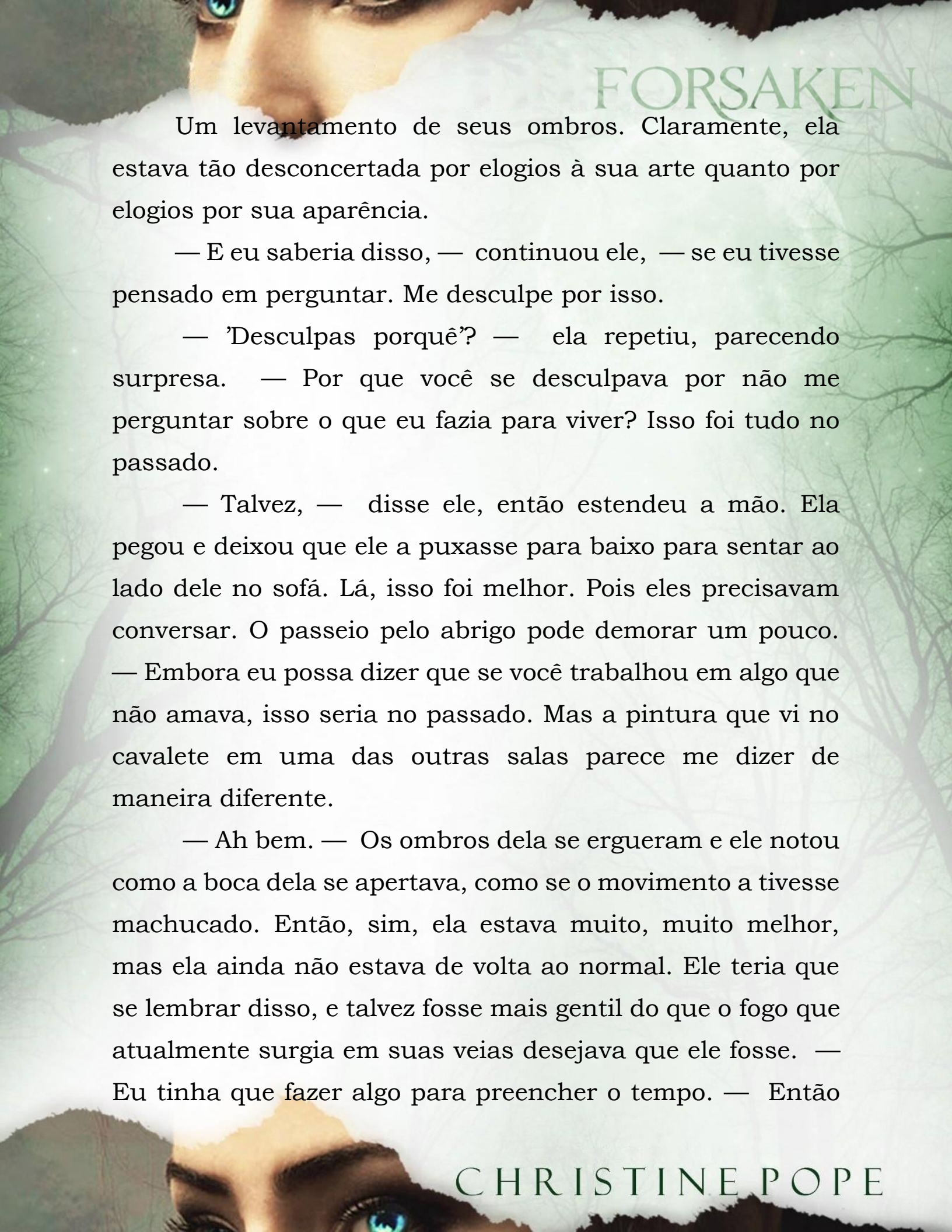
Ela o levou para fora da despensa, explicando que a casa acima deles e o abrigo onde ela morava no ano passado pertenciam ao homem em que seu pai trabalhava, um homem que aparentemente pensava em Madison e a sua família como sua, já que ele estava sozinho no mundo. Esse homem havia trabalhado com armas, sabia dos perigos que espreitavam no mundo humano e, por isso, construiu essa estrutura, um projeto que o levara muitos anos.

— É claro que não acho que ele realmente tivesse em mente o djinn quando o projetou, — disse Madison, depois levou Qadim para a sala da família. Seu olhar caiu no caderno de desenho e ela rapidamente o levantou da mesa de café e fechou-o.

— Acho que já vi isso, — disse Qadim, divertida pelo rubor de vergonha em sua pele clara.

— Oh. — Ela colocou o caderno de volta. — Suponho que faz tanto tempo desde que eu vi alguém que queria memorizar você. Foi apenas um pequeno rabisco rápido.

— Eu diria que era muito mais que um rabisco. Você é uma artista muito talentosa, Madison.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. Her skin is fair, and her hair is dark. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is written in a smaller, green, serif font at the bottom right.

FORSAKEN

Um levantamento de seus ombros. Claramente, ela estava tão desconcertada por elogios à sua arte quanto por elogios por sua aparência.

— E eu saberia disso, — continuou ele, — se eu tivesse pensado em perguntar. Me desculpe por isso.

— 'Desculpas porquê'? — ela repetiu, parecendo surpresa. — Por que você se desculpava por não me perguntar sobre o que eu fazia para viver? Isso foi tudo no passado.

— Talvez, — disse ele, então estendeu a mão. Ela pegou e deixou que ele a puxasse para baixo para sentar ao lado dele no sofá. Lá, isso foi melhor. Pois eles precisavam conversar. O passeio pelo abrigo pode demorar um pouco. — Embora eu possa dizer que se você trabalhou em algo que não amava, isso seria no passado. Mas a pintura que vi no cavalete em uma das outras salas parece me dizer de maneira diferente.

— Ah bem. — Os ombros dela se ergueram e ele notou como a boca dela se apertava, como se o movimento a tivesse machucado. Então, sim, ela estava muito, muito melhor, mas ela ainda não estava de volta ao normal. Ele teria que se lembrar disso, e talvez fosse mais gentil do que o fogo que atualmente surgia em suas veias desejava que ele fosse. — Eu tinha que fazer algo para preencher o tempo. — Então

CHRISTINE POPE

ela se endireitou e seu queixo subiu um pouco. — Mas você está certo. Eu amo pintar. Isso também é meu. Ela acenou com a cabeça em direção a uma peça na parede oposta, feita com pinceladas pesadas em tons de roxo e cinza e tons de terra profundos.

— É bastante excepcional, — disse ele honestamente. Na verdade, ele nunca estudara arte, pois a expressão artística humana era algo com o qual sua irmã era obcecada. Os djinn tinham artesãos, mas não artistas. Alguns especulavam que havia algo sobre a vida limitado de seres humanos, que os fizeram lutar pela ideia de alcançar algo que nunca poderia ter, ao passo que o djinn foram conteúdo para criar peças que foram bonito e funcional, e nada mais que isso.

— Você vai me dar uma cabeça inchada se continuar dizendo coisas assim.

— 'Cabeça inchada'?

Madison riu. — Idioma americano moderno. Tudo o que isso significa é que você vai inchar minha vaidade.

— Não tenho certeza se a vaidade está envolvida quando a pessoa em questão é realmente talentosa.

— Lá vai você de novo.

A única resposta adequada foi puxá-la para ele e beijá-la novamente. A boca dela se abriu na dele imediatamente,

ansiosa, quente e com um gosto melhor do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar. Ele sonhava em como seria segurá-la em seus braços, mas a realidade era muito melhor do que seus sonhos.

E o que ele queria ainda mais era empurrá-la para baixo das almofadas do sofá e lançá-la, lançá-la – e mesmo assim ele sabia que ela não estava pronta para isso. *Ainda*, ele pensou, mas por agora ele teria de se contentar com a doçura de seus lábios.

Quando eles se separaram, suas respirações vieram rapidamente, e mais uma vez suas bochechas ficaram vermelhas. — Então, todos os djinn são bons beijadores, ou isso é apenas um talento particular de vocês?

— Quanto a isso, — ele respondeu, tentando parecer casual, — você teria que pedir a alguns dos Escolhidos suas opiniões sobre os beijos de seus amantes. Embora alguns deles possam ser tendenciosos, se forem influenciados pelo glamour dos djinns para serem mmmai... flexíveis.

— Glamour Djinn? — Madison perguntou, um cenho franzido na pele lisa da testa. Ela não se afastou exatamente, mas Qadim podia sentir um endurecimento de sua postura que não existia alguns segundos antes.

Ele provavelmente não deveria ter dito nada. Mas ele dissera a Madison que não haveria mais mentiras entre eles,

e essa promessa também se aplicaria a ele. De qualquer forma, nesse assunto em particular, ele não tinha nada a esconder. — Os djinn possuem a capacidade de tornar os humanos suscetíveis a seus encantos, por falta de um termo melhor. Um humano pensará que ela – ou ele – está loucamente apaixonado pelos djinns e se tornará íntimo deles. É aqui que surgiram suas lendas do incubos e do súcubo. Mas aqueles não eram demônios que se deitaram com humanos, mas djinn que acharam divertido enganar os mortais a se tornarem íntimos deles.

Um pouco da cor deixou suas bochechas, mas ela parecia calma o suficiente quando perguntou: — Então era como controle da mente?.

— Uma maneira grosseira de dizer, mas algo assim, sim.

Um medo crescente apareceu em seus olhos, e desta vez ela se afastou dele. — Você fez isso comigo agora?.

— Não, — disse ele de uma vez, embora ela não parecesse particularmente tranquila com sua resposta inflexível. — Para ser sincero, considere isso mais cedo, mas depois percebi que não queria uma falsificação de desejo. Queria que você me quisesse, porque esse era o seu desejo, e não algo que lhe impus.

— Mas –

Ele se inclinou para ela e pressionou o mais suave dos beijos contra sua bochecha. Seus olhos se fecharam, cílios castanhos escuros assustadores contra sua pele pálida, mas Qadim não podia dizer com certeza se era porque ela gostava da carícia... ou porque ela não queria olhar para ele naquele momento.

— Querida, estou lhe dizendo a verdade, porque isso não é nada mais que você merece. Você fugiu de mim, mas eu pude ver que você estava em conflito. Mas se você tivesse tentado me parar lá atrás — — ele inclinou a cabeça na direção da despensa —, então eu teria parado. Teria me doído muito, mas nunca fui o tipo de homem para forçar uma mulher. Eu não precisava.

— Popular com as mulheres hein? — ela brincou, embora ele pudesse ver o lampejo de decepção em seus olhos.

— Mais uma vez, não vou mentir para você. Nós djinns vivemos longas vidas, e eu passei um tempo com várias mulheres. Mas você é a única pessoa na minha vida agora.

Madison ficou calada, e Qadim temeu que ela pudesse pedir um número exato de seus ex-amantes. As mulheres podem ser estranhas sobre essas coisas. Ele esperava que ela não fizesse a pergunta, pois ele havia perdido a conta séculos atrás.

— Quão mais? — ela disse então.

— 'Quão mais'? — ele repetiu, sem saber o que ela estava perguntando.

— Quanto tempo você vive?

— Muitas de suas vidas.

Mais uma vez ela ficou quieta. Ele queria alcançá-la e tocá-la, dar-lhe algum tipo de segurança, mas ele sentia que agora não era a hora. Isso tudo era novo para ela, e ela precisava absorver as informações à sua maneira.

E se ela perguntar por que você não a fez sua Escolhida, se você a deseja tanto? Ele pensou então. Ele não tinha uma resposta real para isso. Pois ele a desejava, mas nunca havia encontrado uma mulher tão fascinante que pudesse aguentar o pensamento de passar a eternidade com ela. Um de seus ex-amantes comentou acidamente que, só porque sua própria irmã era uma harpia calculista, ele não deveria pensar que todas as mulheres eram iguais. Talvez Reveka estivesse certo, mas não era um risco que ele desejasse correr.

— E é rude perguntar quantos anos um djinn tem?.

— Não é rude, precisamente, — respondeu ele. — Mas às vezes é uma pergunta que não podemos responder, pois, com o passar dos séculos, fica cada vez mais difícil

acompanhar. Mas acho que posso dizer com segurança que sou alguns anos mais velho que você.

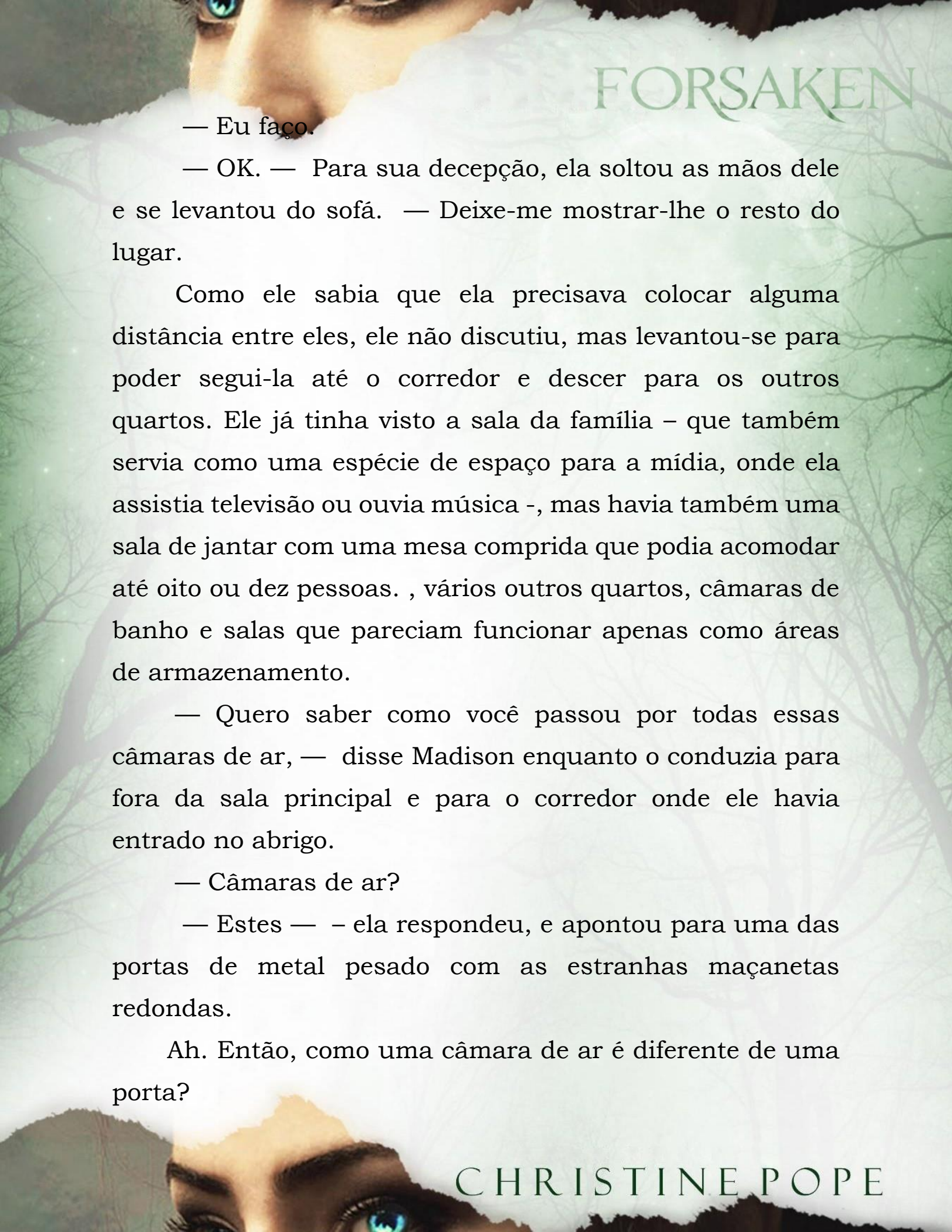
Ela não sorriu. — E você não acha estranho ser atraído por alguém que poderia muito bem ser criança de um djinn?.

— Oh, você certamente não é uma criança. — A expressão dela permaneceu solene, e então ele estendeu a mão para pegar as mãos dela. — Humanos e djinn são diferentes, é verdade, mas eu sei que você é uma mulher adulta, capaz de tomar suas próprias decisões. E capaz de muitas outras coisas, espero.

Desta vez, os cantos da boca tremeram levemente. — Oh, eu sou capaz. — Os dedos dela apertaram os dele. — Suponho que estou apenas tentando descobrir como isso funcionaria.

— Por que tornar isso tão difícil para você? — ele perguntou. Ele usou os dedos entrelaçados para puxá-la para mais perto dele. — Eu quero você... e parece que você me quer... e então não vejo qual é o problema. — Porque eles estavam tão perto, era fácil colocar a boca dele na dela novamente, beijá-la e sentir mais uma vez a maneira como ela respondeu a ele.

Quando eles se separaram, sua respiração acelerou e um rubor quente se espalhou por suas maçãs do rosto. — Bem, quando você coloca dessa maneira.



FORSAKEN

— Eu faço.

— OK. — Para sua decepção, ela soltou as mãos dele e se levantou do sofá. — Deixe-me mostrar-lhe o resto do lugar.

Como ele sabia que ela precisava colocar alguma distância entre eles, ele não discutiu, mas levantou-se para poder segui-la até o corredor e descer para os outros quartos. Ele já tinha visto a sala da família – que também servia como uma espécie de espaço para a mídia, onde ela assistia televisão ou ouvia música -, mas havia também uma sala de jantar com uma mesa comprida que podia acomodar até oito ou dez pessoas. , vários outros quartos, câmaras de banho e salas que pareciam funcionar apenas como áreas de armazenamento.

— Quero saber como você passou por todas essas câmaras de ar, — disse Madison enquanto o conduzia para fora da sala principal e para o corredor onde ele havia entrado no abrigo.

— Câmaras de ar?

— Estes — – ela respondeu, e apontou para uma das portas de metal pesado com as estranhas maçanetas redondas.

Ah. Então, como uma câmara de ar é diferente de uma porta?

CHRISTINE POPE

— Eles foram feitos para selar contra todos os tipos de contaminantes químicos, biológicos e nucleares. Claro, mesmo eles provavelmente não tinham muita proteção contra o Heat.

— Havia... alguém no abrigo quando a doença atingiu?

— Qadim geralmente não se considerava melindroso, mas não gostava muito da ideia de Madison morar aqui enquanto estava presa aos restos de um de seus associados.

— Oh, não , — ela disse imediatamente, reprimindo um estremecimento óbvio. — Meu... meu pai faleceu em sua própria casa a alguns passos daqui, e sinceramente não sei o que aconteceu com Clay, o homem que construiu este abrigo. Não havia sinal de poeira em sua casa. Acho que ele deve ter estado nos laboratórios quando aconteceu. — Ela parou ali, sua expressão triste e distante, e Qadim se viu desejando não ter feito a pergunta. — Enfim, — ela continuou, em um tom rápido que ele não acreditava, — você não me respondeu sobre como conseguiu abrir aquelas portas.

— Eu sou um elemental da terra, — disse ele. — O metal vem da terra e, portanto, obedece ao meu comando. Tudo o que eu precisava fazer era dizer para as portas se abrirem para mim, e elas o fizeram.

— Bem maldita. Se eu soubesse que você era capaz de fazer isso, eu teria... — Madison parou e balançou a cabeça.

— Você teria o que?.

Ela ofereceu um sorriso triste. — Eu provavelmente não teria corrido em primeiro lugar. Nenhum lugar para ir.

— Não era meu desejo fazer você se sentir presa.

— Eu não. Eu não estou. — Desta vez, ela foi até ele e passou os braços em volta da cintura, depois deitou a cabeça no peito dele. Imediatamente ele a abraçou também, respirando o doce perfume de seus cabelos e deleitando-se com a sensação de seus seios pressionados contra seu estômago. De fato, ele se sentiria rígido e desejou que a excitação se afastasse. Este não era o momento. Ela continuou: — Você me deu uma escolha. Eu poderia ter dito não. Mas então eu percebi que realmente não queria dizer não. Eu queria isso.

Como ele poderia debater mais o assunto com ela? Como ela acabara de dizer, ela queria isso. Ela teve que lutar para reconhecer essa verdade dentro de si mesma, mas parecia que tinha abandonado essa luta.. pelo menos por enquanto.

Madison se afastou e olhou para ele. — Deixe-me fazer você jantar para pedir desculpas por fugir como uma idiota.

— Você não é uma idiota. — Ele arqueou uma sobrancelha para ela. — Além disso, eu me lembro de você me dizendo que odeia cozinhar.

— Eu faço, — disse ela francamente. — Imaginei que seria minha forma de rastejar.

— Eu não preciso que você rasteje. — Ela parecia não estar convencida, então ele passou um braço em volta da cintura e puxou-a para si. — Por que nós dois não fazemos isso juntos? Talvez assim você decida que não odeia cozinhar tanto.

— Soa como um plano. — Então ela lançou lhe um olhar interrogativo. — Aqui, ou no hotel?.

— A cozinha lá é muito maior.

— Verdade. Posso levar algumas coisas comigo?.

Qadim achou que gostava muito do som. Se ela queria trazer alguns de seus pertences para o Hotel Andaluz, isso significa que ela planejava ficar com ele por algum tempo.

Por quanto tempo ele não sabia. Mas ele imaginou que deixaria o universo decidir o que fazer sobre isso.

CAPÍTULO DEZ

Qadim não comentou quando colocou as coisas no mesmo quarto em que estivera anteriormente. Ah, os dois sabiam onde isso iria acabar - com ela na cama dele -, mas ela não viu nenhum motivo para forçar o problema. Pode ser hoje à noite ou daqui a dois dias. Não, escreva isso. Madison sabia que não tinha força de vontade para durar tanto tempo, não depois do jeito que eles se beijaram. Ela sentiu sua excitação quando ele a segurou, e ela poderia dizer que Qadim não queria esperar muito mais, também.

Mas eles devem aguentar até depois do jantar.

Talvez.

Ela foi se juntar a ele na cozinha depois de pendurar as roupas que trouxera e colocar os artigos de toalete extras no banheiro. Ele tinha um livro de receitas apoiado em uma prateleira e o lia com o tipo de intensidade que geralmente era reservado para as pessoas que tentavam seguir um diagrama de desativação das bombas.

— Tudo está certo? — ela perguntou, depois foi na ponta dos pés para poder beijar sua bochecha. No passado, ela teria dito que não ligava muito para barbas, mas algo sobre a sensação do cabelo curto e áspero dele contra seus lábios enviou um pequeno arrepio através dela. E pelo

menos era uma barba curta e bem aparada. Ela não suportava aquelas coisas de lenhador falso que os caras começaram a usar nos últimos anos.

Bem, ela poderia dizer uma coisa boa sobre o Heat. Pelo menos tinha se livrado dos descolados.

— Está tudo bem, — respondeu Qadim, ainda olhando para o livro de receitas. — Eu queria fazer uma refeição do Novo México, mas isso pode estar mais envolvido do que eu pensava.

— Você não precisa, — Madison disse a ele. — Estou bem com alguns bifes e batatas assadas. Algo fácil. Enfim, eu devo estar ajudando você, lembra?.

— Não, eu gostaria de experimentar esta cozinha, — respondeu ele. — E eu realmente não esperava que você me ajudasse, exceto para ajudar a esclarecer algumas coisas. Mas admito que tentar analisar essas receitas é como aprender um novo idioma.

— Bem, seu inglês é excelente. Então, eu tenho certeza que você pode gerenciar isso sem problemas.

— Hmm.

Mas, apesar de sua aparente preocupação, uma vez que ele começou a trabalhar, Qadim parecia muito mais além da situação do que Madison sabia que ela ficaria se tentasse preparar os mesmos alimentos. Antes que ela

pudesse piscar, ele tinha molho de pimenta vermelho fervendo no fogão e estava assando um pouco de frango para o recheio das enchiladas. Depois, de volta ao balcão para cortar abobrinha e cebola para calabacitas, o prato que Madison desejava há meses, já que ela não tinha os utensílios no abrigo para fazer algo remotamente semelhante. Havia legumes congelados na cozinha, mas não abóbora. E então Qadim começou a trabalhar no arroz e no feijão preto, que ele deve ter usado um pouco de magia djinn para persuadir, porque, caso contrário, eles deveriam estar de molho por horas antes de entrar na panela.

A combinação desses cheiros maravilhosos fez sua boca começar a salivar. Clay se certificou de que o abrigo fosse abastecido com alimentos nutritivos e que também pudessem durar muito tempo, mas ele não estava preocupado em preservar a culinária de seu estado natal. Madison não respirava o maravilhoso aroma do molho quente de pimentão vermelho por mais de um ano, e também o aroma mais delicado do arroz verde que Qadim acabara de começar a misturar, com seu revestimento de coentro, salsa e pimentão.

E sopapillas e pudim de sobremesa.

— Como você acha que eu vou conseguir comer tudo isso? — ela perguntou quando Qadim começou a montar as enchiladas.

— Você deve ter despertado um apetite quando voltou correndo para o abrigo, — disse ele maliciosamente, e ela lhe deu um olhar azedo.

— Não tanto quanto você imagina, — respondeu ela. — Estamos comendo aqui, ou no telhado?.

— Hoje faz muito frio para o telhado, eu acho. Eu tenho uma mesa preparada para nós na sala de jantar.

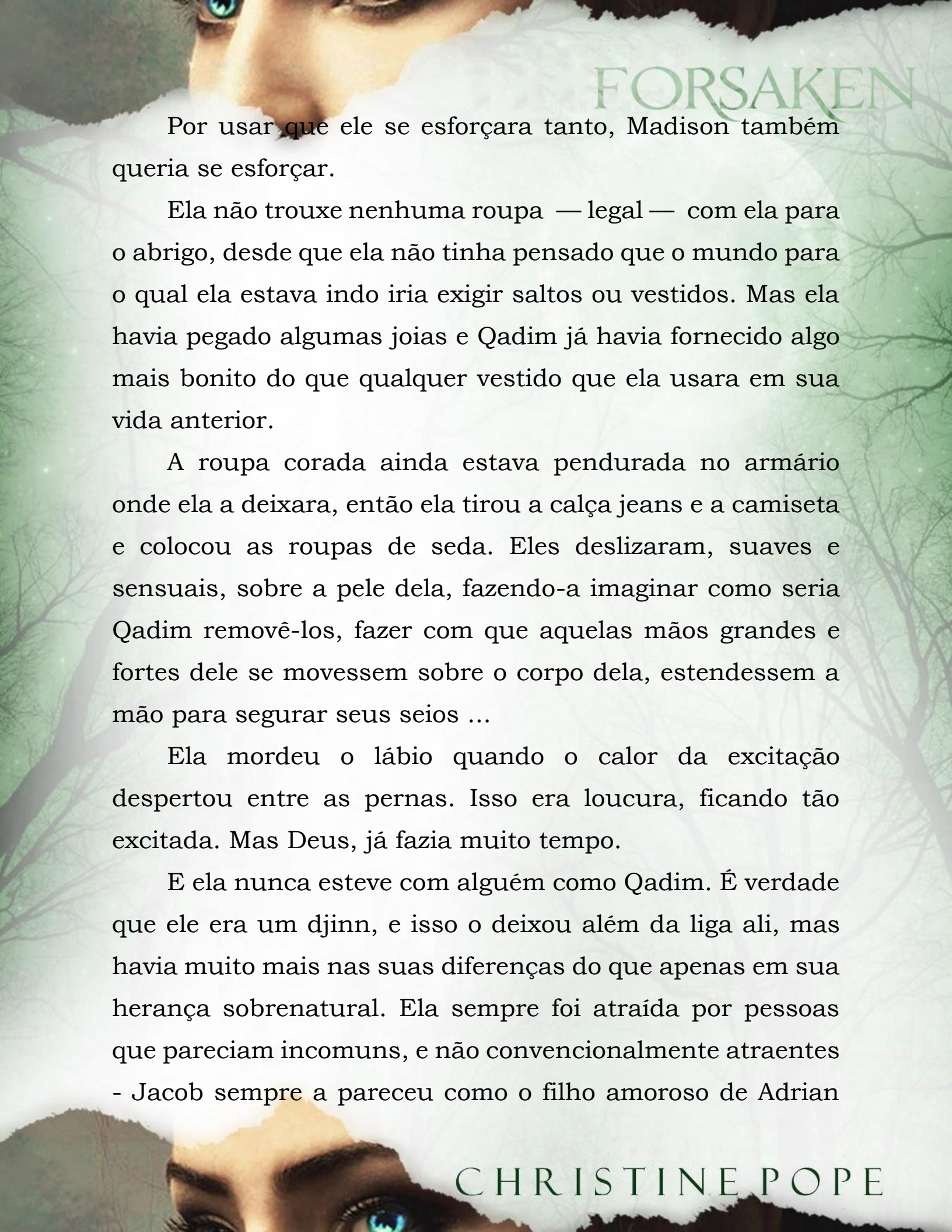
Madison assentiu. Um pensamento repentino veio a ela e ela perguntou: — Quanto tempo antes que tudo esteja pronto?.

— Talvez dez minutos. Por quê?.

— Oh, apenas uma coisa. Você se importa se eu subir um pouco?.

Ele parecia um pouco confuso, mas apenas disse: — Não, claro que não.

Ela o beijou na bochecha de novo e se dirigiu para a escada. Uma coisa era certa - entre subir todas essas escadas e a viagem apressada que ela fizera para o abrigo no início do dia, ela não precisaria se preocupar com quantas calorias ela poderia consumir durante o jantar extravagante que Qadim estava fazendo.



FORSAKEN

Por usar que ele se esforçara tanto, Madison também queria se esforçar.

Ela não trouxe nenhuma roupa — legal — com ela para o abrigo, desde que ela não tinha pensado que o mundo para o qual ela estava indo iria exigir saltos ou vestidos. Mas ela havia pegado algumas joias e Qadim já havia fornecido algo mais bonito do que qualquer vestido que ela usara em sua vida anterior.

A roupa corada ainda estava pendurada no armário onde ela a deixara, então ela tirou a calça jeans e a camiseta e colocou as roupas de seda. Eles deslizaram, suaves e sensuais, sobre a pele dela, fazendo-a imaginar como seria Qadim removê-los, fazer com que aquelas mãos grandes e fortes dele se movessem sobre o corpo dela, estendessem a mão para segurar seus seios ...

Ela mordeu o lábio quando o calor da excitação despertou entre as pernas. Isso era loucura, ficando tão excitada. Mas Deus, já fazia muito tempo.

E ela nunca esteve com alguém como Qadim. É verdade que ele era um djinn, e isso o deixou além da liga ali, mas havia muito mais nas suas diferenças do que apenas em sua herança sobrenatural. Ela sempre foi atraída por pessoas que pareciam incomuns, e não convencionalmente atraentes - Jacob sempre a pareceu como o filho amoroso de Adrian

CHRISTINE POPE

Brody e Ichabod Crane - e também se poderia dizer que Qadim era mais interessante na aparência do que verdadeiramente bonito, havia algo nele que evocava uma vibe de motoqueiro. Talvez fosse o cabelo, ou talvez a barba.

Só conseguia imaginar qual teria sido a reação do pai, se ela trouxesse para casa alguém que se parecia com Qadim. Horror puro, provavelmente.

O pensamento enviou uma pequena pontada de tristeza através dela. Tom Reynolds nunca conheceria Qadim al-Syan, para o bem ou para o mal. Na maioria das vezes, Madison conseguia ignorar a enormidade de sua perda - da perda do mundo -, mas de vez em quando se escondia atrás dela e trazia tudo de volta.

Não pense sobre isso, ela disse a si mesma. Seu adorável djinn está lá embaixo, fazendo a comida certa para um rei, então não estrague tudo, fazendo todo o mal.

Ela respirou fundo e foi ao banheiro para concluir o processo de enfeitar. Entre os itens que ela trouxera, estava o pente de dentes largos que ajudava a impedir que o cabelo parecesse um arbusto. Alguns cosméticos - blush e rímel e seu tom favorito de lábios rosados. Ela colocou a maquiagem, mas com moderação, apenas o suficiente para acordar sua pele e fazê-la parecer um pouco mais polida.

E, finalmente, os brincos pendurados em filigrana de prata que pertenceram à mãe dela e o medalhão antigo que desceu muito mais atrás - eram os bisavós paternos, comprados em Nova York para o noivado. O medalhão era gravado em ouro branco cravejado de minúsculos diamantes e rubis de lapidação simples, e era o bem mais precioso de Madison, especialmente por causa do que havia dentro: uma pequena reprodução da foto do casamento de seus pais, os dois parecendo jovens e felizes Sarah Reynolds com o mesmo cabelo encaracolado que sua filha, embora fosse castanho claro em vez de vermelho pálido. Os cabelos ruivos vieram do pai de Madison.

Ela fechou o medalhão e pendurou-o em volta do pescoço, depois fez uma última inspeção rápida na aparência. Sim, ela parecia muito melhor do que quando acordara hoje de manhã e ainda melhor do que na noite anterior, desde então, ela não tinha maquiagem para ajudar as coisas.

Qadim gostaria?

Descendo as escadas e depois entrando no restaurante, onde ela pode sentir todos os aromas do banquete do Novo México que ele preparou para ela flutuando no ar. A mesa que ele montou estava em um canto, íntima e segura; velas tremeluziam por toda parte.

Qadim estava pousando a tigela com as calabacitas enquanto ela se aproximava. A luz em seus olhos quando ele viu a roupa dela e sua aparência geral disseram tudo o que ela precisava saber.

— Você é uma criatura gloriosa, sabia disso? — ele perguntou, então foi até ela para que ele pudesse pegar as mãos dela e puxá-la para perto.

— Não, eu não sabia disso, — respondeu ela. — Mas se é isso que você pensa, eu estou bem com isso.

— Não é apenas o que eu penso. É a verdade. — Ele a beijou, mas suavemente, como se também estivesse ciente de quão perto eles estavam, como eles precisavam ter cuidado no momento. Então ele se afastou e lançou um olhar triste para si mesmo, para a camiseta manchada e jeans que ele usava. — Receio não estar tão esplêndido quanto você. Mas posso remediar uma pequena parte dessa falta. Um aceno de sua mão e as roupas surradas desapareceram, substituídas pelas de djinn aberto e pelas calças onduladas, estas em um cinza profundo de aço com bordas pretas.

Madison engoliu em seco. Claro, Qadim estava incrível de jeans e camiseta - como ele não poderia, com aqueles braços fabulosos dele - mas havia algo sobre o traje djinn que o fazia sorrir com um calor picante. Claro, muito disso

poderia ter algo a ver com a maneira como a túnica abria no peito largo e mostrava os músculos duros do estômago.

De repente, aquela sensação quente e latejante estava de volta entre suas pernas.

— O jantar parece incrível, — disse ela rapidamente, esperando que, se focasse no aqui e agora, ela pudesse forçar seu corpo a se comportar.

— Obrigado. Suponho que devemos ver se tem um gosto tão bom quanto parece.

Ele puxou uma cadeira para ela, e ela se sentou, novamente se perguntando se isso era um costume que ele havia emprestado, ou se os homens djinn sempre mostravam a mesma cortesia em relação às mulheres. Como ele falava inglês muito bem e parecia entender algo da cultura americana moderna, às vezes era difícil para Madison ter certeza.

Depois que ela se acomodou, ele se sentou na cadeira à sua esquerda. Uma garrafa de vinho estava sobre a mesa, já aberta. Para que pudesse ir ao ar, ela supôs. Qadim levantou a garrafa e derramou um pouco do vinho escuro dentro do copo dela, depois o encheu pela metade também.

— Essa é uma coisa que djinn e humanos têm em comum, — disse ele enquanto levantava o copo. — Pois

também prometemos algum tipo de bebida quando bebemos primeiro, se houver algo que desejemos comemorar.

— E existe? — Madison perguntou, apesar de achar que sabia como ele responderia.

O olhar dele permaneceu em seus lábios, e ela sentiu o sangue subir por suas bochechas. Ela iria parar de reagir a ele assim? Era como se, uma vez que ela reconhecesse que o queria, seu corpo não parava de lembrá-la de que precisava mais do que apenas olhares compartilhados e alguns beijos.

— Ah, acho que sim, — respondeu ele.

Tentando não desviar o olhar dele, ela levantou o copo para que eles pudessem tocar os dois juntos.

— Para... explorações, — ele disse enquanto os copos de vinho mal se beijavam.

Oh, meu Deus. Ela sabia que queria explorar cada centímetro de seu corpo perfeito. — Para explorações, — ela repetiu, depois bebeu rapidamente, na tentativa de ignorar a maré de calor que começara a inundá-la. Nesse ritmo, ela nunca conseguiria jantar.

O vinho estava bom. Uma safra local, ela notou enquanto lia o rótulo, da Vinícola Casa Rondeña. Será que Qadim o encontrara nos porões do hotel ou ele havia explorado mais Albuquerque do que ela pensara? A Casa

Rondeña estava localizada no extremo norte da cidade, no Rio Rancho, na verdade, e, enquanto estava dentro dos limites da — concessão — do djinn, ainda era uma boa maneira de sair do hotel e do centro da cidade.

Qadim também parecia impressionado, porque assentiu e tomou outro gole do copo antes de pousar e voltar a atenção para os vários pratos e tigelas de servir na mesa. — Se me é permitido? — ele perguntou, depois apontou para o prato vazio de Madison.

— Obrigado, — respondeu ela, entregando a ele para que ele pudesse carregá-lo com enchiladas, arroz, feijão e calabacitas. O toque final foi uma sopapilla colocada cuidadosamente entre o arroz e as calabacitas, para que não ficasse muito encharcada. Ele até colocou uma garrafa de mel na mesa para que a sopapilla pudesse ser comida da maneira tradicional.

Claramente, os djinn eram aprendizes rápidos, ou Qadim era uma espécie de especialistas quando se tratava de todas as coisas orientadas para a cozinha.

Ela esperou enquanto ele encheu seu próprio prato, depois tomou outro gole de vinho antes de entrar na enchiladas. Talvez fosse apenas porque ela fazia sexo no cérebro, mas essa combinação de tortilhas de milho azul,

frango e queijo grelhado e pimenta vermelha era positivamente orgástica.

— Isso é insanamente bom, — ela disse a Qadim quando terminou de mastigar.

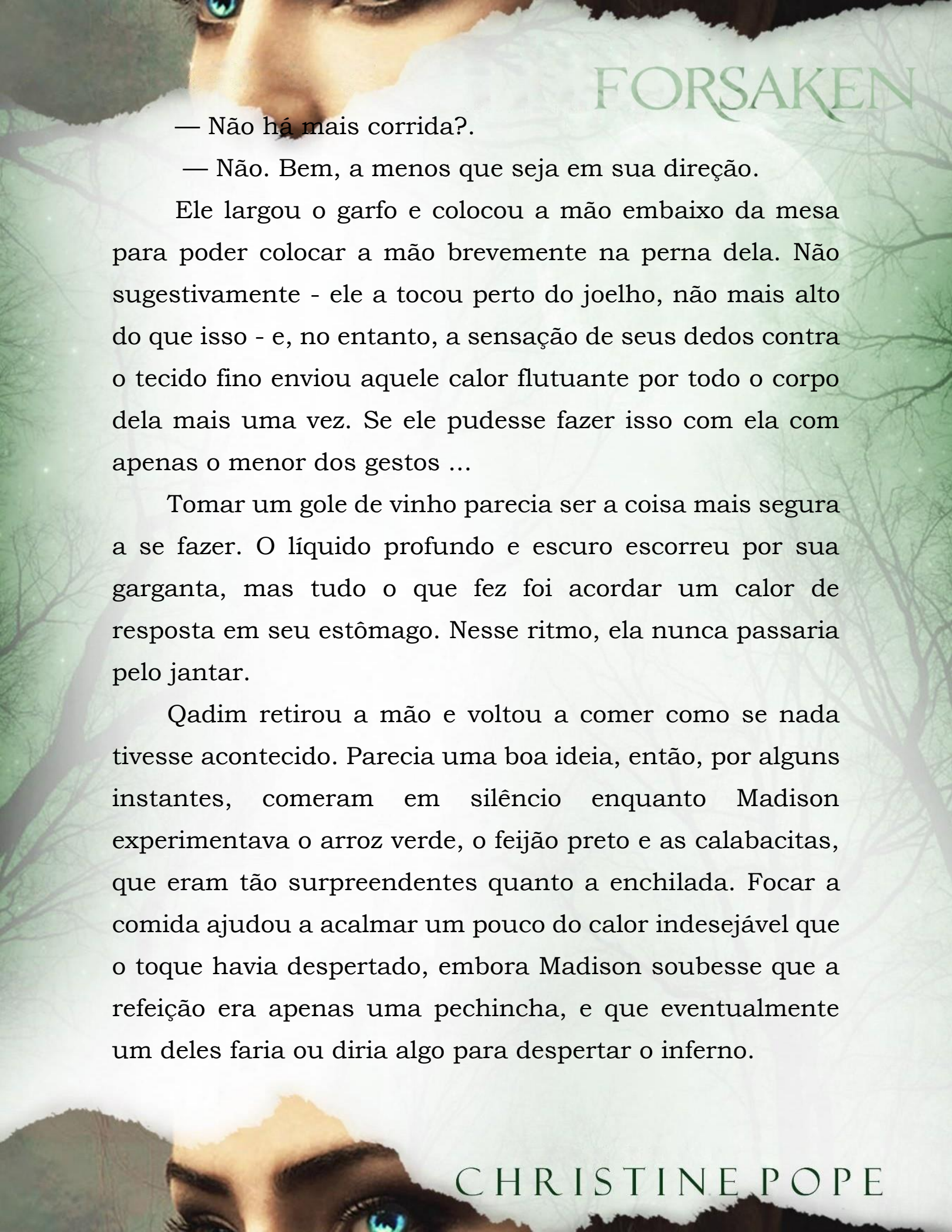
Um olhar quase juvenil de prazer passou por seu rosto. — Isto é?.

— Deus, sim. Se o mundo fosse um lugar diferente, eu diria para você abrir um restaurante.

O sorriso dele desapareceu um pouco. — Infelizmente, o mundo é como é. Mas pelo menos eu tenho você aqui comigo.

Ele era tão estranhamente romântico. Madison vira essa qualidade nele na noite anterior, quando ele transformou o bar da cobertura em um verdadeiro país das fadas. Ela nunca esteve com alguém assim antes; Jacob tinha sido inteligente, engraçado e sensível em seu caminho, mas nunca pensaria em trocar um teto com tecido macio ou colocar velas em todas as superfícies planas disponíveis. Qadim, por outro lado, parecia prestar atenção a esses pequenos detalhes, a todos os elementos necessários para tornar uma noite memorável.

— Estou feliz por estar aqui com você, — disse ela suavemente, e os olhos escuros e sombrios do djinn assumiram um brilho quente.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

FORSAKEN

— Não há mais corrida?.

— Não. Bem, a menos que seja em sua direção.

Ele largou o garfo e colocou a mão embaixo da mesa para poder colocar a mão brevemente na perna dela. Não sugestivamente - ele a tocou perto do joelho, não mais alto do que isso - e, no entanto, a sensação de seus dedos contra o tecido fino enviou aquele calor flutuante por todo o corpo dela mais uma vez. Se ele pudesse fazer isso com ela com apenas o menor dos gestos ...

Tomar um gole de vinho parecia ser a coisa mais segura a se fazer. O líquido profundo e escuro escorreu por sua garganta, mas tudo o que fez foi acordar um calor de resposta em seu estômago. Nesse ritmo, ela nunca passaria pelo jantar.

Qadim retirou a mão e voltou a comer como se nada tivesse acontecido. Parecia uma boa ideia, então, por alguns instantes, comeram em silêncio enquanto Madison experimentava o arroz verde, o feijão preto e as calabacitas, que eram tão surpreendentes quanto a enchilada. Focar a comida ajudou a acalmar um pouco do calor indesejável que o toque havia despertado, embora Madison soubesse que a refeição era apenas uma pechincha, e que eventualmente um deles faria ou diria algo para despertar o inferno.

CHRISTINE POPE

Melhor mencionar um tópico que não tinha nada a ver com nenhum deles. Qadim não deveria ficar muito chateada ao perguntar sobre Los Alamos, já que ela havia dito a ele algumas horas antes que nunca iria lá. Depois de lavar mais um pouco de enchilada com outro gole de vinho, ela disse: — Você mencionou que alguém havia criado um dispositivo repelente de djinn. Ele foi um dos cientistas de Los Alamos ou foi outro refugiado que acabou lá?.

Essa pergunta provocou uma elevação da sobrancelha, mas, para seu alívio, Madison não viu nenhum aborrecimento real na expressão de Qadim. Mais como resignação, como se ele esperasse que ela perguntasse sobre Los Alamos novamente, embora tivesse jurado que não tinha interesse em ir para lá.

— Estou curiosa, — acrescentou ela, e ele soltou um suspiro.

— Acredito que ele foi um dos cientistas do laboratório lá. Mas não sei muito mais do que isso.

— Mas você estava perto o suficiente para sentir os efeitos do dispositivo?.

— Ele construiu vários. Um deles acabou em Santa Fe, na posse de uma mulher chamada Julia Innes.

Algo na maneira como ele disse o nome dela fez os sinos de aviso dispararem na mente de Madison. Houve apenas

uma pequena pausa, acompanhada de um certo abrandamento da expressão de Qadim.

— Quem era ela? — *Deus, espero que não pareça muito desesperado....*

— Uma dos sobreviventes de Los Alamos. Ela ficou no cargo de líder por um tempo, mas agora ela é a Escolhida de Zahrias al -Harith e mora com ele em Santa Fé.

Madison precisou de alguns segundos para processar essa afirmação. Pela maneira como Qadim falou antes, ele fez parecer que o djinn estava com os Escolhidos quase desde que o Heat acabou com a maior parte da população. Mas essa última revelação parecia indicar que essa Júlia se tornara para Zahrias, quem quer que ele fosse - escolhido recentemente.

O que significava... o que? Que mesmo se você tivesse sido ignorado no começo, poderia haver alguma esperança para você se você conhecesse um djinn?

Ela não queria reconhecer a esperança que floresceu nela com o pensamento. Isso parecia estar empurrando as coisas muito cedo. Alguns dias passados juntos e alguns beijos trocados não eram realmente base suficiente para planejar uma eternidade juntos. De acordo com Qadim, era isso que ser escolhido significava - que você passaria o resto

de uma vida sem fim com aquele djinn, em troca da qual receberia juventude e saúde eternas.

Na superfície, isso soou como um bom negócio. Mas e se você decidisse, depois de passar algum tempo com seu djinn, que ele roncava ou monopolizava os cobertores ou não ria de suas piadas, ou de qualquer uma das centenas de coisinhas que podem não parecer tão importantes assim? início de um relacionamento, mas que seria ampliado mil vezes se você os tolerasse por toda a eternidade? Então não seria um grande negócio, seria?

Ela olhou rapidamente para Qadim, que estava calmamente quebrando um pedaço de sopapilla e depois colocando o mel em cima. A expressão dele estava quase vazia, então ela não conseguiu ler muito do rosto dele. Será que ele percebeu que acabara de lançar uma bomba nela?

Aparentemente não.

Hora de deixar essa pequena questão de lado por enquanto. Talvez em algum momento ela tivesse coragem de pedir mais perguntas, mas, enquanto isso, Madison pensava que era provavelmente melhor se concentrar em outra coisa. — Então, quem está no comando em Los Alamos agora?

— Eu não faço ideia. — Qadim pousou sua sopapilla meio comida e lançou lhe um olhar interrogativo. — Madison, não desejo forçar a questão, mas acredito que você

me disse anteriormente que não tinha interesse em Los Alamos.

— Não há interesse em morar lá. — O que era verdade o suficiente, então ela deu a ele o que esperava ser um sorriso tranquilizador antes de continuar: — Suponho que estou curiosa sobre o que as pessoas conseguiram sobreviver - quero dizer, humanos, e não djinn ou Escolhidos. Quantos deles existem?.

— Novamente, eu não tenho ideia. Várias centenas?.

— Ele deu de ombros e quebrou outro pedaço de sopapilla, mas não o comeu. — Possivelmente mil? Eles eram principalmente refugiados daqui em Albuquerque e de Santa Fe, talvez alguma das cidades ao norte de lá. Teria sido difícil viajar mais longe do que isso sem bater nos djinn que os estavam caçando.

Um calafrio a percorreu, e Madison tomou outro gole de vinho. Sim, ela podia ver como isso teria sido difícil. Absolutamente impossível, realmente. Ela teve que aplaudir qualquer um que tivesse conseguido chegar ao santuário daquela cidade nas montanhas. — Os refugiados aqui devem ter alguém bastante habilidoso, levando-os a chegar até lá sem serem pegos.

A boca de Qadim torceu. — Suponho que você poderia dizer que ele era habilidoso. Ele também foi estuprador e assassino.

Os dedos de Madison se apertaram na haste do copo de vinho. Não tendo certeza de que ela o ouviu corretamente, ela perguntou: — Com licença?.

Richard Margolis, o homem que levou os refugiados daqui em Albuquerque até Los Alamos. Digamos apenas que o apocalipse não concordou com ele.

— Como você o conheceu, se ele estava baseado em Los Alamos?

— Uma longa história. Por um tempo, achei-o útil, ou melhor, ele conseguiu realizar algumas tarefas que lhe foram impostas. Depois disso, porém, ele provou ser muito perigoso e teve que ser descartado.

Qadim tinha acabado de dizer o que ela achava que ele tinha? Madison não tinha certeza se deveria tomar um pouco de vinho para acalmar seus nervos, ou se o álcool poderia se enrolar em seu estômago repentinamente atado. — 'Descartado'?

Por um longo momento, Qadim não disse nada. Colocou os restos da sopapilla que segurava no prato e depois pegou seu próprio copo de vinho para tomar um gole

longo. Finalmente ele falou. — Ele era perigoso. Então eu o matei.

O frio tomou conta dela. Ela só podia ficar sentada, olhando para Qadim enquanto ele calmamente engolia um pouco mais de vinho, como se ele não tivesse acabado de lhe dizer que uma vez matara um ser humano. Ou o djinn pensou nisso como assassinato? Talvez para eles, matar um humano irritante não fosse diferente de matar uma mosca.

Não, ela não podia acreditar nisso. Ela era humana, e Qadim a abraçou, beijou-o, disse-lhe que ela era linda. Ele a trouxe aqui e cuidou do ombro deslocado. Como alguém poderia fazer todas essas coisas e ainda parecer um ser humano não melhor que um inseto?

— Dissemos que não haveria mais mentiras entre nós, — continuou ele. Sua voz era baixa, mas firme. Obviamente, ele sabia que a havia chocado, mas parecia que ele não tentaria negar o que havia feito. — O capitão Margolis pode ter sido um bom homem antes que os moribundos mudassem seu mundo, mas de alguma forma eu duvido. De qualquer forma, ele foi responsável pela morte de inocentes e por agredir uma mulher. A morte dele não deve ser lamentada.

O mundo havia mudado. Madison sabia disso. Não havia mais tribunais, juízes e advogados, nem processos

ordenados para lidar com alguém que ultrapassou os limites. Mas saber que Qadim havia matado alguém, mesmo que ele pensasse que estava realizando sua própria forma de justiça de fronteira ...

— E os djinn que são assassinos? — ela perguntou então, e Qadim ficou tenso.

— O que você quer dizer?

— Existem djinn responsáveis por matar milhões - não, *bilhões* de pessoas inocentes. Eles enfrentarão algum tipo de justiça?.

— Isso é diferente.

— Diferente como?

— Madison...

Ela não podia olhá-lo diretamente. Ela não tinha certeza se isso era porque ela não podia suportar vê-lo, agora que ele havia revelado que tinha sangue nas mãos, ou porque ela estava com medo de que, se encontrasse os olhos dele, amolecesse, encontrasse algumas. maneira de racionalizar o que ele havia feito.

No instante seguinte, ele pousou o copo de vinho e estava ajoelhado no chão acarpetado ao lado dela. As mãos dele foram para as dela, e ele a puxou para que ela não tivesse escolha a não ser se deslocar na cadeira para ficar mais ou menos de frente para ele.

— Minha querida, — disse ele, seu tom calmo, mas intenso. O impulso que ela teve de puxar os dedos de suas mãos morreu subitamente. Seus olhos escuros estavam trancados nos dela, implorando. — Eu já lhe disse que não tive parte em desencadear essa doença vil. Também não participei da caçada aos sobreviventes que ocorreram depois que o Heat fez seu trabalho. O que eu fiz para Margolis - era necessário, como abater um cachorro louco. Você teria pensado melhor se ele vivesse para continuar violando mulheres ou matando aqueles que não haviam feito nada errado, a não ser se opor a ele?.

Essas palavras faziam sentido. Muito sentido, realmente. — Não, — ela disse finalmente. — Eu entendo por que você fez o que fez. Eu só queria que o djinn que assisti massacrando nas ruas de Albuquerque pudesse enfrentar sua própria justiça.

Qadim levantou-se, trazendo-a com ele. De repente, os braços dele estavam ao redor dela, e ela sentiu o braço dele, a mão pesada acariciando seus cabelos. — Eu sei, — ele murmurou. — Eu sei. Há outros que se sentem da mesma maneira. Mas estamos em minoria, temo. Tudo o que posso fazer é garantir que você esteja segura. E eu vou.

Havia tanta ferocidade em seu tom que ela teve que olhar para ele. Sua boca estava firme, quase zangada, mas

ela também podia ver o brilho em seus olhos quando ele a encarou. Aquele brilho despertou o calor em seu corpo e sua boca se abriu.

Esse foi todo o convite que ele aparentemente precisava. Antes que ela pudesse respirar fundo, os lábios dele pegaram os dela, e eles estavam trancados juntos, seu beijo quase desesperado, como se os dois entendessem que precisavam dessa conexão para entender o mundo deles.

Então seus braços estavam ao redor dela, e ele a estava erguendo como se ela não pesasse nada, varrendo-a do chão pouco antes do restaurante desaparecer ao seu redor. Menos do que um piscar de olhos, e ele a estava deitada em uma cama grande em um quarto que ela nunca tinha visto antes, mas sabia que deveria ser a suíte de cobertura que Qadim estava ocupando. Em um canto, uma lareira no estilo kiva brilhava com luz, troncos queimando alegremente na lareira.

Mas essa foi a única impressão que ela conseguiu, porque a boca de Qadim se fechou na dela novamente, as mãos dele se movendo sobre o corpo dela para ela era mais fácil do que ele, porque o manto aberto lhe permitia estender a mão para tocar sua carne nua, sentir aqueles músculos duros sob as pontas dos dedos.

Outra coisa estava difícil também. Sua excitação era clara o suficiente através das calças leves que ele usava. Ela

moveu uma mão para baixo para tocá-lo, e ele soltou um suspiro sibilante, logo antes de agarrar o decote da túnica ajustada que ela usava e rasgá-la.

Madison fez um som de protesto - não porque ela queria que ele parasse, mas porque ela odiava ver algo tão adorável arruinado.

— Não se preocupe, — ele sussurrou em seu ouvido. — Eu posso arranjar outro igual para você. Mas estava no caminho.

E ele se inclinou para poder escovar os lábios sobre o peito dela e levar o mamilo à boca. Qualquer outra objeção desapareceu de uma só vez, e ela estendeu a mão para envolver os braços em volta da nuca dele, para abraçá-lo. O calor entre as pernas dela voltou a brilhar, pulsando com a necessidade.

Ele sentiu isso? Ela não sabia ao certo, mas um segundo depois os dedos dele pegaram o cordão da calça e a soltaram, depois pegaram sua roupa de baixo e as calças ao mesmo tempo e as puxaram para baixo. Agora ela estava completamente nua na frente dele, mas ela não se importava. Tudo o que ela queria era que ele fosse tão revelado a ela quanto ela era para ele.

Ela agarrou o roupão dele e o tirou, jogando-o para pousar em uma das cadeiras laterais da suíte. As calças dele

também tinham um cordão, e ela a puxou para que elas se soltassem. Tirá-los dele era mais difícil, pois ela precisava aliviá-los após a ereção dele. E Deus, ele era enorme. Sim, ele era um homem grande, com mais de um metro e noventa de altura, mas...

Qadim não lhe deu a chance de inspecionar suas proporções mais de perto, porque passou de chupar o peito dela para beijar seu estômago, movendo-se cada vez mais baixo.

Ele não estava ...?

Ah sim, ele estava. Ela ofegou, depois gemeu quando a língua dele a tocou, enquanto ele a explorava com a boca. Sim, é claro que ela já havia feito isso antes, mas era a primeira vez que parecia que um homem estava realmente fazendo amor com ela com a língua, em vez de realizar um ato que ele sabia que deveria fazer para ser justo. Para seu parceiro. Qadim não estava sendo justo... ele estava apenas com fome.

E Deus, a sensação de seus longos cabelos caindo contra ela, roçando a carne sensível no interior de suas coxas. O orgasmo já estava aumentando, pulsações quentes de prazer pulsando em seu âmago. Ela não sabia por que deveria se surpreender com isso; fazia muito tempo.

Então o clímax a atravessou, e ela gritou, roucos gemidos que poderiam tê-la envergonhado uma vez, exceto que ela sabia que Qadim não se importava, que ele se deleitava com a maneira como a fazia se sentir, porque não se importava. Para imediatamente, continuar a acariciando-a com a língua até outro tremor menor passar por ela. E então ele estava beijando sua barriga novamente, subindo para o peito dela, sua boca se fechando sobre ela mais uma vez. Ela suspirou, fechando os olhos quando o brilho que a varreu. Mas não, ela queria abrir os olhos. Ela queria vê-lo.

Ele estava lá, seu olhar sombrio e faminto fixo em seu corpo, olhando-a como se nunca a tivesse visto antes.

— Eu quero..., — ela começou, sua voz um sussurro rouco.

— O que você quer, querida?

— Eu quero você em mim.

Um rosnado baixo escapou de sua garganta, e então ele lhe deu um sorriso lento e lascivo. — Se você desejar.

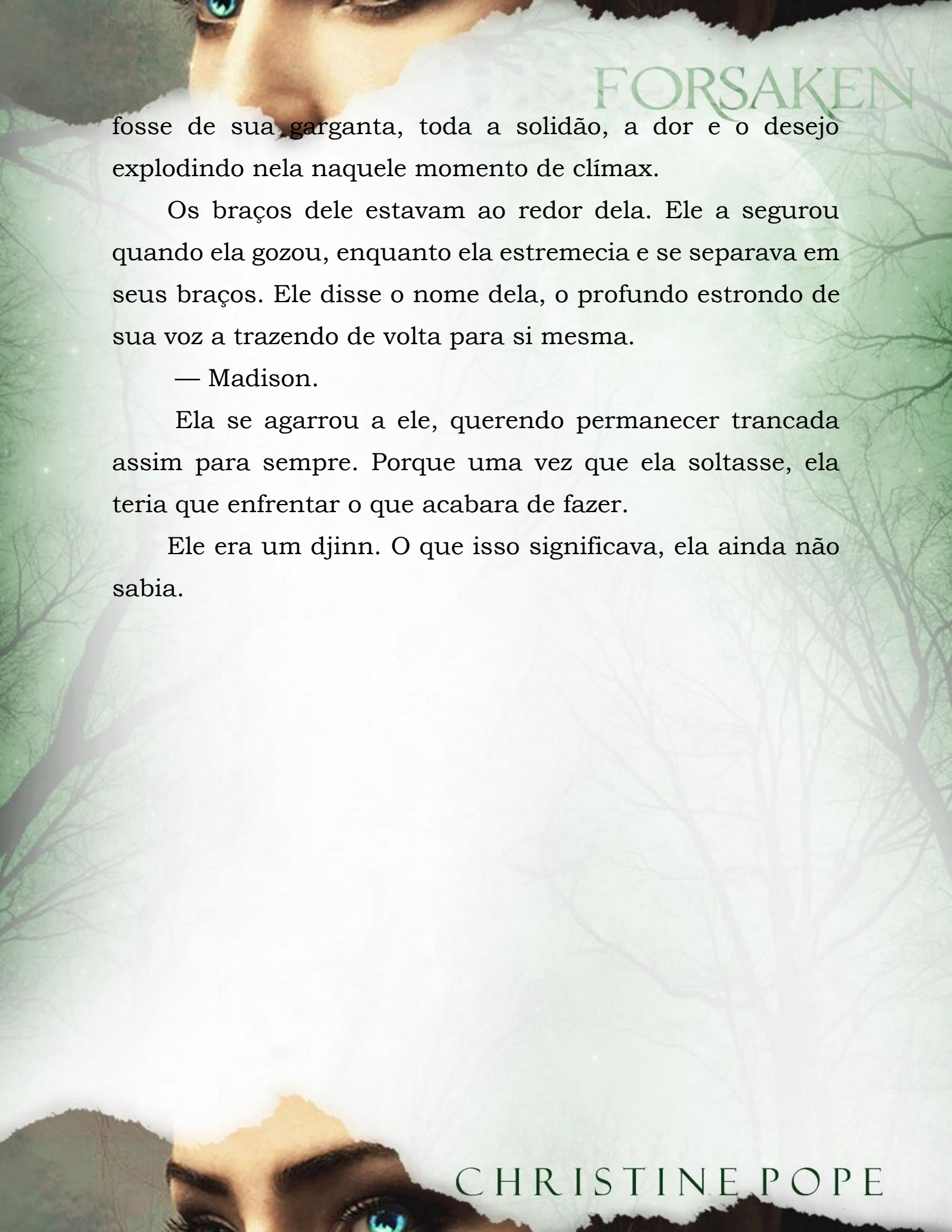
Ele estava presa contra ela. Ela se abaixou e o pegou na mão, sentindo o calor pesado de seu membro, do jeito que seus dedos não podiam nem se fechar ao redor dele. Talvez em outro momento ela estivesse preocupada em levá-lo para dentro dela, mas sabia naquele momento que isso não importava, que tudo ficaria bem.

Uma ligeira mudança em suas posições, e então ele estava empurrando, preenchendo-a. Ela ofegou novamente, deleitando-se com a sensação de que ele se aprofundava cada vez mais, juntando seus corpos com uma inevitabilidade que a fez quase querer chorar. Alguma vez foi tão bom - o peso magnífico de seu corpo pressionado contra ela, o lento movimento de balanço que parecia iluminar um novo conjunto de terminações nervosas a cada impulso?

Seus cabelos roçaram o rosto dela, cheirando a cravo e canela. Madison inalou, querendo inspirá-lo, levá-lo a todos os poros, todas as partes dela. Os olhos deles se encontraram e ela viu uma maravilha nua nos dele. Por quê? Ele não era um garoto inexperiente. Ele obviamente sabia o que estava fazendo. E ainda -

Seus movimentos aceleraram e todo pensamento fugiu. O mundo tornou-se essa sala iluminada pelo fogo, o calor do corpo dele contra o dela, a necessidade pulsante em todas as células do corpo dela. Ela estava prestes a voar novamente.

Ele também deve ter sentido, porque se mexia com ela, os dedos emaranhados nos cabelos dela, a pele quente e úmida. E então um impulso convulsivo, quando ela trancou as pernas ao redor dele e o puxou para um lugar muito mais profundo, precisando de muito mais antes que outro grito se



FORSAKEN

fosse de sua garganta, toda a solidão, a dor e o desejo explodindo nela naquele momento de clímax.

Os braços dele estavam ao redor dela. Ele a segurou quando ela gozou, enquanto ela estremecia e se separava em seus braços. Ele disse o nome dela, o profundo estrondo de sua voz a trazendo de volta para si mesma.

— Madison.

Ela se agarrou a ele, querendo permanecer trancada assim para sempre. Porque uma vez que ela soltasse, ela teria que enfrentar o que acabara de fazer.

Ele era um djinn. O que isso significava, ela ainda não sabia.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO ONZE

Eles ficaram lá por um longo tempo. Por fim, porém, Madison murmurou: — Eu preciso me limpar, — escorregou da cama, depois foi ao banheiro e fechou a porta.

Qadim observou-a partir e não protestou. Ele sentiu que ela precisava de um tempo para ficar sozinha com suas ideias. Na verdade, ele pensou que poderia usar algum tempo.

Ele rolou de costas e olhou para o teto, banhado pela luz bruxuleante do fogo na lareira. Não demorou tanto tempo para ele - seu último contato havia alguns meses atrás, durante o verão - e ainda assim lhe pareceu naquele momento que ele estava esperando anos, ou décadas... ou séculos... por uma mulher poderia satisfazê-lo da mesma maneira que estar com Madison.

Talvez fosse apenas o fato de ela ser mortal, e não djinn. Na aparência, as duas raças não eram tão diferentes, mas as reações dela, o gosto doce dela - eram todas Madison, e Madison sozinha. As mulheres djinn tendiam a ser amantes consagradas, é verdade. Como não poderiam ser, com tantos anos de prática? Mas eles não tinham o fogo de Madison, sua pura necessidade.

Ela saiu do banheiro então, o rosto brilhando e um pouco úmido. Parecia que ela jogou um pouco de água em sua pele. Mas ela não tinha pegado o roupão pendurado no gancho da porta e tampouco enrolado uma toalha. Ela caminhou em direção à cama, orgulhosamente nua, e uma onda de excitação tomou conta dele, quente, faminta e necessária. Não importava que eles chegassem ao clímax menos de um quarto de hora antes. Ele a queria de novo.

— Venha aqui, — ele rosnou, e um sorriso lento se espalhou por seus lábios carnudos.

— O que, isso não foi suficiente para satisfazê-lo?.

— Foi o suficiente para satisfazê-la?

O sorriso dela se alargou. — Eu pensei que era, mas...

Sem terminar a frase, ela deslizou para debaixo das cobertas e pressionou seu corpo nu contra o dele. Ele não sabia ao certo quais batalhas internas ela travara durante aqueles poucos momentos que passara no banheiro, mas claramente ela não parecia ter nenhum problema em continuar explorando a intimidade deles.

As mãos dele desceram para segurar os seios dela, tão pesados, cheios e macios, mesmo que o resto do corpo dela fosse quase esbelto demais. Antes de Madison, ele teria dito que preferia suas mulheres mais arredondadas, mas ele

amava cada centímetro de sua forma, incluindo suas longas pernas magras e a curva muito sutil de seus quadris.

E esse cabelo. Ele roçou contra ele, quente e tentador, cada fio fino parecendo despertar uma nova terminação nervosa. Um gemido suave soou baixo em sua garganta quando ele pegou o mamilo em sua boca e chupou, mesmo quando ele se abaixou para tocar a deliciosa umidade entre suas pernas. Sim, ela estava muito pronta.

Ele queria vê-la toda enquanto se juntavam novamente. Sem lhe dar nenhum aviso, ele a pegou pela cintura fina e a levantou para que ela pudesse se acomodar em cima dele. Ela ofegou, e então seus olhos se fecharão em prazer óbvio quando ele a encheu e eles começaram a se mover juntos, encontrando seu ritmo mais uma vez. Qadim estendeu a mão para acariciar seus seios, e sua cabeça inclinou-se para trás, aqueles cachos longos e deliciosos roçando suas coxas.

Por Deus, foi necessário todo o seu esforço para evitar o clímax naquele momento e ali. Mas ele respirou fundo, sabendo que queria que isso continuasse o maior tempo possível, que ele a sentisse firme e quente ao seu redor, deslizesse os dedos sobre os doces brotos de seus seios e ouvisse enquanto seus gemidos ficavam mais altos e mais altos. Ele sempre gostou de mulheres que eram vocais, e

claramente Madison não tinha nenhum problema em deixá-lo saber o quanto ela gostava de seu toque.

Mas a respiração dela começou a acelerar, e ele viu um brilho de transpiração em sua testa, e sabia que não demoraria muito mais agora. Boa; ele poderia ter adiado um pouco mais, mas ele queria essa liberação também, queria derramar dentro dela e ouvi-la gritar de prazer.

O que ela fez quando caiu para a frente, os cabelos roçando no rosto dele. Ela deu um suspiro rápido e ofegante, todo o corpo tremendo ao redor dele. Apenas um ou dois segundos depois, ele deixou o orgasmo correr através dele, escuro e estremecendo e muito, muito bom.

Ele a abraçou enquanto ela estava deitada contra seu peito, sua respiração ainda rápida, seu coração batendo contra ele. Então, muito gentilmente, ele a beijou na têmpora e respirou o doce aroma que se agarrava aos seus cabelos pesados.

Por fim, ela se afastou dele e caiu de costas. Por um longo tempo, ela não disse nada, apenas inspirou e expirou, claramente tentando se recompor. Eventualmente, ela se virou de lado para poder olhar para ele. Obrigando-a, ele se moveu também para que ficassem cara a cara.

Algum tipo de preocupação brilhou em seus olhos, e ele imediatamente estendeu a mão para afastar uma mecha de cabelo do rosto adorável. — Minha querida, o que foi?.

— Djinn e humanos - quero dizer, preciso me preocupar em engravidar? Faz muito tempo desde a última vez que tomei a pílula.

Ele não sabia exatamente o que era essa — pílula, — mas imaginou que devia ser algum tipo de contraceptivo. Como os humanos não podiam controlar internamente seus ciclos reprodutivos, eles não tiveram escolha a não ser recorrer a meios externos para impedir a gravidez. — Djinn e humanos podem se reproduzir, — ele começou, depois continuou antes que o traço de medo em seus olhos pudesse se transformar em algo pior, — mas apenas se eles escolherem fazê-lo.

— Se eles escolherem... — Ela parou por aí, estreitando os olhos verdes dourados. — O que você quer dizer?.

— Quero dizer que um djinn precisa decidir conscientemente que quer ser fértil para a gravidez. Certamente, eu não tomaria essa decisão sem que você concordasse com isso, e, por isso, nessas duas vezes em que fomos íntimos, tive a certeza de que não seria pai de nenhum filho.

A preocupação em seu rosto desapareceu, para ser substituída por uma certa diversão. — Então você estava atirando em branco?.

Ele não tinha certeza se entendia o idioma. — Atirando... o quê?.

Um sorriso, e ela se adiantou para poder beijá-lo na bochecha. — Apenas uma expressão. Então, eu realmente não preciso me preocupar em engravidar, não importa quantas vezes tenhamos relações sexuais?.

— Não, não há necessidade de se preocupar. — Qadim parou ali, imaginando se deveria se ofender com o alívio óbvio dela. Não que ele quisesse ter filhos a qualquer momento no futuro próximo - ele certamente havia evitado a paternidade até agora, havia encerrado vários relacionamentos porque as mulheres envolvidas desejavam começar famílias -, mas ele não sabia se gostava muito de Madison ser mãe. tão feliz com a perspectiva de *não* ter filhos.

— Boa. — Então ela sacudiu bem a cabeça antes de passar a mão pelos cabelos dele. — Isso não é um insulto, Qadim. Tenho certeza que faríamos bebês muito bonitos juntos. Mas as coisas estão complicadas o suficiente agora, e provavelmente é uma boa ideia evitar toda a reprodução por um tempo.

Ele teve que concordar com isso. Afinal, ele não tinha planos reais para que isso fosse permanente. No momento, tudo era novo, fresco e maravilhoso, mas, na sua experiência, esse estado de coisas nunca durou. Ainda assim, ele queria se divertir enquanto podia, e as perspectivas de fazê-lo pareciam infinitamente melhores sem trazer a confusão das crianças e da gravidez para a equação.

— Muito sensato, — disse ele, pois ela obviamente estava esperando uma resposta. — Enquanto isso, que tal uma sobremesa?.

— Sobremesa?

— Fiz essa coisa que seu povo chamou de 'pudim'. Eu nunca tive isso antes, mas os componentes prometeram algo delicioso.

— Isto é. — Madison parou então, uma expressão de consternação no rosto. — Mas oh - deixamos toda aquela comida adorável de fora. Precisamos descer e arrumar tudo e colocar na geladeira.

— Não precisa, — ele disse, um pouco divertido com a preocupação dela de desperdiçar o restante do jantar. — Ele já foi empacotado e guardado. Então, suponho que, no dia seguinte, poderei experimentar esse costume humano conhecido como 'sobras de comida'.

Ela deu outro sorriso e depois se aconchegou mais perto, colocando a cabeça em seu peito. Por um momento, ele estava saciado, e então ele podia simplesmente apreciar a sensação dos cabelos quentes e macios dela contra sua pele e o toque requintado de seus seios em seu estômago. — Isso é bom. E a sobremesa parece adorável, mas.... — Ela bocejou. — O pudim está na geladeira também?

— Está.

— Então vamos guardar isso para amanhã. Eu não quero me mudar.

— Você não precisa, — ele respondeu suavemente, porque ele percebeu com uma leve mudança na respiração dela que ela estava muito perto de adormecer. Ele queria que ela dormisse em seus braços, queria segurá-la por reverência assim.

O problema era que nada durava para sempre. Nem mesmo para um djinn.

Madison não conseguia se lembrar de quando tinha adormecido, mas claramente aquela segunda rodada a havia nocauteado, porque ela não acordou até que a luz do sol estava espiando através das aberturas nas cortinas que escondiam as janelas altas do outro lado do quarto. Ao lado dela, Qadim parecia ainda estar dormindo, olhos fechados e

seu peito subindo e descendo com respirações regulares e profundas.

Então Djinn dorme. Ela se perguntou sobre isso, se ele apenas fingia estar dormindo para não fazer as coisas parecerem muito estranhas para ela, mas claramente os djinn não eram tão diferentes dos humanos nesse aspecto. Quanto a si mesma, bem, tinha sido um longo dia, e ter uma refeição pesada e várias rodadas espetaculares de sexo apenas garantiam que ela iria desmaiar.

Parecia que Qadim não estava muito preocupado com a hora do dia, já que o relógio na mesa de cabeceira dizia que eram três e vinte e duas, e ela duvidava que tivessem dormido tanto tempo. Sua boca estava com goma, no entanto, e ela precisava ir ao banheiro. Movendo-se o mais silenciosamente que pôde, ela saiu de debaixo das cobertas e entrou no banho, depois se ocupou dos negócios e parou para enxaguar a boca. Antes de sair do banheiro, ela tirou o roupão do gancho atrás da porta e o vestiu. Quando ela se aproximou da cama, os olhos de Qadim se abriram.

— Eu não quis te acordar... — ela começou, mas ele apenas balançou a cabeça.

— Não, estava na hora de eu estar acordado. Geralmente eu levanto antes do sol.

— Você tem que se vestir?

Ele a lançou um olhar por baixo dos cílios, o tipo de olhar que enviou o sangue, pulsante e quente, entre os olhos dela. Mas seu tom era suave o suficiente quando ele respondeu — Dificilmente. Embora agora que estamos acordados, talvez seja sensato tomar um café da manhã para reabastecer nossas... reservas.

— Você provavelmente está certo. — Ela estaria na terceira rodada? Seu corpo parecia estar dizendo sim. Então, novamente, um pouco de café seria bom. E alguns dos incríveis ovos mexidos de Qadim. Nenhum deles estava indo a lugar algum, então por que não tomar um café da manhã de lazer e ver o que aconteceu a partir daí?

Ele a observou enquanto ela recuperava sua calcinha de onde estavam caídas, descartadas no chão. A adorável roupa de seda corada também estava no chão ao lado da cama, e ela não pôde deixar de fazer um som de consternação ao levantá-la e ver que a túnica parecia estar rasgada além do reparo.

— Eu disse para você não se preocupar com isso, — disse ele, depois se colocou na posição vertical na cama, embora os lençóis e o edredom cobrissem tudo abaixo da cintura.

— Eu sei. Mas ainda é triste ver algo tão bonito ser arruinado.

Sua expressão se suavizou. — Traga isso aqui.

Confusa, ela se inclinou sobre a cama para poder entregar a túnica a ele. Felizmente, as calças pareciam ter saído ilesas, então, depois que Qadim tirou a túnica dela, ela se inclinou para recuperar as calças e colocá-las sobre uma cadeira próxima.

O djinn passou a mão sobre a túnica e depois a sacudiu. Os olhos de Madison se arregalaram. O decote havia sido rasgado e a maioria dos botões na frente arrancada. Agora, no entanto, a roupa parecia boa como nova, sem sinal do dano que Qadim havia infligido na noite anterior.

— Como...?

Ele sorriu e depois estendeu a túnica em sua direção. Ela pegou com os dedos que tremiam levemente. — Nós djinn temos nossos poderes elementares, aqueles que nos permitem controlar a terra e o ar, o fogo e a água. Mas também possuímos outros poderes, o tipo de coisa que nos permite manter a eletricidade funcionando ou a água fluindo - ou para garantir que as sobras de um jantar vão em segurança em uma geladeira.

— E consertar roupas, aparentemente.

— Precisamente.

— Bem, isso é útil. — Madison não tinha certeza se ser útil era exatamente a resposta certa, mas ela precisou de

alguns segundos para absorver essa informação.

Claramente, ela tinha muito a aprender sobre o djinn.

— Pode ser útil, é verdade. — Qadim afastou a colcha e se levantou.

Bom Deus, mas aquele homem tinha um corpo incrível. Madison fez o possível para não olhar para as costas esculpidas dele, para os músculos longos e duros de suas coxas, mas era difícil. Nunca em sua vida ela esteve tão perto de um homem construído assim. Mas então ele se curvou e pegou suas próprias roupas descartadas, vestindo primeiro as calças e depois a túnica solta.

O show acabou, ela disse a si mesma, lutando contra uma pontada de decepção. No passado, ela nunca fora do tipo de obcecada pela aparência de um homem, mas era muito difícil com Qadim. Ele era tão eminentemente admirável.

— Você está pronta para descer? — ele perguntou, e ela assentiu.

— Mas podemos seguir o caminho antiquado? — ela respondeu. — Tudo o que piscar dentro e fora pode ser um pouco desconcertante.

Ele sorriu — Se você preferir, é claro.

Então eles saíram da suíte e desceram as escadas - todos os nove lances deles. Uma ou duas vezes, Qadim

lançou-lhe um olhar de soslaio, como se para ver se ela ainda estava gostando de fazer isso da — maneira antiquada, — mas Madison não disse nada. Afinal, eles estavam descendo, não subindo. De qualquer forma, ela costumava caminhar, correr e andar de bicicleta o tempo todo. Alguns lances de escada não eram grande coisa. E da maneira que Qadim parecia preparado para alimentá-la, ela sabia que era melhor se manter ativa ou começaria a se espalhar como uma ameba.

O restaurante estava impecável quando eles entraram, sem absolutamente nenhum sinal de seu banquete da noite anterior. Sim, Qadim disse que ele cuidara de tudo, mas em algum lugar no fundo de sua mente, ela não estava completamente convencida. No entanto, não havia uma única migalha na mesa e, quando ela foi à geladeira para dar uma espiada, viu que toda a comida não consumida era realmente cuidadosamente embalada em recipientes de plástico, pronta para o próximo round.

— Você parece surpresa, — disse Qadim enquanto fechava a porta da geladeira.

— Eu faço? — Madison deu de ombros. — Como eu mencionei antes, tudo vai demorar um pouco para se acostumar. Mas tudo bem. Eu vou resolver isso eventualmente.

Em resposta, ele se aproximou e a beijou, provando outro ponto importante sobre djinn - eles não pareciam respirar pela manhã. Ele tinha um gosto quente e um pouco doce, e ela sabia que se ele a beijasse assim, ela o faria levá-la ali mesmo no balcão.

Seu olhar deslizou para a superfície de metal brilhante, como se ele tivesse de alguma forma lido seus pensamentos. Com uma peculiaridade no canto da boca, ele disse: — Parece ter a altura certa.

Para um humano de tamanho normal, talvez não. Para um espécime de mais de um metro e noventa e seis como o Qadim....

Ela não disse nada. Ela não precisava. No instante seguinte, ele a levantou no balcão e estava desatando a faixa no roupão. As mãos dele se fecharam sobre seus seios nus, e ela fechou os olhos em êxtase. Sim, ela sempre foi sensível, mas havia algo sobre o toque mais simples do djinn que a fazia sentir como se ele estivesse prestes a mandá-la para a beira a qualquer momento.

A reviravolta foi um jogo limpo, no entanto. Ela puxou o cordão da calça dele, depois a deslizou sobre a sua já impressionante ereção. Como se por vontade própria, sua mão foi agarrá-lo, mover-se lentamente para cima e para baixo enquanto sentia a suavidade sedosa da pele dele, um

contraste chocante com a carne dura como ferro por baixo. Ele emitiu um som rosnado no fundo da garganta, os cílios pretos varrendo quando ele fechou os olhos por um momento. Então aqueles olhos escuros se abriram novamente, e Madison pensou que podia ver uma chama avermelhada e lasciva em suas profundezas.

Os dedos dele deslizaram nela, habilidosos. Ela já estava molhada, mas o toque dele a deixou muito mais molhada, gemidos saindo de sua garganta enquanto ele a acariciava. Mas ela não se esqueceu o suficiente para negligenciá-lo; a mão dela ainda deslizava para cima e para baixo no seu eixo, querendo levá-lo até a borda - mas não sobre ela.

Não demorou muito tempo antes que ele soltasse um suspiro, então ele afastou a mão. E no segundo seguinte, ele estava segurando-a pelos quadris e puxando-a em sua direção. Ele deslizou dentro dela, e ela colocou as pernas em volta da cintura dele para puxá-lo ainda mais, o ângulo em que ele a enchia quase insuportavelmente erótica.

Deus, eu estou deixando um djinn me foder na bancada da cozinha, ela pensou, mas depois disso ela não conseguiu se concentrar em nada, exceto na sensação do pau dele entrando e saindo dela, do jeito que ele se inclinou para perto por tanto tempo os cabelos deslizavam sobre os

ombros, ainda cobertos pelo roupão emprestado que ela usava. Debaixo de suas mãos, que ela plantara para se manter semiereta, ela podia sentir o aço frio do balcão, um contraste tão grande com o calor do corpo de Qadim.

Desta vez, o orgasmo foi tão intenso que ela gritou alto, o som ecoando nas paredes. Ainda bem que não havia ninguém por perto, exceto Qadim, e, a julgar pelo sorriso feroz que ele usava, ele não parecia se importar nem um pouco. Apenas um ou dois segundos depois, ele soltou também, um gemido escapando de seus lábios quando ele se encontrou nela. Então ele se curvou e beijou seus seios, primeiro a esquerda e depois a direita, enquanto ela fazia o possível para permanecer apoiada em vez de cair exatamente onde estava.

Muito lentamente, ele se afastou, e Madison tentou puxar seu roupão - com sucesso limitado, já que ela estava sentada em parte dele e realmente não queria se mexer.

Qadim teve piedade dela e a levantou do balcão. — Você parecia um pouco presa.

Bem, ela supôs que poderia ter pulado. Mas isso teria deixado algumas coisas soltas. Como era.... Ela foi até onde um dispensador de papel toalha estava preso à parede e juntou um monte, depois limpou o melhor que pôde antes de vestir a roupa de baixo.

Atrás dela, Qadim disse, seu tom cuidadosamente neutro: — Talvez seja hora de tomar um café.

— Essa é uma ótima ideia.

Desta vez, sem mexer com uma cafeteira - no instante seguinte, ele segurou duas canecas brancas, ambas cheias de um café italiano com um cheiro incrível. Ele estendeu uma para ela, e ela também agradeceu. Ao mesmo tempo, porém, ela ergueu uma sobrancelha para o manto aberto, pela maneira como tudo estava em exibição.

— Você vai guardar isso tão cedo?

— Eu não tinha certeza se você ainda precisava disso.

Madison deu a ele um olhar icônico, depois soprou seu café. Ela ouviu Qadim rir, e um leve tilintar quando ele largou a caneca para poder voltar a vestir as calças.

— Melhor? — ele perguntou quando ela se virou.

— Não tenho certeza de que 'melhor' é a palavra certa,
— respondeu ela. — Mas definitivamente menos perturbador.

Ele sorriu, um flash de dentes brancos contra a escuridão de sua barba. Então ele pegou seu café e tomou um gole enquanto ela soprava seu café mais algumas vezes.

— Então, o que está em jogo hoje? — ela disse. — Mais xeriscaping?.

— Na verdade, meu plano era criar um esporão no seu Rio Grande para que pudéssemos ter um riacho passando pelo hotel. Eu pensei que seria agradável ter água fluindo aqui - e isso ajudará a incentivar algumas das árvores maiores.

A essa altura, talvez ela devesse estar mais acostumada com o modo casual como ele anunciou que planejava fazer coisas aparentemente impossíveis. — Só assim, hein?.

Sua expressão ficou confusa. — De que outra forma eu faria isso? Ontem fui inspecionar o rio a oeste daqui para ver se meu plano era viável. Não há impedimentos reais, até onde posso ver. Levarei algum tempo para criar o canal, mas depois disso.... — Ele deu de ombros e bebeu mais café.

— Para onde você planeja que essa água vá? Ou seja, eu pensei que a maioria dos córregos e rios tinha que despejar em outro corpo de água. — Como o café dela parecia frio o suficiente para beber, ela tomou um gole e acrescentou: — Enfim, eu pensei que você era um elemental da terra. Você pode realmente fazer um novo rio?.

— Eu sou um elemental da terra, — disse ele calmamente. — E isso me ajudará a criar um novo canal para a água fluir. Mas não vou convocar a água ou criá-la do nada. Quanto à onde ele iria, eu pensei que um lago pequeno por lá complementaria a área do parque que eu

deixei na cidade. — Ele gesticulou com a mão livre na direção geral do local onde o centro de convenções já estivera.

— Oh. — Madison teve que admitir para si mesma que não sabia muito sobre rios e córregos, ou sobre suas características gerais, já que corpos de água de qualquer tamanho eram uma raridade no Novo México. Mas Qadim parecia confiante em sua capacidade de assumir o projeto, e parecia que seria adorável ter uma corrente fluindo. Ela sempre achou o som da água corrente reconfortante, tinha uma daquelas fontes de mesa em seu estúdio para poder ouvi-lo enquanto trabalhava. O djinn a observava, claramente esperando para ver o que mais ela tinha a dizer. E ela gostou disso. Ela gostou que ele quisesse ouvir sua opinião.

— Bem, — ela disse. — Acho melhor tomarmos café da manhã. Então podemos começar a trabalhar.

CAPÍTULO DOZE

Por alguma razão, Qadim não esperava que Madison se interessasse tanto por seu trabalho. Ele conhecia muitas mulheres dos djinn que teriam rido dele por tentar criar um oásis nesse deserto. Mas Madison não achou graça. Ela achou isso um desafio.

É verdade que ela era uma artista e, como tal, provavelmente queria cercar-se de coisas de beleza, criar simetria e graça onde houvesse outras coisas. De volta ao jeans e camiseta, ela foi com ele até o rio e viu como ele fazia uma última pesquisa antes de começar o trabalho real.

A Terra obedeceria a seu comando e, assim, ele pediu que se separasse, para criar um canal com aproximadamente quatro comprimentos de braço e metade da profundidade. Imediatamente o solo arenoso fluiu para fora do caminho, e as águas do Rio Grande entraram rapidamente, seguindo-as enquanto caminhavam para o leste e o sulco profundo no chão aumentava cada vez mais.

— Como a água não passa correndo onde você está trabalhando? — Perguntou Madison.

— Porque sabe que não pode, — ele disse simplesmente.

Sua sobrancelha franziu com a resposta, mas ela não disse nada. Depois de apenas alguns dias juntos, ela já começara a entender que alguns elementos da magia djinn eram quase impossíveis de explicar. Eles simplesmente *eram*.

Os dois caminharam juntos, o vento selvagem de outubro atingindo os dois cabelos, um borrão de marrom escuro, Madison um brilho de cobre pálido. E diante deles o chão continuava se abrindo para receber as águas do Rio Grande. Eles estavam se divertindo. Ele temia que essa tarefa pudesse levar vários dias, mas parecia que ele seria feito antes do pôr do sol.

Eles ficaram calados após a troca inicial, mas Qadim não se importou. Ele precisava se concentrar no que estava fazendo, e Madison parecia sentir isso. Mas ele percebeu outra coisa enquanto eles faziam seu progresso lento e constante em direção ao hotel.

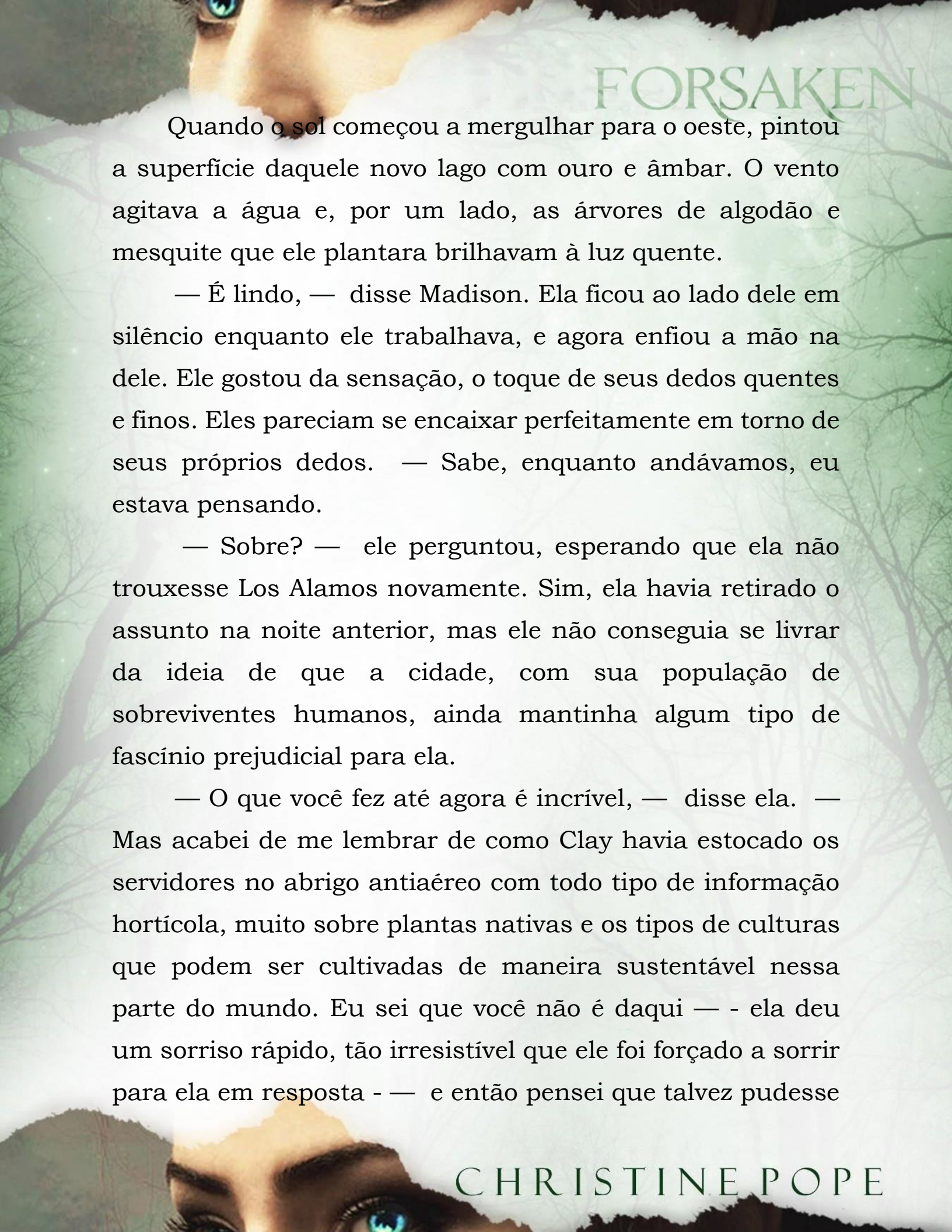
Ele estava contente.

É verdade que alguma medida desse contentamento poderia ser atribuída à maneira como seu corpo fora saciado pela mulher que caminhava ao lado dele. O apetite dela o surpreendeu, mas ele certamente não mudaria nada sobre isso. De fato, foi revigorante encontrar alguém que fosse tão sensível. O fato de a mulher que era tão próxima de suas

necessidades ser humana talvez fosse a parte mais estranha de toda a situação, mas Qadim pensou que poderia aprender a aceitar isso.

Mas o seu sempre foi um espírito inquieto, nunca totalmente satisfeito com o que ele tinha. Sem dúvida que a inquietação era outra razão pela qual ele nunca se demorou em uma mulher por muito tempo. E, embora tenha dito a si mesmo que os poucos dias em que esteve com Madison certamente não eram um período de tempo suficiente para mudá-lo, ele se surpreendeu um pouco por estar em paz. Como uma de suas ex-amantes havia comentado amargamente, ele não era um homem fácil, em nenhum sentido da palavra.

Quando ele e Madison se aproximaram do hotel, o novo riacho se desviou levemente para o sul, a fim de contornar as bordas da pequena área parecida com um parque com pedras e árvores vermelhas, a única coisa feita pelo homem ainda de pé no centro da cidade, exceto o Hotel Andaluz. E esperou enquanto ele movia a terra para criar um lago de quase cinquenta metros de diâmetro e duas vezes mais. Aquela terra que ele reservou para uso posterior, e assim que desapareceu, a água entrou em sua nova casa, enchendo a cavidade que ele havia aberto no chão.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. Her skin is fair, and her hair is dark. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner. The author's name 'CHRISTINE POPE' is written in a smaller, green, serif font in the lower right corner.

FORSAKEN

Quando o sol começou a mergulhar para o oeste, pintou a superfície daquele novo lago com ouro e âmbar. O vento agitava a água e, por um lado, as árvores de algodão e mesquite que ele plantara brilhavam à luz quente.

— É lindo, — disse Madison. Ela ficou ao lado dele em silêncio enquanto ele trabalhava, e agora enfiou a mão na dele. Ele gostou da sensação, o toque de seus dedos quentes e finos. Eles pareciam se encaixar perfeitamente em torno de seus próprios dedos. — Sabe, enquanto andávamos, eu estava pensando.

— Sobre? — ele perguntou, esperando que ela não trouxesse Los Alamos novamente. Sim, ela havia retirado o assunto na noite anterior, mas ele não conseguia se livrar da ideia de que a cidade, com sua população de sobreviventes humanos, ainda mantinha algum tipo de fascínio prejudicial para ela.

— O que você fez até agora é incrível, — disse ela. — Mas acabei de me lembrar de como Clay havia estocado os servidores no abrigo antiaéreo com todo tipo de informação hortícola, muito sobre plantas nativas e os tipos de culturas que podem ser cultivadas de maneira sustentável nessa parte do mundo. Eu sei que você não é daqui — - ela deu um sorriso rápido, tão irresistível que ele foi forçado a sorrir para ela em resposta - — e então pensei que talvez pudesse

CHRISTINE POPE

voltar para o abrigo e ver o que eu poderia desenterrar isso ajudaria. É lindo, mas provavelmente ajudaria a começar a cultivar algumas colheitas reais. Agora não - ela acrescentou rapidamente. — O inverno está chegando, e pode ser brutal no norte do Novo México, embora Albuquerque geralmente não seja atingido com muita força. Na primavera, porém....

Suas palavras sumiram então, e Qadim pensou que o rubor em suas bochechas não era inteiramente do vento. Talvez ela pensasse que poderia ser presunçosa ao assumir que os dois ainda estariam juntos quando a primavera chegasse.

Talvez ela estivesse presumindo as coisas, mas, no momento, ele tinha que esperar que ela estivesse certa em sua suposição. Tudo chegou ao fim; ele sabia disso. E, no entanto, ele não queria pensar em como seria para ela partir, para nunca mais vê-la.

Quando isso acontece, ele disse a si mesmo. Pode acontecer em algum momento da primavera ou daqui a um ano. Eu vou me preocupar com isso quando chegar a hora.

— Essa é uma ideia muito boa, — disse ele gravemente, e ficou satisfeito com a maneira como ela parecia relaxar um pouco. — Se reunirmos esse conhecimento agora, quando a primavera voltar, estaremos preparados. Mas — - acrescentou ele quando parecia que

ela estava prestes a falar -, — você pode coletar essas informações amanhã. O sol está se pondo agora e acho que já trabalhamos o suficiente por um dia.

— Você quer dizer que já trabalhou bastante, — ela comentou com uma pequena expressão de seus lábios. — Principalmente eu assisti.

— Foi mais fácil ter você lá.

Esse comentário a fez sorrir, então ele a levou para o hotel, onde as fontes ainda fluíam, e as grandes luminárias no alto ainda emitiam a iluminação necessária para iluminar o saguão, mesmo que as empresas de eletricidade que antes forneceram eletricidade fossem abandonadas.

— Por que não comemos aqui hoje à noite? — Madison disse, apontando para o único espaço com a fonte de parede de azulejos translúcidos e reluzentes. — Pode ser divertido, íntimo.

Qadim achou que gostara do som disso. Seus trabalhos o haviam cansado um pouco, mas não o suficiente para que ele não fosse capaz de enfrentar a ocasião, por assim dizer. Uma refeição de pequenos pratos, pedaços saborosos enquanto serviam na intimidade. Ele achou que seria muito bom.

— Sim, mas vamos mudar para o jantar. — Um olhar para o traje humano que ele vestia lhe dizia que ele havia

ficado um pouco sujo durante seus esforços, e enquanto Madison se saía melhor, ele ainda preferia que ela usasse algo mais elegante. Ele teria que garantir que ela tivesse algumas surpresas esperando quando subisse para tirar a camiseta e o jeans desbotado que estava usando.

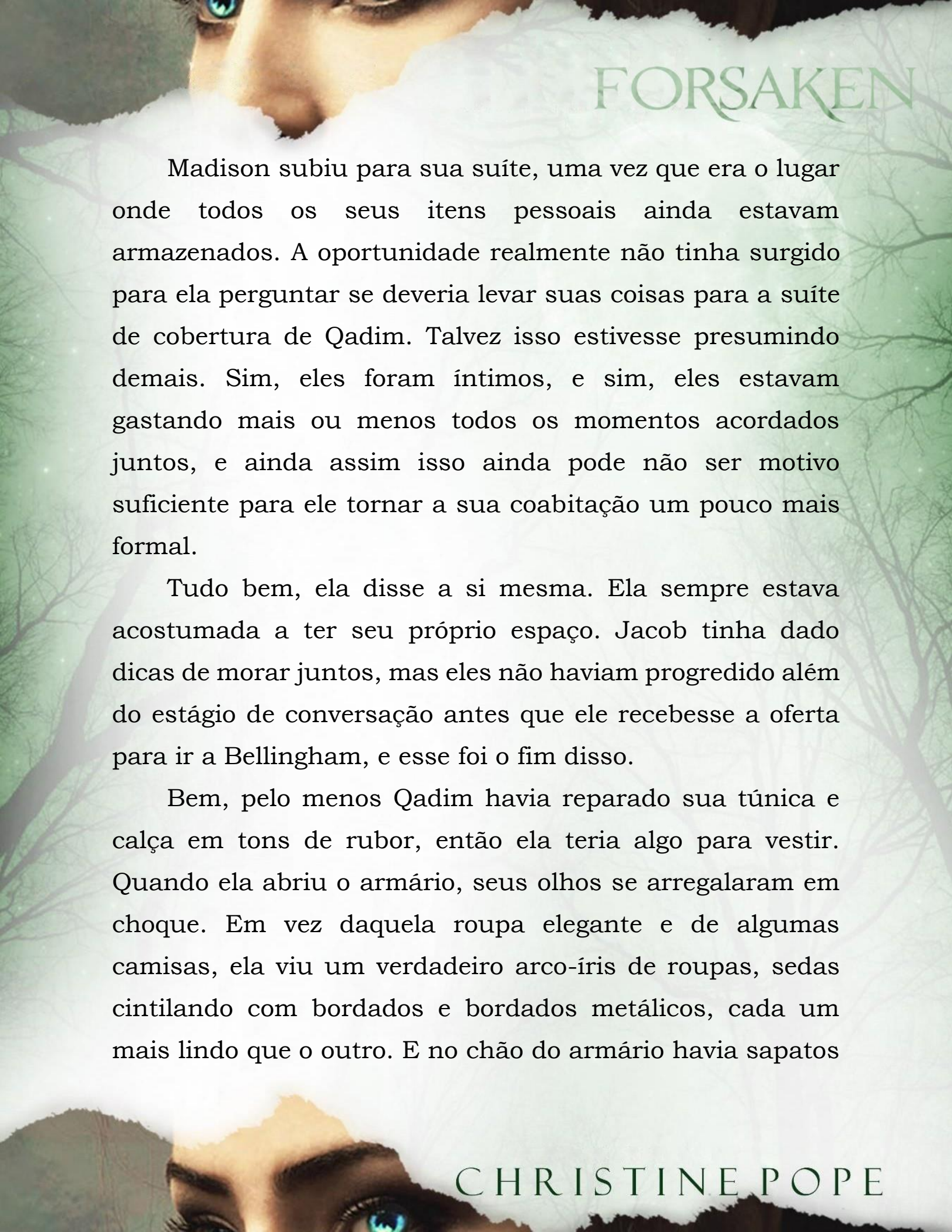
— Tão formal, — ela brincou, mas ele podia dizer que ela realmente não se importava tanto assim. — Devo ir agora, ou você precisa de mim para ajudá-lo? Parece que cozinhar em cima de todo o trabalho que você fez hoje pode estar pressionando um pouco.

— Não, eu vou ficar bem, — disse ele. Ele não se deu ao trabalho de acrescentar que planejava usar seus poderes para criar a refeição inteira, algo que normalmente não fazia. Mas ele estava bastante cansado, e como eles realmente não haviam comido nada desde o café da manhã, seria muito mais fácil e rápido para ele preparar a refeição.

A expressão dela lhe dizia que ela era um tanto duvidosa, mas não discutiu mais, e foi na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha antes de sair para as escadas.

A sensação de seus lábios pressionando contra ele pareceu permanecer em sua pele muito tempo depois que ela desapareceu. Qadim pensou que poderia se acostumar com isso.

E isso, ele pensou, era exatamente o problema.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, cloud-like or smoke-like effect. The woman has dark hair and is looking upwards. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner. The author's name 'CHRISTINE POPE' is written in a smaller, green, serif font in the lower right corner.

FORSAKEN

Madison subiu para sua suíte, uma vez que era o lugar onde todos os seus itens pessoais ainda estavam armazenados. A oportunidade realmente não tinha surgido para ela perguntar se deveria levar suas coisas para a suíte de cobertura de Qadim. Talvez isso estivesse presumindo demais. Sim, eles foram íntimos, e sim, eles estavam gastando mais ou menos todos os momentos acordados juntos, e ainda assim isso ainda pode não ser motivo suficiente para ele tornar a sua coabitação um pouco mais formal.

Tudo bem, ela disse a si mesma. Ela sempre estava acostumada a ter seu próprio espaço. Jacob tinha dado dicas de morar juntos, mas eles não haviam progredido além do estágio de conversação antes que ele recebesse a oferta para ir a Bellingham, e esse foi o fim disso.

Bem, pelo menos Qadim havia reparado sua túnica e calça em tons de rubor, então ela teria algo para vestir. Quando ela abriu o armário, seus olhos se arregalaram em choque. Em vez daquela roupa elegante e de algumas camisas, ela viu um verdadeiro arco-íris de roupas, sedas cintilando com bordados e bordados metálicos, cada um mais lindo que o outro. E no chão do armário havia sapatos

CHRISTINE POPE

a condizer, alguns sapatinhos de miçangas e sandálias de joias.

Qadim, é claro. Aparentemente, ele queria dar-lhe um pouco de variedade em seu guarda-roupa. Ainda a chocou, a maneira como ele apenas tirou as coisas do nada para ela, mas neste caso, ela estava muito feliz que ele possuísse esses poderes djinn.

Ela vasculhou a prateleira de roupas, tentando decidir qual roupa deveria usar primeiro e, finalmente, decidiu por uma túnica branca decorada em teal e bordados com miçangas douradas, o garfo composto por flores pesadamente bordadas em contas de vidro e fios metálicos. A tonalidade azulada perto de seu rosto ressaltou o verde em seus olhos e pareceu fazer seus cabelos ruivos parecerem um pouco mais profundos e ricos em tom do que costumava ser, e ela sorriu ao refletir depois de aplicar um pouco de brilho labial e rímel. Ela não se parecia em nada com a mulher soprada pelo vento que entrara no quarto meia hora antes.

A roupa não era a única surpresa que ele deixou, embora. Quando ela estava prestes a sair pela porta, Madison notou uma grande caixa de madeira em cima da cômoda. Curiosa, ela se aproximou e levantou a tampa.

Dentro havia um verdadeiro resgate de joias de um rei - peças pesadas e intrincadas em prata e ouro, escolhidas com pedras preciosas em tons de verde, vermelho, azul e roxo. Ela não era especialista, mas reconheceu esmeralda e rubi, safira e ametista e muito mais. Um par de brincos pendurados em ouro cravejados com opalas parecia o complemento perfeito para sua roupa, então ela pegou os aros de prata simples que usava e colocou os brincos de ouro. Havia um anel que parecia combinar e, em seguida, um conjunto de pulseiras de ouro que tinham uma vibração definitiva de Bollywood.

No conjunto, o conjunto foi bastante impressionante, e ela jogou a cabeça um pouco, sentindo os brincos roçarem no pescoço. Normalmente, ela nunca usaria algo tão extravagante, e o efeito a fez se sentir um pouco perversa.

Ela teria que ver o que Qadim pensava.

Suas sandálias de joias bateram nas escadas de metal enquanto ela corria de volta para o térreo. Ao sair para a seção principal do saguão, ela parou e olhou com admiração. Qadim havia pegado o mesmo tecido que ele usara para decorar o bar da cobertura alguns dias antes, e esse tempo o colocou de um lado do mezanino para o outro. Embaixo, vários candelabros de ferro brilhavam com inúmeras velas de pilar. Todas as casas, no entanto, eram escuras - exceto

uma. A pequena alcova com a característica da água em uma parede e mais velas brilhando de todos os lados, e na mesa ao centro havia vários pequenos pratos, cada um com um item diferente, mas igualmente delicioso, colocado sobre ela.

E lá estava Qadim, do lado de fora da entrada da tenda, obviamente esperando por ela. A respiração de Madison ficou presa ao vê-lo, porque em vez de suas roupas sombrias de sempre, ele vestia roupas de seda cor de vinho escuro. Bandas largas de ouro cobriam ambos os pulsos. O efeito não foi feminino, no entanto - realmente, exatamente o oposto. Com seus pesados cabelos escuros caindo pelas costas, ele tinha uma espécie de esplendor bárbaro, e Madison podia sentir seu coração começar a bater mais rápido ao vê-lo.

— Você está deslumbrante, — disse ele, avançando para que ele pudesse vê-la melhor.

— Você também, — ela respondeu. — Gosto da roupa nova. E da minha também — acrescentou ela às pressas. — Isso é um guarda-roupa que você conjurou para mim.

— Você precisava de mais roupas que se adequassem à sua beleza. Embora compreenda a necessidade da natureza utilitária de algumas de suas coisas, não há razão para que você não possa ter algo mais elegante para os tempos em que estiver aqui no hotel.

É verdade que realmente não havia uma razão para ela não se vestir enquanto estivesse aqui. Ela não usaria essas coisas enquanto estivesse com Qadim, ajudando-o com a reconstrução de Albuquerque. Isso simplesmente não fazia sentido. Mas ela gostava da ideia de tornar os jantares juntos algo como um evento, que exigia roupas muito mais formais do que o traje habitual. Naquele dia, as pessoas se vestiam para o jantar. Seria divertido restabelecer esse costume.

— Bem, eles são lindos, — disse ela. — E as joias também. Acho que nunca vi nada tão impressionante do lado de fora de um museu, ou talvez algumas daquelas lojas realmente sofisticadas de Santa Fé na praça.

A expressão dele escureceu levemente quando ela mencionou Santa Fé, mas então o rosto dele ficou claro. — Estou feliz que você goste de tudo. Mas agora... você está com fome?.

— Faminta, — disse ela honestamente.

— Então vamos nos sentar.

Madison o seguiu até a tenda, onde se sentou ao lado dele. Uma garrafa de vinho branco estava gelada em um desses refrigeradores de cerâmica, e Qadim puxou-a e depois serviu um pouco para cada um deles. Ela ficou um pouco surpresa com essa escolha, simplesmente porque eles

não tinham compartilhado nada além de vinho tinto até agora, exceto durante o primeiro jantar, mas parecia funcionar bem com a refeição mais leve que ele havia planejado para eles hoje à noite. Havia uma tábua com queijo e frutas, tâmaras embrulhadas em bacon e todos os tipos de outros deliciosos pedacinhos - uma espécie de purê de batatas e queijo empilhados, frango assado no espeto e uma tigela de cogumelos e pimentões fatiados banhados em azeite, com pão para mergulhar.

Alguns dos itens que ela reconheceu desde os tempos em que tinha tapas, mas outros que nunca havia experimentado antes. Mais uma vez, ela se perguntou como Qadim conseguiu juntar tudo isso. Nas outras refeições, ele basicamente cozinhou à moda antiga, e ainda assim ela não conseguia descobrir como ele o havia feito neste ambiente. Simplesmente não houve tempo suficiente.

— Você quer me contar o seu segredo? — ela perguntou enquanto pegava uma pequena fatia de pão de fermento torrado e colocava um pouco da mistura de cogumelos / pimenta por cima.

— Eu sou um djinn, — ele respondeu, com um brilho nos olhos escuros. — Existe algum outro segredo além disso?

— Bem, não, suponho. Só que eu realmente vi você cozinhando as outras refeições, mas....

Ele levantou o copo de vinho e tomou um gole antes de responder: — Sim, eu usei meus poderes para preparar este. Espero que isso não torne menos apetitoso.

Ela teve que pensar nessa revelação por um segundo. Então ela percebeu que realmente não importava de um jeito ou de outro. Afinal, ela estava bastante certa de que ele persuadira algumas coisas enquanto preparava todas as refeições, mesmo que ele próprio tivesse feito a maior parte do trabalho. — Não, é tudo maravilhoso, — disse ela. — De certa forma, isso me faz sentir melhor, porque então eu sei que você não se cansou tentando deixar tudo isso pronto.

— Não, eu certamente não me desgastei. — O olhar dele permaneceu em sua boca, e um calor bem-vindo a invadiu, aquele que lhe dizia que não importava que eles já tivessem feito sexo várias vezes nas últimas vinte e quatro horas. Seu corpo ainda ansiava mais.

— Bem, isso é bom de ouvir.

Ele inclinou-lhe um olhar de soslaio, mas não disse nada, e em vez disso colocou uma das tâmaras embrulhadas em bacon em sua boca. Eles comeram em silêncio por alguns momentos, ambos contentes em se concentrar nos sabores variados da comida diante deles. No fundo, o som da

cachoeira e, um pouco mais longe, a fonte no centro do saguão, combinados para acalmar o silêncio. Pela primeira vez, Madison percebeu que Qadim nunca tocava música durante as refeições. Ela não sabia por que essa foi a primeira vez que notou essa falta, exceto que talvez ela tivesse tantas outras coisas para focar que isso realmente não tinha passado por sua mente.

De volta ao abrigo antiaéreo, ela ouvia música o tempo todo. Qualquer coisa para preencher o silêncio, para fazê-la sentir que não estava tão sozinha. Clay havia compilado uma biblioteca eclética - tudo, de Mozart a Daft Punk - e carregara os favoritos que tinha no telefone também. A lista de reprodução variava de dia para dia, mas as únicas vezes em que ela não tocava algum tipo de música eram aquelas ocasiões em que assistia a um dos inúmeros filmes ou programas de TV que ele armazenava nos servidores do abrigo.

Ela realmente não tinha perdido nada disso. Madison supôs que isso tinha muito a ver com o homem sentado ao lado dela.

— Os djinn tocam música? — ela perguntou então.

Ele mudou para poder encará-la um pouco melhor. Expressão, pensativo, ele disse: — Sim, mas novamente, eu classificaria aqueles de nós que tocam e criam música mais

como artesãos do que artistas. Eles não estão se esforçando para nada além de criar algo reconfortante ou agradável que possa ser reproduzido em segundo plano. Eles não pensam nisso como arte. — Uma sobrelancelha se ergueu quando ele pareceu contemplar a expressão dela. — Você gostaria de música?.

— Não é realmente necessário, — respondeu Madison. — Mas eu sempre ouvi muito disso.

— A música é fácil de fornecer. Eles tinham um sistema para isso aqui. — Seus olhos se fecharam brevemente, como se ele estivesse se concentrando em alguma coisa. No instante seguinte, os sons do violão clássico espanhol começaram a fluir dos alto-falantes ocultos ao redor do saguão.

— Obrigado, — disse ela. — Suponho que não percebi o quanto perdi.

— Então sempre teremos música, se isso lhe agradar. O que está tocando agora é aceitável? É o que foi criado no sistema do hotel, mas posso conseguir outra coisa, se quiser.

— Não, é adorável, — disse ela honestamente. Afinal, o que há de melhor em um cenário como esse do que os sons apaixonados de um guitarrista solitário tocando o *Concierto de Aranjuez* de Rodrigo?

— Eu também acho agradável, — disse Qadim. — Admito que temia que você escolhesse algo cacofônico, pois parecia ser o que era popular com seu povo ultimamente.

Vocês saem do meu maldito gramado! Madison pensou com alguma diversão, mas ela não disse nada. Ela duvidava que Qadim recebesse a referência e, na verdade, provavelmente esperava muito pensar que um ser conhecido há milhares de anos apreciaria o pop rock moderno ou o hip-hop.

Na verdade, ela também não suportava hip-hop, então ela e Qadim tinham algo em comum lá.

— Bem, eu gostava de gostar dos melhores, — comentou ela, — mas geralmente não enquanto estou jantando. — As sobrancelhas dele se uniram em uma careta, e ela riu. — Dançando. Os djinn dançam?.

— Aí sim. Nossas próprias danças, mas também aprendemos algumas de vocês. Você sabe dançar tango?.

Apenas horizontalmente, ela pensou, mas depois balançou a cabeça. — Não, eu nunca aprendi a fazer nenhum tipo de dança de salão. Jacob e eu experimentamos salsa algumas vezes, mas infelizmente éramos dois gringos com o pé esquerdo.

— Jacob?

Não havia como ignorar o tom da voz de Qadim, ciúmes. E quão tolo foi isso, quando quase todos os outros homens humanos na face do planeta estavam mortos há mais de um ano?

— Ex-namorado, — disse ela casualmente, enquanto pegava seu copo de vinho da mesa baixa. — Nós nos separamos antes que o Heat chegasse a Albuquerque. Ele vivia no estado de Washington há quase um ano.

— Ah. — Qadim parecia relaxar então. Ele selecionou um pedaço de queijo fatiado da tábua de madeira e o colocou em cima de um pedaço de pão, mas não o comeu logo. Em vez disso, ele perguntou: — E não havia mais ninguém?.

— Não. — A linha de perguntas pode ter soado estranha, mas Madison pensou que ela entendia o raciocínio por trás disso. Ele queria ter certeza de que ela ainda não estava de luto por um amante perdido no calor. — Vi algumas pessoas aqui e ali, mas nada realmente deu certo. E eu estava ocupada com o meu trabalho.

— Sua arte.

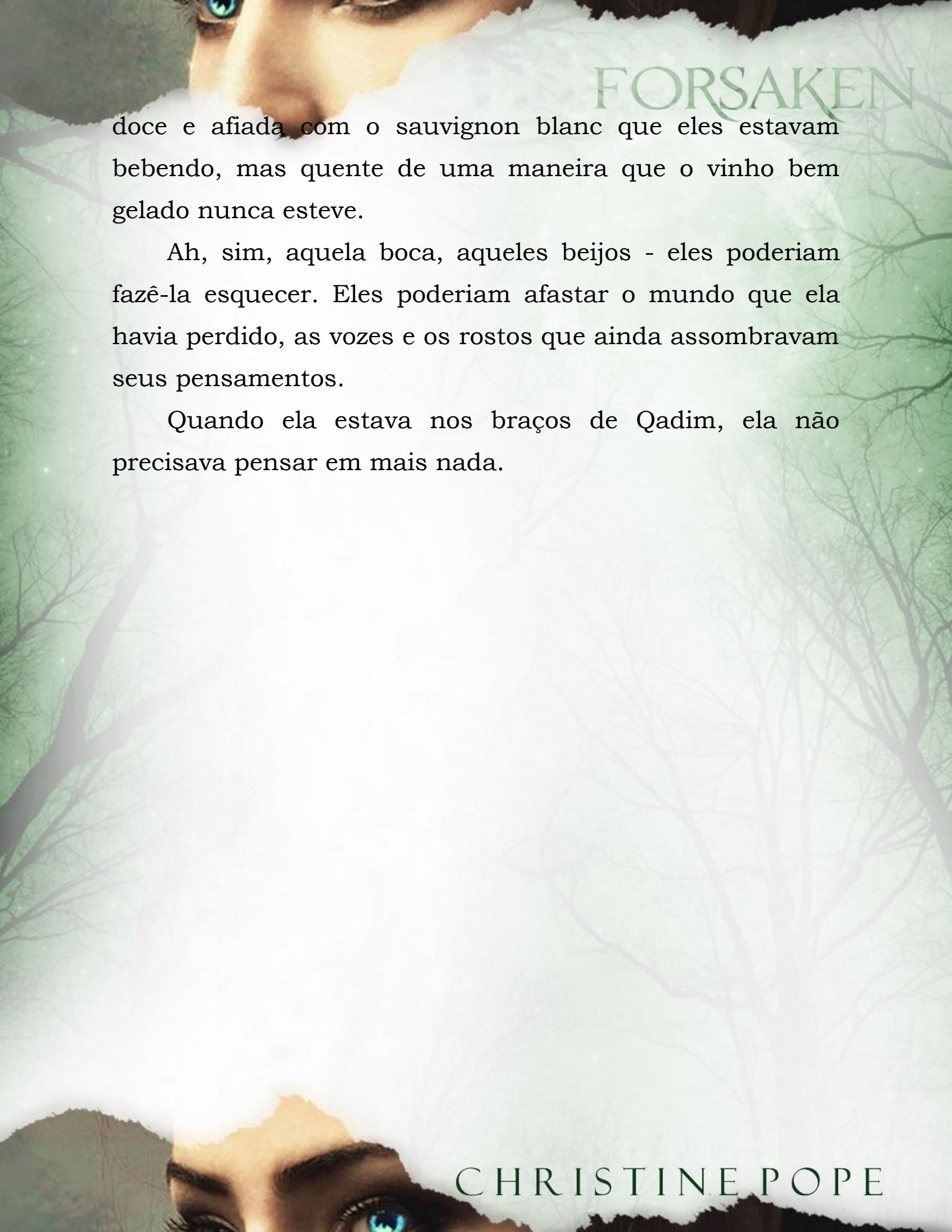
— Sim. Eu recebi algumas comissões lucrativas e estava realmente focada nisso. Eu sempre pensei que haveria mais tempo. Tempo... — - ela repetiu, um traço de amargura entrando em sua voz. Por que, ela não tinha muita certeza, exceto que, quando você tinha 26 anos e se saía

melhor do que jamais imaginara, teve a ideia de que era invencível. Que sempre haveria outra chance logo abaixo.

Qadim não perdeu a nitidez de seu tom. Franzindo a testa levemente, ele largou o pão e o queijo e se aproximou dela. — Eu gostaria.... — Ele fez uma pausa, como se estivesse examinando seus pensamentos, tentando entender o que estava pensando. — Não, eu não vou mentir e dizer que gostaria que as coisas tivessem sido diferentes para você. Porque se eles tivessem, então não estaríamos sentados aqui assim, e não consigo pensar em nada que eu queira mais que você.

Havia uma série de coisas erradas em sua declaração. Intellectualmente, Madison entendeu que sabia que a felicidade atual certamente não era um comércio justo por todas as vidas perdidas. Mas ela também sabia que ninguém - nem mesmo um djinn - poderia mudar o passado. As coisas eram o que eram, e então ela podia ficar feliz que, por mais louca que fosse, de alguma forma acabara com Qadim, um homem que parecia amá-la de uma maneira que ninguém mais jamais teve.

Ela não sabia o que ele viu naquele momento, olhando para ela. Mas seus olhos se encheram de um certo calor, e ele arrancou o copo de vinho da mão dela e o colocou sobre a mesa. No momento seguinte, a boca dele estava na dela,



FORSAKEN

doce e afiada com o sauvignon blanc que eles estavam bebendo, mas quente de uma maneira que o vinho bem gelado nunca esteve.

Ah, sim, aquela boca, aqueles beijos - eles poderiam fazê-la esquecer. Eles poderiam afastar o mundo que ela havia perdido, as vozes e os rostos que ainda assombravam seus pensamentos.

Quando ela estava nos braços de Qadim, ela não precisava pensar em mais nada.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO TREZE

No dia seguinte, Madison voltou ao abrigo antiaéreo para poder reunir informações para ajudar Qadim em seus projetos de plantio. Ele queria ir junto, mas ela apontou que não havia motivo real para ele fazê-lo.

— Você vai entediado, sentado lá e me vendo desenterrar coisas no computador, — ela disse. — E você ainda tem seu próprio trabalho com o qual queria continuar.

Ele sorriu para ela. — Eu duvido muito que eu ficaria entediado olhando para você.

— Estou falando sério, Qadim.

— Eu também sou.

— De qualquer forma, — ela começou, porque sabia que, se o deixasse, ele a colocaria de volta na cama. Por mais tentador que isso fosse, eles não podiam passar todos os momentos de vigília fazendo sexo.

Bem, tudo bem, talvez eles pudessem, mas isso realmente não era muito prático como uma estratégia de sobrevivência a longo prazo.

— Você tem trabalho a fazer, e eu tenho trabalho a fazer, — continuou ela, esperando que parecesse suficientemente severa para convencê-lo. — E é

perfeitamente seguro para eu andar por Albuquerque. Aquele djinn....

— Hasan, — Qadim forneceu, apertando a boca levemente.

— Sim, Hasan. Obviamente, ele se tornou escasso, e parece que todos os outros djinn também. — Ela fez uma pausa e acrescentou. — *Você* viu algum deles ultimamente?

— Não, — ele foi forçado a admitir. — Mesmo no outro mundo, tendíamos a manter nossos próprios palácios. Agora que cada um de nós tem nossas terras aqui, acredito que estaremos ainda mais inclinados a permanecer em um só lugar.

Ela sorriu. — Entende? Eles estão todos se estabelecendo em seus próprios territórios. Portanto, não há realmente nenhuma razão para você estar pairando sobre mim o tempo todo.

— É isso que você acha que eu faço? Pairando?.

— Não. Não foi isso que eu quis dizer. — Eles estavam na cozinha, limpando depois do café da manhã. Ela largou a caneca de café que acabara de lavar e foi até ele, colocando os braços em volta da cintura dele. Porra, isso era tão bom. Fazer amor com ele era espetacular, mas havia algo a ser dito pelos prazeres mais silenciosos de simplesmente

segurá-lo, sentindo a força de seu corpo pressionado contra o dela. Simplesmente poderia ter passado tanto tempo desde que ela teve algum contato físico com alguém, mas ela pensou que havia algo mais do que isso. — Eu aprecio você estar preocupado, mas, neste momento, eu realmente não acho que haja qualquer razão. E eu vou tomar cuidado. Passei um ano em Albuquerque sem ser pega, lembra?.

Ele não respondeu a princípio, apenas a abraçou e a abraçou com força. Ela sentiu os lábios dele roçarem o topo da cabeça dela, pouco antes de ele dizer: — Sim, eu sei disso. E nunca pretendi sugerir que você não sabia se cuidar.

— Bem então. — Ela se afastou para poder olhar para ele. H é expressão era séria, seus olhos escuros preocupados. — Vai ficar tudo bem. E eu vou apenas por algumas horas.

— Muito bem. Não gosto, mas... muito bem.

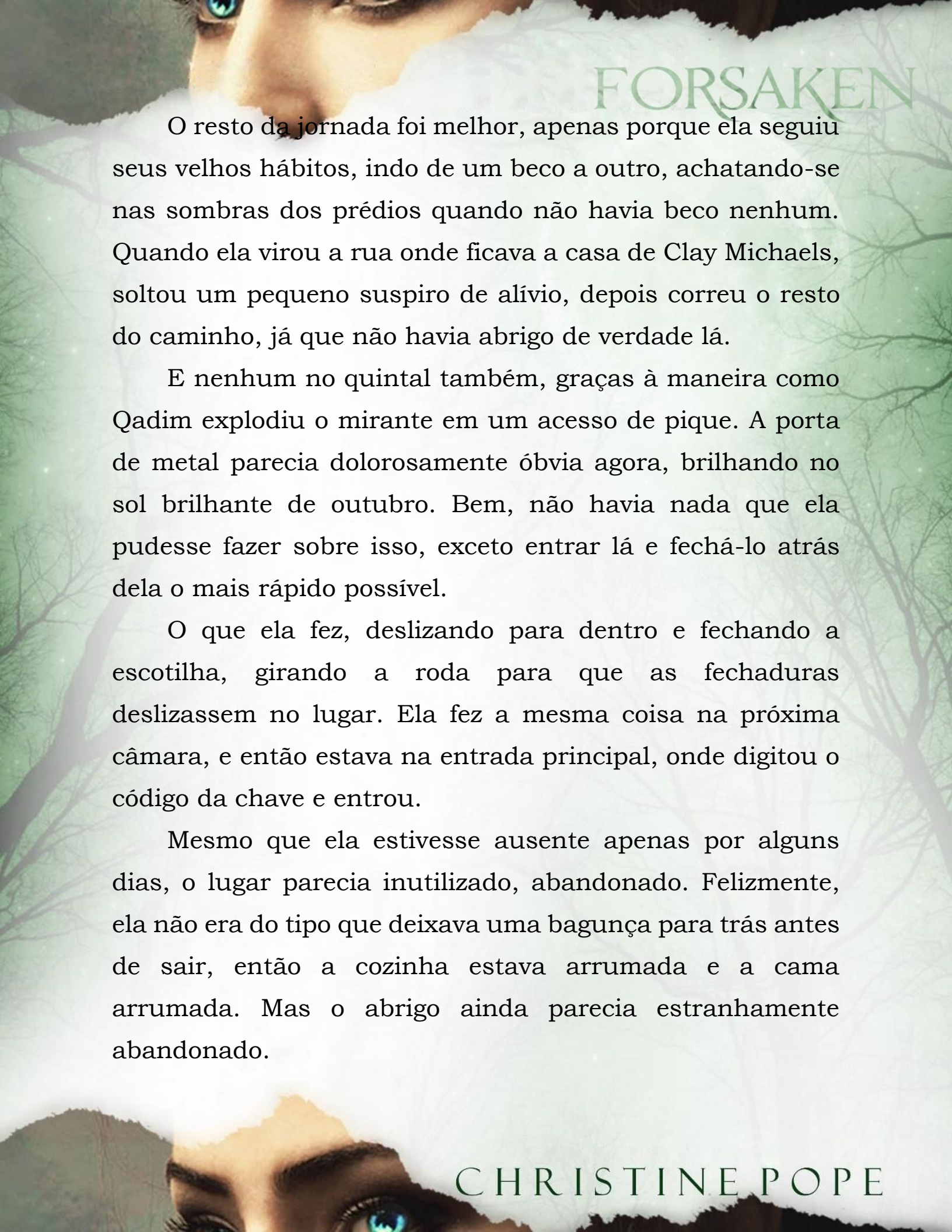
Ela o beijou e ofereceu um sorriso, mas ele ainda parecia sombrio. E alguns minutos depois, ela foi a pé para o abrigo, já que sua bicicleta elétrica estava permanentemente fora de serviço. Ela não desejava ter com ela agora, mas uma caminhada faria bem a ela. Se tivesse tempo, talvez desse outra olhada na bicicleta, que arrastara para dentro da casa de Clay antes de voltar para ficar aqui

no hotel com Qadim. Mesmo que pudesse estar danificado além do reparo, ela não queria deixá-lo deitado na rua. Isso a serviu bem por meses e parecia desleal abandoná-lo como um pedaço de lixo.

O tempo estava bom, mas ventoso, o ar penetrando na camiseta que ela usava. Ela precisaria pegar algumas roupas mais quentes quando estivesse no abrigo. Qadim lhe dera um guarda-roupa adequado para uma princesa, mas isso não lhe faria muito bem quando chegasse o inverno e ela tivesse que se aventurar do lado de fora.

Era um pouco assustador andar sozinho pelos campos abertos perto do hotel. Ela sabia que Qadim provavelmente estava vigiando até chegar ao abrigo dos edifícios que ele ainda não derrubaria, mas não pôde deixar de olhar de vez em quando, certificando-se de que Hasan ou um de seus amigos não estivesse lá em cima. em algum lugar, pronto para descer e agarrá-la.

No entanto, o céu permaneceu azul e vazio, e ela alcançou a faixa de concreto da I-25 sem incidentes. Uma vez que ela estava escondida sob seu volume, ela parou e respirou. Tanto para protestar contra Qadim que não havia com o que se preocupar. Obviamente, ela estava preocupada, ou não teria verificado se estava sozinha.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

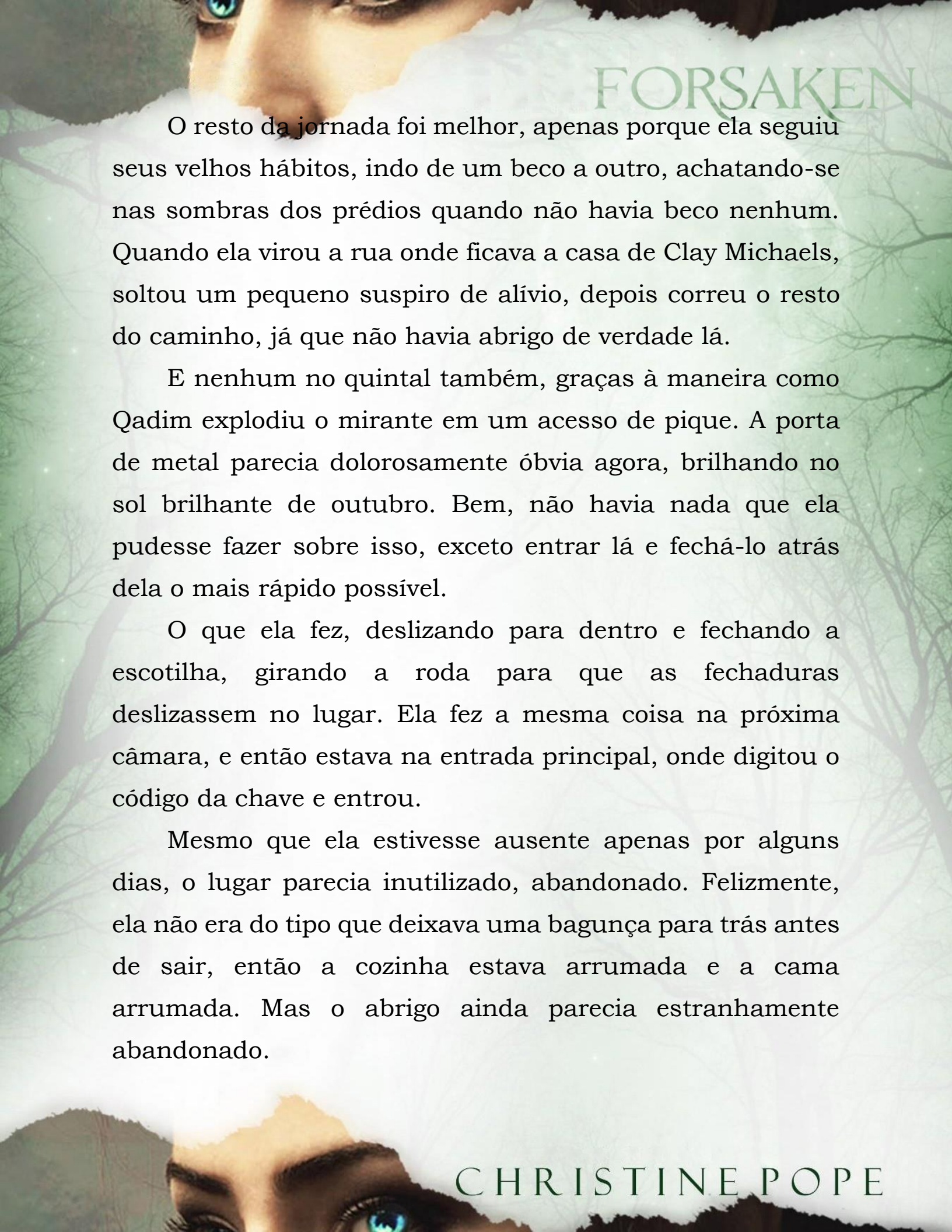
FORSAKEN

O resto da jornada foi melhor, apenas porque ela seguiu seus velhos hábitos, indo de um beco a outro, achatando-se nas sombras dos prédios quando não havia beco nenhum. Quando ela virou a rua onde ficava a casa de Clay Michaels, soltou um pequeno suspiro de alívio, depois correu o resto do caminho, já que não havia abrigo de verdade lá.

E nenhum no quintal também, graças à maneira como Qadim explodiu o mirante em um acesso de pique. A porta de metal parecia dolorosamente óbvia agora, brilhando no sol brilhante de outubro. Bem, não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso, exceto entrar lá e fechá-lo atrás dela o mais rápido possível.

O que ela fez, deslizando para dentro e fechando a escotilha, girando a roda para que as fechaduras deslizassem no lugar. Ela fez a mesma coisa na próxima câmara, e então estava na entrada principal, onde digitou o código da chave e entrou.

Mesmo que ela estivesse ausente apenas por alguns dias, o lugar parecia inutilizado, abandonado. Felizmente, ela não era do tipo que deixava uma bagunça para trás antes de sair, então a cozinha estava arrumada e a cama arrumada. Mas o abrigo ainda parecia estranhamente abandonado.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

CHRISTINE POPE

Bem, ela não podia se preocupar com isso agora. O abrigo tinha servido a seu propósito, mantendo-a viva até que ela pudesse encontrar um lugar melhor para ir. É verdade que ela provavelmente nunca teria imaginado que seu próximo santuário seria o Hotel Andaluz, mas também não teria pensado que poderia acabar com um dos odiados djinn. Ela não odiava Qadim - longe disso. De fato, ela -

Não, ela precisava parar o pensamento. Ela se permitiu dizer que se importava com ele, também se importava com ele, mas o relacionamento deles certamente não tinha progredido o suficiente para que ela admitisse qualquer outra coisa.

De qualquer forma, ela não estava aqui para analisar seus sentimentos por Qadim al-Syan. Ela estava aqui para obter algumas informações.

O laptop dela ainda estava no quarto onde ela o deixara conectado. Ela o juntou e entrou no escritório de Clay, onde estava localizada a interface do servidor. Como ela já havia inventariado tudo em sua mesa, ela sabia que continha vários pens drives em branco. Ela colocara as informações necessárias em tantas unidades quanto fosse necessário. Então ela planejava levar todas as unidades e seu laptop de costas para o hotel. Nesse ponto, ela e Qadim podiam sentar-

se e repassar as informações que haviam coletado, ver o que havia de útil.

Embora ela conhecesse esse quarto quase tão bem quanto ela própria, a falta de qualquer tipo de itens pessoais no escritório ainda a incomodava. Sim, ela sempre entendeu que Clay estava aparentemente sozinho no mundo, e ainda assim parecia estranho que não houvesse uma foto de seus pais ou de qualquer outra pessoa. As paredes tinham sido decoradas com fotografias sofisticadas, principalmente da parte norte do estado, nos arredores de Santa Fe e Taos. Eles eram lindos, mas o espaço ainda não tinha mais personalidade do que uma suíte de hotel de alto padrão.

Ela não tinha tempo para se preocupar com isso agora. Clay levou seus segredos para o túmulo com ele, e Madison sabia que ela deveria apenas agradecer que ele tivesse criado esse abrigo e sentir uma conexão suficiente com a família dela para permitir que ela o usasse. Sem o abrigo, ela estaria morta meses atrás.

O terminal estava apenas dormindo, não completamente desligado; portanto, depois que ela mexeu o mouse e digitou a senha, entrou. Mais alguns cliques do mouse a levaram para a seção do banco de dados que continha todas as informações agrícolas e hortícolas. em formação. Ela já sabia que Clay havia basicamente

despejado as bases de conhecimento de várias universidades no sistema. Onde ele tinha conseguido toda essa informação, ela não fazia ideia. Por enquanto, ela só podia agradecer por não ter sido perdida junto com tantos outros artefatos do mundo antes do Heat.

Ela se aprofundou ainda mais, encontrando itens específicos para o Novo México ou para climas áridos e de alto deserto. Mesmo assim, as informações que ela precisava provavelmente ocupariam pelo menos quatro ou cinco dos pens drives.

Depois de iniciar a primeira transferência, Madison se levantou e foi para o quarto - embora ela realmente não pensasse nisso como — dela — - e pegou a bolsa da prateleira da prateleira superior do armário. Um pouco mais de roupa íntima, mais sutiãs e algumas camisetas e blusas de mangas compridas, seguidas por alguns pares extras de meias. Sim, ela supunha que poderia ter tirado tudo isso das lojas abandonadas de Albuquerque, mas essas coisas eram dela, e ela as queria com ela.

Quando ela terminou, voltou para o escritório de Clay, ejetou o primeiro pen drive, depois inseriu o segundo e começou tudo de novo. Dessa vez, ela foi para a sala da família para pegar o bloco de desenho que havia deixado ali. O desenho de Qadim a encarou, e ela gentilmente passou o

polegar por um lado do papel. Sim, ela chegou bastante perto do que ela consideraria uma representação fiel, mas o que ela não foi capaz de capturar foi o brilho nos olhos dele, ou os cachos perversos no canto da boca. Para ser justo, ela fez isso de memória e de um vislumbre de muitos metros de distância, mas ainda achava que ele merecia um retrato melhor. Talvez ele a deixasse pintá-lo. Ele merecia ser feito com óleo, em vez desse carvão bruto.

O que significava que ela teria que transportar uma tonelada de suprimentos para o hotel. *Hoje não*, ela disse a si mesma. Pintar um retrato era frívolo, nada que acontecesse tão cedo. Mas talvez se a ideia atraísse Qadim, ela poderia levá-lo aqui e — piscar — tudo o que precisava de volta para um dos quartos vazios da Andaluz. Definitivamente, seria muito mais fácil do que carregar tudo a pé, agora que a moto estava praticamente fora de serviço.

Ela levou o caderno de desenho para o quarto e o colocou em cima da bolsa da noite. Depois disso, voltou ao escritório e outro pen drive. Ejete e repita.

O silêncio no abrigo a enervou. Ela desligou o sistema de som antes de partir em sua última viagem à cidade e ainda não o ligara quando voltou. É claro que não; ela estava correndo para fugir de Qadim. Em retrospecto, essa parecia

a ideia mais ridícula de todas. Mas naquela época, ela não sabia o que ele iria significar para ela.

Na verdade, ela ainda não tinha certeza do que ele significava para ela. Ela só sabia que não podia imaginar estar sem ele.

O quarto e último pen drive foi completo. Em suma, todo o processo levou apenas cerca de quarenta minutos, o que era melhor do que ela esperava. Nesse momento, ela decidiu não inspecionar a bicicleta. Afinal, ela não precisaria disso tão cedo. E estava tudo bem onde estava, encostado na parede da entrada da casa de Clay. Com esse projeto adiado, ela voltaria ao hotel na próxima meia hora. Qadim pode estar fora, continuando com seu projeto para remover todos os artefatos feios feitos por homens de Albuquerque, mas ela teria seu laptop e poderia começar a examinar os dados. Dessa forma, quando ele voltasse, eles poderiam começar a analisar as informações e decidir o que mais poderiam querer adicionar às plantas e árvores que ele colocava em toda a terra recém-limpa.

Ela enfiou todos os dedos no bolso lateral da bolsa de dormir e colocou o laptop em cima da roupa antes de fechar tudo. O caderno de desenho não caberia, mas ela poderia deslizar por cima da bolsa. As alças devem segurá-lo no lugar o suficiente enquanto ela caminha. Afinal, ela não

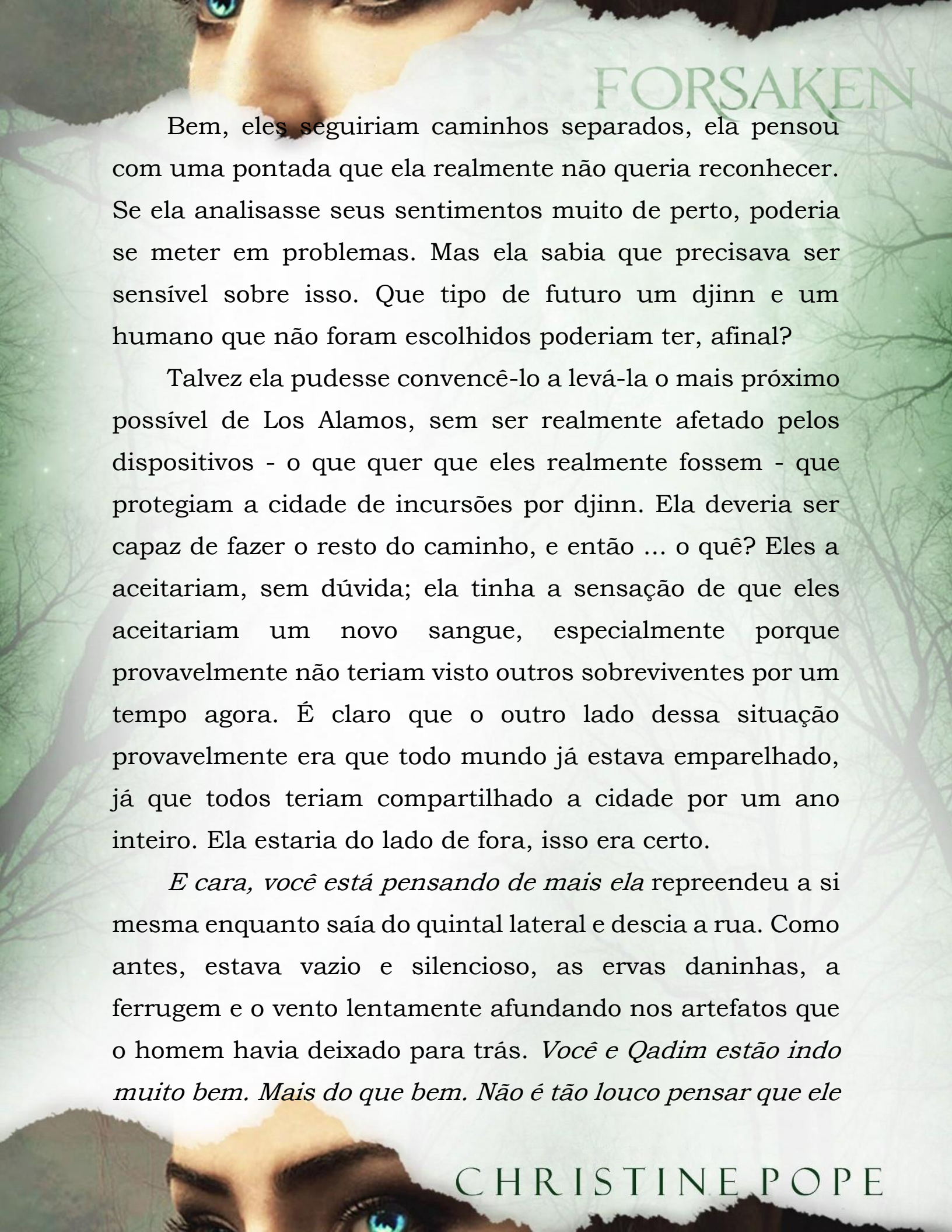
estava planejando correr ou subir. Apenas um agradável passeio tranquilo de volta à Andaluz, e então ela poderia desfazer as malas e esperar por Qadim.

A força do hábito a fez selar todas as câmaras de ar atrás dela quando ela saiu do abrigo. Eles realmente precisavam fazer algo sobre aquela porta exposta, no entanto. As roseiras não fizeram muito para esconder. Talvez ela pudesse fazer com que Qadim plantasse uma grande árvore sombria onde o gazebo estivera.

Mas por que? ela se perguntou. *Não é como se você estivesse vivendo ele novamente. Quem se importa se é visível?*

Boa pergunta. Ela supôs que achava a ideia desrespeitosa de alguma forma, como se estivesse desonrando todo o trabalho duro que Clay dedicara à construção do abrigo antiaéreo, deixando-o tão aberto a quem passasse.

Suposições, ela realmente não tinha ideia do que ia acontecer com ela e Qadim a longo prazo. Tudo estava sol e rosas agora, porque eles ainda estavam firmemente na fase de lua de mel, mas ela não era tão ingênua a ponto de pensar que esse estado de coisas poderia durar indefinidamente. E uma vez que eles decidiram que essa coisa humana / djinn realmente não estava funcionando para eles, o que então?

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green color with faint, dark green silhouettes of trees and foliage. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is written in a similar green, serif font at the bottom right.

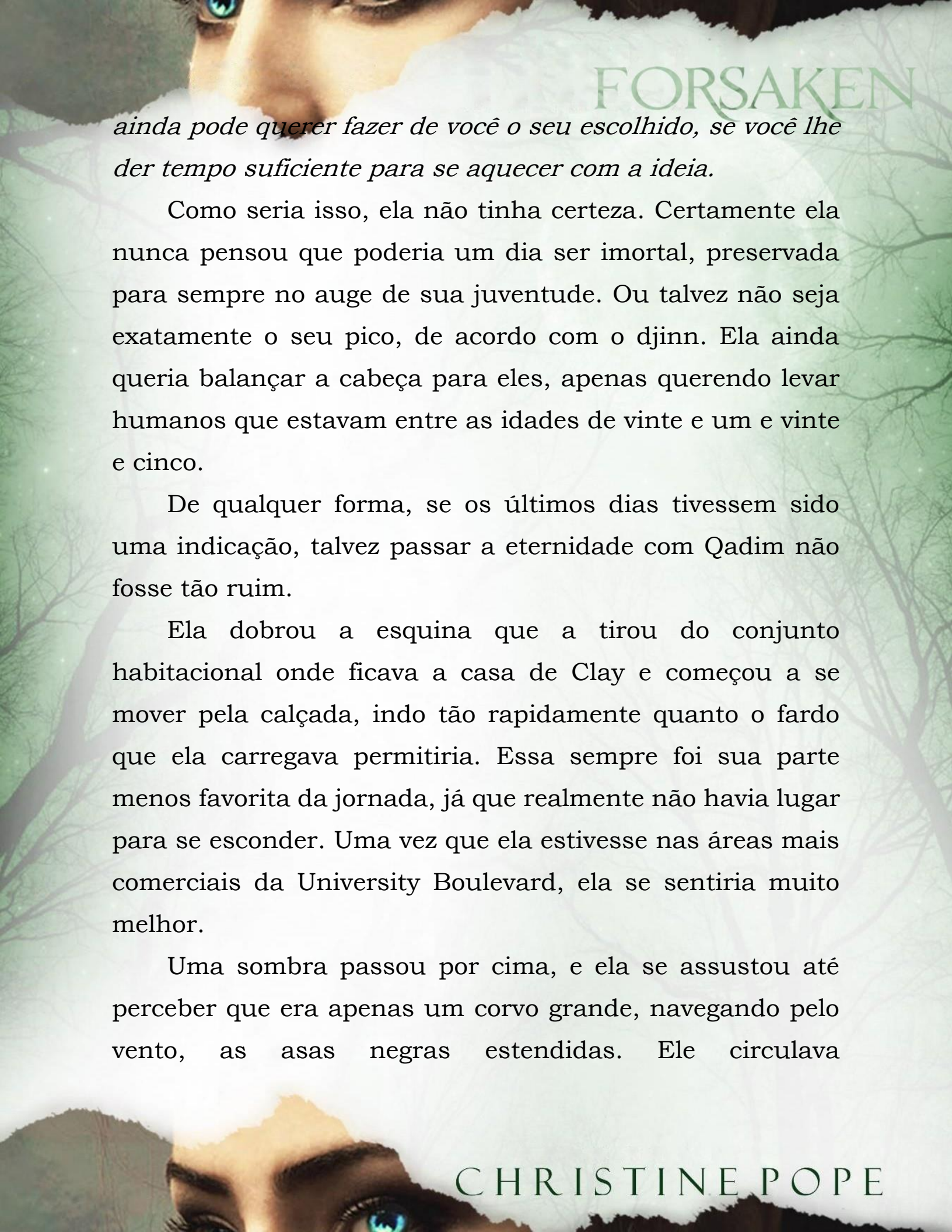
FORSAKEN

Bem, eles seguiriam caminhos separados, ela pensou com uma pontada que ela realmente não queria reconhecer. Se ela analisasse seus sentimentos muito de perto, poderia se meter em problemas. Mas ela sabia que precisava ser sensível sobre isso. Que tipo de futuro um djinn e um humano que não foram escolhidos poderiam ter, afinal?

Talvez ela pudesse convencê-lo a levá-la o mais próximo possível de Los Alamos, sem ser realmente afetado pelos dispositivos - o que quer que eles realmente fossem - que protegiam a cidade de incursões por djinn. Ela deveria ser capaz de fazer o resto do caminho, e então ... o quê? Eles a aceitariam, sem dúvida; ela tinha a sensação de que eles aceitariam um novo sangue, especialmente porque provavelmente não teriam visto outros sobreviventes por um tempo agora. É claro que o outro lado dessa situação provavelmente era que todo mundo já estava emparelhado, já que todos teriam compartilhado a cidade por um ano inteiro. Ela estaria do lado de fora, isso era certo.

E cara, você está pensando de mais ela repreendeu a si mesma enquanto saía do quintal lateral e descia a rua. Como antes, estava vazio e silencioso, as ervas daninhas, a ferrugem e o vento lentamente afundando nos artefatos que o homem havia deixado para trás. *Você e Qadim estão indo muito bem. Mais do que bem. Não é tão louco pensar que ele*

CHRISTINE POPE



FORSAKEN

ainda pode querer fazer de você o seu escolhido, se você lhe der tempo suficiente para se aquecer com a ideia.

Como seria isso, ela não tinha certeza. Certamente ela nunca pensou que poderia um dia ser imortal, preservada para sempre no auge de sua juventude. Ou talvez não seja exatamente o seu pico, de acordo com o djinn. Ela ainda queria balançar a cabeça para eles, apenas querendo levar humanos que estavam entre as idades de vinte e um e vinte e cinco.

De qualquer forma, se os últimos dias tivessem sido uma indicação, talvez passar a eternidade com Qadim não fosse tão ruim.

Ela dobrou a esquina que a tirou do conjunto habitacional onde ficava a casa de Clay e começou a se mover pela calçada, indo tão rapidamente quanto o fardo que ela carregava permitiria. Essa sempre foi sua parte menos favorita da jornada, já que realmente não havia lugar para se esconder. Uma vez que ela estivesse nas áreas mais comerciais da University Boulevard, ela se sentiria muito melhor.

Uma sombra passou por cima, e ela se assustou até perceber que era apenas um corvo grande, navegando pelo vento, as asas negras estendidas. Ele circulava

CHRISTINE POPE

preguiçosamente, apreciando claramente as correntes de ar criadas pelo calor da estrada de asfalto ao lado dela.

Quando Madison olhou para baixo, porém, ela sabia que estava prestes a pagar o preço por sua distração momentânea. Parado na calçada em frente a ela estava o belo djinn de rosto cruel que vira despedaçar vários de seus companheiros sobreviventes. Suas vestes azuis profundas brilhavam com a brisa, quase da mesma cor dos olhos estreitos que agora estavam fixos nela.

Seu coração disparou, deu um pulo. Ela sabia que era impossível escapar, mas era a única coisa que lhe vinha à mente naquele momento infundável e terrível.

Corre.

Ela largou a bolsa da noite e fugiu, dirigindo-se entre duas casas móveis surradas. Onde ela pensou que estava indo, ela não tinha ideia. Ela só sabia que se ficasse onde estava, certamente morreria.

Seu riso a seguiu, rico e zombador. Quando ela emergiu em um quintal cheio de um balanço enferrujado e uma impressionante coleção de pneus velhos, o djinn desceu do céu e ficou na frente dela, braços cruzados e um sorriso na boca esculpida.

— Indo a algum lugar, Madison Reynolds?

CAPÍTULO QUATORZE

Qadim olhou para o sol e franziu a testa. Madison tinha jurado a ele que sua missão não deveria levar mais do que uma hora ou uma hora e meia, no máximo, e ainda assim ele sabia mais tempo do que aquilo havia passado. Ele estava trabalhando duro, plantando árvores para que pudessem formar uma fronteira agradável com a lagoa que ele criara no dia anterior, e assim perdera a noção de quanto tempo se passou desde que ela partiu. Mas o sol estava lhe dizendo agora que pelo menos duas horas se passaram, provavelmente mais.

Carrancudo, ele voltou-se para o hotel. Talvez ela tivesse retornado, mas foi direto para lá em vez de perturbá-lo em seu trabalho. Ele teria preferido que ela se comunicasse com ele. Melhor que ela tivesse sido negligente, no entanto, quando comparada à alternativa.

— Madison? — ele chamou quando entrou na Andaluz. Apenas o silêncio encontrou seus ouvidos, mas o hotel era um lugar grande. Talvez ela estivesse no andar de cima de sua suíte, arrumando as coisas. Ela mencionou que planejava recuperar alguns pertences pessoais do abrigo.

Mas o quarto dela estava vazio, assim como a suíte da cobertura, onde haviam passado várias noites deliciosas juntos. Franzindo o cenho, ele voltou ao térreo. Ela também não estava lá - nem na cozinha, nem em nenhum dos outros cômodos.

Um calafrio começou a percorrer sua espinha, mas ele disse a si mesmo para não tirar conclusões precipitadas. Afinal, a quantidade de tempo que ela tinha dado a ele tinha sido apenas uma estimativa. Talvez ela realmente não soubesse com certeza quanto tempo levaria para transferir todo o conhecimento que procurava naquelas coisas que chamara de — pen drives — e, por isso, ainda estava de volta ao abrigo, aguardando o processo. estar completo.

Isso seria fácil de descobrir.

Ele se transportou diretamente para o abrigo, pois agora que ele estivera lá uma vez, ele poderia ir e vir como quisesse. Algumas luzes estavam acesas - no corredor e na sala onde a televisão estava localizada. Mas ele não viu sinal dela.

— Madison? — Dessa vez, o nome dela parecia quase sugestivo para ele, como se no fundo ele já tivesse percebido que ela não estava aqui, e ele estava apenas estendendo sua busca porque não sabia mais o que fazer.

Nada ainda.

Ele sabia que ela não estava aqui. E, no entanto, ele foi de sala em sala, verificando cada uma delas, apenas por precaução. No final de sua inspeção, ele foi forçado a reconhecer que tudo o que tinha feito era desperdiçar seu tempo.

Claramente, ela esteve aqui. O computador do escritório ainda estava ligado, sua tela tremulando através de uma série de formas geométricas brilhantes e, quando ele foi para o corredor de acesso que levava ao mundo exterior, ele descobriu que cada uma das portas de metal pesado estava trancada. Aquelas portas trancadas lhe disseram que ela não tinha pressa quando saiu, que tinha sido metódica quanto a garantir que o abrigo estivesse protegido.

Não desejando se espremer pela porta final, Qadim piscou de volta para a superfície e olhou ao redor do quintal abandonado. Ele podia espionar restos do mirante que ele havia destruído, mas nenhuma outra evidência de que alguém estivesse lá de maneira recente.

Muito bem, ele teria que fazer o possível para seguir os passos dela. Ele voltou a pensar no dia em que a perseguiu aqui. Ela chegou na esquina de uma rua maior, a oeste. Se ela tivesse seguido a mesma rota hoje, ele poderia detectar algum sinal dela.

Como ele não sabia exatamente para onde estava indo, decidiu que seria melhor andar, como um humano comum. O modo djinn de viajar era muito útil, mas se prestava a perder pequenos detalhes.

Quando chegou ao boulevard maior, essa rua era tão vazia como o que ele tinha deixado, com a mesma paisagem de carros lentamente enferrujando onde tinham sido abandonados, ervas daninhas que crescem através das calçadas, casas crescimento desorganizado sem ninguém para cuidar do mundo. Em suma, a cena foi incrivelmente abandonada. Naquele momento, Qadim se perguntou se parte de sua motivação para refazer a cidade era apagar todos os sinais de como essas pessoas haviam sido arrancadas de suas vidas.

Algo escuro na calçada à frente chamou sua atenção. Os olhos dele se estreitaram e ele percebeu que o objeto era a bolsa que Madison dissera que ela pretendia levar consigo para o abrigo. Ao lado, outro item que ele não conseguia identificar estava no chão, o papel ondulando na brisa.

Todos os músculos de seu corpo pareciam se contrair quando ele percebeu que o segundo item era o caderno de desenho dela.

Impulsionado pela preocupação, ele correu para o local onde a bolsa e o bloco de desenho abandonados estavam na

calçada. Sim, a bolsa era definitivamente dela, e desde que o caderno de rascunho se abriu na página com o retrato dele, ele sabia que também não poderia pertencer a mais ninguém.

Ele olhou em volta descontroladamente. Nenhum sinal de Madison, mas ele também não conseguia detectar nenhum sinal de luta, nada para indicar que ela não tinha acabado de abandonar essas coisas por algum motivo e continuou seu caminho. Mas ele sabia melhor.

Abaixando-se, ele abriu a bolsa e rapidamente olhou para dentro. Sim, havia as coisas que ela disse que queria recuperar do abrigo, junto com um computador portátil. Em um dos bolsos laterais da bolsa havia um grupo de pequenos objetos plásticos do tamanho de - bem, o tamanho do polegar. Então parecia que ela tinha sido capaz de coletar as informações que procurava.

Quanto ao que aconteceu depois disso, ele não podia dizer com certeza. Isso olhou como se ela tivesse desaparecido no ar. Ele tinha uma suspeita, no entanto ... um terrível. Sim, eles não tinham visto nenhum sinal de Hasan ou qualquer outro djinn por dia agora, mas isso não significava necessariamente que eles não estavam espreitando em algum lugar, apenas esperando a chance de encontrar Madison enquanto ela estava sozinha.

Eu nunca deveria ter deixado ela ir para o abrigo sem mim, Qadim pensou então. Só porque algo dá a impressão de estar seguro não significa necessariamente que sim.

A única coisa que ele achou remotamente reconfortante foi que não havia sinais de violência - nem sangue na calçada, nem ervas daninhas esmagadas e perturbadas onde uma pessoa poderia ter caído. Se Hasan a levou, ele não a machucou.

Ainda.

As mãos de Qadim se fecharam em punhos. Ele sabia que tinha que pensar de forma lógica e precisava pensar rapidamente. O território de Hasan estava em um lugar chamado Chama, que Qadim sabia estar em algum lugar ao norte e oeste de onde ele estava agora. Mas ele teria que olhar para um mapa, porque sabia muito pouco sobre o estado, exceto pelas poucas áreas que já havia visitado - Albuquerque e Santa Fe e algumas cidades menores localizadas ao norte da antiga capital. Sua conexão com Hasan não era forte o suficiente para ele piscar imediatamente onde quer que o outro djinn estivesse escondido. Essa era a limitação da viagem deles - um djinn precisava saber para onde estava indo ou não conseguiria se enviar com segurança ao destino escolhido. Os anciãos não estavam vinculados a essa limitação e podiam ir aonde

quisessem, mas ele não era um ancião, nem mesmo um elemento do ar, que podia pelo menos apressar o processo voando para seu destino.

Não, ele teria que fazer isso da maneira mais difícil ... e Qadim temia muito que ele não fosse capaz de resolver o mistério antes que o tempo de Madison acabasse.

Ela não sabia por que não estava morta. Ela não deveria estar morta? Qadim havia falado desse djinn - Hasan, ela se lembrava - como alguém dedicado a matar todos os sobreviventes que ele encontrara. Então, por que ele não a despachou imediatamente, ela não pôde começar a adivinhar.

Eles estavam em uma casa. Ótima, do que ela poderia dizer, grande e construída em um estilo de loja modificado, com tetos de madeira abobadados e uma grande lareira de pedra. Pelas janelas, ela viu pastagens ondulantes e secas e, em seguida, uma série de colinas ao longe, cobertas por altos pinheiros de ponderosa e o amarelo flamejante de álamos virados para o outono.

Chama, ela pensou. Foi aí que Qadim disse que a — concessão de terras — de Hasan estava localizada.

Em outras circunstâncias, ela pode ter achado a vista bonita. No momento, no entanto, ela não conseguia pensar em muito, exceto no gênio que estavam diante dela.

Um observador imparcial teria dito que ele era muito mais bonito que Qadim, seus traços mais finamente esculpidos, seus olhos não tão profundos e sombrios. No entanto, tudo que Madison podia ver era o fogo fanático naqueles olhos azuis, a tentativa na expressão de Hasan enquanto ele a estudava.

— Então, — disse ele, depois que sua inspeção aparentemente concluiu: — você é a razão pela qual Qadim al-Syan optou por trair sua espécie?

O domínio do inglês de Hasan a surpreendeu. Se ele odiava tanto os humanos, por que se daria ao trabalho de aprender a língua deles? Madison levantou os ombros, ou pelo menos tentou. Com o modo como suas mãos estavam amarradas atrás dela à cadeira onde ela estava sentada, sua amplitude de movimento era um pouco limitada. — Por que uma traição? — ela perguntou, surpresa por sua voz parecer tão firme quando por dentro ela se sentia uma bagunça trêmula. Ela engoliu em seco e continuou: - Outros membros do seu povo estão envolvidos com humanos. Até onde eu sei, ninguém parece chateado com isso.

Um cacho do lábio. — Se você está se referindo aos Mil e seus Escolhidos, bem, posso dizer que alguns também não estão muito satisfeitos com esse estado de coisas. No entanto, foi o acordo que foi acordado, e os anciãos

garantiram a segurança daqueles humanos. Mas você? — Ele sacudiu seu anúncio, com nojo claro em sua expressão enquanto a examinava. — Você não é o escolhido de Qadim. Você é nada.

— Ele pode não concordar com você nesse ponto, — revidou Madison. Sua bravura a surpreendeu, mas talvez fosse apenas porque ela tinha medo desse homem - este djinn - por tanto tempo que, agora que estava realmente confrontada com a realidade dele, não sabia se era tão bonita quanto ela. assustada como talvez devesse estar. Ela não sabia o que ele havia planejado, mas se o assassinato fosse sua única intenção, ele poderia tê-la matado em Albuquerque e deixado seu corpo para Qadim encontrar. O que significava que ele devia ter outra coisa em mente.

Sua alma inteira tremeu com essa ideia, no entanto. Só conseguia pensar em algumas razões pelas quais ele poderia tê-la levado para longe daqui nada agradável. Mas não, isso não fazia sentido. Ele estava claramente repelido por ela, então ela duvidava que seu sequestro tivesse algo a ver com sexo. Por outro lado, o estupro não era sobre sexo. Era sobre poder. Domínio. Seu estômago revirou, e ela se forçou a respirar para não vomitar. Ela tinha que manter tudo junto, não importa o que acontecesse.

Hasan não parecia terrivelmente ofendida por sua resposta. — Qadim nem sempre é o tipo mais discriminador quando se trata de mulheres. E porque ele é visto como desgraça, ele não tem tido muitas oportunidades para desfrutar da companhia de mulheres djinn recentemente. Não é tão difícil entender por que ele se abaixou para conversar com você quando nenhuma outra opção se apresentou.

Vadiar? Era isso o que ela e Qadim estavam fazendo nos últimos dias? Bem, foi uma maneira agradável de passar o tempo. Mas, mesmo quando esse pensamento passou pela mente de Madison, uma semente de dúvida começou a crescer ali. Qadim falou sobre o problema que ele e sua irmã haviam enfrentado, embora ele não tivesse fornecido tantos detalhes. Talvez ele realmente tivesse se aproximado dela porque não tinha alternativa. Ele precisava coçar a coceira.

Não, ela se recusou a acreditar nisso. Houve alguns casos altamente embaraçosos em que ela foi para a cama com um homem, pensando que havia algo em sua conexão ... apenas para perceber que ele não tinha interesse em perseguir mais nada com ela, agora que tinha conseguido o que ele queria. Ela sabia muito bem como era isso. Mas Qadim não ficou indiferente depois. De qualquer forma, um encontro parecia se alimentar de outro, como se toda vez que

fizessem amor, apenas despertasse uma nova necessidade, em vez de abater seu desejo.

— Parece que você já descobriu tudo, não é? — Perguntou Madison. Talvez ela estivesse provocando Hasan, mas esperava que ele deixasse escapar uma pista sobre qual era seu plano. Não que ela estivesse necessariamente em posição de fazer algo a respeito. O ano passado o havia ensinado que ela podia cuidar de si mesma, mas enfrentar um djinn não era algo que você fazia de ânimo leve.

Hasan não respondeu imediatamente. Em vez disso, ele ficou ali, de braços cruzados, e continuou a olhá-la com aquele olhar azul altamente perturbador dele. Incomodador, porque Madison nunca achou que alguém a olhasse dessa maneira, como se ela fosse uma espécie nova e intrigante de inseto.

Então ele se aproximou. Antes que ela pudesse reagir, ele agarrou um punhado de seus cabelos e puxou a cabeça para trás, então ela foi forçada a olhar em seu rosto. Ela mal sufocou um suspiro de dor, só porque sabia que ele queria saber que ele a machucara, e ela não estava prestes a lhe dar satisfação. Aqueles olhos azuis brilhavam para ela. Ela engoliu em seco.

— Se você fosse uma mulher djinn, poderia ser considerada aceitável, — ele disse finalmente, antes de

soltar o cabelo dela. Como suas mãos estavam amarradas nas costas, ela não conseguia nem esticar a mão para massagear seu couro cabeludo dolorido. — Mas um humano? O exílio de Qadim deve ter o feito mudado de ideia.

Madison fez uma careta. — Se ele é um exilado, então não são todos vocês?.

— Claro que não, — Hasan retrucou. — Nós apenas recuperamos o que deveria ter sido nosso o tempo todo. Nosso verdadeiro exílio estava no outro mundo. Não, você deve ver o que me foi dado - um movimento da mão em direção à gloriosa vista de outono do lado de fora das janelas - e compará-la com o terreno baldio que agora é de Qadim al-Syan. O dele é verdadeiramente um exílio, pois quem iria querer viver nisso?.

— Bem, é melhor que o Vale da Morte, — respondeu ela, irritada em nome de sua cidade natal. A raiva era boa, na verdade. Se ela estava com raiva, então ela não podia ficar tão assustada. De qualquer forma, ela seria a primeira a admitir que havia partes de Albuquerque que eram menos do que cênicas, mas as montanhas Sandia eram lindas e o vale do Rio Grande era lindo, e nada próximo de um — terreno baldio.

A boca de Hasan entendeu. — Não se preocupe em discutir comigo, mortal, pois você tem pouca ideia do que fala.

Foi a vez de Madison apertar os lábios. Tinha que fazê-lo ou, de outra forma, temia dizer algo de que se arrependia. Sim, ela sobreviveu a trocar algumas farpas com o djinn, mas não sabia quanto tempo isso poderia durar antes que ele perdesse a paciência. Essa era a última coisa que ela queria. Ela sabia do que ele era capaz.

Aparentemente, ele viu a mudança na expressão dela, porque ele sorriu para ela em triunfo. — Ah, você está começando a ver a sabedoria do silêncio. Então você é capaz de aprender alguma coisa.

Desta vez, era quase impossível não responder, mas ela manteve a boca fechada. A melhor coisa a fazer, ela percebeu, era evitar provocá-lo e esperar que Qadim fosse capaz de descobrir onde ela estava e vir resgatá-la. Por mais que desejasse esse resultado, ela se preocupava com o que aconteceria se os dois djinn tivessem um confronto aberto. Como djinn lutou? Se fosse apenas uma partida física, ela diria que Qadim teria vantagem, já que ele era vários centímetros mais alto que Hasan e tinha proporcionalmente mais massa muscular. Mas esses eram djinns e, portanto,

provavelmente tinham maneiras de lutar que envolviam muito mais que força bruta.

Se alguma coisa acontecesse com Qadim....

Hasan assentiu satisfeito, como se satisfeito com o silêncio dela. No instante seguinte, a mão dele estava no braço dela, e eles piscaram para fora da sala e para outro espaço. A julgar pelos tetos de madeira e aparar em torno da janela, tinha que ser na mesma casa.

Um quarto, Madison percebeu, olhando para a cama queen-size, os móveis de pinho. A vista através das janelas aqui era ainda mais espetacular, se possível.

Então afundou. Um quarto.

Ela trouxe um pouco de ar, esperando que Hasan não tivesse notado. Aparentemente, ele não fez, porque ele disse: — Você vai ficar aqui.

Como as celas da prisão foram, não foi tão ruim. Pelo menos ela podia ver árvores e do céu, e havia uma *casa de banho privada* banheiro. E a ação de ser piscada aqui a libertou de ficar amarrada à cadeira, deu-lhe uma pausa nos braços e pulsos doloridos.

A julgar pela escala bastante modesta da sala, ela imaginou que deveria ser um dos quartos secundários. Sem dúvida, Hasan havia tomado a suíte master para si.

O que foi bom para ela, porque, se ele estava lá, provavelmente significava que ele não tinha nenhuma intenção de compartilhar este quarto com ela.

Apesar de sua resolução de ficar quieta, ela não pôde deixar de perguntar: — Quanto tempo você planeja me manter aqui?

Um sorriso fino que não alcançou os olhos. — Por quanto tempo for necessário.

E então ele se foi piscando para não existir - ou pelo menos para outro cômodo da casa. Definitivamente era estranho assistir. Agora você o vê, agora não.

O importante, porém, era que Hasan se fora. Imediatamente ela foi até a porta e a testou. Bloqueado. Ela realmente não estava esperando mais nada, mas uma garota tinha que tentar. A mesma coisa com as janelas. Deveria ter sido capaz de destrancá-los e abri-los, mas esses trincos pareciam ter sido permanentemente selados.

Quebre o copo? Havia uma cadeira encostada na parede do outro lado da sala que poderia funcionar bem.

E Hasan vai ouvir e estará aqui em um instante ... literalmente. Além disso, talvez um djinn pudesse voar pela janela, mas para um mero humano, uma queda de seis metros ainda está muito longe.

Ela foi até a janela e olhou para fora. Sim, devido à maneira como a casa foi construída, provavelmente ela estava a pelo menos seis metros do chão. Se ela se segurasse na moldura da janela e depois caísse dali, estaria cortando um pouco da distância, mas ainda assim provavelmente seria um tremendo choque.

E esse era o melhor cenário em que um djinn raivoso não aparecia para pegá-la.

Não, ela sabia que a coisa mais inteligente a fazer era esperar por Qadim. Ele tinha percebido algo errado agora, então ela sabia que ele teria ido ao abrigo para encontrá-la. E se ele visse a bolsa da noite e o caderno de desenho que ela deixara cair, saberia que algo estava errado. Não demorou muito tempo para juntar as peças. Ela só tinha que rezar para que ele apresentasse um plano que não o colocasse muito em risco. O pensamento de perdê-lo agora doía quase mais do que a ideia de que ela poderia encontrar sua morte nas mãos de Hasan.

Em vez de arremessar a cadeira pela janela, ela se sentou nela, depois olhou para o céu e as árvores sem realmente vê-las.

Por favor me ajude, Qadim, ela pensou. Porque não sei o que Hasan está planejando.

Ela só sabia que não poderia ser nada bom.

CAPÍTULO QUINZE

Para seu alívio, Qadim conseguiu encontrar um mapa do estado do Novo México na biblioteca do hotel. Estava amassado e um pouco desgastado, mas ainda legível. Tanto quanto ele podia dizer, a pequena cidade de Chama ficava quase ao norte de Albuquerque, a pouco mais de cento e oitenta quilômetros enquanto o corvo voa. Chegar à Chama seria apenas o primeiro de seus problemas, no entanto. A verdadeira dificuldade seria encontrar Hasan e - esperançosamente - Madison quando chegasse lá. Até uma cidade pequena podia ter muitas casas e, a partir de Madison, ele teve a impressão de que a área era rural, com fazendas e terrenos em grandes lotes de terra. Uma pesquisa pode levar algum tempo e seria complicada pela necessidade de evitar a detecção. Nunca seria bom permitir que Hasan o visse chegando.

Por um momento, Qadim pensou em se aproximar do Conselho e contar a eles o que Hasan havia feito, para que ele pudesse enfrentar a justiça deles. Mas quase tão imediatamente ele descartou a ideia, porque sabia que os anciões djinn nunca o ajudariam. Por um lado, ele estava longe de estar em suas boas graças, graças ao envolvimento nos esquemas ridículos de sua irmã. O problema real,

porém, era que eles não viam razão para interceder. Se Madison tivesse sido sua Escolhida, ela estaria protegida. Como as coisas estavam agora, porém, ela era apenas mais um humano, alguém que Hasan tinha todo o direito de rastrear e matar.

Não que a situação fosse necessariamente tão terrível. Hasan deve ter pensado em outra coisa quando tomou Madison, porque, caso contrário, não havia razão para ele não a ter matado no segundo em que a viu.

O simples pensamento de perdê-la dessa maneira fez o sangue de Qadim esfriar e ele afastou a imagem indesejável. Ele não podia desperdiçar sua energia imaginando cenários como esse. O que ele precisava fazer agora era se concentrar em encontrar a mulher que amava.

Amada?

Ele fez uma careta. Isso não era amor. Ele desejava Madison, gostava da companhia dela, queria-a sempre perto dele, mas isso não podia ser chamado de amor ... ou poderia?

Droga. Ele passou meses ou até anos com mulheres e percebeu no final que não as amava, mas alguns dias com Madison Reynolds foram suficientes para ele perder o coração?

Bem, ele poderia analisar seus sentimentos por ela mais tarde. Enquanto isso, ele tinha trabalho a fazer.

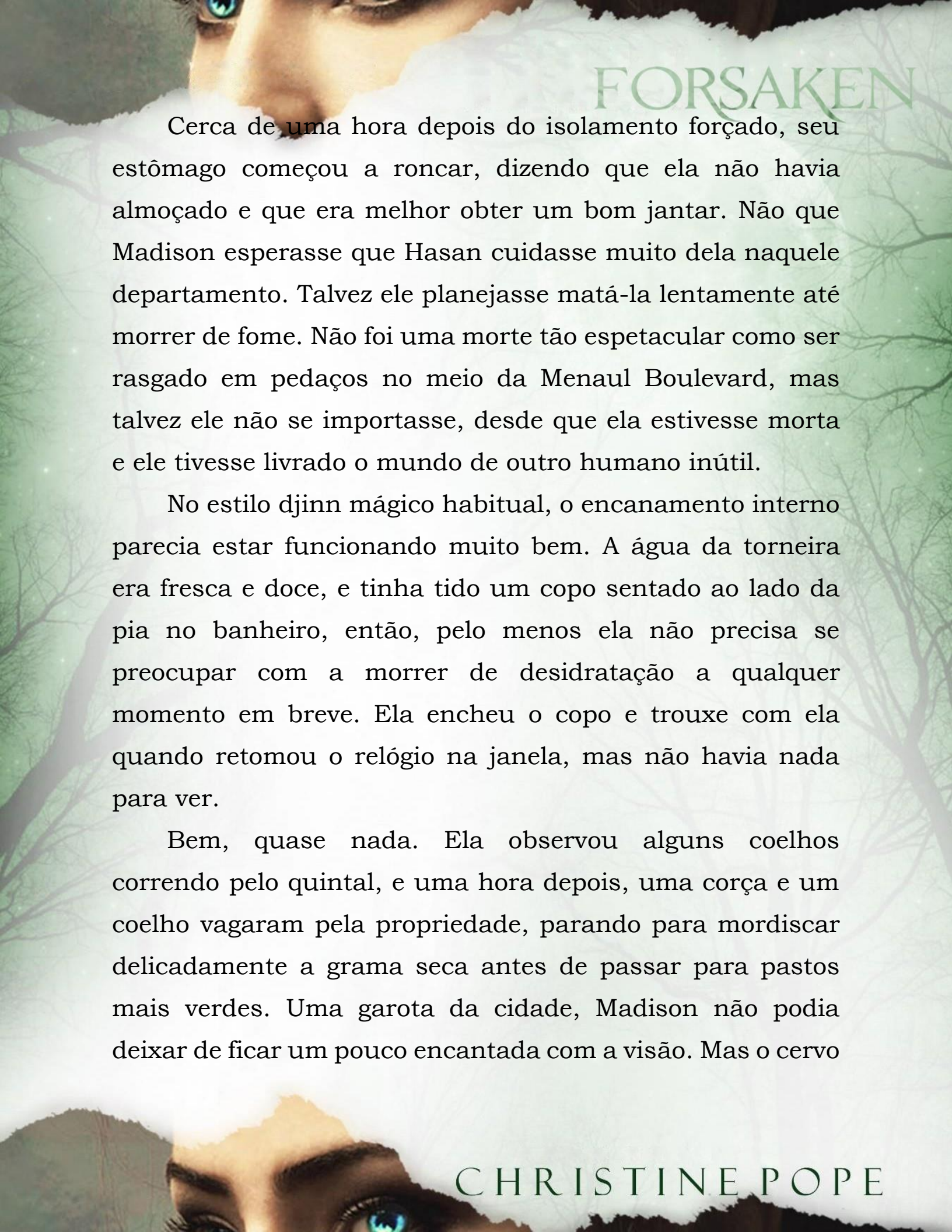
Embora o meio djinn de viajar instantaneamente de um lugar para outro fosse muito útil, não era infalível, especialmente quando envolvia ir a algum lugar onde nunca estivera antes. Às vezes, tudo o que era necessário era uma conexão entre dois djinn, mas Qadim havia começado a se distanciar de seu velho amigo há algum tempo, assim que ficou claro que Hasan estava muito obcecado em caçar seres humanos para o conforto de Qadim.

Se ele possuísse uma única imagem de Chama ou seus arredores como referência, isso seria útil e forneceria o contexto de que ele precisava, mas Qadim não tinha nada. Ele procurou na biblioteca e nos escritórios do hotel, esperando poder encontrar algum tipo de pista, até mesmo uma brochura que o trem turístico que Madison mencionara uma vez, mas sua pesquisa foi infrutífera e ele não tinha outros recursos para usar. De volta. Antes do Heat, o mundo havia sido conectado por um sistema conectado de computadores, e Qadim ouvira dizer que era possível procurar fotografias e todo tipo de informação sobre esse sistema, mas agora tudo se foi morto como os homens e mulheres que tinha criado.

O que significava que ele teria que fazer isso da maneira antiga. O Norte mais distante que ele viajara no Novo México era o pequeno vilarejo de Pojoaque, onde havia escondido Julia Innes em uma propriedade abandonada, na tentativa de atrair Zahrias. De Pojoaque a Chama ficava a menos de cem milhas. Ao inspecionar a área, enquanto procurava um local adequado para servir como base de operações, ele viu muitos cavalos serem deixados para trás depois que seus mestres morreram da praga causada pelos djinn. Os cavalos tinham sido nervosos, mas ele pensou que ainda poderia chamá-lo. Djinn naturalmente tinha jeito com os animais. Então ele iria de Pojoaque a Chama, e então....

Bem, então ele teria o prazer de espremer a vida de Hasan da garganta.

Se havia algum passatempo mais excruciante do que ficar sentado e se perguntar que destino horrível você iria sofrer, Madison não conseguia pensar em um. Passando o tempo no relógio, ela calculou que Hasan a havia largado aqui há pouco mais de duas horas atrás, e ela não ouvia nada dele desde então. Ela se demorou na janela na esperança de vê-lo indo ou vindo, mas aparentemente ele estava ocupado dentro de casa, ou se ele tinha ido para outro lugar, ele o fez usando o método djinn, e não uma porta

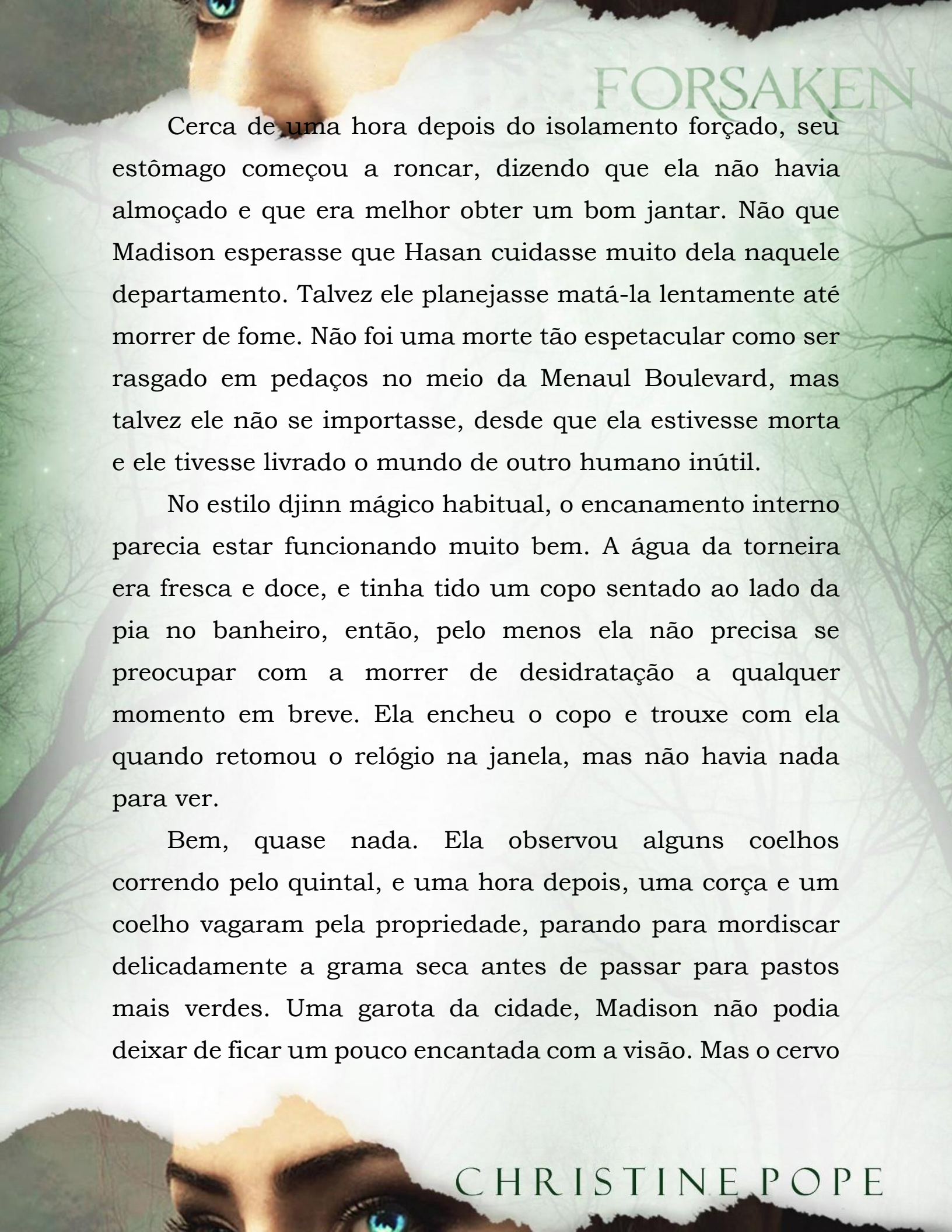
The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

FORSAKEN

Cerca de uma hora depois do isolamento forçado, seu estômago começou a roncar, dizendo que ela não havia almoçado e que era melhor obter um bom jantar. Não que Madison esperasse que Hasan cuidasse muito dela naquele departamento. Talvez ele planejasse matá-la lentamente até morrer de fome. Não foi uma morte tão espetacular como ser rasgado em pedaços no meio da Menaul Boulevard, mas talvez ele não se importasse, desde que ela estivesse morta e ele tivesse livrado o mundo de outro humano inútil.

No estilo djinn mágico habitual, o encanamento interno parecia estar funcionando muito bem. A água da torneira era fresca e doce, e tinha tido um copo sentado ao lado da pia no banheiro, então, pelo menos ela não precisa se preocupar com a morrer de desidratação a qualquer momento em breve. Ela encheu o copo e trouxe com ela quando retomou o relógio na janela, mas não havia nada para ver.

Bem, quase nada. Ela observou alguns coelhos correndo pelo quintal, e uma hora depois, uma corça e um coelho vagaram pela propriedade, parando para mordiscar delicadamente a grama seca antes de passar para pastos mais verdes. Uma garota da cidade, Madison não podia deixar de ficar um pouco encantada com a visão. Mas o cervo

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The title 'FORSAKEN' is written in a large, green, serif font at the top right.

CHRISTINE POPE

e os coelhos certamente não ajudariam a tirá-la de lá, então eles nada mais eram do que uma distração momentânea.

— Eu disse que era uma visão e tanto.

Madison girou, quase deixando cair o copo de água com medo. Hasan estava parado do lado de dentro da porta trancada, com uma bandeja nas mãos.

— Há algo que se chama bater, — comentou ela causticamente.

— Os carcereiros batem nas portas das celas de seus prisioneiros?

— Então você admite que sou prisioneira.

— Claro que você é. Mas não estou inteiramente sem sentir. Trouxe algo para você comer.

O olhar dela mudou para a bandeja que ele segurava. Havia parte de um pedaço de pão e um pouco de queijo. Não era exatamente o tipo de comida gourmet que Qadim havia preparado para ela, mas a refeição escassa pelo menos prometia que ela não passaria fome.

— Obrigado, — disse ela, embora soubesse que seu tom não soava agradecido.

Hasan afetou para não perceber, ou talvez ele simplesmente não se importasse com o que ela pensava. Ele foi para o quarto para poder colocar a bandeja na cama. Bem, isso foi alguma coisa. Se ele estava usando a cama

como uma mesa improvisada, isso significava que ele não planejava usá-la para qualquer outra coisa.

— Há roupas de sobra na penteadeira, — disse ele. — Você deve encontrar algo para dormir. A menos que você prefira não usar nada?.

Em resposta, ela apenas olhou de volta para ele. Ela podia dizer que ele não estava sendo verdadeiramente sugestivo, mas apenas dizendo o que esperava que a irritasse.

Como ela não respondeu, ele disse: — Sonhos agradáveis, — depois fechou a porta. Ele deve ter voltado para o andar de baixo da maneira normal, não no estilo djinn, porque ela podia ouvir o chão estalar um pouco antes de um silêncio absoluto.

Madison olhou para o relógio. Ainda não são seis. Um pouco cedo para o jantar, mas ela não ia discutir, não tão faminta quanto ela. Por um breve segundo ela hesitou, imaginando se ele havia mexido com a comida de alguma forma. Mas ele era um djinn, possuindo o tipo de poder que ela não podia suportar. Ele não precisava recorrer a algo tão sorrateiro quanto envenená-la. Afinal, ela o viu em ação nas ruas de Albuquerque. O veneno não parecia ser o estilo dele.

Então ele pegou o pedaço de pão parcial e rasgou um pedaço, depois comeu devagar. Mesmo que ela tentasse se

assegurar de que a comida tinha que ser boa, uma parte dela permaneceu tensa, esperando o primeiro sinal de envenenamento - cólicas estomacais? Palpitações cardíacas? Ela não sabia ao certo, pois não lia mistérios de assassinatos e certamente nunca teve nenhum motivo para investigar maneiras de envenenar pessoas. De qualquer forma, ela continuou esperando que algo desagradável a atingisse, para fazê-la perceber que tinha sido tola por confiar tanto em Hasan.

Seu estômago não teve câibras. Sua garganta não se arrepiou. Ela alternou o pão com um pouco de queijo, comendo devagar para fazer a pequena refeição parecer como se fosse mais comida do que realmente era. Entre as mordidas, ela bebeu água da torneira. E quando terminou, ela pensou que ainda se sentia bem... se alguém pudesse usar a palavra — bem — para se aplicar a uma situação em que estava presa por um djinn assassino que a queria morta.

Depois que terminou de comer, foi até a janela e olhou para o crepúsculo. Não havia muito para ver; a sala ficava voltada para o leste e, portanto, não revelava muito do que o pôr do sol estava fazendo, embora as montanhas baixas tivessem começado a assumir uma tonalidade avermelhada. Madison sabia que era tolice esperar ver Qadim se

aproximando como uma espécie de anjo vingador, e mesmo assim era exatamente o que ela esperava. Ela queria que ele aparecesse e ... o que? Rasgar Hasan em pedaços? Deus sabe que ele foi culpado de assassinato provavelmente cem ou mesmo mil vezes. Mas ela sabia que realmente não queria que Qadim fosse juiz, júri e executor de Hasan. Nesse momento, ela ficaria feliz o suficiente se ele a levasse embora daqui lhe desse alguma garantia de que isso nunca mais aconteceria.

O problema era que ela tinha a sensação de que Hasan não desistiria até que estivesse morta.

A casa em Pojoaque parecia a mesma de quando ele a deixou. Um pouco mais empoeirado, talvez, mas desde que apenas um mês se passou desde a última vez que ele esteve aqui, Qadim não sabia ao certo por que achava que deveria achar isso tão alterado.

Talvez a alteração estivesse nele.

Ele nem sabia ao certo por que voltara aqui, exceto que era familiar, e precisava de algum tipo de ponto de partida em sua busca por um cavalo adequado. Se ele fosse um elemento do ar como Hasan, ele poderia ter deixado o próprio vento ser sua montanha, mas essa opção não era permitida. De tempos em tempos, ele se agravava com essa estranha

limitação de seu povo, mas nunca tanto quanto estava agora.

Ficar aqui e lamentar sua incapacidade de ir diretamente para Madison não o ajudaria, no entanto. Ele poderia muito bem chegar lá e ver que tipo de cavalo ele poderia pegar.

Como ele já estivera nessa área e examinou suas propriedades antes, não precisou caminhar laboriosamente de um local para outro, mas pôde piscar primeiro para um celeiro abandonando de uma fazenda ou de uma fazenda para outra. Ele encontrou casas com a tinta começando a descascar e cercas de trilhos começando a cair completamente. Uma vez ele teve que expulsar um bando de cães selvagens, embora isso fosse principalmente uma questão de levantar os braços, como se ele pretendesse atacá-los. Essa era toda a situação necessária, pois os cães sabiam quem era o mestre aqui.

No entanto, se houvesse cavalos nessa área uma vez - e Qadim sabia que sim, porque os vira por si mesmo - eles não pareciam estar perto de ninguém. Talvez eles tenham sido presos por Zahrias e seu povo. Qadim estava apenas tentando decidir se valia a pena arriscar se aproximar de Santa Fe para procurar cavalos lá quando ouviu alguém chamar por ele.

Qadim al-Syan. Este não é o seu território.

Ele se virou e viu Danilar al-Harith, irmão mais novo de Zahrias, flutuando no ar do outro lado do pasto. Essa visão ficou ainda mais incongruente com o jeans e a camisa de trabalho que os outros djinn usavam. Os elementais do ar pareciam muito mais impressionantes quando eles se vestiam nas vestes de djinn, que podiam ondular muito bem na brisa que geravam.

— Eu não sabia que Pojoaque fazia parte da sua concessão, — disse Qadim calmamente.

— Também não faz parte da sua. — Dani voltou com uma careta. — Fomos informados de que você foi enviado para Albuquerque. O que você está fazendo aqui?.

Qadim se perguntou onde o jovem djinn havia adquirido aquela informação específica. Talvez os anciãos o tivessem transmitido como cortesia, já que a terra onde o grupo de djinn de Santa Fe e seus Escolhidos se estabeleceram não estava muito longe da concessão que lhe fora dada.

— Procurando um cavalo, — respondeu Qadim.

— Você está brincando?.

— Não. Receio que os cavalos sejam escassos em Albuquerque, mas sabia que tinha visto alguns quando estava aqui. Infelizmente, eles parecem ter sumido.

— Nós os reunimos, — disse Dani. — Nossas reservas de combustível estão diminuindo, e Zahrias achou melhor que nossos escolhidos se ajustasse ao uso de meios de transporte mais sustentáveis.

— Sábio da parte dele, — comentou Qadim. Ele não queria que as palavras fossem consideradas ironicamente, mas ainda podia ver Danilar tenso. Bem, eles não eram todos nos melhores termos.

— Por que você precisaria de um cavalo? — o outro djinn perguntou. — Porque essa cidade é sua, e você pode viajar com muito mais facilidade usando seus próprios poderes do que ter que andar a cavalo.

Era uma pergunta bastante razoável. Também era um assunto que Qadim não queria responder. Como ele podia admitir que a mulher com quem se preocupava havia sido roubada debaixo de seu próprio nariz? Sem dúvida, Danilar - e Zahrias, seu irmão - achariam divertido ouvir que Qadim, que havia sequestrado a mulher de Zahrias, agora tinha tido sua própria mulher levada.

— Devo viajar para um lugar que não conheço, — respondeu ele. — Você conhece, assim como qualquer outra pessoa, os perigos de tentar fazê-lo pelos nossos meios habituais.

Por um momento, Dani não disse nada, apenas observou Qadim com cuidado, como se tentasse captar a verdade de sua expressão. Quando ele finalmente falou, suas palavras não eram aquelas que Qadim desejava ouvir. — Acho que você deve vir e contar ao meu irmão o que você está fazendo aqui. Este não é um lugar para você, Qadim al-Syan, e por isso precisamos de uma explicação.

Droga. Qadim se forçou a não reagir, exceto a levantar uma sobrancelha. Pois, embora ele adivinhasse que seria capaz de ser o jovem djinn, se isso acontecesse, ele também estaria invocando para sempre a inimizade de Zahrias al-Harith e, de fato, de todo o seu povo, se o fizesse. Por outro lado, falar com Zahrias causaria um atraso incontornável. Quem sabia o que Hasan estava fazendo com Madison neste exato momento?

— Não acho necessário, — disse Qadim, escolhendo suas palavras com cuidado. — Eu não fiz nenhum mal aqui. Não me aventurei nos limites da cidade que seu povo reivindicou por si. Por que eu deveria ter que comparecer a seu irmão como um criminoso comum?.

— Porque você é um criminoso, — respondeu Danilar. — Tomando a mulher do meu irmão.

— Ela não era sua mulher então.

Esse comentário pareceu parar Dani. Ele fez uma pausa, como se repetisse as lembranças desses eventos em sua mente, depois balançou a cabeça. — Semântica. Você ainda é um sequestrador e só está livre agora porque percebeu que sua assistência à sua irmã poderia prejudicar suas próprias chances quando se tratava de receber sua concessão de terras dos anciãos. Você pensa nisso?.

— Não.

Mais uma vez, Dani pareceu confuso com a resposta de Qadim. Muito provavelmente ele esperava alguma forma de protesto. Então suas sobrancelhas escuras se juntaram. Naquele momento, ele se parecia um pouco com o irmão mais velho, embora na aparência eles não fossem tão parecidos, exceto pela cor. — Então eu temo que você não tenha escolha a não ser se explicar.

— E você vai me arrastar para Santa Fe e me forçar a fazê-lo? — Apesar da urgência de sua situação atual, Qadim não pôde deixar de se divertir um pouco. Embora Danilar al-Harith já tenha sido um guerreiro de alguma reputação, ele ainda teria alguma dificuldade em tentar subjugar alguém da estatura de Qadim.

— Não, porque ele me chamou aqui em vez disso, — disse Zahrias, aparecendo do nada a atrás dele e ao lado de seu irmão. O líder do djinn de Santa Fe não parecia satisfeito

por ter seu dia interrompido; os braços dele estavam cruzados e as sobrancelhas franzidas, franzindo o cenho, um eco estranho daquele que o irmão usava.

Maldito de novo. Qadim poderia compartilhar a mesma comunicação subvocaliza com sua irmã - isto é, até que sua conspiração quase arruinou os dois. Felizmente, ela não podia alcançar o outro mundo para tocar sua mente aqui, e assim ele se libertou abençoadamente de suas interrupções depois que ela foi exilada em seu palácio naquele plano sobrenatural. Mas ele havia esquecido que Dani poderia fazer o mesmo para chamar seu irmão para enfrentar o invasor.

— Bem conhecido, Zahrias al-Harith, — disse Qadim educadamente. — A paz parece concordar com você. E como está Julia Innes?.

— Muito bem, embora eu duvide que ela ficaria feliz em saber que você está perguntando por ela, — respondeu Zahrias. Sua carranca não mostrou sinais de desaparecer. — O que você quer aqui?.

— Como eu disse ao seu irmão, eu precisava de um cavalo.

— E não há nenhum em Albuquerque?.

Claro que havia. Não no próprio centro da cidade, mas nas áreas periféricas havia casas com lotes grandes, onde

havia celeiros e cavalos. Ele se certificara de que a grama crescesse mais espessa naqueles lugares, mas deixara os cavalos em paz. Os djinn destruíram a humanidade ..., mas também se certificaram de que os animais deixados para trás fossem bem alimentados e felizes. Afinal, eles eram inocentes.

Sem pestanejar, ele disse: — Era necessário sair de Pojoaque.

Com os olhos arregalados, Zahrias perguntou: — Ir para onde? Taos nos foi proibido e, a oeste, é Los Alamos, onde não acho que você receba uma recepção muito amigável. E ao norte, ouvi dizer, está Hasan al-Abyad, que acho que não ficará muito feliz em vê-lo.

Isso é verdade, pensou Qadim, enquanto Zahrias continuava,

— Ele certamente não é nosso amigo, e de mais ninguém, ao que parece. Então, devo perguntar novamente - para onde você levaria este seu cavalo?.

Às vezes a verdade era a única saída. E talvez Zahrias al-Harith fosse simpático. Duvidoso. No entanto, Qadim não conseguia pensar em uma mentira em que os outros djinn acreditariam. — Às terras de Hasan al-Abyad em Chama. Pois ele pegou alguém de quem cuido e temo que ele o

pretenda fazer mal. Como nunca estive em Chama, nem vi uma foto dela, não posso viajar de outra maneira.

Os dois irmãos trocaram um olhar. Talvez eles tenham falado com as mentes uns dos outros; Qadim não tinha como saber.

Quando Zahrias falou novamente, seu tom era seco. — Então você escolheu um escolhido? Parece que seu coração se recupera rapidamente, Qadim.

— Ela não é minha escolhida, — disse ele rapidamente. — Mas ela é humana, e acho que todos conhecemos a história de Hasan quando se trata de lidar com seres humanos.

Outro daqueles olhares significativos. Mas desta vez os irmãos al-Harith pareciam perturbados, pois sabiam das predileções de Hasan e o rastro de sangue que ele deixara para trás. E porque ambos haviam escolhido seu próprio escolhido, suas simpatias estavam com os humanos infelizes, não com aqueles que haviam caçado no chão.

Dani disse: — Qadim, como você sabe que ela está viva? Para Hasan -

— Não havia evidências para mostrar que ela havia sido ferida, — respondeu Qadim. Sua garganta se contraiu quando ele se lembrou da cena que havia encontrado, a bolsa descartada, o caderno de desenho com suas partes

ondulando em uma brisa indiferente. — Eu também conheço os métodos de Hasan e vi suas obras. Ela estava viva quando foi levada, o que significa que ele deve ter outra intenção além do caos. Senão ele a teria matado onde ela estava.

Dani não falou, e Zahrias disse: — Isso faz algum sentido. E acho que podemos ajudá-lo.

— Então você vai me deixar andar a cavalo?.

— Melhor que isso, — disse Zahrias. — Pois acredito que uma das nossas Escolhidas vem daquela parte do mundo, e por isso seu djinn teve que encontrá-la lá. Ele e pode guiá-lo para Chama, se não diretamente para onde Hasan passou a residir.

O alívio aumentou através de Qadim quando ele agradeceu ao outro djinn. Ele não esperava assistência, apenas desprezo - e ele mereceria. Por que Zahrias al-Harith decidiu conceder a ele essa medida de graça, Qadim não sabia, mas faria o possível para mostrar que era digno disso.

Esteja seguro, meu amor, ele pensou então. Pois eu estou indo te salvar.

Como Hasan havia dito, havia uma variedade de roupas femininas na cômoda de sua cela na prisão. Também não é muito grande; quem quer que tenha chamado esse lugar de casa também deve ter sido alto e esbelto. Enfim, Madison

não precisava de um ajuste de alta costura, apenas algo para dormir, além do jeans.

Ela mudou rapidamente, um olho fixo na porta o tempo todo. Não, Hasan não havia demonstrado nenhuma evidência de ter esse tipo de interesse nela - graças a Deus - , mas ela não podia descartar a possibilidade de que ele aparecesse aqui enquanto ela estava mudando, apenas para perturbá-la, desequilibrá-la.

Mas ela conseguiu vestir a camiseta e as calças sem interrupção, dobrou as próprias roupas e as colocou em cima da cômoda. A essa altura já estava escuro, mas a eletricidade funcionava, assim como o encanamento, pelo menos ela não precisava se sentar aqui na escuridão total.

Debaixo da pia do banheiro, ela encontrou uma escova de dentes ainda na embalagem, então escovou os dentes e usou a lavagem do rosto na bancada para limpar a pele. Todas essas ações pareciam tão comuns, tão rotineiras, e ainda assim ela sabia que não havia absolutamente nada normal em sua situação atual.

O que diabos você está fazendo, Hasan? ela se perguntou então. *Isso é algum tipo de disputa com Qadim?* Mas isso não parecia certo. Pela maneira como Qadim falou sobre os outros djinn, parecia quase que eles não eram exatamente amigos, mas pelo menos em termos civis,

mesmo que Qadim claramente não compartilhasse as visões de Hasan sobre os seres humanos.

Sentando-se calmamente no chão de madeira, descalça, Madison foi e ouviu a porta. Nada, silêncio, exceto um grilo cantando em algum lugar no corredor do lado de fora, e um leve rangido do alto como a casa resolvido. Se Hasan estava se movendo em qualquer lugar da casa, ela com certeza não podia ouvi-lo. Mas então, pelo que ela viu, a casa era grande. Fazia sentido que ela não fosse capaz de ouvir nada.

O silêncio não a tranquilizou. Se alguma coisa, apenas a deixou mais nervosa. Como ela não sabia se Hasan a estava ouvindo, e a última coisa que ela queria que ele ouvisse era ela andando pelo quarto, ela foi em frente e subiu na cama. Ela já tinha checado a poeira cinzenta ameaçadora e não havia encontrado nenhuma, então quem morou aqui, não havia morrido nesta cama. De fato, os lençóis estavam dobrados e guardados, indicando que eles nem dormiam. Talvez fosse a casa de férias de alguém. Afinal, estava no meio do nada. Na mente de Madison, a casa parecia um pouco grande para uma escapadela de férias, mas ela não conhecia nenhuma pessoa com meios para construir uma segunda casa, então seu quadro de referência era um pouco limitado a esse respeito.

Bem, Clay Michaels provavelmente poderia pagar, mas ele investiu todo o seu dinheiro na construção de um abrigo antiaéreo.

Mas mesmo que a cama estivesse confortável o suficiente, e Madison sabia que deveria descansar um pouco como seguro contra um amanhã incerto, ela não conseguia dormir. Talvez fosse só porque ela sabia que era muito cedo para ela estar na cama - apenas sete e meia. Ou talvez fosse simplesmente que cada rangido, cada arranhão fazia seus olhos se abrirem, certos de que Hasan estava prestes a abrir a porta e descer sobre ela.

Ou pior, pisque para entrar. Djinn realmente não precisava se preocupar com portas.

Pela décima quinta vez, ela rolou e fechou os olhos, rezando para que finalmente encontrasse a única posição que lhe permitiria adormecer. O chão rangeu novamente, e ela proferiu uma maldição mental quando seus olhos se abriram pela enésima vez.

Só para ver Hasan olhando para ela, seus dentes brilhando brancos na escuridão. A boca dela se abriu - gritar, ofegar -, mas ele foi rápido demais. No instante seguinte, ele a estava puxando da cama, braços como faixas de ferro em volta do peito. E então ele a piscou para o escuro.

Ir a Santa Fé era como viajar na direção errada; no entanto, Qadim não pôde recusar a oferta de Zahrias. Ele pode estar demorando um pouco indo a essa fortaleza djinn em busca de ajuda, é verdade. Mas essa assistência o pouparia muitas horas na estrada, horas em que algo poderia estar acontecendo com Madison.

A casa que Zahrias havia tomado por conta própria era grande e luxuosa. Qadim realmente não esperava mais nada, pois Zahrias era o líder da colônia aqui e deveria ter uma casa que se adequasse à sua posição.

Ele também deveria ter esperado encontrar Julia Innes lá, e ainda assim foi um choque vê-la, virar uma esquina e tê-la ali, linda como sempre, cabelos loiros e quentes caindo quase até a cintura. Ela usava um vestido azul profundo que destacava seus olhos e joias de prata em volta da garganta e pulsos. Na verdade, ela era impressionante, mas ele podia olhar para ela e não sentir nada, porque seu coração estava em outro lugar. Ela era muito adorável, mas não tinha a boca usada de Madison, nem seus cachos luxuriantes, ou... qualquer outra coisa. Qadim podia olhar para Julia e se

alegrar por sua felicidade, e sabia que isso não lhe tirava nada.

Ela deu um passo à frente assim que Zahrias e Qadim entraram na sala de estar. — Sinto muito, Qadim, — disse ela. A sinceridade tocou em sua voz, e ele percebeu que ela realmente sentia muito por ele, apesar de tudo o que ele havia feito com ela. — Zahrias me contou pouca coisa.

— Só um pouco, porque Qadim não me contou a história toda, — interrompeu Zahrias, seu tom levemente reprovador.

— Não tenho tempo para toda a história, — respondeu Qadim. — Mas saiba que Madison conseguiu sobreviver sozinha por mais de um ano e que, quando finalmente nos conhecemos, foi preciso convencê-la a fazê-la ver que eu não a magoava. Ela é rica em recursos e tenho certeza de que está fazendo o que deve para sobreviver enquanto está nas mãos de Hasan al-Abyad. Mas devo ir até ela o mais rápido possível.

— Eu entendo, — disse Julia. — E Sheri e Ahmar estarão aqui a qualquer momento. Por que você não se senta? Há uma jarra de água gelada.

Qadim se sentou em uma das cadeiras, principalmente porque percebeu que deixava Julia nervosa, pairando sobre ela. Ela estava fazendo o possível para ser educada, mas

nunca esqueceria o que havia acontecido entre eles, como ele tentara usar o brilho djinn nela, para reivindicá-la como dele. Nem ela deveria esquecer. Ele estava envergonhado agora pelo que havia feito, mas não podia mudar o passado.

E ele temia que não fosse capaz de mudar o futuro, se não fosse a Madison logo.

Zahrias permaneceu de pé, assim como Julia. Talvez isso fosse apenas porque eles quisessem atender a porta assim que Ahmar e seu Escolhido aparecerem, ou talvez porque, enquanto estavam dispostos a ajudar, não se sentissem à vontade em sentar-se com ele como iguais.

— Então você está em Albuquerque agora? — Julia perguntou, claramente tentando preencher o silêncio constrangedor que acabara de cair.

— Sim.

— Essa é minha cidade natal.

— Temo que você não a reconheça, — disse Qadim.
— Eu venho fazendo algumas... redecorações, como Madison disse.

As sobrancelhas elegantes de Julia se levantaram. — Redecorar?.

— Não acho a maioria das arquiteturas humanas atraentes. Então... eu estou removendo.

Seus olhos se arregalaram e ela abriu a boca para falar, mas foi interrompida pela campainha. Imediatamente, ela deu desculpas e foi responder. Um costume humano, mas que os djinn seguiram também. Era necessário aderir a essas sutilezas quando se podia aparecer ou desaparecer em uma casa por capricho.

Um momento depois, ela voltou com um alto djinn de cabelos castanhos que Qadim nunca tinha visto antes, além de uma adorável jovem com longos cabelos escuros e olhos azuis impressionantes. — Qadim, este é Ahmar al-Suth e seu escolhido, Sheri Hennessey.

Ahmar apenas assentiu, mas Sheri esboçou um sorriso rápido e disse: — Oi, Qadim. Zahrias e Julia me disseram que você está procurando alguém na área de Chama.

— Sim, — ele respondeu. — Você é de lá, correto?.

— Certo. Meus pais eram os zeladores de uma grande fazenda lá em cima - os proprietários moravam em Denver e só desciam no verão. — Ela acenou com a mão, como se revelar essas informações não fosse realmente necessário para a tarefa em questão. — De qualquer forma, eu conheço Chama muito bem, e Ahmar também, já que é onde ele veio até mim. — Uma pausa quando ela olhou para o djinn que estava ao lado dela. Algo no brilho quente em seus olhos e

na curva de sua boca parecia indicar que ela estava muito feliz em vê-lo, e ainda estava.

Qadim não pôde deixar de pensar em seu primeiro encontro com Madison, como ela fugiu como se todos os demônios do inferno estivessem atrás dela. Ele supôs que, na cabeça dela, eles realmente estavam. Ela não tinha motivos para acreditar que ele faria qualquer coisa, exceto matá-la no local.

Considerando que Ahmar apareceu para sua mulher como um salvador.

— Sim, eu sei, — disse Ahmar. Sua voz era profunda e um tanto áspera, e algo em seu tom parecia indicar que ele não estava muito satisfeito por receber essa missão. Bem, se ele era leal a Zahrias, poderia ficar intrigado com a disposição de seu líder em ajudar alguém que o sequestrara e o entregou à sua irmã insana.

— Bom, — disse Qadim, começando a se levantar. — Então vamos lá.

— Não tão rápido — - interrompeu Zahrias. — Entendo sua ânsia, Qadim, mas continuar avançando sem um plano é uma tolice total. Hasan al-Abyad é um tipo apressado. Se você o assustar, ele pode fazer algo que todos nós lamentaremos.

Essas palavras fizeram uma corrente de gelo correr pelas veias de Qadim. Sim, ele sabia disso sobre Hasan. O homem foi rápido em se enfurecer, rápido em ação. Se ele descobrisse os socorristas de Madison antes que eles pudessem ganhar vantagem, as coisas poderiam correr muito mal.

Embora fosse quase fisicamente doloroso forçar-se a voltar para sua cadeira, Qadim fez o que Zahrias havia instruído e sentou, depois esperou ouvir o que os outros djinn tinham a dizer. No entanto, Ahmar não falou, mas acenou com a cabeça em direção a Sheri, como se estivesse adiando seu conhecimento da área local.

— Certo, — ela disse. — Bem, Chama em si é pequenininho - basicamente um local amplo na estrada - mas há muitas propriedades grandes por aí, fazendas, casas de veraneio, todo esse tipo de coisa. Portanto, é difícil dizer onde essa pessoa Hasan poderia estar vivendo, porque ele teria um número decente de lugares para escolher. Mas se eu tivesse que adivinhar....

— Por favor, adivinhe, — Qadim disse a ela. — Porque seu palpite certamente será melhor que o nosso.

Sheri parecia um pouco confusa com a interrupção, mas então ela levantou os ombros e seguiu em frente. — Só

estou imaginando se ele está no lugar onde meus pais trabalhavam.

— O que te faz dizer isso? — Julia perguntou, claramente intrigada.

— Bem, é uma casa agradável, provavelmente uma das mais bonitas da região. — Sua boca se torceu e acrescentou: — Não se ofendam vocês djinn, mas eu não vi nenhum de vocês morando na casa de alguém. Todos vocês parecem gravitar em direção às mansões de um milhão de dólares.

Ahmar não pôde deixar de sorrir um pouco com o comentário, embora ele não tenha dito nada. E nem Zahrias nem Qadim se preocuparam em protestar também. Qadim se perguntou o que Sheri pensaria sobre sua ocupação da suíte de cobertura no Hotel Andaluz.

— Então sim, é uma casa grande, em um grande pedaço de terra, e a propriedade faz o backup para o rio Chama de um lado, então é realmente bonito. Se Hasan recebesse essa área por conta própria, ele poderia fazer muito pior.

— Quão protegido é? — Qadim perguntou. — Ou seja, é o tipo de casa com muitas árvores ao seu redor?.

Sheri franziu a testa. — Na verdade, não. Quero dizer, existem árvores no lado do rio da propriedade, então a vista para o oeste é um pouco bloqueada. Mas nos outros três

lados são bastante abertos. Você pode ver todo o caminho até Grouse mesmo a partir de dois dos quartos de hóspedes no andar de cima.

O que significava que eles teriam que se materializar na margem do rio, pois vir de qualquer outra direção seria muito visível. A menos que eles pudessem aparecer na própria casa.

Ele fez essa mesma pergunta, mas Ahmar balançou a cabeça. — Não, Sheri não morava na fazenda, mas só trabalhava lá com os pais. A casa deles - onde eu fui buscá-la - era mais modesta e a alguma distância.

— Mostrei a propriedade antes de sairmos para Taos, — acrescentou. — Mas eu não o levei para dentro. Acho que fiquei um pouco chocada naquele momento. — Ela parou ali, como se pretendesse dizer mais e depois decidiu não o fazer. Provavelmente, ela sabia que não precisava elaborar os sentimentos de medo e incerteza que envolveram os sobreviventes do Heat, a pergunta sem resposta sobre por que eles ainda estavam vivos quando tantos outros estavam mortos. Após aquela pausa embaraçosa, ela continuou: — Por alguma razão, não me pareceu respeitoso entrar na casa. Eu queria me despedir do rio, no entanto, e foi para lá que fomos.

— O que significa que posso levá-lo diretamente para lá, — disse Ahmar. — Deve estar perto o suficiente, já que este Hasan não pode ter ideia de que alguém ainda vivo conheça a propriedade e sua localização.

Não, foi rara a sorte que qualquer pessoa de Zahrias tivesse vindo da área de Chama. Os djinn reuniram seus Escolhidos de todo o estado, já que sua população era tão pequena, mas mesmo assim Qadim não queria calcular as chances de alguém de Chama sobreviver ao Heat. Isso não importava agora, no entanto. O que importava era que Sheri e seu amante djinn estavam aqui e poderiam ajudá-lo a chegar a Madison.

Porque ela era a coisa mais importante agora. Qadim não queria dizer a si mesmo que morreria por ela; ele nunca havia acreditado naquele tipo de sacrifício, julgado tolice e desperdício.

Não, ele queria viver para ela.

De volta à sala de estar. Madison tinha ficado aterrorizada com o fato de Hasan a levar para fora e alimentá-la no picador de madeira ou em qualquer outro tormento que seu cérebro torcido pudesse ter inventado, mas esse não parecia ser o seu plano imediato.

Em vez disso, ele a sentou na cadeira onde a amarrara. Algo parecia tê-lo agitado, embora ela não pudesse começar

a adivinhar o que. Ele amarrou os braços dela atrás da cadeira, ainda mais forte do que a primeira vez. Ela não conseguia se mexer - não que ela realmente quisesse. Com a maneira como ele andava de um lado para o outro e murmurava para si mesmo, ela pensou que era muito mais sábio ficar o mais quieto possível, para não o desencorajar.

Djinn poderia enlouquecer? Seu único conhecimento real da raça veio de suas pesquisas nos bancos de dados de Clay Michaels e, depois, de suas interações com Qadim, e ele certamente parecia suficientemente equilibrado. Bem, equivocado para alguém que queria arrasar Albuquerque ao chão e criar um jardim em seu lugar. Mas ela nunca teve a impressão de que ele não estava jogando com todos os pontos nos dados - ele era engraçado, gentil, amoroso e, às vezes, malvado.

De certa forma, no entanto.

Ela não podia dizer o mesmo para Hasan. As pontas dos dedos estavam começando a formigar, um sinal de que as cordas que a prendiam começaram a interromper a circulação. Mas ela não mexeu os dedos, porque tinha medo que ele notasse até que isso seria um movimento. Ela não fez nada, exceto sentar-se ali e rezar para que o que quer que tivesse desencadeado Hasan dessa vez, desaparecesse e

ele voltasse a ser a pessoa levemente sinistra, mas pelo menos administrável, como fora algumas horas antes.

— Como você faz isso? — ele disse então, voltando-se tão rapidamente que ela não pôde deixar de soltar um suspiro rápido, um que ela sugou de volta e esperava que ele não ouvisse.

A última coisa que ela queria era antagonizá-lo, mas ela realmente não sabia do que ele estava falando. — Fazer o que? — ela perguntou cautelosamente.

— O que há em vocês, humanos, que os atrai, como moscas para o mel? Sua raça é fraca, sem poderes, sem vida longa, sem nada que o recomende. Suas mulheres não são mais bonitas que as nossas. Então, o que é isso?.

Qadim havia dito a ela como o djinn chegava às pessoas, às vezes, que os mitos do súcubo e do incubos haviam surgido dessas ligações. O glamour dos djinn no trabalho, mas fora isso, ela não tinha visto nada tão estranho sobre haver um tipo estranho de atração sexual entre as duas raças. Eles pareciam basicamente os mesmos. Sim, os djinn em média eram mais atraentes do que a maioria dos humanos. Mas a aparência não era tudo.

— Eu não sei, — ela respondeu. Era a única resposta que ela poderia dar, mas claramente Hasan não estava satisfeito com isso. Ele franziu o cenho, sobrancelhas

escuras se juntando sobre seus brilhantes olhos azuis e sua boca se apertou.

— Você terá que fazer melhor que isso, humano.

Os batimentos cardíacos de Madison começaram a acelerar, embora ela dissesse a si mesma que não era hora de perder a calma. Hasan estava tão claramente equilibrado no limite, que não seria preciso muito para empurrá-lo. O problema era que ela não tinha absolutamente nenhuma ideia do que deveria dizer para fazê-lo se acalmar. — É a verdade. Eu realmente não sei. Eu nunca tinha conhecido um djinn antes de conhecer Qadim. Ele... não era o que eu estava esperando.

— Sim, meu amigo Qadim al-Syan sempre foi fraco quando se tratava de mulheres. Ah, vou admitir que eles têm seus usos, mas ele é de coração mole demais. — Os olhos de Hasan se estreitaram, como se ele tivesse acabado de ter um pensamento repentino. — Talvez seja apenas porque ele não teve muitas opções, depois que o Conselho o exilou naquele terreno baldio que ele deve agora chamar de lar. Então, quando um humano cruzou seu caminho, ele decidiu levá-la para si, já que nenhuma mulher djinn o teria.

Sim, foi exatamente o que aconteceu, pensou Madison, mas ela segurou a língua. Ela duvidava que Hasan gostasse

do sarcasmo, principalmente vindo de um mortal humilde.

— Talvez, — ela disse, e acrescentou: — Eu não perguntei.

Porra, isso provavelmente era um pouco irreverente. Ela não conseguiu aceitar as palavras, no entanto, apenas sentou na cadeira desconfortável e esperou para ver como ele reagiria.

Um sorriso lento se espalhou pela boca de Hasan. De certa forma, era quase impressionante como alguém tão objetivamente bonito podia fazer seu sorriso parecer tão pouco atraente. Ou talvez ela só visse dessa maneira, porque sabia que um sorriso como aquele não podia significar nada de bom.

Ele se aproximou dela, depois se ajoelhou no chão ao lado de sua cadeira. Porque ele era alto - se não tão alto quanto Qadim - seus rostos estavam quase nivelados. Os olhos de Hasan examinaram suas feições, e Madison novamente teve que lutar para se manter imóvel. Estar no lado receptivo desse tipo de exame minucioso e pessoal de alguém com quem se importava seria desconfortável o suficiente, mas ter esse djinn incompreensível fazendo isso era mil vezes pior.

Então ele estendeu a mão e passou a mão pela lateral da bochecha dela. Os dedos dele estavam quentes, quase desconfortavelmente, e ela teve que lutar contra um

estremecimento. Agora que olho para você, acho que posso ver o que ele viu. Há uma simetria interessante em seu rosto.

Bem, não era o mesmo que ser comparado a uma pintura de Botticelli, mas ela não se atreveu a responder, apenas manteve o olhar fixo firmemente para a frente. Ela sabia que não importava o que ela dizia. Hasan ia fazer o que ele faria, e ela só teria que descobrir o que fazer quando chegasse a hora.

— E esse cabelo, — continuou Hasan. Ele agarrou um punhado de seus cachos soltos e puxou com força. Desta vez, Madison não pôde deixar de estremecer, porque maldição, aquilo doía. E então ela desejou não ter reagido, porque o sorriso dele apenas aumentou. — Isso foi muito difícil, Madison Reynolds? E se eu fizesse isso?.

A mão dele desceu pelos cabelos dela, acariciando. Se Qadim a tivesse tocado assim, ela acharia prazeroso agora, porém - tudo o que ela podia fazer era esperar que tivesse a oportunidade de lavar aquele cabelo em um futuro muito próximo.

E apesar de ter jurado a si mesma que faria o possível para ficar quieta, não importa o quê, algo nela se rebelou com esse tratamento. Sim, ela duvidava muito que Hasan realmente a quisesse. Estes eram apenas mais dos seus jogos mentais doentios. Mas ele também era um homem no

limite, e ela realmente não podia começar a adivinhar do que ele poderia ser capaz.

— Estou surpresa que você queira sujar as mãos em um ser humano, — disse ela, ainda sem fazer contato visual.

Algo no djinn pareceu ficar parado. Por um segundo ou dois, ele não disse nada. Nesse momento, Madison questionou sua decisão de manter o olhar travado para a frente, porque ela teria se dado muito ao ver a expressão em seu rosto.

Então ele se levantou do chão e deu a volta na frente dela, para que ela não tivesse escolha a não ser olhar para ele. Ela estava esperando um rosto contorcido pela fúria. Em vez disso, ele parecia estranhamente vazio, como se as palavras dela o tivessem passado da raiva para um lugar que ela realmente não queria saber.

Quando ele falou, sua voz era muito suave, embora houvesse uma ponta que a fez estremecer o estômago. — E se eu tiver decidido que quero? E se me ocorresse que poderia ser a melhor maneira de aprender o que é que pode levar um djinn como Qadim - que nunca maculou suas mãos com um mortal até agora - e telo seduzido por um mero humano?.

— Ele não é meu escravo, — disse Madison. De alguma forma, ela sabia que havia passado do ponto em que o silêncio poderia salvá-la. — Ele... eu não sei exatamente o que ele é, exceto que ele é incrível. — Por que ela disse isso, ela não tinha exatamente certeza. Claramente, Qadim e Hasan eram amigos, ou haviam sido uma vez, o que significava que eles deveriam possuir qualidades que a outra pessoa admirava. Talvez se ela elogiasse Qadim, mostrasse que realmente o apreciava, Hasan se afastaria.

— Suponho que qualquer um de nós seria incrível... para um humano, — respondeu Hasan. O desafio estava claro em sua voz. Ele queria ver se ela lhe diria que não o achava incrível.

Dar-lhe essa resposta teria sido seu primeiro instinto. No entanto, insultar a pessoa que a mantinha em cativeiro geralmente não era considerado uma ideia muito boa. — Eu posso ver isso, — disse ela, seu tom neutro.

— Ah, eu tenho certeza que você não. — Ele se moveu atrás dela e ela ficou tensa. Mas então ela sentiu as mãos dele nas cordas que a prendiam, afrouxando-as. No momento seguinte, ele a agarrou pelo braço e a puxou para seus pés.

Alfinetes e cãibras correram para os dedos maltratados, e Madison lutou contra o desejo de mexê-los. Ela não podia

estar aliviada por Hasan ter libertado suas mãos, porque ela tinha uma sensação de mal que ele só o fez porque queria mais acesso a ela. Essa suspeita foi confirmada quando ele a pegou pelos braços e a abraçou com força, para que ela não pudesse se libertar. Ele olhou para ela, os olhos piscando enquanto ele parecia captar todos os detalhes de seus traços. Catalogar suas falhas, ou tentar se convencer de que não queria fazer isso afinal? Ela rezou para que fosse o último, esperando com todo o seu ser que ele voltasse a si e percebesse que forçá-la não mudaria nada. Ele ainda odiaria os humanos, mas também se odiaria.

Seus dedos pareciam ferro cavando nos bíceps dela. Ela sabia que os djinn eram todos muito fortes, porque ela viu Qadim realizar proezas de força que nem mesmo um levantador de peso olímpico poderia alcançar. Mas ele foi gentil com ela, como se soubesse que tinha que ter cuidado, que não estava lidando com uma mulher djinn. Hasan, por outro lado, não parecia se importar o mínimo. Se ela sobrevivesse a isso, provavelmente teria anéis de contusões nos braços, como as tatuagens mais indesejadas do mundo.

Então ele a puxou para mais perto, seu olhar fixo em sua boca. Ele estava se preparando para fazer isso? Talvez ele perdesse a coragem no último momento. Talvez ele estivesse pensando que beijá-la seria como beijar um

babuíno. Obviamente, vários djinn não compartilhavam seus sentimentos sobre os humanos, mas nada disso importava agora. A única coisa que importava era o que estava acontecendo na cabeça de Hasan.

Antes que ela pudesse piscar, a boca dele bateu com a dela, com força, a língua dele forçando seus lábios abertos. Ele não tinha um gosto ruim - estranhamente, tinha gosto de canela mais do que qualquer outra coisa -, mas a repulsa cresceu nela de qualquer maneira. Uma ou duas vezes em um bar, um cara meio bêbado ficou um pouco distraído com ela, mas nunca em sua vida Madison foi forçada assim, alguém a fez beijá-lo quando ela claramente não queria.

O beijo seria apenas um prelúdio para outras coisas, ela sabia. Isso não era sobre sexo; tratava-se de mostrar quem estava no controle.

E ela não podia permitir isso.

Além da doença em sua garganta, além do horror que esse monstro com tantas mortes em suas mãos estava empurrando sua língua na boca dela, um pensamento muito frio e calmo tomou forma.

Ele é um djinn, mas ele é construído como um homem. E se for esse o caso, ele é vulnerável como um homem. Vai doer muito, se ele estiver tão excitado quanto parece.

Porque ela podia sentir seu pênis pressionando contra sua barriga, duro e insistente. Aquelas calças djinn não escondiam muito. Eles também não forneciam muito em termos de armadura.

O joelho dela veio com toda a força que ela possuía, dirigindo direto para a virilha dele. Em choque, ele soltou seus braços, e essa era a única abertura que ela precisava.

Ela não conseguia parar para olhá-lo, para verificar quanto dano ela havia causado. Tudo o que ela pôde fazer foi se virar e correr da sala de estar e pelo corredor, com os pés descalços batendo no chão de madeira. Um pensamento fugaz surgiu em sua mente - *caramba, eu gostaria de ter sapatos* - mas ela não deixou que isso a desacelerasse. Talvez um golpe desse tipo incapacitasse um djinn pelo tempo que um homem comum, já que o equipamento deles parecia idêntico. E talvez não, e ele estaria atrás dela em apenas um segundo ou dois.

O corredor terminava em uma porta, embora fosse para uma varanda de serviço e não diretamente do lado de fora. Mas havia outra porta, e essa se abriu ao ar livre. A noite estava escura como breu, sem nem uma lasca de lua para iluminar seu caminho. Sim, as estrelas estavam quase impossivelmente brilhantes no céu, mas não fizeram muito para mostrar detalhes a ela.

Ela tropeçou cegamente pelos degraus e em direção ao som da água, que parecia vir da sua esquerda. Uma pedra afiada atingiu seu pé esquerdo, e ela teve que reprimir uma exclamação, embora a dor não a impedisse de continuar correndo na direção do que ela imaginou que fosse um rio ou córrego.

Não que realmente importasse se ela emitira um som ou não, porque a luz brilhava da casa, vindo da porta que ela acabara de sair e uma série de holofotes aparentemente montados em algum lugar sob os beirais, iluminando o quintal e instantaneamente revelando sua posição.

— Eu vejo você, — Hasan gritou para ela da porta aberta. Ele parecia sem fôlego, mas Madison não se atreveu a parar para olhar para ele para ver se ele estava mancando ou não. — Você realmente acha que pode fugir de mim?.

E no instante seguinte, ela colidiu com algo sólido e imóvel. Hasan, que deve ter pestanejado da varanda de trás e diretamente em seu caminho. Os braços dele se fecharam sobre os dela, agarrando-a exatamente no mesmo lugar onde ele a segurara antes. Um grunhido de dor escapou de seus lábios. — Deixe-me ir, — ela ofegou.

— Acho que não. E não tente esse truque novamente.

Ar girava em torno deles, cada vez mais rápido, envolvendo-os em um vórtice giratório, como se fosse

mantido em cativeiro no coração de um tornado. De repente, Madison não podia mais sentir a terra fria e áspera sob seus pés machucados. Ela olhou para baixo e viu que agora eles estavam pairando pelo menos quinze metros acima do chão.

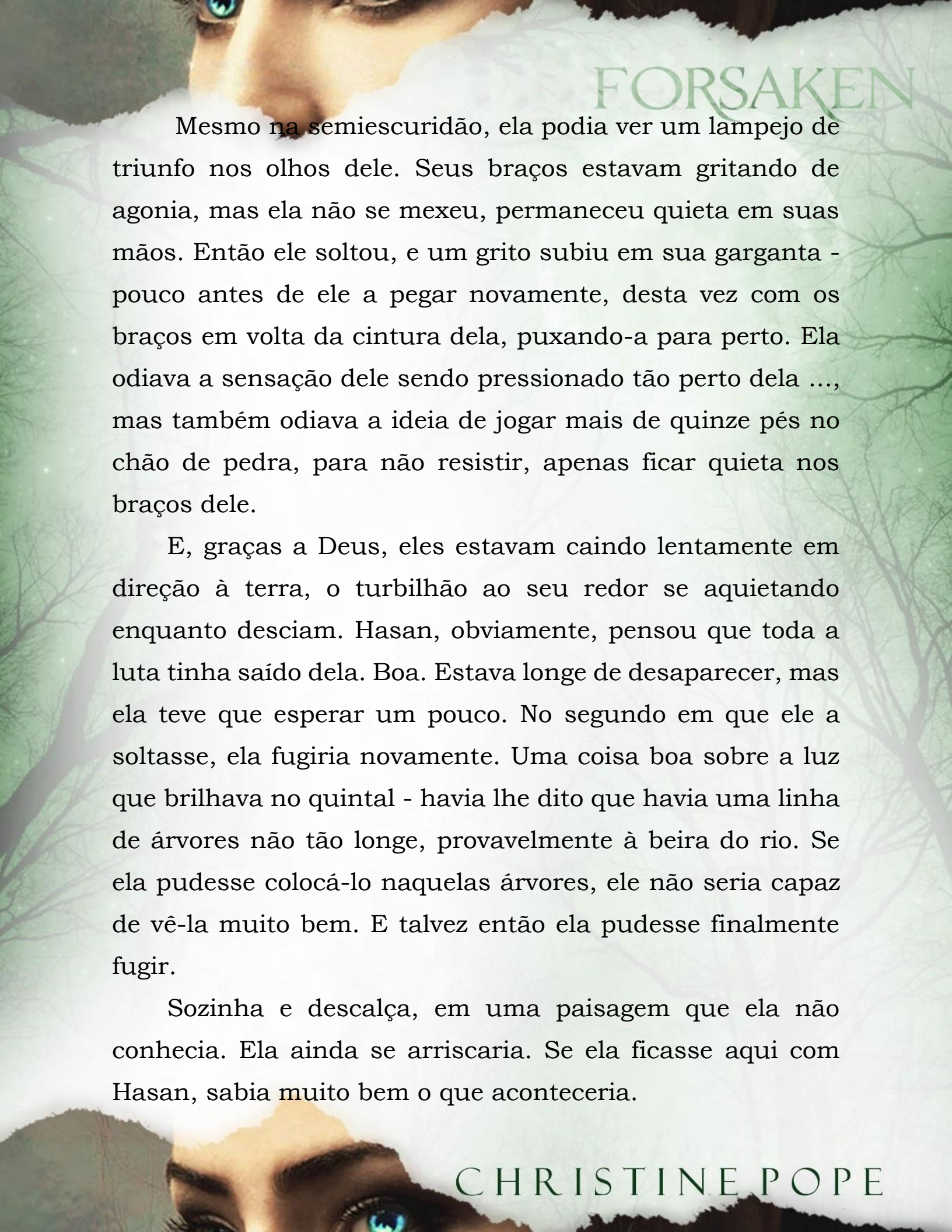
— Sim, — Hasan assobiou. — Veja bem, suponho que você possa tentar me ferir novamente, mas então eu posso te deixar. Receio que os corpos humanos moles geralmente não se saiam muito bem quando submetidos a esse tratamento.

Talvez seja melhor ter o pescoço quebrado por essa queda, em vez de ser submetido ao que o djinn planejou a seguir. Algo nela se rebelou por desistir tão facilmente, no entanto. Qadim ainda estava lá fora, certamente procurando por ela, e ela tinha que permanecer viva por ele, não importa o que acontecesse.

— Eu não vou, — disse ela.

— Você não vai o que?.

— Eu não vou tentar te machucar. Por favor, nos deixe lá, Hasan. — Ela hesitou, odiando parecer fraca, mesmo quando sabia que só estava fazendo isso para convencê-lo a pensar que ele a havia espancado. Mas então ela acrescentou: — Sinto muito. Por favor, tenho medo de altura.



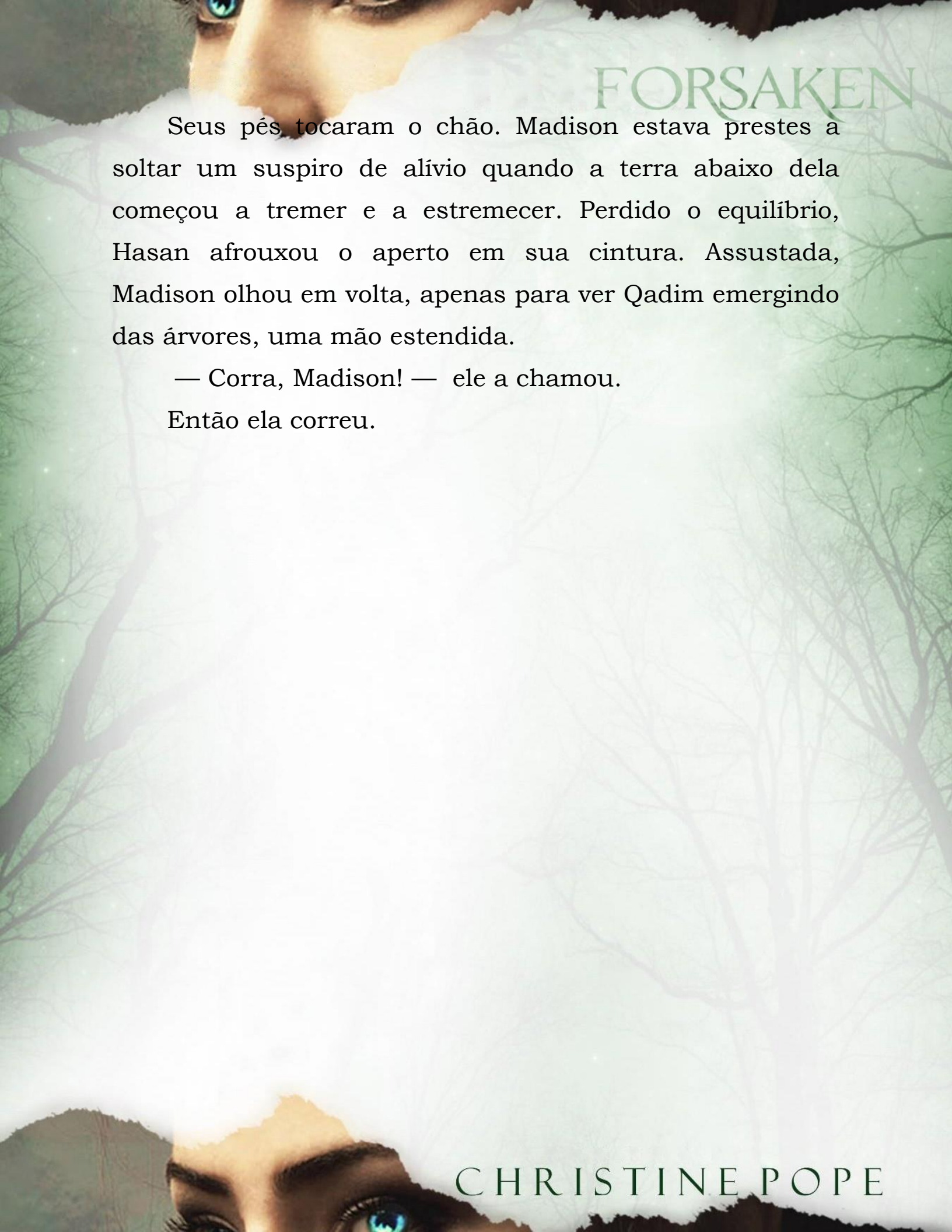
FORSAKEN

Mesmo na semiescuridão, ela podia ver um lampejo de triunfo nos olhos dele. Seus braços estavam gritando de agonia, mas ela não se mexeu, permaneceu quieta em suas mãos. Então ele soltou, e um grito subiu em sua garganta - pouco antes de ele a pegar novamente, desta vez com os braços em volta da cintura dela, puxando-a para perto. Ela odiava a sensação dele sendo pressionado tão perto dela ..., mas também odiava a ideia de jogar mais de quinze pés no chão de pedra, para não resistir, apenas ficar quieta nos braços dele.

E, graças a Deus, eles estavam caindo lentamente em direção à terra, o turbilhão ao seu redor se aquietando enquanto desciam. Hasan, obviamente, pensou que toda a luta tinha saído dela. Boa. Estava longe de desaparecer, mas ela teve que esperar um pouco. No segundo em que ele a soltasse, ela fugiria novamente. Uma coisa boa sobre a luz que brilhava no quintal - havia lhe dito que havia uma linha de árvores não tão longe, provavelmente à beira do rio. Se ela pudesse colocá-lo naquelas árvores, ele não seria capaz de vê-la muito bem. E talvez então ela pudesse finalmente fugir.

Sozinha e descalça, em uma paisagem que ela não conhecia. Ela ainda se arriscaria. Se ela ficasse aqui com Hasan, sabia muito bem o que aconteceria.

CHRISTINE POPE



FORSAKEN

Seus pés tocaram o chão. Madison estava prestes a soltar um suspiro de alívio quando a terra abaixo dela começou a tremer e a estremecer. Perdido o equilíbrio, Hasan afrouxou o aperto em sua cintura. Assustada, Madison olhou em volta, apenas para ver Qadim emergindo das árvores, uma mão estendida.

— Corra, Madison! — ele a chamou.

Então ela correu.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO DEZESSETE

Eles haviam se materializado em uma floresta de pinheiros, choupo e álamo. Diretamente atrás deles havia um pequeno rio ou um grande riacho; tagarelou na escuridão, correndo sobre uma cama de pedra lisa.

Ahmar apontou para a esquerda. — Dessa maneira.

— A que distância fica a casa? — Qadim perguntou.

— Perto. Menos de um quarto de milha. Eu não queria chegar muito perto da propriedade por medo de que Hasan pudesse nos ouvir. Ao lado do rio assim, o som da água mascara mais barulho.

Isso foi o que aconteceu. Qadim ficou realmente surpreso ao ver a que altura o rio corria, pois nas partes mais ao sul do estado, a chuva não caía há muitos dias. Mas ficou satisfeito ao ouvir a água passando, pois era como Ahmar havia dito - era difícil ouvir muito mais sobre o som que produzia.

— Por aqui, — disse o outro djinn, e Qadim o seguiu enquanto se moviam entre as árvores, folhas esmagando sob os pés. Mesmo na escuridão, Qadim podia ver como os choupos já haviam se transformado, onde em Albuquerque a folhagem ainda não havia começado a cair em suas roupas de outono.

De algum lugar à frente e à direita, ele ouviu um estranho uivo e ficou tenso. Ele próprio era um elemental da terra, e sua irmã era quem controlava as águas, e ainda assim Qadim sabia o que aquele barulho significava. Um elemento do ar havia levado os ventos a cumprir suas ordens, e isso raramente era um bom sinal.

Ele começou a pular para a frente, mas Ahmar estendeu a mão e o agarrou pelo braço. — Espere, — disse ele, sua voz um sussurro urgente. — Não serve para revelar o elemento surpresa. Estamos quase lá. Espere até ver o que realmente está acontecendo.

Palavras sábias, mas Qadim se irritou por ter que desacelerar. Madison poderia estar em algum lugar à frente, à mercê de Hasan, e se ele tivesse convocado os ventos, provavelmente isso significava que ele estava usando-os para controlá-la de alguma forma.

Qadim e Ahmar chegaram à beira do bosque bem a tempo de ver Hasan descansar no meio de um pátio aberto que consistia em ervas daninhas e pedras e não muito mais. Segurada firmemente em seus braços estava Madison.

Ela parecia não estar ferida, mas a raiva que despertou ao vê-la nos braços de Hasan não deixou muito espaço para alívio. Ignorando o súbito protesto de Ahmar, Qadim avançou, levantando a mão para poder elevar os poderes da

terra contra esse djinn que tinha a ousadia de tomar a única coisa que ele valorizava acima de tudo.

Hasan tropeçou quando o chão sob seus pés mudou. Madison olhou para a floresta, o rosto pálido e assustado na escuridão. A visão apenas aumentou a raiva de Qadim, mas ele manteve o controle suficiente para empurrá-la para que ela precisasse correr.

Ela não perdeu tempo com protestos, mas correu para frente, suas longas pernas a impulsionando em direção à onde ele e Ahmar esperavam. Ao mesmo tempo, Hasan recuperou o equilíbrio e se virou na direção dela.

Ao mesmo tempo, um vento surgiu, acariciando-a e puxando os cachos pesados de seus cabelos. Ela estremeceu, depois tropeçou - pela primeira vez, Qadim percebeu que estava descalça - mas ela não caiu e continuou em sua direção, ignorando o melhor que podia os ventos que a atacavam.

Ela era forte, mas Qadim sabia que não poderia aguentar por muito tempo contra o ataque de Hasan. — De joelhos! — ele gritou para ela. — Você precisará rastejar, meu amor!.

Seus olhos se arregalaram, mas ela fez o que ele disse, caindo imediatamente no chão e avançando de quatro. Ao mesmo tempo, ele enviou outro tremor pela terra, um que

ele garantiu que chegaria mais ou menos exatamente onde Hasan estava. O outro djinn cambaleou, xingando, e os ventos puxando os cabelos de Madison diminuíram um pouco. Ela não olhou para trás, mas continuou obstinadamente, como se soubesse que se deixar distrair só pioraria as coisas.

Então Hasan pareceu se recuperar e levantou os braços. Não para Qadim, mas para Madison.

Um diabo do pó surgiu na escuridão, rodeando-a. Ela parou, sufocada, quando o próprio ar foi arrancado de seus pulmões.

— Deixe-a sozinha! — Qadim atirou em Hasan. — Sua luta está comigo!

— Não, acho que não, — respondeu Hasan. Ele não parecia zangado. De fato, uma nota incongruente de risada ecoou em sua voz, como se ele estivesse se divertindo imensamente. — Pois minha luta sempre foi com esses humanos sem valor. Você é meu amigo, Qadim, ou pelo menos pensei que fosse.

— Nenhum amigo meu procuraria ferir a mulher que amo, — gritou Qadim, e o chão rugiu em resposta, tão violentamente que Hasan mais uma vez perdeu o equilíbrio, desta vez caindo de joelhos. Da casa atrás dele, ouviu-se um gemido e um estrondo baixo, como se as pedras caíssem.

Mas o vento ainda rodeava Madison, que mal podia ser vista através da coluna de poeira rodopiante. E então outro vento surgiu, desta vez sem tornado, mas uma rajada fria que parecia ter caído direto do topo das montanhas. Qadim olhou por cima do ombro e viu Ahmar parado ali, com o rosto calmo, mas concentrado enquanto trazia seus próprios poderes em auxílio de Madison, convocando um vento que rasgava a nuvem de poeira que a cercava e a dispersou em todas as direções.

Ainda tossindo, ela começou a avançar novamente. Perto, tão perto....

E então ela estava lá a seus pés, e os braços dele estavam ao seu redor, sentindo-a viva, mas tremendo violentamente.

— Leve-a, — disse Ahmar. — Vou segurá-lo enquanto você faz sua fuga.

— Ele é meu para lidar, — rosnou Qadim. Ahmar certamente não achava que ele escaparia e permitiria que outra pessoa controlasse o homem que quase matara Madison.

— Então volte e lide com ele mais tarde, depois que sua mulher estiver segura, — respondeu Ahmar. A transpiração apareceu em sua testa, evidência do esforço que ele estava

fazendo para manter os demônios de Hasan rodando na baía.

— Por favor, Qadim — - disse Madison, com a voz rouca. — Tire-me daqui.

Como ele pôde ignorar esse pedido? Ele olhou para o rosto pálido e tenso e assentiu. E então eles se foram deixando Hasan e Ahmar para trás.

Todos os ossos e músculos de seu corpo doíam. Madison sentou-se na cama na suíte de cobertura de Qadim e tentou não ofegar de dor enquanto ele passava os antissépticos nas solas rasgadas e machucadas de seus pés. Um kit de primeiros socorros estava aberto na mesa de cabeceira. Ela se perguntou onde ele havia conseguido, mas eles perceberam que o hotel teria que manter um em algum lugar, apenas para ministrar a qualquer incidente ou contusão relacionada ao local de trabalho.

— Como você sabia onde me encontrar? — ela perguntou.

Qadim olhou brevemente. A preocupação não deixou seus olhos escuros, mas ele deu um sorriso cansado. — Eu sabia que Hasan havia recebido o território ao redor de Chama. A tarefa de localizá-lo ainda exigiria muita pesquisa, se não fosse um dos Escolhidos em Santa Fe nascido nessa

área. Ela ajudou a adivinhar onde Hasan poderia estar morando, e então seu djinn me trouxe lá.

— Você foi para Santa Fe? — Por alguma razão, essa revelação a surpreendeu. Ela realmente não tinha bisbilhotado, sentindo que ele não queria discutir o assunto, mas teve a impressão de que Qadim não tinha muita utilidade para Santa Fé, ou para os djinn e seus Escolhidos que moravam lá.

— Sim, — ele disse brevemente. Para seu alívio, ele largou o antisséptico e o pano macio que estava segurando, depois colocou uma almofada na parte inferior do pé e começou a prendê-la no lugar. — É assim, fui o mais longe que pude para o norte, pensando que poderia encontrar um cavalo e seguir o resto do caminho até Chama.

— Teria que ser um cavalo muito grande, — comentou Madison, divertida apesar de tudo. Sua imaginação tinha acabado de colocar Qadim montado em desses cavalos de apresentações de grande porte e puro sangue, e ela não conseguia evitar que sua boca se curvasse.

— Verdade. Mas eu encontrei o irmão mais novo de Zahrias al-Harith em Pojoaque, e Danilar me convenceu de que seria melhor falar com Zahrias e lhe contar por que tinha tanto despejo de ir para o norte.

Madison assentiu. Ao mesmo tempo, ela teve que perguntar: — Mas por que eles te ajudariam? Você fez parecer como se não estivesse nos melhores termos.

— Não, nós não somos, mas Zahrias ou qualquer um de seu povo, na verdade, não podia ignorar a luz de uma mulher tomada por um djinn com assassinato em sua mente. Infelizmente, as façanhas de Hasan são bem conhecidas.

Um calafrio tomou conta dela. Reação atrasada, provavelmente, como a sala estava bastante quente, a mundos de distância do ar frio que cercava a casa em Chama. Ou talvez fosse apenas a lembrança do aperto duro de Hasan em seus braços, o toque contundente de seus lábios nos dela.

Talvez perturbado pelo silêncio dela, Qadim franziu o cenho, o olhar fixo no rosto dela. — Ele não fez....

— Não, — ela disse imediatamente. Ela não estava defendendo Hasan, Deus, não, mas ela não podia ter Qadim pensando que o pior havia acontecido. — Ele parecia mais repugnado por mim do que qualquer coisa. Humano nojento, e tudo isso. Mas ele fez.... — Um gole de ar, seguido por outro. Por que era tão difícil cuspir as palavras? Mas era apenas que ela estava fora agora e seguro, e Qadim estava com ela, e se ela lhe contou tudo, ele iria voltar e tentar

terminar o que tinha começado. Ela o amava, e não podia suportar o pensamento dele se colocando de volta em perigo dessa maneira. — Ele forçou um beijo em mim, não romântico. Apenas para me mostrar o que mais ele pretendia. Que ele estava no comando. —

Um longo, longo silêncio. Qadim estava sentado ao pé da cama, a posição que ele tomara para poder ministrar aos pés feridos dela, e não disse nada. Ele se sentiu tão longe, e Madison desejou que ele se mudasse, a procuraria para poder abraçá-la e dizer a ela que tudo ficaria bem. Seus olhos estavam encobertos, não encontrando os dela.

Então ele disse: — Eu o matarei.

— Qadim...

— Você imploraria por ele, quando ele a desonrou?.

— Isso não tem nada a ver com ele, — disse ela desesperadamente, desejando que ele ouvisse, para não recuar por trás das noções djinn de honra e retribuição. — Eu não quero que você o mate, porque eu não quero que você assume isso. Não vale a pena. Eu estou segura. Estou aqui. Deixe ir.

Carrancudo, Qadim levantou-se abruptamente da cama e foi para a janela. O que ele pensou que veria lá fora, ela não podia começar a adivinhar, já que estava preto como breu lá fora. — Que tipo de homem eu seria se deixasse as

coisas como estão? E o que faz você pensar que ele faria o mesmo? Nós dois temos negócios inacabados. Você deve perceber que não há nada para impedi-lo de vir aqui e tentar roubá-la novamente.

Essas palavras enviaram um calafrio a Madison. Ela nem sequer parou para contemplar essa possibilidade, pensando que, enquanto estivesse ao lado de Qadim, ela deveria estar segura. Mas os dois estavam trancados em um impasse, e foi apenas o outro djinn - Qadim disse a ela que seu nome era Ahmar - que conseguiu quebrar o impasse e permitiu que ela atingisse a segurança.

Ainda assim, ela teve que protestar, mesmo que não acreditasse inteiramente no que estava dizendo. — Eu não acho que ele fará isso. Por um lado, pretendo me manter colada ao seu lado. Espero que você não se importe. — Ela esperava que esse comentário o fizesse sorrir, mas ele só estava parado junto à janela como um deus sombrio e pensativo, sua expressão imutável. — E também, você teve um dos djinn de Santa Fe vindo ajudá-lo. Isso tem que dar a Hasan uma pausa também, já que ele não pode contar com isso não acontecer novamente.

— Isso não vai acontecer novamente, — disse Qadim, as palavras simples, não permitindo discussões. — Nós não somos aliados de forma alguma.

— Mas Hasan não sabe disso com certeza.

Outro silêncio. Qadim tocou as cortinas que emolduravam a janela, o tecido escuro e sedoso fluindo sob as pontas dos dedos. — Você continua discutindo comigo na esperança de que eu acabe cedendo?.

— Bem, talvez, — ela respondeu, depois inclinou a cabeça para ele. — Está funcionando?.

Por fim, ele sorriu, mas era cansado, mal erguendo os cantos da boca. Mas ele se afastou da janela e sentou-se ao lado dela na cama. A mudança do colchão abalou todos os músculos abusados de Madison, embora ela não se importasse muito. Muito mais importante que Qadim estava aqui agora ao lado dela, sua presença era um conforto, mesmo que as coisas que ele acabara de dizer certamente não fossem. Ela estendeu a mão e ele a pegou. Tão quente, tão forte. Ela nunca foi do tipo que pensava que precisava de um homem por perto, ou de alguém para completá-la, mas naquele momento ela não pôde deixar de pensar que era muito bom tê-lo lá, tão sólido, tão real.

— Você está cansada, — disse ele. — Isso não é nada que precise ser resolvido hoje à noite. Me diga o que você quer.

— Você, — disse ela, e as sobrancelhas dele se ergueram, como se surpreendido que ela tivesse energia

para esse tipo de coisa. — Não sexo, — ela alterou. — Eu só quero você aqui perto de mim. Quero encostar a cabeça em você e quero que me abrace se eu acordar no meio da noite.

— Claro. Eu estarei aqui por você, minha querida.

Ele se inclinou e deu um beijo na bochecha dela, muito gentilmente, depois a ajudou a deslizar para baixo das cobertas. Quando a trouxe de volta ao hotel, ele conseguiu coisas limpas para ela - uma blusa de alças e calças de ioga estilo capri - e pegou um pano úmido do banheiro e limpou a poeira e a sujeira do rosto. Então ela estava pronta o suficiente para ir para a cama, mesmo que ele não estivesse. Ela viu quando ele se levantou e tirou o jeans e a camiseta, depois se juntou a ela debaixo das cobertas, vestindo apenas sua cueca boxer.

Em qualquer outro momento, a visão teria sido suficiente para fazer seu sangue acelerar. Mas ela disse a verdade. Ela estava exausta demais para sequer pensar em sexo. Tudo o que ela queria era deitar a cabeça no peito dele e fazer com que aqueles músculos maravilhosos dele proporcionassem um travesseiro muito melhor do que qualquer coisa que o hotel pudesse oferecer. O braço dele a envolveu, pesado e reconfortante.

Ela fechou os olhos e caiu em um sono profundo e sem sonhos.

Madison dormiu. Qadim desejou poder fazer o mesmo, mas, apesar do cansaço que invadira seus membros, não sabia se poderia abandonar-se ao esquecimento. Não enquanto Hasan ainda estava lá fora. Qadim sabia que Ahmar não teria ficado para ver aquela batalha em particular até o fim - ele tinha seu próprio escolhido para se preocupar e, ao lado disso, essa não era a luta dele. Ele havia fornecido apenas um desvio necessário, nada mais. Ele teria partido assim que tivesse certeza de que Qadim e Madison haviam escapado em segurança.

Se Hasan ousaria vir aqui... Qadim não tinha certeza disso. Algo na mente de seu amigo havia se desequilibrado, o que parecia bastante claro, mas ele ainda podia possuir instintos suficientes de autopreservação para decidir que essa luta não valia o esforço. Por outro lado, ele havia dedicado uma quantidade significativa de energia para garantir que todo pecado mortal que encontrasse fosse varrido da face da terra. O fato de ele não ter feito a mesma coisa com Madison era profundamente perturbador. É claro que Qadim ficou aliviado por ter escapado relativamente incólume, mas esse alívio contaria um pouco se isso

significasse que Hasan faria disso o trabalho de sua vida para garantir que ela também não sobrevivesse no final.

Não enquanto eu vivo e respiro, Qadim pensou então, tocando seus cachos atados - mas gentilmente, para que ela não acordasse. Esse instinto ferozmente protetor o surpreendeu, pois ele nunca o experimentara antes. Era apenas que Madison era um mortal e, portanto, não possuía os tipos de poderes que ajudariam a mantê-la segura? E, no entanto, de alguma maneira, ela havia sobrevivido sendo prisioneira de um djinn zangado e vingativo, conseguiu escapar dele, mesmo que por apenas alguns breves momentos. Ainda assim, essa foi uma conquista que muitos humanos não poderiam reivindicar como sua.

Ou talvez porque ele nunca amou nenhuma dessas mulheres de seu passado, e agora sabia que amava Madison, amava o som da voz dela e a maneira como ela erguia uma sobancelha para ele quando ele dizia algo particularmente ultrajante. Adorava o talento naquelas mãos finas e de dedos longos, amava a maneira como seus cabelos se espalhavam no travesseiro enquanto ela dormia. Adorei a longa cicatriz em seu braço, onde ela disse a ele que havia quebrado um osso quando criança.

Ele nunca havia entendido o amor antes. Atração, sim, a dança delicada que levou duas pessoas à órbita uma da

outra, culminando em um tipo de dança completamente diferente, geralmente horizontal. Mas ele sempre se cansara dessas mulheres, ou delas, e se separavam com poucos arrependimentos de ambos os lados. Ele viu amigos entrando em casos apaixonados que resultaram em compromissos seculares, e ainda assim esses quadris de relações nunca duraram o tempo todo. De fato, ele começou a pensar que o amor deveria ser uma construção da humanidade, algo que eles haviam inventado para dar sentido às suas vidas muito curtas.

Ele sabia melhor agora.

E ele sabia o que deveria fazer. Ele só temia não ter coragem de dar o passo final.

— Madison.

Ela abriu os olhos e viu Qadim olhando para o rosto dela. Que horas eram? O local tinha a escuridão peculiar e indistinta de um quarto de hotel com as cortinas opacas fechadas, então ela realmente não podia adivinhar a hora do dia. — É de manhã?.

— Sim, minha querida. Bem tarde da manhã e temos visitantes.

Esse anúncio a fez sentar-se ereta, o coração começando a bater forte. — Não.

— Não, — ele disse imediatamente. — Não Hasan.

Uma delegação de Santa Fe.

— O que eles estão fazendo aqui?

Suponho que é isso que eles desejam nos dizer. Eu os informei que você ainda estava na cama, mas eles disseram que esperariam.

Esse comentário soou ameaçador. Mas ela sabia que escavar debaixo das cobertas e tentar dormir não era uma opção. — Eu preciso tomar banho, e meu cabelo é um desastre.

Ele sorriu. — Madison, você nunca poderia ser um desastre. Mas eu entendo como você pode querer se sentir um pouco mais renovada, por assim dizer. Oferecerei a eles algo para beber e nesse meio tempo você pode se preparar. Apenas desça ao saguão quando estiver pronta.

Então ele se inclinou e a beijou na bochecha, e saiu da suíte. Madison saiu de debaixo das cobertas e se levantou, soltando um assobio de dor quando todo o seu peso bateu nos pés machucados. Eles curariam eventualmente, ela sabia, andar não seria muito divertido. Graças a Deus aquelas sandálias de joias pequenas que Qadim havia comprado para ela eram tão leves e abertas. Ela pensou que deveria poder colocá-los sobre as ataduras.

Ele trouxe as coisas dela - produtos de higiene pessoal, uma muda de roupa, roupas íntimas limpas. Incrível o quão pensativo ele poderia ser. Era uma vez, — atencioso — provavelmente era o último adjetivo que ela já aplicaria a um djinn. Ela sabia melhor agora, no entanto.

Depois de tirar as ataduras e deitá-las no lixo, ela tirou as roupas e entrou no chuveiro, deleitando-se com a sensação da água quente batendo nela. Se ao menos ela pudesse ficar lá por horas e horas. Mas ela sabia que as pessoas estavam esperando por ela, então ela correu lavando os cabelos e ensaboando o resíduo de seu encontro com Hasan al-Abyad. Quando saiu do banho, sentiu-se muito melhor, ainda que não completamente.

Temia que isso exigisse muito mais do que um banho de dez minutos.

Ataduras frescas para os pés machucados, depois a maquiagem mais rápida do mundo, com hidratante rapidamente seguido de rímel e brilho. Tudo o que ela podia fazer com o cabelo era secá-lo com uma plegada de sua vida útil e, em seguida, esfregar um pouco de soro anti-frizz nele.

Qadim também pegou um jeans limpo e uma camiseta de manga comprida para ela. Madison hesitou sobre a pilha de roupas novas, depois balançou a cabeça e foi até o armário, esperando que ele tivesse pensado em trazer

algumas das roupas estilo djinn também. Com certeza, várias peças penduradas no armário, então ela escolheu uma túnica e calça de seda verde-escura com bordados em ouro pálido e as vestiu. Havia também um par de sandálias douradas no chão do armário. Agarrou-os e foi até uma cadeira para poder cuidadosamente colocá-los sobre as gazes nas solas dos pés.

O ouro brilhava na mesa de cabeceira. Madison não se lembrava de tê-los visto antes, mas, quando olhou mais de perto, percebeu que o brilho dourado vinha de um par de brincos e um conjunto de pulseiras de punho. Ela deslizou todos eles, em seguida, deram-se um último olhar no espelho. Considerando tudo o que ela passou no dia anterior, ela não parecia tão ruim.

Como seus pés doíam tanto, seu progresso no corredor não foi tão rápido quanto ela gostaria. E o pensamento de todos aqueles lances de escada....

Mas Qadim tinha pena dela, porque quando chegou ao fim do corredor, viu que a porta do elevador estava aberta. Eles não usavam muito o elevador no passado, e ela agradeceu em silêncio por ele ter se lembrado de enviá-lo agora.

Madison entrou no elevador e apertou o botão do térreo. O elevador desceu devagar e sem problemas, fazendo-a

quase esquecer que atualmente era alimentado por energia djinn e nada mais.

O som de vozes a recebeu quando as portas do elevador se abriram. Ela estava tão acostumada a ouvir apenas uma pessoa falar de cada vez que, por um segundo, hesitou, um pouco sobrecarregada pelo barulho.

Então Qadim correu para ela, suas vestes ondulando enquanto ele se aproximava. Ele estendeu a mão. — Madison, minha querida. É muito difícil andar?.

— Eu posso gerenciar, — disse ela.

— Então deixe-me apresentá-lo aos nossos convidados.

Ela assentiu e fez o possível para sorrir, embora o pensamento de ter que encontrar um grupo de djinn desconhecidos logo após o confronto com Hasan fosse assustador.

Havia quatro deles - mas eles não eram todos djinn. O homem sombrio e bonito, com os cabelos arrancados de um rosto de ossatura orgulhosa ... ele era obviamente djinn, assim como a mulher exoticamente bonita, com uma queda de cabelos negros e olhos grandes e verdes circulando em kohl. No entanto, o homem hispânico que estava ao lado dela, apesar de lindo como uma estrela de cinema, era claramente humano, assim como a loira que olhou para

cima e sorriu quando Madison e Qadim se aproximaram do grupo.

Algo nela parecia familiar para Madison, embora ela não conseguisse pensar em como isso seria possível. Ela nem se lembrava de conhecê-la, mas...

— Madison, — disse Qadim, — este é Zahrias al-Harith, líder da comunidade de djinn de Santa Fe e sua Escolhida, Julia Innes. E este é Miguel Cervantes, seu curandeiro, e seu parceiro, Aliyah. Quando souberam de como você foi ferida pensaram que você poderia usar alguma ajuda.

— Hum... obrigada — - respondeu Madison, surpresa, tanto pela oferta quanto pela percepção de que ela já ouvira o nome da mulher antes. Julia Innes, que Qadim esperava ter sido dele. Madison forçou isso, dizendo a si mesma que ele havia seguido em frente.

De qualquer forma, ela não podia negar que seus pés doíam como uma cadela, e esperava que não tivesse conseguido nada desagradável em nenhum desses cortes, mas...

— Está tudo bem, — disse Miguel com um sorriso brilhante e piscante. Claramente, os djinn haviam se assegurado de que seus Escolhidos fossem tão bonitos quanto eles. — Eu tenho treinamento EMT. Eu só quero

verificar e garantir que tudo foi limpo corretamente. Quando foi sua última anti tetânica?.

— Dois anos atrás, — respondeu ela, pensando em quão incômoda essa troca havia sido. Ela poderia muito bem estar em seu centro de atendimento de urgência local.

— Talvez se você se sentasse em uma daquelas cadeiras ali? — Julia sugeriu. Sua voz era baixa e doce.

Mais uma vez, Madison teve a sensação de que já a vira em algum lugar antes, mas, embora tenha buscado no cérebro, não conseguiu encontrar uma explicação provável. Talvez fosse só o fato de Qadim ter falado dela, nada mais. Então Madison apenas acenou com a cabeça e mancou até uma das cadeiras do saguão, enquanto Miguel se sentou na mesa em frente a ela, evitando cuidadosamente vários copos de água que haviam sido colocados lá - para os convidados de Qadim, ela supunha. Pela primeira vez, ela notou que ele tinha uma bolsa de couro preto encostada na mesa.

— Preparado, entendo, — ela disse.

— Achei que não doeria. Mas receio que isso provavelmente aconteça.

— Está tudo bem, — ela disse a ele. — Prefiro doer agora do que piorar depois.

Miguel levantou um dos pés e muito gentilmente tirou a sandália que ela usava. As bandagens seguiram, enquanto

Madison fez o possível para não ranger os dentes. Enquanto ele trabalhava, limpando a área com algum tipo de líquido antisséptico de alta potência, ela se concentrou na conversa que os dois djinn e Julia Innes estavam tendo com Qadim.

. — .. nenhum sinal dele? — Zahrias perguntou.

— Não, — respondeu Qadim. — Está quieto aqui.

— Bem, isso é alguma coisa, — disse Julia. — Não é?.

Os ombros de Zahrias se levantaram um pouco. — Possivelmente. Ou talvez ele esteja apenas lambendo suas feridas e planejando seu próximo ataque.

— É disso que eu temo, — disse Qadim. Sua voz era baixa, mas Madison ainda podia entender cada palavra. — Eu fiz o meu melhor para defender este lugar contra ele, mas esse tipo de coisa não é o meu talento.

— É por isso que pensei que deveria vir, — disse a djinn, falando pela primeira vez. — Hasan é meu primo, e se alguém do seu sangue puxar seguranças, será muito mais eficaz.

Madison tentou não se assustar com a revelação. Então essa mulher era parente de Hasan, mas ainda funcionária contra ele?

Nenhum dos outros pareceu particularmente surpreso com sua declaração, embora Qadim tenha sorrido antes de dizer: — Isso seria muito apreciado, Aliyah.

A djinn assentiu e seguiu na direção das portas da frente. Apreciado? Provavelmente, embora Madison não tivesse nenhuma ideia real do que isso significava.

— Outro pé, — disse Miguel, e mais uma vez ela se assustou.

— O que?.

— Eu terminei com este, — disse ele com outro daqueles sorrisos de dentes brancos. — Hora de seguir em frente.

— Oh, certo. — Madison abaixou o pé direito e ofereceu a esquerda. Quando seu pé enfaixado tocou o chão, ela não estremeceu tanto quanto antes. Talvez as ataduras que ele usava fossem mais grossas e suaves do que as que vieram do kit de primeiros socorros do hotel.

Ela perdeu parte da conversa anterior durante esse intervalo; enquanto ela esforçava os ouvidos para ouvir o que eles estavam dizendo, parecia que Zahrias estava dizendo a Qadim que ele deveria levar Madison com ele para ficar em Santa Fé.

— Não, eu não vou me esconder, — disse Qadim.

— Eu não chamaria exatamente isso de esconder... —

Julia começou, mas ele balançou a cabeça.

— Esse é o meu território. Isso é meu. Eu não vou deixar isso.

Ela lançou um olhar desamparado para Zahrias, cuja boca endureceu. — A decisão é dele, Julia, — disse ele. — Não podemos forçá-lo.

Naquele momento, Madison quase desejou que pudessem. Não era hora de ser teimoso, não quando Hasan poderia aparecer à sua porta a qualquer momento. Mas parecia óbvio que Zahrias não desejava que Qadim fizesse algo que obviamente não desejava.

— Tudo bem, — disse Miguel então. — Você está consertada. Isso parece melhor?.

Cautelosamente, Madison se levantou. Sim, os cortes e contusões ainda doíam, mas a dor foi silenciada. Ela seria capaz de andar sem andar como uma velha. — Muito melhor. Obrigado.

— Sem problemas. — Ele procurou na bolsa de médico e pegou um frasco de plástico. — Você também deve pegá-las apenas para garantir que nada ocorra.

Ela olhou para o rótulo na garrafa. Amoxicilina, com receita prescrita para alguém chamado Lita Juarez. Miguel

deve ter encontrado em uma das farmácias de Santa Fe. Uma receita cheia para alguém que nunca iria buscá-la.

Nesse momento, a garganta de Madison estava um pouco tensa. Ela lidou com o rescaldo do Heat tentando não pensar muito sobre isso, mas de vez em quando ainda se infiltrava nela, como agora.

— Obrigado, Miguel, — disse ela, forçando as palavras além do caroço que parecia estar bloqueando suas cordas vocais. — Eu realmente agradeço.

— Que bom que eu pude ajudar. — Ele fechou a bolsa do médico.

Aparentemente, Qadim ouviu, porque olhou para eles e imediatamente foi para Madison, oferecendo uma mão firme sob um cotovelo. — Tudo melhor?.

— Sim, Qadim, acho que sim. — Ela olhou para Zahrias e a mulher que estava ao lado dele, e de repente ele se encaixou. Aquele momento terrível, apenas quatro ou cinco dias depois que o Heat reivindicou seu pai, quando Madison se escondeu em um beco e viu aquele pequeno grupo de sobreviventes passar. Julia Innes era a mulher que tinha visto naquele dia. — Você estava com eles! — ela exclamou, e as sobrancelhas de Julia se ergueram quando ela olhou para Madison, claramente assustada.

— Desculpe?

— Sinto muito, — disse Madison, ciente de que todos os presentes estavam olhando para ela. Mas a mão de Qadim em seu cotovelo era forte e tranquilizadora, então ela respirou e continuou: — Venho tentando colocá-la desde que entrei no saguão. Acabei de me lembrar de onde vi você - foi aqui em Albuquerque, nem uma semana depois do calor. Você estava com um grupo de sobreviventes e parecia que todos estavam caminhando para o norte.

— Você... você nos viu? — A voz de Julia era incrédula, não que Madison pudesse culpá-la. — Mas se você estava lá, por que não nos chamou? Você não ficou feliz em ver outros sobreviventes?.

— Eu fiquei — Madison hesitou, imaginando como poderia explicar sua decisão sem parecer uma completa idiota. — Mas... aquele homem que estava levando você. Eu sei que parece loucura, mas eu só tenho uma vibe muito ruim dele. Então decidi continuar me escondendo e não dizer nada.

A expressão de Julia ficou desolada então, e seus lábios carnudos se apertaram. — Bem, isso provavelmente foi sábio de sua parte. Richard Margolis não era um bom homem.

— 'Margolis'? — Madison repetiu, depois olhou para Qadim, cujo rosto estava cuidadosamente preto. — Então o

homem que vi em Albuquerque foi o capitão Margolis que você matou?.

Ninguém pareceu surpreso com sua pergunta. Então eles já sabiam a verdade sobre o que havia ocorrido entre Qadim e Margolis.

— Sim, — disse Qadim. Por alguma razão, seu olhar se voltou para Julia antes de retornar a Madison. — Como eu disse, há poucos que lamentam ele.

Havia uma tensão silenciosa no pequeno grupo, um que Madison sabia que deveria deixar sozinha por enquanto. Ela teria perguntas para Qadim mais tarde, mas isso poderia esperar.

— Mas pelo menos vocês todos saíram em segurança de Albuquerque, — disse ela.

— Sim, nós fizemos, — disse Julia. — Ficamos em Los Alamos por algum tempo, mas agora estou em Santa Fé permanentemente. — E ela olhou para Zahrias, um olhar gentil quando um sorriso curvou sua boca.

Madison conhecia esse olhar, porque o usara no rosto mais do que algumas vezes. Só que ela nunca teve a mesma expressão de pertencer, de saber exatamente onde ela se encaixava. Como poderia, quando não tinha ideia de quais poderiam ser os planos de longo prazo de Qadim para ela? Ele havia gritado na noite anterior que ela era a mulher que

ele amava, mas ela ainda não tinha certeza do que isso significava para ele.

— E é aí que devemos voltar, — Zahrias acrescentou. Enquanto ele falava, Aliyah reapareceu, dessa vez entrando pela porta lateral do saguão, a que se abria na rua Copper. Ela deu um leve aceno de cabeça enquanto se aproximava de Miguel, passando o braço pelo que não estava carregando a bolsa do médico.

— Agradeço a ajuda que você deu a Madison, — disse Qadim formalmente.

— Viemos ajudar, — disse Miguel.

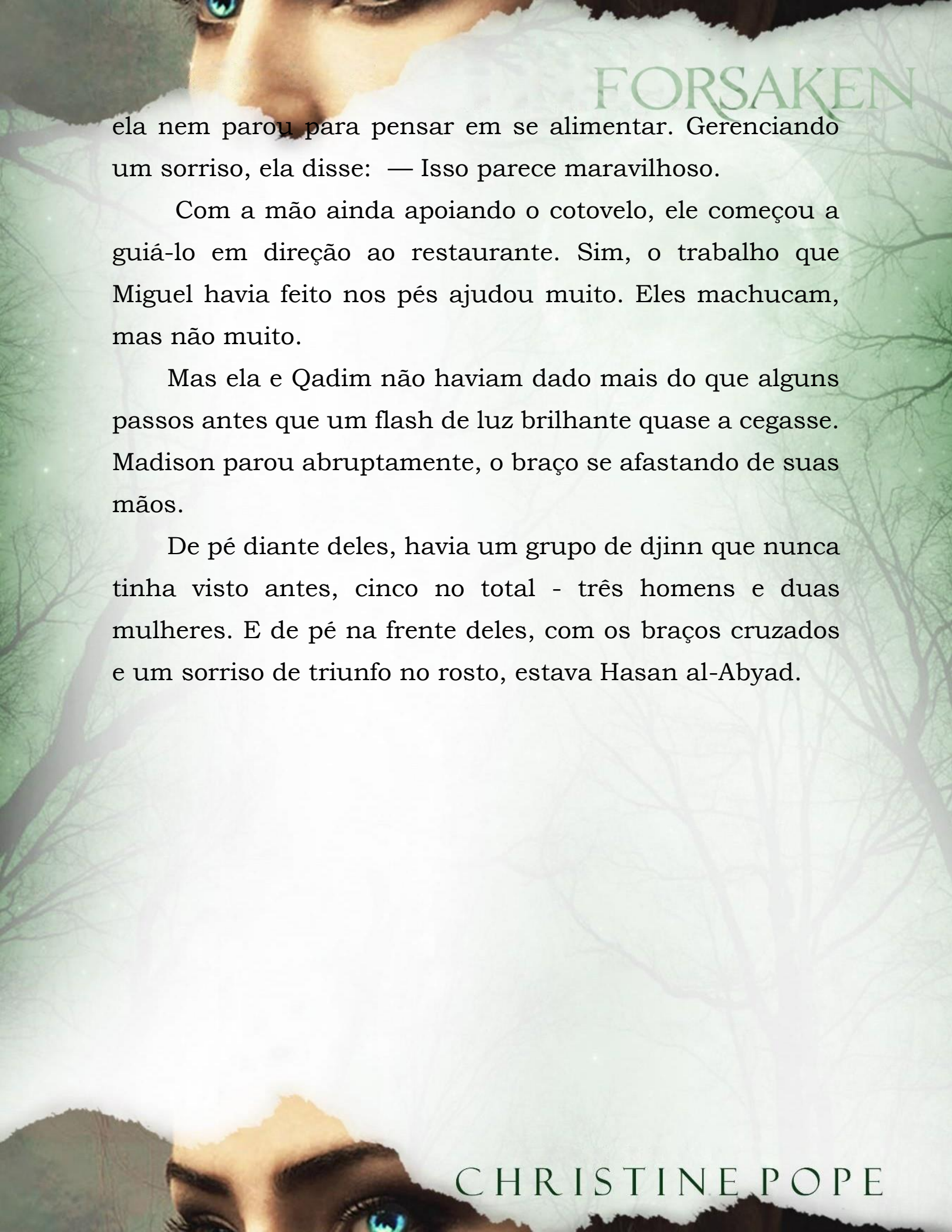
Eles se despediram e, no momento seguinte, o grupo piscou para fora do saguão, deixando Madison e Qadim sozinhos.

— Café da manhã? — ele disse.

— O que? — Seus pensamentos ainda estavam longe. Talvez até Santa Fe. Como o djinn sabia encontrá-los aqui? É verdade que a Andaluz era bem visível agora que todos os prédios ao redor haviam sido demolidos, mas....

— Eu pensei que você poderia gostar de algo para comer.

Ela supôs que sim. Na noite anterior, ela tinha tomado alguns pedaços de queijo e pão que Hasan havia lhe dado, e nada mais. As coisas mudaram tão rapidamente depois que



FORSAKEN

ela nem parou para pensar em se alimentar. Gerenciando um sorriso, ela disse: — Isso parece maravilhoso.

Com a mão ainda apoiando o cotovelo, ele começou a guiá-lo em direção ao restaurante. Sim, o trabalho que Miguel havia feito nos pés ajudou muito. Eles machucam, mas não muito.

Mas ela e Qadim não haviam dado mais do que alguns passos antes que um flash de luz brilhante quase a cegasse. Madison parou abruptamente, o braço se afastando de suas mãos.

De pé diante deles, havia um grupo de djinn que nunca tinha visto antes, cinco no total - três homens e duas mulheres. E de pé na frente deles, com os braços cruzados e um sorriso de triunfo no rosto, estava Hasan al-Abyad.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO DEZOITO

O corpo inteiro de Qadim ficou rígido. Os anciãos, aqui? E em companhia de Hasan al-Abyad?

Ao lado dele, Madison ainda estava bem, claramente insegura sobre o que ela deveria fazer a seguir.

Não faça nada, ele pensou, sabendo que ela não podia ouvi-lo, mas, ao mesmo tempo, sorrindo, ela seria capaz de ler algo de sua expressão. *Pois devo lidar com isso*.

Punhos atados nas dobras de sua túnica, ele deu um passo à frente. Ele sabia que devia pelo menos prestar atenção aos costumes, uma situação como esta exigia, e então ele se curvou da cintura, depois se endireitou e disse: — Anciãos, você me honra por sua presença. — *Mas não posso dizer o mesmo por você, Hasan*.

— De fato, — disse Ibram, o mais velho dos mais velhos. Sua voz era mais seca que o deserto que cercava esta cidade. — Acredito que você não se sinta tão honrado, mas isso não importa. Hasan al-Abyad tem uma queixa a debater com você, e estamos aqui para julgar.

O olhar de Qadim piscou em direção a Hasan antes de retornar a Ibram. Pela luz profana dançando nos olhos azuis de Hasan, Qadim achou claro o suficiente que os outros djinn acreditavam que ele era a parte prejudicada aqui. —

Uma queixa? — ele disse, certificando-se de que seus tons fossem de inocência ferida. — Eu não consigo pensar o porquê.

Com esse comentário obviamente falso, Hasan avançou alguns passos, com os lábios rindo. — Oh, você não pode pensar por que, Qadim? Bem, permita-me refrescar sua memória, pois parece ter falhado com você. Eu estava bem dentro do meu direito de pegar esta mulher e fazer com ela o que quisesse, pois você não tem direito a ela. Ela é humana e, portanto, presa.

— Ela está sob minha proteção. — Qadim começou com raiva. Ao lado dele, Madison fez um movimento breve e abortado, como se pretendesse dizer alguma coisa e depois percebeu que estava claramente fora de si. Sim, eles poderiam estar discutindo sobre seu destino, mas porque ela era apenas um mortal, ela realmente não tinha voz aqui.

Ashtar, o mais velho com a queda de cabelos ruivos e ricos em cobre, levantou a mão. — Ela é sua escolhida?.

Confie em Ashtar para chegar ao cerne da questão. Mais de uma vez no passado, Qadim se perguntou como seria a cama dela, pois ela possuía uma mistura de poder e humor irônico que ele considerava envolvente, e ela era muito bonita, mas ele nunca se atreveu a abordá-la dessa maneira... Agora, ele só podia estar aliviado por não ter

dormindo com ela. Isso já ia ser bastante difícil sem esse tipo de complicação.

— Não, ela não é, — disse ele. — Mas isso não deveria importar. Eu a encontrei e a levei. Ela é minha mulher. Hasan não tem direito a ela.

Madison murmurou algo baixinho, mas Qadim não conseguiu entender o que era, só que a frase parecia conter a palavra — homem das cavernas.

Ele não era um homem das cavernas. Ele não podia esperar que ela entendesse alguns aspectos do mundo dele, assim como os aspectos daquele que ela havia habitado ainda o ignoravam.

— E você também não tem direito, — disse Hasan, o desdém de volta em sua voz. Ele se virou para os mais velhos, toda a sua postura de inocência ferida. — Não foi acordado que apenas os Escolhidos deveriam ser protegidos?.

— Isso é verdade, — disse Ibram. Sem ela, sua expressão e seu tom não indicavam se ele achava isso justo ou não. Ele estava apenas declarando um fato simples.

Um que Qadim sabia que deveria ser subvertido de alguma forma. Pois sim, era verdade que apenas aqueles humanos que haviam sido selecionados por seus djinn para passar a eternidade com eles estavam seguros. Todo o resto

da humanidade era um jogo justo. Isso foi o que havia sido acordado durante os séculos de planejamento e disputa que levaram o Heat a ser desencadeado em uma população inocente. Na verdade, foi ele quem dobrou essas regras quase que violando ao abrigar Madison.

— E, portanto, também é verdade que Qadim subverteu esses acordos e violou nossas leis, oferecendo proteção a essa mulher. — Os olhos de Hasan tinham um brilho malicioso, como se ele soubesse que estava apoiando seu adversário em um canto.

Qadim olhou para Ashtar. Ela estava assistindo os procedimentos com o tipo de interesse leve que um humano poderia ter demonstrado em uma partida esportiva cujo resultado ele pouco se importava. Essa era realmente a opinião dela, ou ela estava apenas protegendo seus sentimentos, pois sabia que devia ser imparcial?

— Eu argumentaria que essa lei não existe, — disse ele. — Sim, foram feitos acordos, mas um acordo não é uma lei. Ou estou interpretando mal o que foi acordado?.

Um silêncio. Ibram olhou de volta para os outros anciãos, Nathal, Imara e Abdael, que geralmente se contentavam em assistir e esperar para pesar depois que todo mundo falava o seu pedaço. Seus rostos também eram impassíveis, não revelando nada de seus pensamentos.

Foi Ashtar quem falou em seguida. — Muitos diriam que algo acordado por todo o nosso povo é tão obrigatório quanto a lei, mesmo que não tenha sido escrito como tal. Portanto, esse é um fio semântico que não permitiremos que você se divida, Qadim al-Syan.

Droga. Ele arriscou um breve olhar para Madison, viu o contorno puro de seu perfil, a maneira como sua garganta se movia enquanto ela engolia. Ela estava assustada, ele sabia, mas, embora seu rosto estivesse pálido, ela permaneceu imóvel, com o queixo erguido e os olhos fixos para a frente. Naquele momento, ele nunca a considerara mais bonita.

Ele deve fazer o que puder para salvá-la.

— Muito bem, — disse ele. — Mas também não foi acordado que, uma vez que este mundo fosse nosso e nossos territórios particulares concedidos a cada um de nós, deveríamos manter o domínio exclusivo sobre essa terra e tudo o que nela existe?.

Os olhos verdes de Ashtar se estreitaram. Ela lançou um olhar de soslaio na direção de Ibram, e ele deu um leve aceno de cabeça. — Sim, — ela disse lentamente. — Isso também fazia parte do acordo.

O alívio queria inundá-lo, mas Qadim não se permitiria ter muita satisfação com aquela pequena vitória. Ele ainda

— tinha um longo caminho a percorrer. — Então, se isso for verdade, eu diria que esta terra é minha. Tudo nele é meu. Incluindo Madison Reynolds, pois a encontrei aqui, não foi?.

— Isso é ridículo, — Hasan protestou. — Ela é humana, não um colar, uma pintura ou uma barra de ouro.

Mais uma vez os anciãos ficaram em silêncio. Por algum tempo, Qadim suspeitava que eles falavam junto com suas mentes, da maneira que supostamente os djinn e seus Escolhidos podiam, mas ele nunca esteve na presença deles por tempo suficiente para fazer um palpite. Agora, porém, pela maneira como seus olhos se lançavam um contra o outro, e pela maneira como suas bocas se moviam levemente de vez em quando, ele tinha quase certeza de que era isso que eles estavam fazendo.

Ele daria muito para saber o que eles diziam um ao outro agora.

Durante aquela pausa desconfortável, Hasan permaneceu com os braços cruzados, o olhar ganancioso fixado em Madison. Ela tinha que saber que ele estava olhando para ela, e mesmo assim ela nunca se mexeu, nunca lhe deu a satisfação de reconhecer sua presença. E Qadim desejou que os anciãos não estivessem lá, para que ele pudesse alcançar seu poder e sacudir a terra, para que Hasan pudesse tropeçar e cair. Apenas um momento pego

de surpresa, e então Qadim teria as mãos em volta da garganta de seu ex-amigo. Ele nem se importava em danificar esse prédio que se tornara sua casa, se isso significasse que a ameaça de Hasan poderia ser removida para sempre.

Por fim, Ibram e Ashtar trocaram um aceno de cabeça. Naquele instante em que seus olhos estavam trancados, Qadim percebeu que nunca teria conseguido pressionar o termo com a bela anciã, pois o coração dela já havia sido dado.

— Qadim al-Syan, — ela disse, — você apresenta um argumento interessante. Pois é verdade que a cada um de nós foi prometida nossa própria terra, e essas doações incluíam tudo o que essas terras continham.

— Bem, então... — ele começou, mas não avançou, pois ela balançou a cabeça em tons de cobre para ele.

— Eu não tinha terminado, Qadim. — Seu tom era suave o suficiente, mas ele percebeu que ela não apreciaria mais nenhuma interrupção.

Pela primeira vez, Madison se mudou. Apenas para mudar seu peso de um pé para o outro, mas ele podia ver um certo aperto em sua boca. Todo esse tempo em pé deve estar doendo, desfazendo o trabalho que Miguel, o curandeiro de Santa Fé, havia feito.

— Antes de prosseguir, eu pediria que Madison pudesse se sentar. Ela ficou ferida ontem à noite e seus pés estão doendo.

— Estou bem, Qadim — Madison murmurou, mas ele não respondeu, apenas manteve o olhar fixo em Ashtar.

— Sinto muito por isso, — disse Ashtar. Ela acenou com a mão e uma das cadeiras da área de conversação levantou do chão e flutuou no ar antes de se estabelecer diretamente atrás de Madison. — Você pode se sentar.

— Eu não...

— Sentar.

Aparentemente assustada com o aço na voz de Ashtar, Madison se acomodou na cadeira. Ela parecia muito menor sentada assim, e Qadim se perguntou se ele havia cometido um erro ao pedir que ela pudesse se sentar.

— Como eu estava prestes a dizer, — continuou Ashtar, — embora tenha sido acordado que todos devemos receber as terras que nos foram atribuídas e tudo o que há nelas, foi acordado primeiro que todos os Imunes que não foram Escolhidos não tinham proteção e podiam ser caçados por aqueles que gostaram de tais coisas. — Do limite do desdém em sua voz, parecia claro o suficiente que ela não tinha uma opinião muito alta daqueles que tornariam as presas de seres muito mais fracas do que elas.

Infelizmente, Hasan parecia não perceber, ou pelo menos não se importava. Um sorriso exaltado ergueu seus lábios, um sorriso que Qadim queria dar um soco.

Eu teria muita alegria em ouvir seus dentes baterem contra este chão. Infelizmente, duvido que os mais velhos me permitam esse prazer.

— E assim, — disse Ibram, captando o fio da lógica de Ashtar, — devemos nos curvar ao acordo precedente neste caso. Você pode argumentar que encontrou a Madison Reynolds aqui, e isso é verdade. Mas Hasan al-Abyad tem a primeira reivindicação, pois ela é humana e não escolhida.

— Isso é ridículo, — explodiu Qadim. Naquele momento, ele se importava muito pouco com quem poderia ofender. — Se vamos adorar um precedente aqui, então sou eu quem a encontrou primeiro.

— É verdade, — disse Ibram. — Mas você quebraria nossos acordos mantendo-a como seu animal de estimação, por assim dizer. O acordo foi muito claro neste caso. A grande maioria do nosso povo não tinha interesse em manter a humanidade viva. Aqueles mil que se opuseram receberam permissão para serem escolhidos e, por causa disso, devem viver separados. É o destino que eles escolheram, e nem eu nem nenhum de nós aqui vamos comentar sobre isso, porque está feito. Existe apenas um caminho claro aqui,

Qadim al-Syan. Eu acho que você sabe disso tão bem quanto eu.

Ah sim, ele fez. Ele olhou para Madison, cujas mãos seguravam os braços da cadeira com tanta força que ele podia ver os nós dos dedos se destacando ainda mais contra a pele já pálida. Ela se importava com ele ..., mas quanto? O suficiente para passar a eternidade com ele?

E ele se importava tanto com ela? Ele admitiu que a amava, mas também sabia que o amor havia chegado a ele, algo que ele mal começara a reconhecer, muito menos entender. Sua vida fora composta de uma conquista após a outra, apenas para ser abandonada quando aquelas mulheres não mais lhe convinham.

Se ele fez de Madison sua Escolhida, não poderia abandoná-la. Eles se uniriam para sempre ... e sempre foi um tempo muito longo.

— Você não precisa fazer isso, — disse ela. Sua voz era baixa, mas clara, embora ela não olhasse para ele, como se a hesitação dele a tivesse machucado.

Nem ela olhava para Hasan, que ainda exibia aquela expressão faminta no rosto. Ele estava ansioso para dormir com ela? Matar ela? Primeiro, depois o outro? Estuprada ela seria um triunfo para ele, Qadim suposto, para usar seu

corpo até que ele foi feito, em seguida, descartar seu gosto tanto lixo.

Raiva encheu Qadim. Isso não poderia acontecer. *Isso* não aconteceria. Ela era muito corajosa, brilhante e bonita. Talvez tivesse sido melhor se ela tivesse fugido para Los Alamos todos aqueles meses atrás, para que ela pudesse ter uma vida normal entre sua própria espécie, mas esse destino lhe foi negado.

Não, agora ela deve estar unida para sempre com um espécime triste que hesitou quando ele deveria ter entrado imediatamente e a feito dele. Talvez um dia ela o perdoasse por sua fraqueza.

Afinal, ele teria a eternidade para procurar a absolvição.

— Ela é minha escolhida, — disse ele, a voz forte e carregada, ecoando nos tetos altos. — Eu escolhi que ela fosse ligada a mim antes. Ela está sob minha proteção agora, e qualquer djinn que levante a mão contra ela sentirá minha ira.

— E a nossa também, — disse Ashtar, movendo-se para ficar lado a lado com Ibram. — Pois agora ela é escolhida e protegida daqueles que podem tentar causar-lhe dano. — Seu olhar voltou-se para Hasan, que não havia se mexido, em vez disso, ficou enraizado no lugar enquanto usava uma expressão de fúria confusa, como se ele ainda

não tivesse compreendido o que acabara de acontecer. —

Hasan al-Abyad, rejeitamos sua queixa. Você pode ir aqui.

— Mas....

— Você pode ir, — Ibram interrompeu, sua voz uma lâmina.

Hasan empalideceu. — Eu sigo sua palavra.

E ele se foi partindo com um estrondo que soou mais alto que o habitual. Por alguns segundos, ninguém falou.

Mas Ashtar disse: — Nosso trabalho aqui está feito. E você, Qadim al-Syan, e você, Madison Reynolds - você deve se preparar para deixar este lugar. Pois, ao reivindicar um Escolhido, você renunciou ao seu direito a esta terra. Você deve pegar suas coisas e ir morar com os outros de sua espécie em Santa Fe.

Claro. Ele deveria ter feito todo o trabalho que havia feito até agora, como tentara tanto amar esta terra, mesmo que lhe fosse dada quase como uma piada. Mas isso não importava. O que importava era a mulher que estava sentada ao lado dele, o rosto pálido e atordoado. Ela ainda não havia entendido o que tinha acontecido com ela.

Ela era dele ..., mas ele também era dela, agora e para sempre.

É melhor comecem a tirar o melhor proveito disso.

Ele se virou e inclinou-se um pouco para poder pegar os dedos frios dela e levantá-la da cadeira. Ela ficou de pé, mas ele podia sentir o jeito que seu corpo tremia.

— Vamos lhe dar um tempo, — disse Ibram. — Mas de manhã, você deve ter ido embora.

Um leve aceno de cabeça, e então todos os anciãos desapareceram com uma rajada selvagem de vento que fez os candelabros balançarem acima.

— Bem, meu amor, — disse Qadim a Madison, — parece que é melhor começarmos.

Ela se sentou na beira da cama, observando Qadim recolher suas coisas e colocá-las em um belo conjunto de malas Louis Vuitton correspondentes. Onde ele conseguiu, ela não fazia ideia. Não que isso realmente importasse.

As mãos dela não paravam de tremer. Qadim a fez sua escolhida. Ela estaria ligada a ele para sempre, nunca envelheceria, nunca ficaria doente, nunca ... seria um verdadeiro humano novamente.

— Você não precisava fazer isso, — disse ela.

Ele fez uma pausa, mãos cheias com uma túnica semidobradas de seda cinza escuro. Aqueles olhos profundos procuraram seu rosto, como se tentassem determinar se ela estava falando sério ou não. — Claro que sim, — ele disse finalmente. — Você sabe que eu me

importo com você, Madison. Como você pôde pensar que eu abandonaria a mulher que amo nas mãos daquele louco?.

— Eu... — Bem, é claro que ela sabia que Qadim nunca faria uma coisa dessas. Sim, havia coisas em seu passado que ele não estava orgulhoso, coisas que ele havia feito e nunca poderia apagar. Mas aqueles poucos erros em falso não o fizeram um homem mau. Nesta situação, ele fez a única coisa que sabia que a salvaria, agora e para sempre.

Mas a que custo?

Com pouco cuidado com o tecido de seda, ele enfiou o roupão na mala e se aproximou dela, pegando as mãos dela para que ele pudesse puxá-la da cama. Ela esperava uma pulsação de dor ao colocar todo o peso em seus pés, mas isso não aconteceu. Sim, houve uma ligeira pontada, mas muito menos do que deveria ter sido.

Porque ela era a escolhida de Qadim, e agora ela se curaria mais rapidamente do que qualquer ser humano normal jamais poderia. Ela nunca ficaria doente, nunca envelheceria.

Nunca morreria.

— Meu amor, — disse ele, apertando os dedos nos dela. — Eu sei que é muito importante absorver. Lembre-se de que você está segura e que estamos juntos. Todo o resto - bem,

você aprenderá a conviver com isso com o passar do tempo. Ele vai se tornar mais fácil.

— Como você sabe disso? — ela perguntou, incapaz de esconder o medo de sua voz. — Você nunca teve um escolhido antes, teve?.

— Claro que não. Mas eu vi como os djinn em Santa Fe estão com os Escolhidos. Eles são felizes, Madison. Eles estão aprendendo a compartilhar suas vidas. Nós podemos fazer a mesma coisa.

Ela segurou as mãos dele como se fossem a única coisa que a impedisse de se afogar em águas profundas. E talvez eles fossem. Isso não era nada que ela pedira. Sim, no fundo de sua mente, ela abrigava uma esperança secreta, mas era só isso. Esperança. Não tenho certeza. Ela sabia que o amava, nunca esteve com alguém que a fez se sentir como ele, mas... isso foi suficiente?

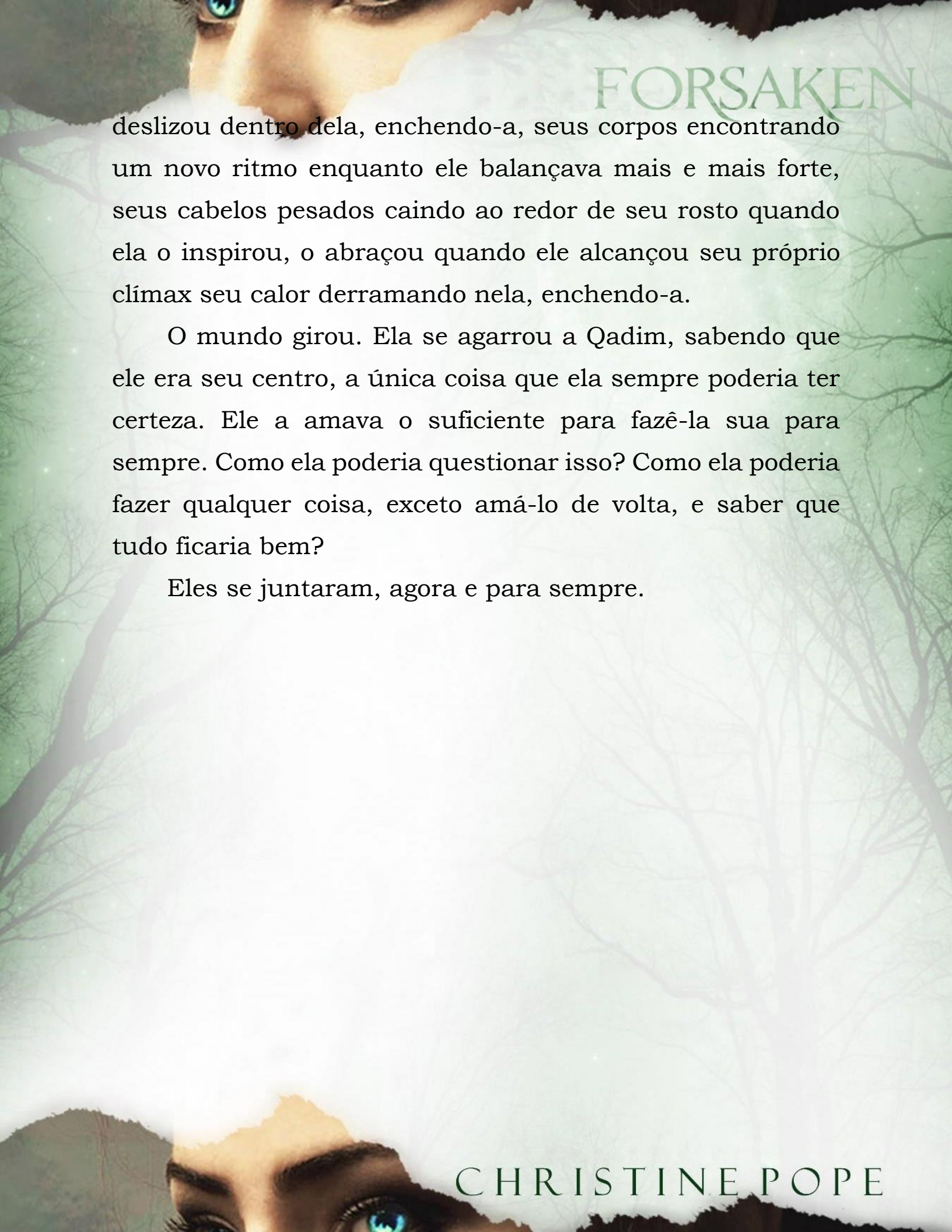
Então ele a puxou para perto, seus lábios tocando os dela, quase timidamente, como se ele não tivesse certeza se ela queria compartilhar esse tipo de intimidade depois do que sofreu nas mãos de Hasan. Mas assim que suas bocas se encontraram, ela soube que era exatamente isso que ela precisava. Ela precisava dele para tocá-la, fazer amor com ela, reivindicá-la novamente como ele é agora, agora que eles ficariam juntos pela eternidade.

Ele pareceu sentir a necessidade dela e se atrapalhou com os botões da túnica, desfazendo-o o suficiente para poder puxá-lo sobre a cabeça dela. As mãos dele encontraram o fecho do sutiã e desfez isso, seus dedos fortes se fechando em seus seios, acariciando-a.

— Sim, Qadim, — ela respirou. — Toque me. Toque tudo em mim.

Um grunhido baixo e aquecido no fundo de sua garganta, e então os dois estavam na cama, seu peso bem-vindo e delicioso em cima dela, enquanto ele puxava o cordão da calça dela e puxava a roupa íntima para baixo com um movimento rápido, pouco antes de seus dedos deslizarem nela. Ela gemeu, contorcendo-se contra ele quando a boca dele se fechou em seu mamilo e seus dedos fortes e sensíveis encontraram os lugares que mais precisavam de seu toque, acariciando-a, trazendo-a para a borda para que ela pudesse cair sobre ela, se afogando em ondas de êxtase todo o seu corpo vibrava com um calor selvagem centrado em seu âmago.

Então a boca dele estava sobre ela, e ela chorou alto, sabendo que o próximo degrau de escalada já estava construindo sobre o brilho cintilante do último, cada nervo terminando nela ganhando vida quando ele a provou, fazendo amor com ela com a língua. E quando ela veio, ele



FORSAKEN

deslizou dentro dela, enchendo-a, seus corpos encontrando um novo ritmo enquanto ele balançava mais e mais forte, seus cabelos pesados caindo ao redor de seu rosto quando ela o inspirou, o abraçou quando ele alcançou seu próprio clímax seu calor derramando nela, enchendo-a.

O mundo girou. Ela se agarrou a Qadim, sabendo que ele era seu centro, a única coisa que ela sempre poderia ter certeza. Ele a amava o suficiente para fazê-la sua para sempre. Como ela poderia questionar isso? Como ela poderia fazer qualquer coisa, exceto amá-lo de volta, e saber que tudo ficaria bem?

Eles se juntaram, agora e para sempre.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO DEZENOVE

Qadim perguntou se ela queria recuperar algum de seus pertences do bunker, mas ela balançou a cabeça. Essa era sua antiga vida. Ela não queria arrastar nada daquele tempo de preocupação e medo e ser caçada neste novo mundo, essa nova vida entre os djinn e seus Escolhidos.

Os anciãos devem ter conversado com Zahrias, ou o informado de alguma forma, porque ele estava esperando quando Madison e Qadim chegaram à cidade. Eles decidiram que era a melhor maneira de sair de Albuquerque, já que não sabiam exatamente para onde estavam indo em Santa Fé e tinham coisas suficientes para levar que Qadim teria sido pressionado a fazer tudo em uma única viagem.

Além disso, ela tinha que ficar impressionada com o estilo dele; as reservas de gasolina de Albuquerque estavam envelhecendo, então ele encontrou um carro elétrico para eles e o cobrou usando o suprimento de energia que criou para o uso deles enquanto morava na Andaluz. E não apenas qualquer carro elétrico, mas um Tesla S.

— Mais de uma distância de duzentas milhas, — disse ele, orgulhoso, enquanto abria o porta-malas e carregava sua bagagem.

— São apenas oitenta e cinco milhas mais ou menos para Santa Fé, — apontou Madison.

Seu sorriso não desapareceu. — Melhor ainda.

Zahrias não ficou tão impressionado quando pararam no lado norte do Plaza, em frente ao Palácio do Governo. Era uma vez, você nem podia estacionar lá, pois aquela área costumava ser bloqueada para que os vendedores ambulantes vendessem seus produtos lá, mas esses dias se passaram há muito tempo.

— Bem-vindo a Santa Fé, — disse o líder djinn, enquanto Qadim e Madison saíam de seu veículo.

— Agradecemos, — respondeu Qadim formalmente.

— Julia reuniu uma lista de propriedades que podem ser adequadas para seu uso, — continuou Zahrias, produzindo um pedaço de papel dobrado de algum lugar dentro de suas vestes. Ele entregou, não a Qadim, mas a Madison.

— Isso foi muito atencioso da parte dela, — disse ela.

— Desejamos vê-los bem estabelecido aqui. Se você precisar de algo, basta entrar em contato com um de nós. Julia entrará em contato mais tarde assim que você tomar sua decisão.

— Por favor, dê-lhe os nossos agradecimentos, — Qadim disse a ele.

Zahrias não sorriu. Ele estava infeliz por os dois estarem morando aqui, considerando o passado bastante irregular de Qadim quando se tratava de Julia Innes?

Infelizmente, não havia muito que ele - ou qualquer um deles - pudesse fazer sobre isso. Eles teriam que descobrir uma maneira de todos se entenderem.

— Vamos dar uma olhada nessas casas, então, — disse Madison, imaginando que era melhor se elas se entendessem - e estivessem em segurança fora da órbita de Zahrias por um tempo. Ela pressionou gentilmente o braço de Qadim, e ele fez uma reverência formal a Zahrias antes de seguirem para o carro novamente.

Quaisquer preocupações de que o líder djinn pudesse ter dado a eles uma lista de propriedades inferiores a qualquer valor foram rapidamente apagadas assim que Madison entrou na primeira casa. Localizada logo após o centro da cidade, era enorme, facilmente duas vezes o tamanho da casa de dois andares onde crescera. Pisos de arenito polido. Várias lareiras, incluindo uma no pátio coberto da sala da família. Granito na cozinha e a maior banheira de hidromassagem que ela já vira na suíte master.

— Eu acho que gosto disso, — disse Qadim, um brilho perverso entrando em seus olhos enquanto ele passava a

mão apreciativamente pelo entorno de granito. — Nós dois nos encaixaríamos facilmente.

Eles provavelmente teriam, mesmo da sua altura. — Temos outras casas para olhar, — ressaltou.

— Por quê? Você acha que eles nos serviriam melhor do que esta casa?.

Ela foi pressionada a pensar que eles poderiam. Secretamente, ela sonhava em morar em uma casa como esta, mas sabia que, embora estivesse se saindo muito bem com sua arte, um adobe atualizado de quatro mil pés quadrados no Santa Fe o sopé estaria fora de seu alcance.

— Não, — ela disse. — É incrível. — Ela parou ali e enviou a Qadim um olhar de soslaio, completo com a sobancelha levantada. — Mas você não vai sentir falta da Andaluz?.

Em resposta, ele se afastou do banho e foi levá-la pela cintura. Seu corpo estava quente e um calafrio a atravessou. Ela tinha a sensação de que eles iriam batizar a banheira bastante rápido.

— Só sentirei falta porque é onde me apaixonei por você, — disse ele. — Mas estaremos fazendo uma nova vida aqui. E confesso que às vezes era cansativo administrar todas aquelas escadas.

Ela só podia rir com esse comentário, já que sabia que um djinn realmente não precisava usar as escadas... a menos que ele estivesse tentando fazer um humano se sentir mais à vontade. — Não há escadas aqui, — disse ela levemente. — Bem, a menos que você conte os passos para a sala de estar. Então, devemos voltar à cidade e avisar Zahrias e Julia que fizemos nossa escolha?.

— Não há necessidade disso, — ele disse a ela enquanto pegava a lista de casas da mão dela. — Vou usar isso para que eles saibam. — Ele arrancou a parte superior, a que tinha o endereço da casa que eles escolheram e as direções, dobrou-a ao meio e depois desapareceu.

— Para onde foi?.

— Para a casa de Zahrias e Julia.

Ela não perguntou como ele sabia onde ficava, já que ele já havia dito que era na casa deles que ele conhecera Ahmar e seu Escolhido, onde os planos foram formulados para roubar Madison de Hasan. Ainda era difícil entender que ele podia enviar objetos zunindo de um lugar para outro em um instante, mas ela supunha que se ele pudesse fazer-se piscar de um lugar para outro quando viajasse de moda, era lógico esperar que ele poderia fazer o mesmo com objetos inanimados.

Madison o seguiu até a garagem, onde ele estacionou o Tesla. Eles não haviam entrado na garagem porque não sabiam por quanto tempo estariam aqui, se decidiram que o lugar não seria adequado para eles, afinal. Aconteceu que a garagem estava vazia; ela não sabia se a falta de carros e o estado absolutamente intocado do resto da casa era uma indicação de que os proprietários não estavam aqui quando o Heat varreu a população, ou se Julia tinha alguns ajudantes de djinn para garantir que todos as casas da lista haviam sido limpas e prontas para morar.

Os enormes armários engoliram a escassa variedade de roupas que eles trouxeram, mas Qadim apenas sorriu e disse que conjuraria muitas roupas para ela, uma para cada dia do mês, se isso ajudasse a tornar as coisas um pouco menos vazias. Mais uma vez, ela só pôde sacudir a cabeça e dizer que não achava necessário.

No entanto, ela teve a sensação de que não ficaria surpresa se acordasse na manhã seguinte e encontrasse todos os armários cheios - e as gavetas das cômodas e mesinhas de cabeceira do quarto principal.

Ela estava inspecionando os componentes da despensa da cozinha quando ouviu o som de um caminhão grande entrando na garagem. Qadim, que estava inventariando a louça nos armários, disse: — Essa é provavelmente Julia.

Zahrias disse que ela gostaria de nos trazer algumas necessidades, uma vez que decidimos uma casa.

— Ele não poderia simplesmente piscar aqui em vez de fazê-la dirigir até a casa para nos ver?.

— Possivelmente. Mas tenho a sensação de que ela queria vir.

— E isso não vai ser estranho?.

Os olhos dele encontraram os dela. — Por que deveria? Ela não significa nada para mim, exceto como alguém que faz parte da comunidade em que acabamos de ingressar. Mas se você acha que vai ser estranho, eu posso sair. Eu estava querendo inspecionar a piscina de qualquer maneira.

— Pode ser melhor. — Isso era uma coisa covarde a dizer? Talvez, mas parecia que seria mais fácil encontrar-se com Julia se Qadim não estivesse por perto.

— Claro que sim minha querida. — Ele saiu pelas portas francesas que se abriam do recanto do café da manhã para o pátio e depois se mudou para a área aberta, onde ficava a piscina. Estava vazio, mas limpo, o que significava que alguém devia ter removido as folhas mortas que estavam caindo nele há um ano.

A campainha tocou e Madison foi em direção à entrada para atender. Quando ela abriu a porta, viu Julia parada ali, segurando duas cestas de palha.

— Comitê de inauguração, — disse ela com um sorriso.

— Uau, obrigada, — respondeu Madison, pegando uma dela.

— Sem problemas. — Um pequeno brilho penetrou nos profundos olhos azuis da outra mulher quando ela acrescentou: — Eu gosto do Tesla.

— Oh. — Por alguma razão, Madison sentiu-se corar um pouco. — Decidimos que um veículo elétrico provavelmente era mais seguro. — Ela hesitou, depois disse: — Estou surpreso que mais do grupo de Santa Fe não os conduz.

Julia não pareceu perturbada com o comentário. — Na verdade, discutimos sobre isso, mas mesmo que a energia djinn possa parecer ilimitada, na verdade não é. Todos chegaram a uma decisão unânime de que preferimos ar condicionado e luzes elétricas do que usar toda essa energia para dirigir carros elétricos. Aquele animal que eu estou dirigindo — - ela apontou o polegar para a frente da casa, onde Madison mal podia espionar um grande caminhão preto estacionado na entrada da garagem - era na verdade o projeto de alguém. — Foi convertido para rodar com óleo de cozinha. Na verdade, somos magros em fazer isso com mais veículos, especialmente se conseguirmos que parte do cérebro confie em Los Alamos para nos dar algumas dicas.

Pela maneira como Julia falou sobre aquela cidade, parecia que os sobreviventes estavam em boas relações com os djinn e os Escolhidos em Santa Fé. Madison esperava que ela logo começasse a descobrir como essa nova sociedade estranha realmente funcionava.

— Parece uma boa ideia, — ela disse, e continuou: — Muito obrigada por encontrar esta casa para nós. É espetacular.

— Oh, você é bem-vinda. — Quando Madison se afastou, Julia entrou e olhou em volta com alguma aprovação. — Adoro como o djinn pode fazer um trabalho tão curto de limpeza. Um estalar de dedos e parece que você já teve um exército.

— Então foi assim que você fez.

— Isso facilita a vida.

— Eu estava de volta à cozinha. Suponho que é onde a maior parte disso vai?.

Julia assentiu. — Deixamos todo o material não perecível, mas limpamos todo o resto. Sei que Qadim provavelmente poderia trazer tudo o que você precisasse, mas não parecia muito oferecer-lhe algo de nossas lojas. — A essa altura, elas chegaram à cozinha; ela colocou sua cesta na ilha de granito e depois olhou em volta. — Ele está aqui?

— Ele está lá fora. — Madison colocou a cesta que carregava ao lado da de Julia. — Ele queria olhar para a piscina.

As sobrancelhas douradas de Julia se levantaram e um canto da boca dela se curvou. — Essa é a única razão pela qual ele está lá fora?

— Bem.... — Por alguma razão, Madison realmente não esperava que a outra mulher fosse tão direta. Mas se ela não estava indo dançar a questão, então Madison achou que também não. — Nós pensamos que poderia ser um pouco estranho no começo, então é por isso que ele não está aqui.

A princípio, Julia não disse nada. Ela pegou uma sacola cheia de maçãs da cesta que estava carregando e colocou na tigela sobre o balcão. Apesar de sua atual inquietação, Madison não conseguia impedir que a boca dessa água ao ver aquelas maçãs. Fazia muito, muito tempo desde a última vez que ela teve um.

— Você realmente não precisa se preocupar, — disse Julia finalmente. Ela voltou-se para Madison e sorriu. — Vi como Qadim reagiu em Andaluz. Ele mal olhou para mim. Tudo o que ele pensou que poderia ter sentido quando me conheceu - se foi. Ele se importa com você, Madison. Até Zahrias sabe disso.

— Zahrias não parecia muito feliz em nos ver.

— Ah bem. — Um encolher de ombros, e então ela disse: — Acho que ele estava mais preocupado com o fato de Hasan al-Abyad ainda estar por aí em algum lugar.

Zahrias e o resto de nós, Madison pensou, lutando contra uma careta. — Também não estamos exatamente empolgados com isso.

Para surpresa de Madison, Julia estendeu a mão e deu um tapinha no braço dela. — Todo mundo sabe vigiar. E Zahrias também me avisou que os anciãos o contataram e lhe pediram que os alcançasse imediatamente, se percebermos o cheiro daquele personagem al-Abyad em qualquer lugar perto de Santa Fe. Parece que eles colocaram o temor de Deus nele - ameaçaram-no com banimento para os círculos externos, se ele estiver a menos de um quilômetro de você ou de Qadim.

— 'Os círculos externos'? — Madison repetiu. — O que são isso?.

Os ombros de Julia se levantaram. — Não sei exatamente ao certo. O equivalente djinn da prisão, ou Sibéria. É mau. Um humano não pode viver lá - bem, um humano não pode realmente viver em qualquer parte do mundo djinn, mas os círculos externos devem estar muito, muito piores. Não é uma ameaça ociosa.

Não, pelo que ela viu daqueles idosos, eles queriam dizer negócios. E os djinn aparentemente seguiram seus editais, então, realmente, Madison supôs que ela e Qadim estavam o mais seguras possível. Além disso, embora a casa parecesse abrigada e privada, ficava a menos de cinco minutos da praça daqui. Eles poderiam estar entre amigos em pouco tempo, especialmente viajando pelo caminho djinn.

Amigos. Houve uma ideia. Ela pensou que iria passar o resto de sua vida sozinha naquele bunker sob a casa de Clay Michael, e ainda assim aqui estava ela, vivendo com um homem que aparentemente a amava tanto que estava disposto a passar o resto de sua incalculável longa vida com ela e morando em um lugar onde ela poderia fazer parte de uma comunidade novamente. Levaria algum tempo para se acostumar, mas ela estava ansiosa por tudo isso.

A porta francesa se abriu então, e Qadim entrou na cozinha, com os cabelos soprados pelo vento, parecendo cada centímetro o líder de uma gangue de motoqueiros, com jeans e botas e camiseta marrom com a lenda — Desert Mountain Distillery — Estampado na frente. Às vezes Madison se perguntava se ele adotara esse olhar de propósito.

Mas ela tinha que admitir que ela meio que gostava disso.

— Olá, Julia, — disse ele.

— Oi, Qadim. — Tão casual. Mas Madison sabia que não era um ato. O que quer que tenha acontecido entre os dois anteriormente, não afetaria Julia e Qadim no futuro. — Eu estava apenas dizendo a Madison como os anciãos colocaram o temor de Deus em Hasan al-Abyad, e por isso não acho que tenhamos nada com que nos preocupar.

— Boa. Suponho que era demais esperar que o tirassem da miséria por seus crimes.

Julia mudou seu peso de um pé para o outro, parecendo vagamente desconfortável. — Eu não acho que eles fizeram coisas assim.

— Eles não. Ou seja, eles banirão uma pessoa, que a seu modo é pior que a morte. Mas ainda.... — Ele deixou as palavras sumirem, depois deu um encolher de ombros eloquente. — De qualquer forma, agradeço-lhe por essa informação e obrigado também por esta casa e tudo nela.

— Você são mais que bem-vindos. Estamos todos felizes em ter vocês aqui. E, na verdade, daqui a duas noites, teremos uma festa no Hotel La Fonda. Queríamos comemorar nosso primeiro aniversário aqui em Santa Fe, e é claro que vocês estão convidados.

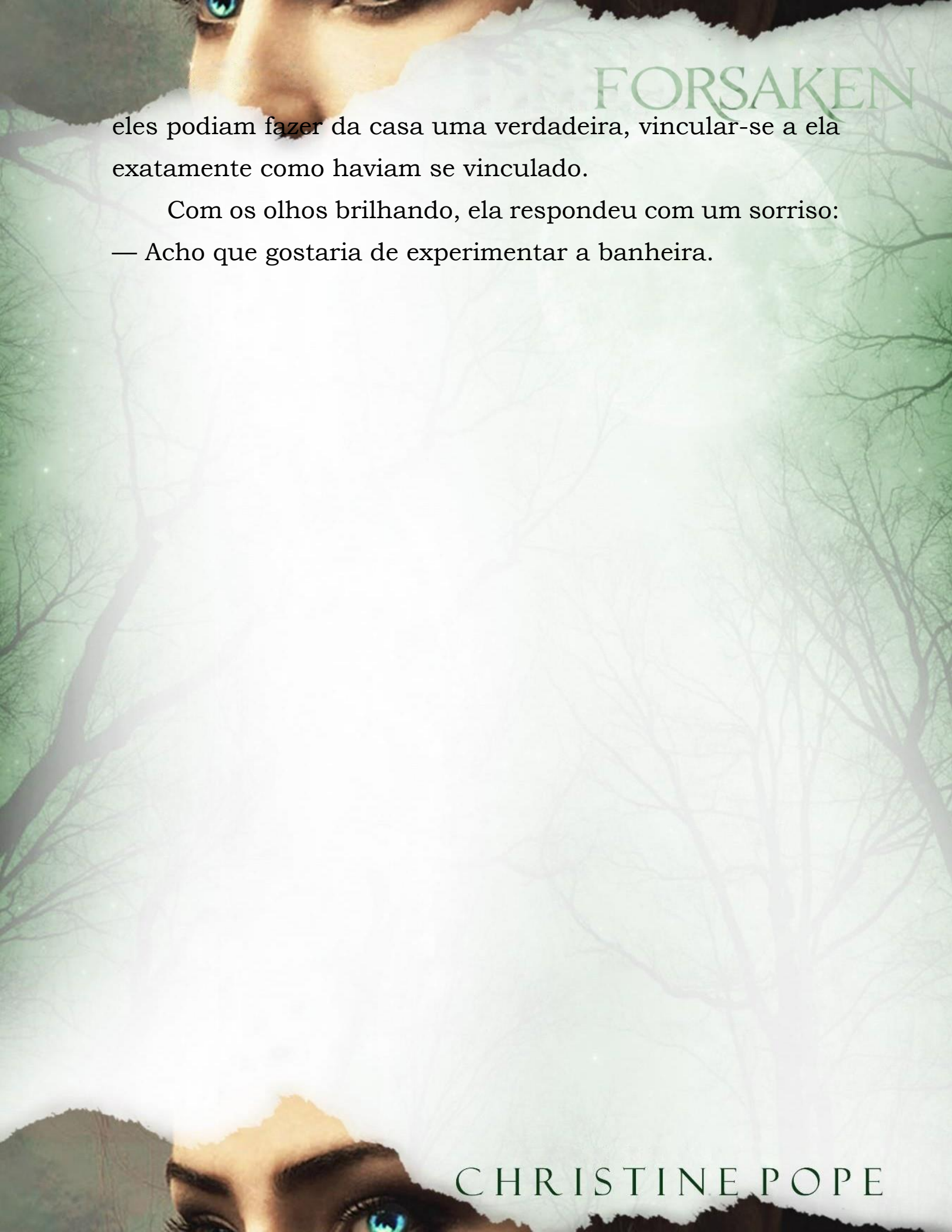
Qadim olhou para ela e Madison assentiu. Uma festa. Uma festa real, com pessoas se reunindo para celebrar sua comunidade. Não seria como o mundo que ela conheceu uma vez, mas ela pensou que poderia gostar de aprender a amar o que o mundo se tornara.

— Ficaríamos honrados, — disse Qadim. — Obrigado pelo convite.

— Oh, de nada. Mas deixarei vocês dois para se instalarem. Se vocês precisar de alguma coisa, obviamente você sabe onde nos encontrar. Ela deu um sorriso rápido para eles, depois se despediu e saiu pela porta da frente.

Depois que fechou, a casa ficou muito quieta para Madison. Qadim a observou com cuidado, como se tentasse descobrir o que poderia estar passando pela sua cabeça. Depois da omissão, ele disse: — Então... o que você gostaria de fazer agora?.

— Eu acho.... — Ela parou por aí e depois olhou para ele quando sentiu sua boca se curvar em um sorriso. Havia tantas coisas que eles precisavam fazer - terminar de inventariar sua comida, encontrar uma cobertura para a piscina, interpor a casa contra o frio que se aproximava. Novembro se aproximava rapidamente. Mas uma coisa substituiu tudo o mais. Ela sabia da melhor maneira que



FORSAKEN

eles podiam fazer da casa uma verdadeira, vincular-se a ela exatamente como haviam se vinculado.

Com os olhos brilhando, ela respondeu com um sorriso:
— Acho que gostaria de experimentar a banheira.

CHRISTINE POPE